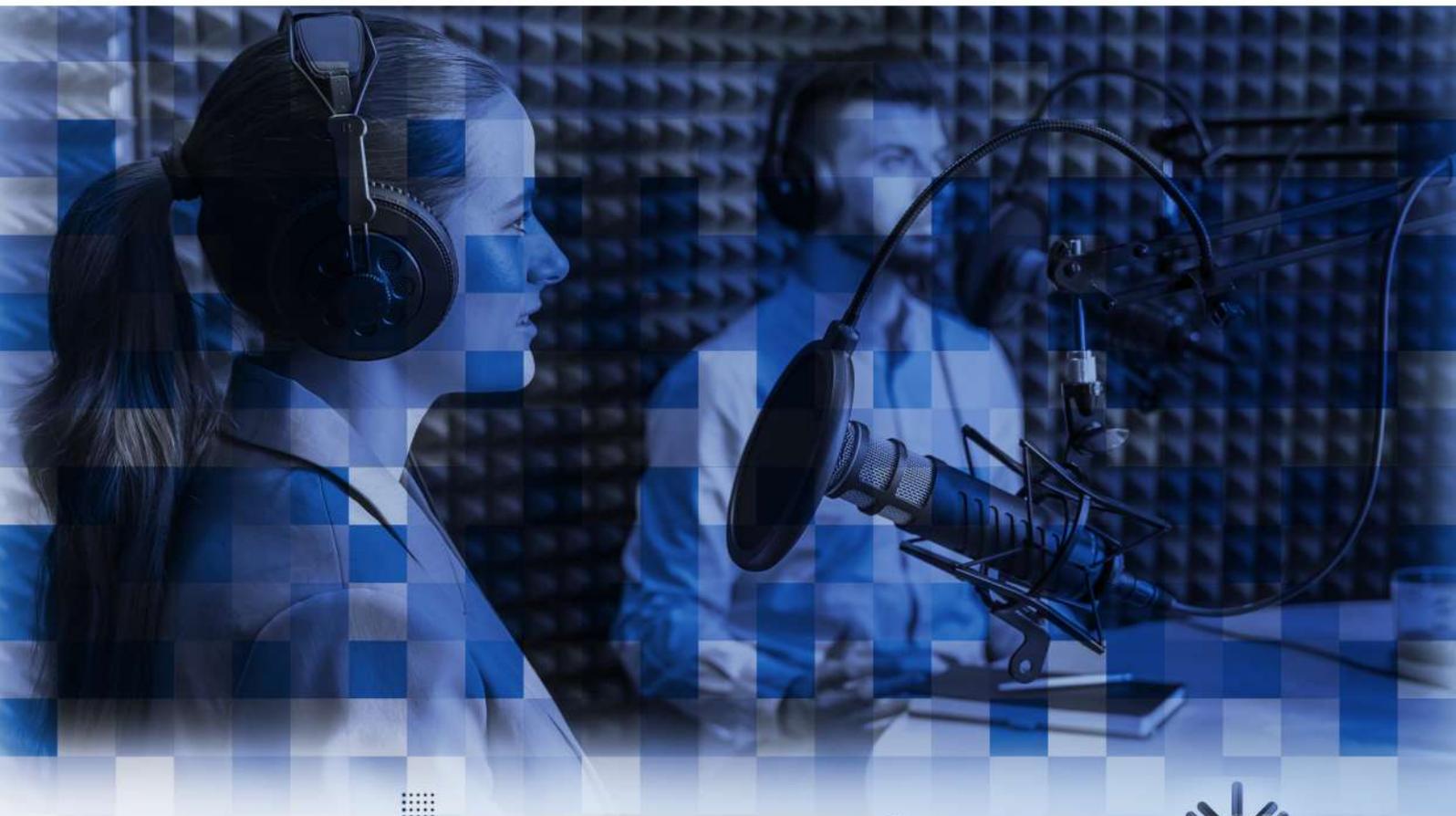


# RADIOFONIAS

REVISTA DE ESTUDOS EM MÍDIA SONORA

Dossiê Interfaces dos Estudos Radiofônicos  
V.16, N.1 | 2025.1



PPG COM  
UFOP

PÓS  
COM

CONJOR

INTERCOM  
GP Rádio e Mídia Sonora

# RADIOFONIAS

REVISTA DE ESTUDOS EM MÍDIA SONORA

ISSN: 2675-8067

Dossiê Interfaces dos Estudos Radiofônicos  
V.16, N.1 | 2025.1

**Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, antiga Rádio-Leituras (ISSN 2179-6033), é uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto, do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Inovação Social da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Conta com o apoio do Grupo de Pesquisa em Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). O objetivo da publicação é ser um espaço para análise e reflexão sobre o rádio, a mídia sonora, o radiojornalismo e os processos de convergência que dialoguem direta ou indiretamente com as diversas modalidades de comunicação sonora. A revista pretende promover debates e estimular o desenvolvimento e difusão de conhecimento científico, contribuindo, juntamente com outros esforços e iniciativas, para o crescimento do campo dos estudos radiofônicos e da mídia sonora como um todo. Desta forma, a publicação encoraja a abordagem de questões metodológicas e conceituais relativas ao estudo do rádio e da mídia sonora, estimulando também a interdisciplinaridade nas propostas e o diálogo com pesquisadores de outros países. Radiofonias prioriza publicações decorrentes de pesquisas em nível de pós-graduação e inéditas. Destina-se a pesquisadores, professores, profissionais e estudantes de comunicação e especificamente de rádio.

## RADIOFONIAS

REVISTA DE ESTUDOS EM MÍDIA SONORA

Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Inovação Social da Universidade Federal de Pernambuco.

realização:

**PPG COM**  
U F O P  
Comunicação e Temporalidades

**PÓS COM**

**CONJOR**  
Convergência e Jornalismo

apoio:

  
**INTERCOM**  
GP Rádio e Mídia Sonora  
GP de Rádio e Mídia Sonora

## Equipe Editorial / Editorial Board / Equipo Editorial

Debora Cristina Lopez (UFOP) | editora convidada

Juliana Cristina Gobbi Betti (UFOP) | editora

Sheila Borges de Oliveira (UFPE) | editora

Sônia Caldas Pessoa (UFMG) | editora convidada

Aline Monteiro Homssi (PUC-Minas) | assistente editorial

## Conselho Editorial / Editorial Board / Consejo Editorial

**Belén Monclús**

Universidad Autónoma de Barcelona (UAB), Espanha

**Daniel Martín Pena**

Universidad de Extremadura (UEx), Espanha

**Doris Fagundes Haussen**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) / Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil

**Eduardo Meditsch**

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

**Eduardo Vicente**

Universidade de São Paulo (USP), Brasil

**José Luis Fernández**

Universidade de Buenos Aires (UBA), Argentina

**Luciano Klöckner**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Brasil

**Luiz Artur Ferraretto**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil

**Madalena Oliveira**

Universidade do Minho (UMinho), Portugal

**Mágda Rodrigues da Cunha**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Brasil

**Manuel Fernández Sande**

Universidad Complutense de Madrid, Espanha

**Marcelo Freire**

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Brasil

**María del Pilar Martínez-Costa**

Universidad de Navarra, Espanha

**Mia Lindgren**

Swinburne University of Technology, Austrália

**Monica Rebecca Ferrari Nunes**

Escola Sup. de Propaganda e Marketing de São Paulo (ESPM-SP)

**Nair Prata**

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

**Nelia Rodrigues Del Bianco**

Universidade Federal de Goiás (UFG) e Universidade de Brasília (UnB), Brasil

**Othon Fernando Jambeiro**

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

**Sonia Virginia Moreira**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil

**Tiziano Bonini**

Università di Siena, Itália.

## Pareceristas nesta edição

Aline Monteiro Homssi  
Pontifícia Universidade Católica de  
Minas Gerais (PUC Minas)

Debora Cristina Lopez  
Universidade Federal de Ouro Preto  
(UFOP)

Juliana Cristina Gobbi Betti  
Universidade Federal de Ouro Preto  
(UFOP)

Sheila Borges de Oliveira  
Universidade Federal de Pernambuco  
(UFPE)

Sônia Caldas Pessoa  
Universidade Federal de Minas Gerais  
(UFMG)

## Projeto gráfico

[www.lenabenz-comunica.com](http://www.lenabenz-comunica.com)

## Capa

Aline Monteiro Homssi, sobre fotos  
de FreePik

## Revisão

Ana Paula Martins Pereira -  
Acentue Comunicação

## Editora:

Universidade Federal de Ouro Preto  
R. Diogo de Vasconcelos, 122.  
Pilar | Ouro Preto | Minas Gerais  
CEP 35402-048

## SUMÁRIO

### APRESENTAÇÃO

Interfaces dos Estudos Radiofônicos **2**

Sônia Caldas Pessoa e Debora Cristina Lopez

---

### DOSSIÊ INTERFACES DOS ESTUDOS RADIOFÔNICOS

Enegrecer os estudos radiofônicos: escuta decolonial, epistemicídio e insurgência sonora **8**

Alice Oliveira de Andrade

---

RAÍZES: Vozes indígenas em um podcast sobre povos originários no Brasil **37**

Deyse Alini de Moura, Luciano Victor Barros Maluly e Gabriela Martin

---

Entre frequências e silêncios: A sub-representação das mulheres no rádio esportivo do Maranhão **60**

Ananda Kallyne Muniz Portilho e Nayane Brito

---

Discurso jornalístico em tempos de crise climática: a performance da Rádio Moçambique entre a objetividade e a subjetividade **77**

Kelly Kyabondo Mwenda e Nair Prata

---

Uma proposta de organização dos elementos simbólicos no podcasting como linguagem **100**

Vitor Hugo de Oliveira-Lopes e Marcelo Freire

---

Rádio Local e Regional nas pesquisas em Mídia Sonora da Intercom: tendências e possíveis lacunas **122**

Karina Woehl de Farias e Marcelo Sena

---

A Trilha Sonora da Apuração: metajornalismo como estratégia imersiva no podcast 'A mulher da casa abandonada' **148**

Taiane Silva e Kênia Maia

---

História para ouvir: uma análise dos podcasts Paroles d'histoire e História Pirata **177**

Wellington Amarante

Trajetórias da produção de podcasts narrativos de ciência no Brasil

198

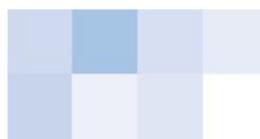
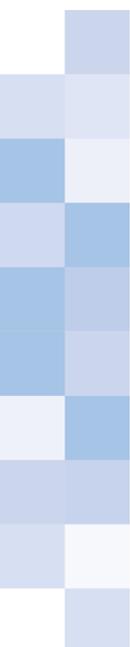
Mayra Deltreggia Trinca e Simone Pallone Figueiredo

---

Jornalismo sonoro entre o dial, o digital e o audiovisual: rádios FM em sites/apps de redes sociais virtuais, em BH

220

Ruleandson do Carmo Cruz



## Interfaces dos estudos radiofônicos

*Radio studies interfaces*

*Interfaces de los estudios radiofónicos*

Sônia Caldas Pessoa; Debora Cristina Lopez

O dossiê **Interfaces dos Estudos Radiofônicos** tem a centralidade dos textos conectada a problemáticas sociais relevantes, privilegiando algumas abordagens, em específico: 1) Pluralidade epistemológica e a revisão do relato histórico; 2) Gênero como chave teórico-metodológica para compreender o fenômeno sonoro; 3) Raça e racialidade nos estudos radiofônicos; 4) Objetos sonoros, acessibilidade e estudos sobre deficiência; 5) Perspectivas decoloniais para os estudos radiofônicos; e 6) Metodologias para os estudos radiofônicos contemporâneos.

Trazer à cena e potencializar a luz aos movimentos que percebemos nos estudos radiofônicos é também uma atitude de engajamento científico, necessário para que perspectivas sejam revisitadas e outras tantas possam emergir, em respeito e em diálogo,

>> **Como citar este texto:**

PESSOA, Sônia Caldas; LOPEZ, Debora Cristina. Interfaces dos estudos radiofônicos. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 16, n. 01, p. 2-7, maio/ago. 2025.

### Sobre as editoras convidadas

Sônia Caldas Pessoa

[soniacaldaspessoa@gmail.com](mailto:soniacaldaspessoa@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-1057-8135>

Professora do Depto de Comunicação Social e do PPGCOM da UFMG. Bolsista de Produtividade (CNPQ). Professora visitante Institut Mines-Télécom, França, 2023/2024 (Bolsa Capes-Print). Líder do Afetos: Grupo de Pesquisa em Comunicação, Discursos e Experiências, Coordenadora do Laboratório de Experimentações Sonoras (LES) e da Rádio Terceiro Andar.

Debora Cristina Lopez

[debora.lopez@ufop.edu.br](mailto:debora.lopez@ufop.edu.br)

<https://orcid.org/0000-0002-1030-1996>

Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e da Graduação em Jornalismo da UFOP. Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA). Bolsista Produtividade em Pesquisa Pq-2 (CNPq). Vice-coordenadora do GT Estudos Radiofônicos da Compós. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor) e do Grupo de Estudos Comunicação e Epistemologias Feministas (Gecef).

com pesquisas consideradas referenciais na área. Este movimento tem ancorado a história, ainda recente, do GT Estudos Radiofônicos da COMPÓS. Em seus três primeiros anos, o nosso GT demonstra interesse e realiza atividades diversas, entre os encontros anuais da COMPÓS, com o objetivo de ampliar, com responsabilidade, interlocuções com temáticas complexas de processos de produção, recepção e circulação de produtos e atravessamentos sociais, e em temas sensíveis como racismo, capacitismo, gênero, fobias, preconceitos contra populações vulnerabilizadas e suas interlocuções com os meios sonoros e o rádio.

Se a ementa do GT aponta temáticas de interesse, as ações se consolidam como um espaço-tempo entre os encontros da COMPÓS, como um modo de fazer científico que privilegia reflexões ininterruptas. Cabe-nos lembrar a ementa, para depois, seguirmos o percurso das ações.

O GT Estudos Radiofônicos acolhe reflexões teórico-metodológicas e pesquisas de campo sobre o rádio, abordando as esferas da produção, da circulação e da escuta radiofônicas em sua especificidade. Entende-se o rádio como um meio de comunicação expandido, hipermediático, que extrapola a radiodifusão em ondas hertzianas (AM, FM, Ondas Curtas e Tropicais), abrangendo o podcasting, as web rádios, o rádio digital via satélite, entre outras plataformas de transmissão e distribuição, e a recepção através de aparelhos analógicos, smartphones, computadores, *smart speakers* e quaisquer outros dispositivos que vierem a ser desenvolvidos. Valorizam-se abordagens que considerem a complexidade dos objetos sonoros e que aprofundem investigações sobre temas como programação radiofônica; radiofonia informativa e musical; radiodifusão pública, estatal, educativa, privada e comunitária, além de rádios livres e outras formas de ativismo radiofônico; segmentação das emissoras; gêneros e formatos radiofônicos; formação de redes e reconfiguração dos mercados radiofônicos; regulação e políticas públicas de radiodifusão; tecnologias, convergência midiática e inovação em mídia sonora; linguagem radiofônica; inclusão e acessibilidade; radioarte; acervos e patrimônios radiofônicos. São igualmente valorizados e acolhidos pelo

GT estudos que discutam os diferentes usos sociais do rádio e de sua linguagem no âmbito educacional, em projetos sociais e na divulgação científica, bem como nas estratégias de comunicação de comunidades e de coletivos mobilizados em torno de diferentes causas e demandas (sociais, ambientais, locais, identitárias etc.).

As pistas dos interesses do GT Estudos Radiofônicos da COMPÓS, que constituem a ementa, comportam também abertura para inovações e novidades, dando a ver a abertura para articular outros, que possam emergir e nos inquietar para melhor compreensão dos fenômenos relacionados ou atravessados pelas mídias sonoras. E foi pensando nisso que realizamos, em 2024, o *1 Ciclo de diálogos e interfaces (interloquções) dos estudos radiofônicos e meios sonoros com campo de conhecimento: atravessamentos e transdisciplinaridades*, de modo on-line<sup>[1]</sup>. A partir da reunião de pesquisadoras e pesquisadores do Brasil, Colômbia, Argentina e México foi possível pensar interfaces do rádio e das mídias sonoras com estudos étnico-raciais, sexualidades, comunicação digital e comunicação comunitária.

O evento foi organizado pelo GT Estudos Radiofônicos da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS) e do GI Radio y Medios Sonoros da Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIIC). A Comissão Organizadora foi formada por Sônia Caldas Pessoa (UFMG, Brasil), Nair Prata (UFOP/FUMEC, Brasil), Debora Cristina Lopez (UFOP, Brasil), Nélia Del Bianco (UnB, Brasil) e Graciela Martínez Matías (UNAM, México). O evento teve o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG, Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UnB, Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFOP e Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da Informação e Comunicação e Gestão do Conhecimento da Universidade FUMEC. O resultado foi a publicação do e-book, que tem o mesmo nome do evento, e pode ser baixado gratuitamente no site da Editora Fi.

Este registro, de fragmentos das historicidades do GT é para dizer que não caminhamos sós. As parcerias têm sido marca da primeira gestão do grupo, composta pelo professor Eduardo Vicente (USP) e pela professora Sônia Caldas Pessoa (UFMG), e também o é no biênio 2025/2026, com coordenação de Sônia Caldas Pessoa (UFMG) e Debora Cristina Lopez (UFOP).

O **Dossiê Interfaces dos Estudos Radiofônicos** traz dez artigos de pessoas pesquisadoras de distintas universidades brasileiras. O primeiro deles, “Enegrecer os estudos radiofônicos: escuta decolonial, epistemicídio e insurgência sonora”, de Alice Oliveira de Andrade (UFS), articula os conceitos de epistemicídio, justiça epistêmica e arquivos insurgentes para pensar uma escuta decolonial como caminho metodológico. Já Deyse Alini de Moura, Luciano Victor Barros Maluly e Gabriela Martin, da USP, discutem identidade, comunicação e memória a partir de depoimentos em “RAÍZES: Vozes indígenas em um podcast sobre povos originários no Brasil”.

O artigo “Entre frequências e silêncios: A sub-representação das mulheres no rádio esportivo do Maranhão”, de Ananda Kallyne Muniz Portilho e Nayane Brito, da UFMA, mapeia a atuação de profissionais mulheres no rádio esportivo do Maranhão a partir do conceito de representação. Kelly Kyabondo Mwenda e Nair Prata discutem a intersecção entre afetos e comunicação no jornalismo da Rádio Moçambique em contextos de vulnerabilidade e crise climática no artigo “Discurso jornalístico em tempos de crise climática: a performance da Rádio Moçambique entre a objetividade e a subjetividade”.

Também da UFOP, Vitor Hugo de Oliveira-Lopes e Marcelo Freire propõem, em “Uma proposta de organização dos elementos simbólicos no podcasting como linguagem”, uma estrutura que organiza elementos do podcasting, destacando a sua complexidade. Os pesquisadores Karina Woehl de Farias (Unesp) e Marcelo Sena (UFOP) também adotam a metodologia de revisão de literatura para desenvolver o artigo “Rádio Local e Regional nas pesquisas em Mídia Sonora da Intercom: tendências e possíveis lacunas”. Nele, indicam a importância de um avanço teórico metodológico e diálogo interdisciplinar, para fortalecer as pesquisas sobre rádios locais e regionais.

Em “A Trilha Sonora da Apuração: metajornalismo como estratégia imersiva no podcast ‘A mulher da casa abandonada’”, Taiane Silva e Kênia Maia, da UFRN, analisam as marcas expressivas do metajornalismo como estratégia imersiva. Também analisando o fenômeno do podcasting, “História para ouvir: uma análise dos podcasts Paroles d’histoire e História Pirata”, de Wellington Amarante, da UFU, analisa produções de divulgação de história como espaços de reconhecimento e legitimação de determinados agentes dos campos historiográficos francês e brasileiro.

A divulgação científica é tema do artigo de Mayra Deltreggia Trinca e Simone Pallone Figueiredo, da Unicamp. Em “Trajetórias da produção de podcasts narrativos de ciência no Brasil”, as autoras analisam os contextos e caminhos de produção de seis podcasts e identificam uma preocupação de personalização de conteúdo para aproximar-se da audiência. Fechando o dossiê, “Jornalismo sonoro entre o dial, o digital e o audiovisual: rádios FM em sites/apps de redes sociais virtuais, em BH”, de Ruleandson do Carmo Cruz, da UFMG, discute como o audiovisual está presente nos conteúdos das emissoras para as redes sociais.

Mais do que um conjunto de textos que nos instigam e nos provocam inquietações para um pensar mais aprofundado e sensível, este dossiê é um compromisso público necessário com iniciativas, de e em pesquisa, que vislumbram mídias sonoras em perspectivas mais inclusivas.

Uma boa leitura!

Sônia Caldas Pessoa e Debora Cristina Lopez

Coordenadoras do GT Estudos Radiofônicos da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS)

Editoras convidadas do Dossiê

## **Bibliografia**

BETTI, Juliana Gobbi. Estudos raciais no rádio paulistano: raízes da antropologia. IN:

Silva, Carlos Eduardo et al. (Orgs.). **Ciências da Comunicação no Brasil - 50 anos: histórias para contar**. Volume II - Século XX - Pragmatismo utópico. São Paulo: Fapesp / Intercom/ Unesp, 2015.

CAROLINE, Joselaine; DE DEUS, Valesca. Não vejo, não ouço e não falo: apontamentos sobre a (não) presença das mulheres negras no rádio. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, [S. l.], v. 22, n. 44, 2024.

CUESTA MORENO, Óscar Julián. Investigaciones radiofónicas: de la radio a la radio indígena. Una revisión en Colombia y Latinoamérica. **Ánfora**, v. 19, n. 33, julio-diciembre, 2012, pp. 165-183.

JOHNSON, Jacqueline E. Lusting out loud: racialized auralty, podcast intimacy, and the uses of thirst. **Communication, Culture and Critique**, v. 17, n. 1, 2024, p. 1–8, <https://doi.org/10.1093/ccc/tcae001>

MATA, María Cristina. La radio: una relación comunicativa. **Diálogos de la Comunicación**, v. 35, p. 1-6, 1993.

MURILLO GONZÁLEZ, Jorge Mario; ANGARITA NIÑO, Diana Paola. Una revisión sobre la radio y la discapacidad en el contexto latinoamericano. **Ignis**, [S. l.], n. 11, p. 13- 21, 2018. DOI: 10.52143/2711-029X.487. Disponível em: <https://revistas.cun.edu.co/index.php/ignis/article/view/487>. Acesso em: 26 ene. 2025.

NKOALA, Sisanda. How radio influences indigenous language podcasts in South Africa: A case study of Epokothweni and iLukuluku. **Journalism**, v. 25, n. 9, 2024 1938-1955. <https://doi.org/10.1177/14648849231214054>

PESSOA, Sônia Caldas; PRATA, Nair; LOPEZ, Debora Cristina; BIANCO, Nelia Del; MARTINEZ, Graciela. **I Ciclo de Diálogos e Interfaces (Interloquções) dos Estudos Radiofônicos e Meios Sonoros com Campo de Conhecimento**: atravessamentos e transdisciplinares. 1. ed. Cachoeirinha: Fi, 2025. Disponível em: <http://https://www.editorafi.org/ebook/c123-ciclo-dialogos-interfaces>.

PESSOA, Sonia; MANTOVANI, Camila; SALGUEIRO, Ângela. Mundo Corporativo no rádio: Gênero e cultura da confiança. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, v. 13, n. 1, p. 128-144, 21 dez. 2022.

WEITZEL, Michelle D. Reading Sound as a Decolonial Method: Discovering Auralty in the French-Algerian Archive. **Expressions maghrébines**, v. 22, n. 2, 2023, pp. 19-35. <https://dx.doi.org/10.1353/exp.2023.a913754>.

ZUCULOTO, Valci; BETTI, Juliana Gobbi; FARIAS, Karina Woehl de. Desafios epistemológicos da perspectiva de gênero nos estudos radiofônicos. In: **Congreso De La Asociación Latinoamericana De Investigadores De La Comunicación (Alaic)**, 12, 2022, Buenos Aires, Argentina. Anais eletrônicos [...]. São Paulo: Alaic, 2022.

ZUCULOTO, Valci; LOPEZ; Debora; KISCHINHEVSKY, Marcelo (Orgs.). **Estudos Radiofônicos no Brasil**: 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom. São Paulo: Intercom, 2016.

## **Enegrecer os estudos radiofônicos: escuta decolonial, epistemicídio e insurgência sonora**

*Blacking radio studies: decolonial listening, epistemicide, and audio insurgency*

*Negrificar los estudios radiofónicos: escucha decolonial, epistemicidio e insurgencia sonora*

Alice de Oliveira Andrade

### **Resumo**

Este texto propõe uma reorientação crítica dos estudos em rádio e jornalismo sonoro a partir da escuta decolonial, articulada com os conceitos de epistemicídio (Carneiro, 2005), justiça epistêmica (Smith, 2018) e arquivos insurgentes (Caswell, 2021). Por meio de uma pesquisa exploratória de cunho qualitativo, foram pesquisadas produções acadêmicas recentes nos anais da Intercom e da Compós (2022–2024), revelando a escassez de estudos que articulem rádio, raça e jornalismo. Dialogando com autores(as) como Sueli Carneiro (2005), Grada Kilomba (2019), bell hooks (2020; 2023), Audre Lorde (2020), Débora Cristina Lopez, Juliana Gobbi Betti e Marcelo Freire (2024), Frantz Fanon (2008; 2022) e Marcelo Kischinhevsky (2024), argumenta-se que essa ausência não é pontual, mas expressão de um epistemicídio estruturante. Defende-se, assim, uma escuta decolonial como caminho metodológico que reconheça saberes negros como centrais e propõe uma reconfiguração ética e política dos estudos radiofônicos.

### **>> Como citar este texto:**

ANDRADE, Alice Oliveira de. Enegrecer os estudos radiofônicos: escuta decolonial, epistemicídio e insurgência sonora. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 16, n. 01, p. 08-36, jan./abr. 2025.

### **Sobre a autoria**

Alice Oliveira de Andrade  
[andradealice@academico.ufs.br](mailto:andradealice@academico.ufs.br)  
<https://orcid.org/0000-0002-9048-1893>

Professora adjunta no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutora e mestra pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (PPgEM/UFRN). Vice-líder do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Narrativas Audiovisuais e Sonoras (Jornau - UFS/CNPq). Integrante do VISU - Laboratório de Práticas e Poéticas Visuais - (UFRN/CNPq) e DESCOM - Insurgências Decoloniais, Comunicação, Artes e Humanidades (UFRN/CNPq).

O rádio é aqui compreendido como território de disputa simbólica, e a escuta, como prática de resistência e reparação histórica.

**Palavras-chave:** estudos radiofônicos; rádio; jornalismo sonoro; epistemicídio; escuta decolonial.

### **Abstract**

This text proposes a critical reorientation of radio and sonic journalism studies through decolonial listening, articulated with the concepts of epistemicide (Carneiro, 2005), epistemic justice (Smith, 2018), and insurgent archives (Caswell, 2021). Through an exploratory qualitative research, recent academic productions in the proceedings of Intercom and Compós (2022–2024) were examined, revealing the scarcity of studies linking radio, race, and journalism. Engaging with authors such as Sueli Carneiro (2005), Grada Kilomba (2019), bell hooks (2020; 2023), Audre Lorde (2020), Débora Cristina Lopez, Juliana Betti, and Marcelo Freire (2024), Frantz Fanon (2008; 2022), and Marcelo Kischinhevsky (2024), it is argued that this absence is not an isolated case, but an expression of a structuring epistemicide. A decolonial listening is therefore advocated, one that recognizes Black knowledge as central, and proposes an ethical and political reconfiguration of radio studies. Radio is here understood as a territory of symbolic dispute, and listening as a practice of resistance and historical reparation.

**Keywords:** radio studies; radio; audio journalism; epistemicide; decolonial listening.

### **Resumen**

Este texto propone una reorientación crítica de los estudios en radio y periodismo sonoro a partir de la escucha decolonial, articulada con los conceptos de epistemicidio (Carneiro, 2005), justicia epistémica (Smith, 2018) y archivos insurgentes (Caswell, 2021). A través de una investigación exploratoria de carácter cualitativo, se investigaron producciones académicas recientes en los anales de Intercom y Compós (2022–2024), revelando la escasez de estudios que articulen radio, raza y periodismo. En diálogo con autores/as como Sueli Carneiro (2005), Grada Kilomba (2019), bell hooks (2020; 2023), Audre Lorde (2020), Débora Cristina Lopez, Juliana Betti y Marcelo Freire (2024), Frantz Fanon (2008; 2022) y Marcelo Kischinhevsky (2024), se argumenta que esta ausencia no es puntual, sino una expresión de un epistemicidio estructurante. Se defiende, así, una escucha decolonial que reconozca los saberes negros como centrales y proponga una reconfiguración ética y política de los estudios radiofónicos. El radio se entiende aquí como un territorio de

disputa simbólica, y la escucha, como una práctica de resistencia y reparación histórica.

**Palabras clave:** estudios radiofónicos; radio; periodismo sonoro; epistemicídio; escucha decolonial.

## Introdução

O rádio é, antes de tudo, um meio da escuta e da imaginação. Sua linguagem, feita de sons, silêncios e vozes, projeta imagens invisíveis no campo sensível do ouvinte (MEDITSCH, 2001; FERRARETTO, 2014). Escutar rádio é construir mentalmente corpos, rostos, lugares, emoções; é participar de uma articulação sonora que mobiliza afetos e saberes. Mas toda imagem é também escolha: se o rádio forma imagens, é preciso perguntar quais ele produz e quais ele interdita. Quais vozes são autorizadas a ocupar os microfones e quais são mantidas nas margens do espectro sonoro? Que mundo é possível imaginar quando as vozes negras e dissidentes são silenciadas ou transformadas em *ruído*? Ao mesmo tempo em que cria vínculos, o rádio também os nega. É nesse duplo movimento que se revela como um território de disputa simbólica, política e epistêmica. Este artigo parte desse incômodo: o de investigar não apenas o que pesquisa sobre o rádio brasileiro, mas sobretudo quem não se analisa – e por quê.

Afinal, quem pode ser escutado no rádio brasileiro? Quem teve suas vozes legitimadas pelas narrativas sonoras e quem foi silenciado? Essas perguntas inquietam não apenas a história do meio, mas o próprio modo como produzimos conhecimento sobre ele. Em um país marcado por profundas desigualdades raciais e sociais, o rádio, veículo que tem a proximidade como característica (FERRARETTO, 2014), não escapa das lógicas de silenciamento que moldaram a formação da esfera pública brasileira. A ausência de vozes negras, inclusive no campo do jornalismo sonoro, revela um apagamento estrutural que se manifesta tanto nos microfones quanto nas produções acadêmicas.

Apesar dos significativos avanços no campo dos estudos radiofônicos, o

debate sobre racialidade ainda é insuficiente. As grandes sínteses históricas do rádio no Brasil concentram-se em emissoras, formatos, tecnologias e figuras consagradas, quase sempre homens brancos. As experiências negras ainda são pouco tematizadas. Essa exclusão não é casual, mas estruturada por um processo que Sueli Carneiro (2005) denomina de epistemicídio, a desvalorização sistemática dos saberes produzidos por sujeitos subalternizados.

Este artigo parte da premissa de que é preciso ir além da denúncia e construir alternativas metodológicas e teóricas para enfrentar esse apagamento. A escuta decolonial, inspirada em autoras como Grada Kilomba (2019), bell hooks (2020) e Linda Tuhiwai Smith (2018), é compreendida aqui não como técnica, mas como gesto político e um movimento antirracista. Escutar, em uma lógica decolonial, é reconhecer vozes historicamente silenciadas e disputar os modos de produção de memória e conhecimento. É, como propõe Frantz Fanon (2008), um caminho para a reumanização dos sujeitos negros no campo simbólico.

Para tanto, realizamos um exercício inicial de mapeamento exploratório da produção científica sobre rádio e raça nem dois dos principais eventos da área: o Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom e o Grupo de Trabalho Estudos Radiofônicos da Compós, no recorte temporal entre 2022 e 2024. O levantamento demonstrou a escassez de estudos voltados à atuação de jornalistas negros no rádio e à tematização da negritude no jornalismo sonoro. A metodologia, inspirada em Kischinhevsky et al. (2018) e em Bonin (2008), combina uma perspectiva bibliométrica e leitura crítica com base em lentes interseccionais e decoloniais.

Ao longo do texto, articulamos aportes teóricos de autores como Sueli Carneiro (2005), Grada Kilomba (2019), Audre Lorde (2020), Débora Cristina Lopez, Juliana Gobbi Betti e Marcelo Freire (2024), Frantz Fanon (2008; 2022), Marcelo Kischinhevsky (2024), entre outros. Nossa intenção é contribuir com o campo dos estudos radiofônicos a partir de uma perspectiva plural, comprometida com a justiça epistemológica e com a valorização das vozes

historicamente silenciadas.

O percurso reflexivo também se sustenta nas proposições de bell hooks (2020;2023), que compreende a fala e a escuta como práticas profundamente políticas, atravessadas por relações de poder, exclusão e possibilidade. Para a autora, romper com o silêncio imposto às pessoas negras não é apenas um gesto de expressão, mas um ato de resistência e cura. Sua crítica à estrutura colonial do saber ecoa neste trabalho ao defender que não se trata apenas de incluir vozes antes silenciadas, mas de transformar as bases sobre as quais decidimos quem pode falar, quem pode ser escutado e o que é considerado conhecimento válido (CARNEIRO, 2005). Escutar vozes negras no rádio e na pesquisa, portanto, é mais do que resgatar presenças apagadas: é disputar sentidos (BORGES, 2012), reconfigurar a escuta como ética e afetividade e construir uma prática comunicacional comprometida com a libertação e a dignidade.

Dividido em três seções principais, o artigo inicia com uma contextualização metodológica e analítica sobre a invisibilidade da presença negra nos estudos radiofônicos. Em seguida, desenvolve a crítica ao epistemicídio e apresenta a escuta decolonial como possibilidade metodológica de reconfiguração ética e política do campo. Por fim, nas considerações finais, reafirma-se a urgência de práticas investigativas comprometidas com a justiça epistêmica e com a reparação simbólica das vozes negras nos estudos radiofônicos brasileiros.

### **Percurso metodológico: debates em estudos radiofônicos e seus silêncios estruturais**

A invisibilidade da presença negra no rádio brasileiro, sobretudo no campo do jornalismo, não se restringe à prática profissional. Ela se reflete também na produção acadêmica, como demonstram os resultados do exercício bibliométrico realizado para este texto. Inspirada na metodologia empregada por Kischinhevsky et al. (2018) em sua pesquisa sobre o rádio universitário, este trabalho objetivou mapear produções recentes no formato de artigo científico

que se dediquem a estudar a atuação de jornalistas negros e negras no rádio brasileiro, tendo como foco dois dos repositórios mais representativos do campo: os anais do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom e do Grupo de Trabalho Estudos Radiofônicos da Compós.

A busca utilizou como palavras-chave as expressões “raça”, “representatividade”, “presença negra no rádio”, “jornalismo negro”, “jornalismo antirracista”, “jornalistas negros no rádio”, “representação racial no rádio” e “rádio e negritude”, aplicadas a títulos, resumos e palavras-chave dos trabalhos. Os critérios de inclusão consideraram publicações no triênio entre 2022 e 2024, com foco explícito na relação entre raça e atuação profissional no rádio brasileiro, principalmente no jornalismo. Foram excluídos trabalhos cuja abordagem fosse limitada à música negra no rádio ou a manifestações culturais sem interface com o jornalismo e a produção informativa, bem como a textos que trabalhavam especificamente com temáticas voltadas à representatividade de gênero.

Os resultados apontam para uma escassez significativa de produções acadêmicas que articulem os estudos radiofônicos com a questão racial. Identificou-se, entre os anais da Intercom, que os estudos mais recentes voltados à diversidade se dedicam majoritariamente à análise de gênero ou de trajetórias individuais de mulheres no rádio, sem interseção com a racialidade. No GT de Estudos Radiofônicos da Compós, nenhum trabalho apresentado entre 2022 e 2024 tematizou a atuação de jornalistas negros no rádio ou jornalismo sonoro, nem sobre a agenda étnico-racial no contexto radiofônico analógico ou expandido.

O percurso metodológico desta reflexão envolve uma abordagem qualitativa por meio de uma pesquisa exploratória. Para Bonin (2008), trata-se de um movimento investigativo voltado à aproximação inicial com objetos empíricos que se apresentam como móveis, nômades e de contornos difusos (LOPES, 2006). Nesse sentido, não busca conclusões definitivas ou hipóteses testáveis em um primeiro momento, mas sim abrir caminhos de investigação por meio de aproximações sucessivas, multianguladas e sensíveis à complexidade

dos fenômenos comunicacionais.

Aplicado ao presente texto, o entendimento da pesquisa exploratória (BONIN, 2008) é fundamental. Quando propomos um mapeamento da questão étnico-racial nos estudos radiofônicos jornalísticos, o estudo parte do reconhecimento de que esse objeto é, por si só, pouco visível nos registros acadêmicos, subrepresentado nos espaços midiáticos e carente de delimitação empírica consolidada. Assim, a estratégia metodológica adotada, que inclui levantamento bibliográfico, análise de anais de eventos científicos e leitura crítica de artigos que tangenciam o tema, constitui um exercício exploratório que visa desnaturalizar silêncios e identificar pistas relevantes para a construção do problema de pesquisa, a partir da lógica de Kilomba (2019).

A abordagem exploratória adotada permite estranhar o campo e enxergar a ausência como um dado empírico significativo (GOMES, 2017), que informa tanto sobre os limites da produção científica quanto sobre as estruturas de exclusão que atravessam a constituição da memória radiofônica no Brasil. Além disso, esse tipo de investigação favorece o uso de múltiplas entradas analíticas – historiográficas, epistêmicas e bibliométricas – compondo um arranjo metodológico coerente com os pressupostos de uma crítica decolonial e comprometida com a justiça epistêmica que desaprisione (hooks, 2020).

## Intercom

Com base na análise dos anais da Intercom de 2023, foi identificado o artigo de Graziela Valadares Gomes de Mello Vianna, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), intitulado *Prazeres entre batuques e pincéis: o samba e a pintura de Heitor dos Prazeres no rádio, nos discos e nas exposições de arte*<sup>1</sup>. Embora não aborde diretamente o jornalismo, o estudo estabelece conexões relevantes entre o rádio e questões raciais, por meio da análise da trajetória de

---

1

Disponível

em:

[https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link\\_aceite/nacional/11/0813202313224664d90356547c1.pdf](https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0813202313224664d90356547c1.pdf). Acesso em: 02 abr. 2025.

Heitor dos Prazeres – artista negro de destaque na cena cultural brasileira das primeiras décadas do século XX, atuante tanto na música quanto nas artes visuais.

A autora investiga como a produção musical e pictórica de Prazeres, disseminada por meio do rádio, dos discos e das exposições de arte, contribuiu para a construção de representações sobre uma suposta identidade coletiva nacional ancorada nas práticas culturais populares urbanas (VIANNA, 2023). Com base em uma abordagem benjaminiana e em referências como Muniz Sodré, o artigo compreende o documentário Heitor dos Prazeres (1965), de Antônio Carlos da Fontoura, como um relicário de memórias e experiências do artista.

Ainda que não trate do rádio jornalístico ou da atuação de profissionais negros na mídia informativa, a pesquisa contribui para os estudos radiofônicos ao evidenciar o papel do rádio na mediação simbólica da negritude e da cultura popular. A presença desse trabalho nos anais da Intercom reforça, por um lado, o potencial da mídia sonora como objeto de análise racializada e, por outro, a carência de investigações voltadas à atuação de jornalistas negros no rádio brasileiro.

Já no mapeamento realizado por Moreira, Popp e Siqueira (2024), publicado nos anais da Intercom<sup>2</sup>, observa-se que as produções do Grupo de Pesquisa (GP) Rádio e Mídia Sonora da Intercom, no período de 2014 a 2023, estão distribuídas nos seguintes eixos temáticos: Tecnologia e Transformações do Rádio, Radiojornalismo e Informação, Radiodifusão Pública e Comunidade, Linguagem Radiofônica e Narrativa Sonora, História e Memória do Rádio, Podcast e Novas Mídias, Mídias Sociais e Interatividade, Educação e Comunicação, Outras Temáticas, Cultura e Identidade, Gênero e Representação. Contudo, chama atenção o fato de que, nos três últimos eixos mencionados –

---

2

Disponível

em:

[https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link\\_aceite/nacional/17/1007202423413667049be0cf674.pdf](https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/17/1007202423413667049be0cf674.pdf). Acesso em: 04 abr. 2025.

justamente aqueles onde se esperaria maior sensibilidade para questões de diversidade – a temática racial não aparece na descrição das autoras.

Segundo a pesquisa (MOREIRA; POPP; SIQUEIRA, 2024), os trabalhos voltados à identidade e representação tratam, majoritariamente, de questões igualmente relevantes como gênero, excluindo o debate sobre raça ou interseccionalidades. Além disso, tópicos como Economia da Comunicação, Legislação e Políticas Públicas, Estudos de Recepção e Metodologias de Pesquisa também se destacam como recorrentes (MOREIRA; POPP; SIQUEIRA, 2024), mas igualmente descolados de uma perspectiva racializada. A baixa frequência de abordagens sobre racialidade reforça a tese de que o apagamento da presença negra no rádio não é apenas um fenômeno histórico e institucional em nossa sociedade, mas também epistemológico, manifestando-se nos próprios campos de investigação da academia brasileira (CARNEIRO, 2005).

Sobre produções em anais da Intercom que abordem diversidade durante o triênio observado, destaca-se o artigo *Trajetória das pesquisadoras do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom no rádio*<sup>3</sup>, de Izani Mustafá, Kátia Fraga e Nayane Brito, publicado nos anais da Intercom, que realiza um importante mapeamento da atuação de mulheres vinculadas ao Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora do congresso com experiência profissional em emissoras de rádio. A pesquisa, ao articular dados da lista de discussão do grupo com os currículos Lattes das integrantes, constrói um panorama sobre a presença feminina tanto no exercício da prática radiofônica quanto na produção acadêmica sobre o meio (MUSTAFÁ; FRAGA; BRITO, 2024).

Embora o recorte do estudo esteja centrado na dimensão de gênero, o que já representa um avanço importante no reconhecimento de trajetórias frequentemente invisibilizadas, observa-se que a questão racial não é um elemento da proposta. Reforça-se a necessidade de investigações

3

Disponível

em:

<https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/nacional/17/0714202420220766945d9f9d8e3.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2025.

complementares que considerem também os marcadores raciais, especialmente em um campo de estudos ainda carente de análises interseccionais.

## Compós

No recorte temporal analisado, não foram localizados artigos que abordem diretamente a questão racial nos anais da Compós, especificamente no âmbito dos estudos radiofônicos. Vale destacar que, em 2022, o Grupo de Trabalho (GT) de Estudos Radiofônicos ainda não havia sido instituído no congresso, passando a integrar oficialmente a programação da Compós apenas a partir de 2023. Mesmo com a formalização do GT, a produção apresentada nos anais de 2023 e 2024 não inclui, até o momento (abril de 2025), trabalhos dedicados exclusivamente à análise da presença negra no rádio brasileiro, tampouco à atuação de jornalistas negros no meio.

Em 2024, contudo, destaca-se o artigo *Epistemologias dos estudos radiofônicos: construir a pesquisa com lentes plurais*<sup>4</sup>, de Débora Cristina Lopez, Juliana Cristina Gobbi Betti e Marcelo Freire, como uma contribuição importante no estímulo à diversificação epistemológica no campo. Embora não realize uma análise empírica sobre a presença racial no rádio, o texto explicita o incômodo dos autores diante da baixa diversidade epistemológica nos estudos da área, com ênfase na ausência de abordagens voltadas às questões de raça e interseccionalidades. Ao defender a quebra do pacto narcísico da academia e o enfrentamento das violências simbólicas do campo científico, os autores chamam atenção para a urgência de incorporar perspectivas plurais nos estudos sobre rádio, reconhecendo os limites de uma abordagem eurocêntrica e hegemônica (LOPEZ; BETTI; FREIRE, 2024).

Os autores apontam de forma crítica para os mecanismos de exclusão que atuam na produção do conhecimento sobre o meio. Ao mesmo tempo, reconhecem seus próprios lugares de privilégio no campo e afirmam a

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos/epistemologias-dos-estudos-radiofonicos-construir-a-pesquisa-com-lentes-plurais>. Acesso em: 30 mar. 2025.

necessidade de romper hierarquias históricas, ampliar os sujeitos legitimados a produzir ciência e escutar vozes até então subalternizadas (LOPEZ; BETTI; FREIRE, 2024). A defesa explícita de epistemologias plurais, aliada à proposição de caminhos futuros interseccionais, representa um avanço significativo e necessário na construção de uma historiografia radiofônica mais justa, diversa e comprometida com a inclusão de vozes historicamente marginalizadas.

### **A persistência do apagamento nas pesquisas acadêmicas**

Como argumenta Kischinhevsky et al. (2018), o campo da historiografia do rádio no Brasil apresenta zonas de silêncio, frequentemente associadas a categorias e práticas que escapam às lógicas institucionais dominantes. No caso da presença negra, esse silêncio é estruturado por um processo histórico de exclusão epistêmica que afeta tanto a prática profissional quanto a construção dos objetos de pesquisa (KILOMBA, 2019; CARNEIRO, 2005).

Nos termos de Kilomba (2019), os centros acadêmicos são espaços embranquecidos na lógica eurocêntrica, com lugares de fala bem delimitados a grupos privilegiados e com uma construção sólida de uma *outridade* subalternizada. A autora observa que, como acadêmica negra, é comum que seu trabalho sobre o racismo cotidiano seja considerado interessante, mas não plenamente científico. Esse tipo de reação revela o funcionamento da ordem colonial que estrutura o espaço acadêmico – e a Comunicação não está imune a essa lógica – em que o saber produzido por intelectuais negras e negros é frequentemente deslegitimado por ser considerado subjetivo, pessoal, emocional ou específico demais; e, por isso, questionado quanto à sua objetividade.

Tais comentários funcionam como uma máscara que silencia nossas vozes assim que falamos. Eles permitem que o sujeito branco posicione nossos discursos de volta nas margens, como conhecimento desviante, enquanto seus discursos se conservam no centro, como a norma. Quando elas/eles falam é científico, quando nós falamos é acientífico (KILOMBA, 2019, p.51-52).

O exercício de sistematização feito aqui contribui para a problemática central deste artigo ao demonstrar empiricamente que a presença negra no rádio, particularmente no campo jornalístico, segue sub-representada tanto nos microfones quanto nos arquivos acadêmicos. Esse apagamento não deve ser compreendido como algo pontual, mas como uma consequência da própria estrutura de produção de conhecimento no campo da Comunicação, ainda fortemente marcada por uma escuta que desconsidera as vozes racializadas como fontes legítimas de saber e memória (CARNEIRO, 2005; KILOMBA, 2019).

Assim como no caso das rádios universitárias, cuja delimitação institucional ainda desafia a categorização normativa (KISCHINHEVSKY et al., 2018), a pesquisa sobre rádio e questões étnico-raciais no Brasil carece de consolidação teórica, metodológica e institucional. Romper com essa lógica é um movimento de resistência epistêmica que vem sendo operado em diversas áreas no campo da Comunicação. Afinal, “a representação importa, e a diversidade de narrativas e vozes é a chave para que não se reiterem estereótipos sobre grupos minoritários ou minorizados” (KISCHINHEVSKY, 2024, p.91).

Para superar essa ausência, torna-se necessário não apenas fomentar novas pesquisas sobre a presença negra no rádio e no jornalismo sonoro, mas também construir abordagens metodológicas comprometidas com epistemologias que valorizem a oralidade, a memória comunitária e os modos outros de narrar a história, como propuseram Lopez e Oliveira-Lopes (2024) com a análise do discurso sonoro; ou Lopez, Betti e Freire (2024) com as epistemologias plurais.

É perceptível que a historiografia do rádio brasileiro foi, por muito tempo, moldada por perspectivas institucionalistas e centradas em grandes emissoras, nomes consagrados e marcos tecnológicos. Embora importantes para a compreensão sobre as práticas de mercado, se tivermos apenas essas abordagens, invisibilizam-se práticas comunicacionais que escapam da lógica hegemônica de produção. Essa ausência não é apenas uma lacuna, mas um sintoma de um racismo epistêmico que estrutura a produção do saber. Conforme

apontam Caroline e Deus (2023, p.169), no contexto do rádio brasileiro:

As lacunas históricas associadas ao racismo reforçam a invisibilização de vínculos sociais e contratos de leitura em relação entre a mulher negra e o rádio brasileiro, sobretudo o meio comercial. Assim como acontece em outras esferas, o racismo afasta a participação da negritude também nos meios de Comunicação e neste caso o rádio.

Para as autoras, a “não-presença” de mulheres negras no rádio, por exemplo, não se refere apenas à exclusão física, mas à negação de sua agência cultural e comunicativa como sujeitos históricos. O artigo “Macacas de auditório” (WERNECK, 2013), publicado no portal Geledés, mostra como mulheres negras foram relegadas, historicamente, ao papel de espectadoras barulhentas e estigmatizadas nos auditórios das rádios. Essa imagem atravessou o tempo e consolidou-se como uma forma perversa de representação racializada: a mulher negra como corpo sem voz, cuja presença era tolerada apenas na plateia, não nos microfones. Como reforça Werneck (2013), essa designação desumaniza e reforça a lógica do não pertencimento.

O texto expõe como, mesmo em espaços de aparente inclusão, como os auditórios de programas radiofônicos e televisivos, mulheres negras foram relegadas a posições de presença ruidosa, mas não enunciativa. A expressão “macaca de auditório”, usada de forma pejorativa e racista, revela um imaginário construído a partir da animalização e da marginalização de seus corpos, que eram permitidos como figurantes da festa, mas excluídos do protagonismo narrativo. Tal representação reforça a lógica descrita neste texto, segundo a qual a exclusão de vozes negras no rádio não ocorre apenas pela ausência física, mas também por sua presença desqualificada ou hipervisibilizada sob estigmas e estereótipos construídos ao longo da história e cultura brasileira (GONZÁLEZ, 1989).

Ao identificar corpos negros como ruído e não como fala, os meios de comunicação contribuíram para consolidar um modelo de escuta racialmente hierarquizado. Essa crítica dialoga com as noções de desumanização e objetificação presentes em Fanon (2008) e encontra eco na proposição de uma

escuta decolonial, sobre a qual discutiremos no próximo tópico, que reivindica a reconfiguração dos espaços de fala e o reconhecimento da mulher negra como sujeito comunicante.

Quando Audre Lorde (2020) incentiva pessoas negras a transformar o silêncio em linguagem e ação, ela propõe um movimento de ruptura com os rastros da colonialidade que ainda aprisionam corpos racializados. O jornalismo, enquanto expressão das práticas sociais, pode ter um papel central nesse processo, pois se a mídia faz parte da textura geral da experiência humana (Silverstone, 2002), contribui também para a formação de imaginários – que podem libertar ou subalternizar.

Ao abordarmos o rádio em contexto digital, a PodPesquisa 2024/2025 revela uma demografia preocupante na produção de podcasts. Dos produtores que responderam à pesquisa, apenas 8,62% se autodeclararam pretos, sendo que 70,11% se declaram brancos, reforçando a hegemonia da branquitude também nesse campo sonoro contemporâneo. A sub-representação se reflete tanto na autoria quanto no acesso a recursos de monetização, divulgação e profissionalização.

A pretensa neutralidade dos relatos históricos e dos estudos de mídia precisa ser questionada. A ausência de sujeitos negros, especialmente mulheres negras, nas narrativas do rádio não é uma falha casual, mas o reflexo de um projeto histórico de exclusão, um rastro da colonialidade que perdura no tempo presente (QUIJANO, 2005). Romper com essa lógica exige deslocar o olhar, ouvir os silêncios e incorporar outros métodos e epistemologias – como a história oral, os arquivos comunitários e a escuta como gesto político. Só assim será possível construir uma historiografia do rádio que esteja comprometida com a diversidade e a justiça epistêmica.

### **Contra o silêncio arquivado: escuta decolonial, epistemicídio e insurgência sonora**

A ausência de sujeitos negros na historiografia do rádio não é meramente

um problema de documentação, mas resultado direto do que Carneiro (2005) denomina de epistemicídio: a destruição e invalidação sistemática de saberes produzidos por grupos subalternizados, em especial, os saberes produzidos por pessoas negras, indígenas, mulheres e demais sujeitos fora da norma eurocêntrica e patriarcal que hegemoniza o pensamento ocidental.

Para Carneiro (2005), o epistemicídio é parte constitutiva do racismo estrutural; ele atua não apenas na exclusão social e econômica, mas também na exclusão simbólica e epistêmica, ao definir quem tem o direito de saber, de ensinar e de produzir conhecimento válido. Manifesta-se na ausência desses sujeitos nos cânones acadêmicos, nas bibliografias oficiais, nos espaços de enunciação científica e nos processos de validação do saber. Na perspectiva de Nilma Lino Gomes (2017), não basta incluir negros nos espaços acadêmicos, é preciso incluir os saberes negros – e isso também vale para as pesquisas no campo radiofônico. Nos estudos da Comunicação, o epistemicídio se expressa na valorização de metodologias ocidentais, positivistas e “neutras”, que não reconhecem como legítimos os saberes oriundos da oralidade, da ancestralidade ou da experiência. Em outras palavras, não se trata apenas de quem é ouvido, mas também de quem escuta – e como escuta.

A escuta, nos estudos de rádio, frequentemente aparece como uma categoria técnica relacionada à recepção ou ao *design* sonoro. No entanto, seguindo a lógica de epistemologias negras e decoloniais, propõe-se aqui compreender a escuta como uma prática ética, política e metodológica, em que o silêncio e o silenciamento são revertidos em linguagem e ação, conforme aponta Lorde (2020). O que está em jogo não é apenas captar sons, mas reconhecer vozes historicamente silenciadas. Escutar, nesse contexto, é um gesto de reparação, de acolhimento e de validação de outras formas de estar no mundo.

Tendo em vista que, assim como muitas áreas da sociedade, a academia também precisa olhar para quem está olhando, uma vez que, conforme foi possível ver, o campo científico também tem responsabilidade nesse problema, uma vez que os grandes pesquisadores do campo continuam

replicando práticas de invisibilização de mulheres negras em muitos setores (CAROLINE; DEUS, 2023, p.170).

Além disso, quando bell hooks (2023, p.27) afirma que “a cura acontece dentro de nós quando falamos a verdade da nossa vida”, ela nos convida a reconhecer a potência transformadora das experiências subjetivas como fonte legítima de saber. Nesse sentido, o jornalismo sonoro prático e acadêmico pode e deve ser reposicionado como um território estratégico para a agenda antirracista, não apenas pela denúncia das desigualdades, mas pela valorização de vozes que produzem sentidos outros sobre o mundo. Incorporar essas vozes como protagonistas da notícia, e não como *objeto*<sup>5</sup>, exige uma revisão ética, estética e política das práticas jornalísticas.

Muniz Sodré (2014) aponta que a comunicação é, antes de tudo, uma tecnologia de vínculo. Escutar é criar vínculo. Quando o rádio, enquanto campo e atividade, ignora as vozes negras, rompe-se a possibilidade de identificação, pertença e reconhecimento para grande parte da população brasileira. Por isso, escutar sujeitos negros no rádio (sejam locutores, produtores, ouvintes ou fontes de pesquisa) é mais que um ato técnico, é um reposicionamento epistemológico e político.

A tradição africana e afro-diaspórica valoriza a oralidade como forma legítima de transmissão de conhecimento (ASANTE, 1980). Isso desafia os critérios ocidentais de “prova” documental e aponta para a importância de se ouvir as histórias contadas nas bordas, nas comunidades, nos saberes populares. A oralidade, nesse sentido, não é apenas uma possibilidade metodológica, mas uma estratégia de resistência. Essa perspectiva amplia o entendimento sobre como os saberes negros se articulam historicamente, inclusive no rádio, cuja potência como mídia oral encontra ressonância com essas epistemologias ancestrais.

Nesse caminho, a partir de uma perspectiva crítica e interseccional,

---

<sup>5</sup> Observando-se, inclusive, a inadequação histórica e cultural de utilizar esse termo em contextos empíricos de pesquisa que contemplem pessoas negras.

Caswell (2021) propõe uma ruptura com as abordagens tradicionais dos estudos arquivísticos ao argumentar que a simples diversificação de acervos ou a inclusão de descrições mais representativas não são suficientes para desestabilizar as estruturas de poder que sustentam o racismo, o patriarcado e a colonialidade nos arquivos. A autora insere-se no campo dos estudos arquivísticos críticos para demonstrar como as práticas arquivísticas ocidentais, longe de neutras, foram desenhadas para reproduzir formas de exclusão e silenciamento.

Com base em mais de uma década de etnografia em arquivos comunitários, Caswell (2021) evidencia que membros de comunidades minorizadas têm ativado documentos e memórias para construir solidariedades, questionar narrativas lineares de progresso e romper com os ciclos de opressão. Ao invés de tratar o arquivo como espaço voltado unicamente à preservação do passado, a autora propõe compreendê-lo como um território político em disputa no presente, onde a memória pode ser mobilizada como prática de resistência e libertação.

Essa concepção de arquivo como prática de memória libertadora ressoa diretamente com a proposta deste artigo, pois a escuta decolonial aqui defendida busca, à semelhança da proposta de Caswell (2021), não apenas “incluir” vozes negras nos registros já estabelecidos, mas transformar os próprios critérios do que se entende como narrativa legítima, memória institucional e documento histórico. O reconhecimento dos saberes produzidos nas margens, a valorização de arquivos sonoros vindos desses sujeitos e a mobilização da memória oral configuram-se como estratégias que rompem com o epistemicídio e também ativam o presente como espaço de luta e produção de conhecimento. Tal como propõe Caswell (2021), trata-se de deslocar o foco do passado para as possibilidades de transformação no agora, por meio de práticas de memória insurgentes e coletivas.

Mesmo não sendo possível escapar ao bombardeamento da mentalidade colonizadora ao qual estamos expostos todos os dias, podemos desenvolver um

pensamento crítico quanto a esse contexto e buscar formas de transgredir e transformar (hooks, 2020). Se as pesquisas comunicacionais no Brasil têm sido marcadas por lacunas que excluem sistematicamente sujeitos negros, sobretudo mulheres negras, é preciso pensar não apenas em denunciar essas ausências (GOMES, 2017), mas em construir meios efetivos de reparação.

Reparar, aqui, não significa apenas “incluir” nomes esquecidos nos relatos já consolidados, mas sim **reorganizar os próprios fundamentos do campo historiográfico**, questionando as hierarquias de saber e o que se entende como fonte legítima, referencial empírico de pesquisa e voz autorizada. Como González (1984) escreveu, se as pessoas negras foram colocadas na lata de lixo da história, a partir de então o lixo vai insurgir e começar a falar.

No contexto das pesquisas em rádio e jornalismo sonoro, essa dinâmica pode oferecer um caminho potente para repensar tanto os objetos quanto os métodos da área. Desenvolver essas ideias implica deslocar o foco das investigações para além das emissoras tradicionais e seus produtos canônicos, abrindo espaço para analisar experiências sonoras produzidas por coletivos, rádios comunitárias, podcasts independentes e outras formas de comunicação insurgente, especialmente aquelas oriundas de territórios racializados e periféricos.

Precisamos desenvolver um compromisso com a transformação epistemológica do campo, reconhecendo as desigualdades estruturais que moldam o acesso à fala pública e à escuta institucionalizada. Os estudos em rádio e jornalismo sonoro podem atuar como ferramentas de reparação histórica e de ampliação do repertório comunicacional, ao posicionar a escuta como prática ética e política, e o som como território de disputa por visibilidade, memória e agência.

Em outros termos, adotar epistemologias negras e decoloniais exige deslocar o centro da análise e, sobretudo, mudar a posição do pesquisador. Não se trata de falar *sobre* as pessoas negras no rádio como “objeto”, mas de construir conhecimento *com* elas, reconhecendo suas estratégias de existência,

suas memórias e seus saberes, visto que, enquanto sociedade, nossa própria história foi fundada por mãos negras (NASCIMENTO, 2021).

A reparação historiográfica no campo dos estudos radiofônicos exige mais do que a inclusão pontual de sujeitos historicamente excluídos. Trata-se de um projeto mais amplo, que requer uma mudança profunda nas formas como conhecemos, pesquisamos, narramos e escutamos. Essa mudança epistemológica está diretamente ligada ao que autores como Walter Mignolo (2003; 2010) e Catherine Walsh (2005) chamam de pensamento decolonial: uma crítica aos fundamentos coloniais da modernidade, que operam não apenas na dominação política e econômica, mas também no modo como o conhecimento é produzido, validado e difundido.

Sob essa perspectiva, o rádio, enquanto tecnologia de escuta e forma de produção simbólica, não é neutro. Ele carrega as marcas da colonialidade do poder, do saber e do ser (QUIJANO, 2005), expressas, por exemplo, na centralidade das vozes brancas, urbanas, masculinas e letradas nas narrativas sonoras legitimadas. A escuta decolonial propõe romper com essa lógica. Em vez de continuar a reforçar os cânones, ela exige a disposição para ouvir o que foi historicamente considerado ruído, excesso ou desvio: as vozes negras, femininas, periféricas, indígenas, LGBTQIAP+, dissidentes.

Essa escuta implica também repensar os próprios critérios de autoridade e legitimidade nos estudos acadêmicos. O que se considera “fonte confiável”? Que tipo de fala é aceita como argumento? Quais vozes são tratadas como objeto, e quais como sujeito do saber? Nesse sentido, o rádio, bem como o jornalismo sonoro, podem ser um território fértil para a decolonialidade, justamente por sua natureza relacional, afetiva e oral, características que se alinham com formas de saber não-coloniais, frequentemente baseadas na experiência, na ancestralidade e na coletividade.

A justiça epistêmica de que tratamos aqui, inspirada em autoras como Linda Tuhiwai Smith (2018) e bell hooks (2020), não se limita ao reconhecimento da diversidade. Ela exige a redistribuição dos poderes de enunciação e escuta.

Na dimensão prática, isso significa que não basta criar programas sobre negritude no rádio; é preciso garantir que pessoas negras estejam no microfone, na pauta, na pesquisa, na curadoria, na escuta, na crítica e no arquivo. A reparação, portanto, só será completa quando as epistemologias negras forem tratadas não como complemento exótico ao saber hegemônico, mas como saberes centrais, fundantes e transformadores.

Recorremos ao alerta de Frantz Fanon (2022) sobre o processo colonial não apenas oprimir economicamente, mas desumanizar o sujeito colonizado ao ponto de desfigurar sua linguagem, seu corpo e sua consciência. A colonização no contexto sonoro, embora pouco abordada nas leituras acadêmicas convencionais, é central nesse processo: ela define quem pode falar, quem pode ser escutado, e em que termos essa escuta é possível. O rádio, enquanto tecnologia de enunciação pública, operou e ainda opera dentro dessas dinâmicas de poder, muitas vezes reproduzindo a lógica de um "ouvir colonial" que legitima certas vozes e silencia outras.

Fanon (2022) nos oferece, assim, um caminho para compreender a escuta como campo de disputa. Na história do rádio brasileiro, a padronização das vozes, a preferência por sotaques "neutros" e a exclusão de falas marcadas racialmente fazem parte de um projeto cujos rastros coloniais são nítidos. Ser escutado, nesse contexto, exige mascarar a negritude, seja na linguagem, na performance, na agenda ou na narrativa. Fanon (2008) diria que é preciso vestir uma máscara branca para poder falar em espaços estruturados pela branquitude. Mas, como o autor também aponta, é uma máscara sufocante.

O gesto de escutar vozes negras no rádio, especialmente aquelas que foram historicamente invisibilizadas ou convertidas em ruído, é, portanto, um ato de ruptura. É, como diria Fanon (2022), o início de uma reumanização: um processo em que o sujeito colonizado retoma sua palavra, sua história e seu direito de nomear o mundo. Trata-se de deslocar o foco da escuta de uma passividade técnica para uma atitude política, capaz de reconhecer não apenas sons, mas presenças e resistências.

Essa escuta radical, inspirada por Fanon, é essencialmente decolonial. Ela exige que o pesquisador, o historiador e o comunicador rompam com o pacto da neutralidade, e se comprometam com uma escuta implicada, comprometida, insurgente. Escutar, nesse sentido, é também se colocar em desconforto, desmontar as hierarquias do saber e reconstituir o campo da comunicação a partir daqueles que foram feitos para não ser ouvidos. Em diálogo, Lorde (2020, p.54), aponta:

Cada uma de nós está aqui hoje porque, de uma forma ou de outra, compartilhamos um compromisso com a linguagem, com o poder da linguagem e com o ato de ressignificar essa linguagem que foi criada para operar contra nós. Na transformação do silêncio em linguagem e ação, é essencial que cada uma de nós estabeleça ou analise seu papel nessa transformação e reconheça que seu papel é vital nesse processo.

Fanon (2008), ainda, nos convida a imaginar uma escuta que não seja filtrada pelas máscaras do colonizador, mas que parta do reconhecimento da dor, da ausência e da potência. Reescrever a história do rádio, à luz de sua obra, não é apenas recontar fatos omitidos; é restituir humanidade onde ela foi negada, e som onde só havia silêncio forçado.

Nesse sentido, a escuta decolonial no campo radiofônico implica também um reposicionamento político do/a pesquisador/a. Não se trata apenas de estudar o outro, mas de rever as próprias escutas, silêncios, privilégios e ausências. Ao adotarmos esse compromisso, deslocamos o foco da pesquisa de um suposto “objeto” (a mulher negra, o radialista periférico, o ouvinte marginalizado) para uma crítica do sistema que os torna invisíveis. E é aí que o rádio, como meio, e a escuta, como prática, tornam-se instrumentos poderosos de transformação epistemológica.

Propõe-se aqui, por conseguinte, a ampliação do campo dos estudos radiofônicos por meio de práticas de escuta decolonial: aquelas que acolhem vozes historicamente silenciadas, mas também transformam os critérios de validação do saber, rompem pactos de neutralidade e deslocam o pesquisador de uma posição de distanciamento para um lugar de implicação ética e política.

Pois, como afirma Lorde (2020), mobilizar a subjetividade e os sentimentos pode ser uma ferramenta política importante para indivíduos racializados.

É necessário romper com as representações cristalizadas da população negra, intervindo criticamente nas narrativas já estabelecidas também por meio da linguagem sonora e dos estudos radiofônicos. Edificar outras imagens desse grupo racial, de maneira multiperspectiva, é uma forma de libertá-lo das prisões simbólicas que historicamente o restringem no imaginário social (BORGES, 2012). O que está em jogo, portanto, para além de contar uma outra história do rádio, é reimaginá-lo como campo de disputa e possibilidade.

A reconfiguração dos estudos radiofônicos depende de uma disposição coletiva para ouvir não apenas o som das vozes negras, mas os ecos de suas ausências nos arquivos, nas programações, nas pesquisas e nas bibliografias. Como analisa Kischinhevsky (2024, p.97), “a representação de outras vozes, fora do velho padrão radiofônico, é um caminho poderoso para a formação de vínculos afetivos, para a construção de comunidades organizadas em torno do áudio e para a própria afirmação de identidades individuais e coletivas”. Trata-se de entender que, para além de ser um elemento fundamental da própria linguagem radiofônica, escutar também é uma forma de resistência e preservação histórica.

### **Considerações finais**

A partir da provocação central de que a ausência de vozes negras nos estudos do rádio brasileiro, especificamente em anais de congressos, não é apenas uma lacuna, mas um efeito do epistemicídio que estrutura a produção do saber no país, este artigo buscou tensionar as bases teóricas e metodológicas dos estudos radiofônicos, com ênfase no campo do jornalismo sonoro. Amparado por epistemologias negras e decoloniais (ASANTE, 1980; BORGES, 2012; CARNEIRO, 2005; FANON, 2008; GOMES, 2017; GONZÁLEZ, 1984; hooks, 2020; KILOMBA, 2019; MGNOLO, 2010; QUIJANO, 2005; SMITH, 2018; WALSH, 2005), propôs-se aqui uma escuta decolonial crítica, ética e política, capaz de

desestabilizar as hierarquias de legitimidade que silenciam sujeitos racializados e suas formas de produzir conhecimento, memória e linguagem.

Ao longo do percurso argumentativo e ensaístico, evidenciou-se que o apagamento de questões raciais do rádio e da pesquisa na área não é uma exceção, mas uma regra estruturante do modo como se constitui a ciência brasileira. Inspirando-se na crítica de Michelle Caswell (2021) à neutralidade arquivística e na proposta de Frantz Fanon (2022) de reumanização por meio da retomada da linguagem, o texto defende que a escuta precisa ser compreendida não apenas como um ato técnico, mas como um gesto de reparação histórica. Assim, propõe-se uma abordagem que vá além da inclusão pontual de sujeitos silenciados, defendendo a reestruturação das bases epistemológicas do campo – da seleção de agendas de pesquisa à construção das narrativas – com atenção às experiências de quem historicamente foi ouvido apenas como ruído.

A seção final sintetiza o convite feito ao longo deste trabalho: romper com as lógicas que historicamente invisibilizaram sujeitos negros no rádio e na pesquisa acadêmica, reconhecendo suas vozes não como exceções, mas como centrais na construção de um outro projeto de ciência e de jornalismo sonoro. Trata-se, portanto, de transformar a escuta em território de luta, de memória e de criação de futuro – um futuro em que as vozes outrora silenciadas não apenas sejam ouvidas, mas escutadas em toda sua complexidade, densidade e potência.

Percebemos, ao longo da reflexão, que esses silenciamentos não se dão apenas no campo da produção radiofônica, mas atravessam também as práticas acadêmicas, os acervos, os cânones e os modos de escuta consagrados no campo dos estudos de mídia sonora. Partindo de uma crítica ao racismo epistêmico presente na constituição da memória radiofônica, propusemos uma virada teórico-metodológica baseada em epistemologias negras e decoloniais.

A invisibilidade das vozes negras no rádio brasileiro, como mostram os estudos de Caroline e Deus (2023), não pode ser entendida como mera ausência. Ela é efeito de um processo ativo de exclusão que envolve raça, gênero e poder. Esse processo molda tanto a produção midiática quanto a produção de

conhecimento, e, por isso, qualquer tentativa de reparação exige uma atuação simultânea nas esferas cultural, institucional e acadêmica.

Entendemos, no entanto, as limitações metodológicas deste estudo, uma vez que não é possível diagnosticar de forma definitiva um campo de pesquisa a partir de um recorte empírico e temporal restrito. Trata-se, aqui, de um exercício bibliométrico com caráter exploratório, que consideramos representativo por estar baseado em dois dos maiores congressos científicos da área – Intercom e Compós – cujos anais têm expressiva circulação e impacto na consolidação de agendas temáticas. Ainda assim, reconhecemos a necessidade de ampliação da análise, tanto em termos temporais quanto de abrangência de fontes.

Um olhar bibliométrico voltado para periódicos acadêmicos especializados certamente revelaria uma presença mais ampla de estudos que articulam rádio e questões étnico-raciais. Contudo, mesmo nesses espaços, a produção permanece numericamente restrita, sobretudo quando comparada ao volume de pesquisas centradas em abordagens técnicas, institucionais ou mercadológicas. Por isso, reforçamos a importância de fomentar e consolidar um campo crítico que reconheça a centralidade da racialidade como dimensão constitutiva da comunicação sonora no Brasil.

Um possível contra-argumento ao diagnóstico apresentado seria a existência, nos próprios eventos analisados, de Grupos de Trabalho e Grupos de Pesquisa dedicados especificamente às questões étnico-raciais, como os GTs sobre raça, pensamento afrodiáspórico, interseccionalidades e comunicação. Embora esses espaços sejam fundamentais para o fortalecimento de epistemologias negras e decoloniais e operem como lugar de resistência e afirmação, é preciso problematizar a expectativa de que produções sobre raça devam se restringir exclusivamente a esses circuitos. Tal expectativa, ainda que não explicitada, retroalimenta lógicas de segmentação e racismo epistemológico, na medida em que separa os debates sobre racialidade dos demais campos temáticos da Comunicação.

Defendemos, ao contrário, que essas discussões precisam circular

também nos grupos voltados às mídias sonoras, audiovisuais, digitais, ao jornalismo, às tecnologias, teorias e às metodologias, de modo a tensionar a normatividade dos referenciais e a ampliar os interlocutores acadêmicos. A transversalização da perspectiva racial e interseccional nos estudos radiofônicos é, portanto, não apenas desejável, mas *necessária* para romper com a ideia de que determinadas vozes e saberes pertencem apenas às margens institucionais do campo científico.

Diante desse cenário, defendemos a valorização de arquivos de memória, histórias orais, produções periféricas e iniciativas comunitárias como formas legítimas de construir outra historiografia mais plural, mais justa, mais comprometida com os sujeitos históricos que foram silenciados. Também destacamos a importância de reformular as práticas acadêmicas, desde a formulação de editais e chamadas de pesquisa até a ocupação de espaços por pesquisadoras e pesquisadores negros.

Em periódicos especializados, como as revistas *Radiofonias* e *Mediações*, observa-se um espaço mais consolidado para discussões que articulam questões raciais e rádio, permitindo o aprofundamento teórico e analítico dessas temáticas. No entanto, a presença ainda tímida desses debates em eventos científicos, como congressos e encontros acadêmicos, limita a circulação de ideias, a interlocução entre pesquisadores e a visibilidade de estudos que tensionam o epistemicídio presente no campo da Comunicação.

Ampliar a quantidade de trabalhos sobre raça e rádio em congressos é, assim, fundamental para promover o intercâmbio entre diferentes olhares, fortalecer redes de pesquisa e estimular abordagens interseccionais desde as fases iniciais da produção acadêmica. Nesse sentido, perspectivas de trabalhos futuros incluem a realização de estudos bibliométricos em periódicos da área, com o objetivo de mapear a produção existente, identificar lacunas e potencializar agendas de pesquisa comprometidas com a justiça epistêmica (SMITH, 2018).

Em um tempo em que a linguagem do rádio se expande nos *streamings* e

nas redes sociais digitais, a oportunidade de reescrever sua história também se renova. Que essa reescrita não seja apenas uma ampliação do cânone, mas uma ruptura com as estruturas que sustentaram o silenciamento. Que ela seja feita com escuta, com memória, com corpo, com afeto, subjetividade e, sobretudo, com compromisso com a reexistência das vozes negras que sempre estiveram aqui.

"(...) A subalterna não pode, de fato, falar. Ela está sempre confinada à posição de marginalidade e silêncio que o pós-colonialismo prescreve" (KILOMBA, 2020, p.47). A provocação da autora evidencia como o silêncio imposto às vozes negras não é natural, mas um produto de sistemas de dominação colonial e racial. A impossibilidade da fala, nesse contexto, não se refere à ausência de voz, mas à negação de reconhecimento, escuta e legitimidade.

No campo radiofônico, a subalterna fala, grita, canta, pauta, pesquisa, produz, apresenta, escreve e narra, mas sua voz é, muitas vezes, filtrada, editada ou simplesmente ignorada pelos dispositivos de poder que definem o que merece ser ouvido, pesquisado e registrado. Nos novos modos de produção sonora, é preciso romper com essa estrutura silenciadora, reconhecendo o rádio como espaço também racializado, da luta antirracista e reabrindo os canais para escutar o que foi sistematicamente silenciado.

Enegrecer os estudos radiofônicos, como propõe este trabalho, é mais do que uma metáfora: é uma convocação ética e política para deslocar os alicerces do campo, reorientar suas escutas e reorganizar suas prioridades epistemológicas. É reconhecer que a produção de conhecimento em Comunicação não está dissociada das estruturas de poder que moldam quem fala, quem escuta e quem é autorizado a significar.

Frente ao epistemicídio que marca a produção de conhecimento no Brasil e ao silenciamento sistemático das vozes negras, torna-se urgente escutar com radicalidade, como quem assume a escuta como um ato de insurgência. A escuta decolonial aqui defendida propõe exatamente isso: o enfrentamento às lógicas

que nos fizeram ouvir apenas uma parte da história. Enegrecer os estudos radiofônicos é, assim, abrir espaço para que outras histórias, saberes e sonoridades não apenas entrem na sala, mas tomem o centro do debate, com toda a força e legitimidade que lhes é devida.

## Referências

ASANTE, Molefi K. **Afrocentricity**: The theory of social change. Buffalo, NY: Amulefi, 1980.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PODCASTERS (ABPOD). **PodPesquisa 2024/2025**: perfil do público, produtores e produtoras de podcasts no Brasil. São Paulo: ABPOD, 2024. Disponível em: [https://abpod.org/wp-content/uploads/2024/10/PodPesquisa\\_2024\\_2025FINAL-1.pdf](https://abpod.org/wp-content/uploads/2024/10/PodPesquisa_2024_2025FINAL-1.pdf). Acesso em: 22 abr. 2025.

BONIN, Jiani Adriana. **Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 37, p. 122–129, dez. 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/4809/3613>. Acesso em: 10 abr. 2025.

BORGES, Rosane. Mídia, racismos e representações do outro. In: BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane (Org.). **Mídia e racismo**. Petrópolis: DP et Allii; Brasília: ABPN, 2012.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CAROLINE, Joselaine; DEUS, Valesca Silva de. **Não vejo, não ouço e não falo**: apontamentos sobre a (não) presença das mulheres negras no rádio. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 1–18, set./dez. 2023. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/1064/975>. Acesso em: 28 mar. 2025.

CASWELL, Michelle. **Urgent Archives**. 1. ed. Milton Park, Abingdon, Oxon: Routledge, 2021.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução: Renato da Silveira. 9. ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: teoria e prática. São Paulo: Summus, 2014.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, ANPOCS, São Paulo, p. 223–244, 1984.

hooks, bell. **Ensinando o pensamento crítico: sabedoria e prática.** São Paulo: Elefante, 2020.

hooks, bell. **Irmãs do inhambele: mulheres negras e autorrecuperação.** 1 ed. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de Racismo Cotidiano.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; MUSTAFÁ, Izani; MATOS, Cristiana Martins de; HANG, Lorena. **Por uma historiografia do rádio universitário no Brasil.** Revista Brasileira de História da Mídia, v. 7, n. 2, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/6200>. Acesso em: 15 abr. 2025.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Cultura do Podcast: reconfigurações do rádio expandido.** 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2024.

LOPES, Maria Immacolata V. **O campo da comunicação: sua constituição, desafios e dilemas.** Revista Famecos. Porto Alegre, n.30,p.16-30, ago. 2006.

LOPEZ, Debora Cristina; BETTI, Juliana Cristina Gobbi; FREIRE, Marcelo. **Epistemologias dos Estudos Radiofônicos: construir a pesquisa com lentes plurais.** In: ANAIS DO 33º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2024, Niterói. Anais eletrônicos, Galoá, 2024. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos/epistemologias-dos-estudos-radiofonicos-construir-a-pesquisa-com-lentes-plurais?lang=pt-br>. Acesso em: 03 Abr. 2025.

LOPEZ, Debora Cristina; OLIVEIRA-LOPES, Vitor Hugo de. **Análise de discurso sonoro: uma proposta metodológica.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 47., 2024, Itajaí. Anais. São Paulo: Intercom, 2024. Disponível em: <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/nacional/17/071520240929476695163b57e3f.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2025.

LORDE, Audre. **Irmã outsider: ensaios e conferências.** Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MEDITSCH, E.B.V. **O Rádio na Era da Informação.** Florianópolis: EdUFSC/Insular, 2001.

MIGNOLO, Walter D. **Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad.** Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias globais/projetos locais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MOREIRA, Cláudia da Consolação; POPP, Tadiane Regina; SIQUEIRA, Aline Wendpap Nunes de. **Mapeamento da produção do GP de Rádio e Mídia Sonora da Intercom dos últimos dez anos.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO: 47., 2024, Itajaí. Anais. São Paulo: Intercom, 2024. Disponível em: [https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link\\_aceite/nacional/17/1007202423413667049be0cf674.pdf](https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/17/1007202423413667049be0cf674.pdf). Acesso em: 04 abr. 2025.

MUSTAFÁ, Izani; FRAGA, Kátia; BRITO, Nayane. **Trajetória das pesquisadoras do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom no rádio.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 47., 2024, Itajaí. Anais. São Paulo: Intercom, 2024. Disponível em: [https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link\\_aceite/nacional/11/0813202313224664d90356](https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0813202313224664d90356)

[547c1.pdf](#). Acesso em: 02 abr. 2025.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. Revista Contexto Latino-Americano: revista de estudos sociais, v. 1, n. 1, p. 22–30, 2005.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia**. São Paulo: Loyola, 2002.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas**. Tradução de Roberto G. Barbosa. Curitiba: Editora UFPR, 2018.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

WALSH, Catherine. Introducción – (Re)pensamiento crítico y (de)colonialidad. In: WALSH, Catherine. **Pensamiento crítico y matriz (de)colonial: reflexiones latinoamericanas**. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2005. p. 13–35.

WERNECK, Jurema. GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra. **Macacas de auditório**. São Paulo, 29 jul. 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/macacas-de-auditorio/>. Acesso em: 22 abr. 2025.

## **RAÍZES: vozes indígenas em um podcast sobre povos originários no Brasil**

*RAÍZES: Indigenous voices in a podcast about indigenous peoples in Brazil*

*RAÍZES: Voces indígenas en un podcast sobre los pueblos indígenas de Brasil*

*Deyse Alini de Moura; Luciano Victor Barros Maluly; Gabriela Martin*

### **Resumo**

Este artigo discute as questões de identidade, comunicação, espiritualidade e memória por meio de depoimentos de indígenas brasileiros. O objetivo é contribuir para que o interesse em seus conhecimentos se espalhe, e que as pessoas não indígenas possam aprender mais sobre suas visões de mundo por meio de seus relatos. Este artigo é fruto do podcast RAÍZES, produção técnica desenvolvida como parte da pesquisa de Pós-Doutorado de Deyse Alini de Moura no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

**Palavras-chave:** Indígenas no Brasil; Povos Originários; Podcast.

### **>> Como citar este texto:**

MOURA, Deyse Alini de; MALULY, Luciano Victor Barros ; MARTIN, Gabriela. RAÍZES: vozes indígenas em um podcast sobre povos originários no Brasil. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 16, n. 01, p. 37-59, jan./abr. 2025.

### **Sobre a autoria**

Deyse Alini de Moura  
[deysemoura@usp.br](mailto:deysemoura@usp.br)

<https://orcid.org/0000-0001-5705-0170>

Doutora em Média-Arte Digital pela Universidade Aberta de Portugal, Portugal; cursando estágio pós-doutoral no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Brasil. Bolsista pela Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento.

Luciano Victor Barros Maluly  
[lumaluly@usp.br](mailto:lumaluly@usp.br)

<https://orcid.org/0000-0002-2630-8922>

Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, Brasil; estágio pós-doutoral pela Universidade do Minho, Portugal; professor e pesquisador no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Gabriela Martin  
[martingabriela@usp.br](mailto:martingabriela@usp.br)

<https://orcid.org/0009-0009-8693-5651>

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação ECA-USP. MBA em andamento em Gestão e Transformação Digital (ECA-USP). Graduada em Relações Públicas (Centro Universitário FECAP, 2021).

### **Abstract**

This article discusses issues of identity, communication, spirituality and memory through testimonies of Brazilian indigenous people. The goal is to help spread interest in their knowledge, and to help non-indigenous people learn more about their worldviews through their stories. This article is the result of the podcast RAÍZES, a technical production developed as part of Deyse Alini de Moura's postdoctoral research at the Department of Journalism and Publishing at the School of Communications and Arts at the University of São Paulo.

**Keywords:** Indigenous people in Brazil; Indigenous Peoples; Podcast.

### **Resumen**

Este artículo aborda las cuestiones de identidad, comunicación, espiritualidad y memoria a través de testimonios de pueblos indígenas brasileños. El objetivo es ayudar a difundir el interés por sus conocimientos y que las personas no indígenas aprendan más sobre sus visiones del mundo a través de sus historias. Este artículo es resultado del podcast RAÍZES, una producción técnica desarrollada como parte de la investigación postdoctoral de Deyse Alini de Moura en el Departamento de Periodismo y Edición de la Escuela de Comunicaciones y Artes de la Universidad de São Paulo.

**Palabras clave:** Pueblos indígenas en Brasil; Pueblos Indígenas; Podcast.

## **Introdução**

Durante a Pandemia da covid-19, grupos populacionais localizados à margem das práticas tradicionais de comunicação passaram a produzir seus próprios conteúdos a fim de se informarem no enfrentamento ao vírus, a exemplo de diversos povos indígenas (CRUZ; BARTNISKI; CHAGAS, 2020), que fortaleceram a denominada etnomídia (NASCIMENTO, 2021), forma particular de apropriação dos meios para a prática de uma comunicação em defesa de seus direitos e em preservação de suas culturas e ancestralidade, produzida por e para eles. Mas o debate antecede à crise sanitária mundial causada pelo coronavírus.

Milhomens (2022) aponta que, após o período inicial de consolidação dos movimentos indígenas organizados, no final do século passado, tem-se ampliado a discussão sobre formas alternativas de produção e divulgação das pautas da população indígena, principalmente nas redes digitais.

Com esse mote, a pesquisa de pós-doutorado que originou este artigo tinha por objetivos principais entrevistar pessoas, preferencialmente indígenas, e registrar as opiniões delas quanto à forma como seus povos são vistos pela sociedade, sobre comunicação e outros assuntos. A partir das entrevistas semiestruturadas (DUARTE, 2006) realizadas entre 2023 e 2024, organizamos as falas em grupos temáticos (identidade, comunicação, espiritualidade e memória), a fim de produzir os quatro episódios do Podcast RAÍZES<sup>1</sup>, uma produção técnica que permitiu que as falas dos entrevistados não ficassem restritas a publicações acadêmicas, mas que também atingissem a outros públicos em pleno Abril Indígena, com o papel de divulgação científica que o podcast, quando apropriado para fins educativos (FREIRE, 2013), pode desempenhar.

Para o podcast RAÍZES, foram entrevistados Cláudia Ferraz, da Rede Wayuri, de São Gabriel da Cachoeira, Amazonas; Anápuàka Tupinambá, da Rádio Yandê, Rio de Janeiro; membros da etnia Potiguara de Baía da Traição e de Rio Tinto, na Paraíba; e participantes do X Encontro Nacional dos Estudantes Indígenas - ENEI (estudantes e comunicadores que cobriam o evento), realizado em outubro de 2023 no município de Rio Tinto, Paraíba.

A seguir, apresentamos a transposição desses relatos, a partir da adaptação dos roteiros dos quatro episódios do Podcast RAÍZES para esta edição da Revista Radiofonias, acompanhadas das imagens de divulgação utilizadas nas redes sociais.

---

<sup>1</sup> RAÍZES | Podcast on Spotify. Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/1ArSAls1vB4ETxVykR2Ym9>>. Acesso em: 27 abr. 2025.

## **Identidade: ser indígena no Brasil, hoje<sup>2</sup>**

De acordo com dados do Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística (IBGE, 2023), atualmente, quase um milhão e 700 mil indígenas vivem no Brasil. Esse número corresponde a 0,83% da população total do país.

Quando se fala em indígena brasileiro, que imagem vem à sua mente? A de uma pessoa baixinha, de pele bronzeada, cabelo liso e escuro, em formato de cuia, que anda com pouca roupa pelas matas? Bom, esse é o retrato que os livros de história equivocadamente pintam. Se tem uma população *diversa* no Brasil, é a população indígena. São 305 povos diferentes, que falam 274 línguas diferentes.

Mas apesar da riqueza de cores, sons, línguas, e formas de viver, aos olhos da maior parte da sociedade, a identidade do indígena, ainda hoje, se restringe ao diferente. Ao exótico. Àquele que é lembrado apenas em uma data específica.

Indígena do povo Potiguara, Tamara Rodrigues observa que a forma como o indígena é retratado precisa de revisão desde a educação básica, para que a sociedade reconheça a pluralidade desses povos, que não existem só em abril<sup>3</sup>.

Eu acho que infelizmente a sociedade só nos enxerga em dezenove de abril, que fazem aquela semana de conscientização, que a gente parece mais uma propaganda, né? (...) Então isso é muito chato porque infelizmente as pessoas acham que a gente é uma figurinha e que a gente só vai ser lembrada nessa semana, especificamente, sendo que a gente tá aqui todos os dias, lutando. Temos lutas diárias e ninguém enxerga, ninguém vê. É uma pena. E eu acredito que os espaços que a gente consiga mudar, realmente, como isso é contado, são nas escolas. A gente precisa trabalhar nas escolas e ensinar que os indígenas, eles estão espalhados pelo Brasil todo com diversas culturas, diversas línguas, e que cada um tem um estereótipo diferente do outro, porque a gente que é do Nordeste, a gente sofre muito com isso. “Ah, você não parece um indígena, né?”. (RODRIGUES, 2023)

Isso, da “cara” que o indígena deveria ter, como ele “deveria” se parecer, é

<sup>2</sup> #01. Identidade: ser indígena no Brasil, hoje - RAÍZES | Podcast on Spotify. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/5DIWsWUQRR7oIN8gSD9jPR>>. Acesso em: 27 abr. 2025.

<sup>3</sup> Entrevista realizada durante o Décimo ENEI - Encontro Nacional de Estudantes Indígenas (2023), realizado no município de Rio Tinto (Paraíba).

uma questão muito séria levantada pelos povos indígenas no Brasil. A Iasypitã, que trabalha com etnoturismo, explica que existe uma expectativa dos não indígenas, quando viajam para conhecer o território Potiguara, de encontrar nativos com outras feições que não aquelas que refletem os séculos de abusos e extermínio étnico praticado pelos colonizadores, ou melhor, pelos invasores<sup>4</sup>.

Daí quando o turismo acontece, principalmente do indígena contando a sua história - porque eu vejo propagandas aí, que é de pessoas não indígenas vendendo o que nós somos de uma forma caricata - isso pesa muito, porque nos compram lá fora com essa forma, algo que a gente busca desconstruir, que é um indígena parado no tempo. Nós não somos mais estáticos, né? A cultura nunca foi estática, e eu já disse que a cultura é viva. A indígena de hoje não vai se comportar como minha antepassada e isso é um fato, né? Eu não vou estar nas ocas, como nosso povo já esteve, e se é que o povo potiguara já morou em ocas, ainda tem esse detalhe, né? Porque eram vários povos aqui no Brasil. São trezentos e cinco agora na atualidade, mas antes eram bem mais. Daí quando o pessoal, o turista, vem até o nosso território, eles vêm com essa mentalidade de que vai encontrar pessoas selvagens. Se nos provocar, vai ter pessoa selvagem, né? Eu recordo quando eu era guia e quando eu não estava trajada, que entravam em contato comigo e eu entendia que aquela pessoa estava querendo uma figura caricata de um indígena norte-americano. (POTIGUARA, 2023)

Brenno Xavier nasceu em Palmares, uma cidade no interior de Pernambuco, e também trabalha com etnoturismo na Baía da Traição, um dos três municípios localizados no Território Potiguara<sup>5</sup>. Filho de pai caboclo e de mãe branca, ele sempre teve muita dificuldade com essa parte de ser identificado e se identificar, se afirmar como indígena<sup>6</sup>.

É difícil. Se de fato fosse uma escolha, não acho que seria a escolha mais fácil, assumir a indianidade num território que de todas as formas tentam nos apagar, né? E como eu não sou o estereótipo do livro, então as pessoas olham pra mim, elas me negam a minha identidade; falam da barba, falam do meu rosto, falam da minha cor. Eu sou branco demais pra ser chamado de indígena, mas sou moreno demais pra ser chamado de branco. Então

<sup>4</sup> Entrevista realizada município de Rio Tinto (Paraíba), em 2023.

<sup>5</sup> Potiguara - Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Potiguara>>. Acesso em: 22 dez. 2024.

<sup>6</sup> Entrevista realizada no município de Baía da Traição (Paraíba), em 2023.

eu vivo num limbo existencial, onde as pessoas brancas, elas não me reconhecem como indígena, assim como os indígenas também não me reconhecem como branco. Então é uma luta onde eu tenho que estar o tempo inteiro tentando me defender dos ataques, contra a minha forma de enxergar o mundo, de como me coloco nele e de como eu me reconheço enquanto um indivíduo nesse lugar, então não é fácil. (XAVIER, 2023)

O Censo do IBGE de 2022 (IBGE, 2023) também apontou que 63,3% dos indígenas vivem fora das chamadas Terras Indígenas – que são as áreas de ocupação tradicional dos povos indígenas, demarcadas pela União, e sobre as quais esses povos têm posse permanente para o usufruto exclusivo das riquezas naturais e para a reprodução de suas culturas, segundo a Constituição de 1988<sup>7</sup>.

### Figura 1 - Imagem de capa e de divulgação do primeiro episódio do RAÍZES



Fonte: Isabelle Dantas (2025).

<sup>7</sup> BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. SECRETARIA-GERAL. SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS. CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 20 set. 2020.

Pelo trabalho ou pelo estudo ou por outras circunstâncias, incluindo a violência causada pela grilagem e posse ilegal dessas terras, muitos indígenas são deslocados de seus territórios. Esse é outro fator que contribui para o preconceito e para o apagamento da identidade indígena.

Jaqueline Ciríaco (nome indígena Irembé Potiguara) é professora. Saiu da aldeia, em Baía da Traição, para estudar em João Pessoa. Porque o pai dela sempre foi do movimento indígena, ela sempre fez questão de se impor e de afirmar sua identidade nos espaços que ocupou fora do território.

Muitas vezes eu cheguei a me questionar por que as pessoas tanto procuravam a gente nesse dezanove de abril. Por estudar fora da aldeia, ir pra João Pessoa, ter que fazer faculdade e tal, às vezes, as pessoas me viam muito, porque eu nunca deixei de reafirmar minha identidade, né? Justamente pela questão do meu pai fortalecer essa ideia em mim. Então eu sempre mantive muito isso aí: eu sou indígena, eu sou Potiguara, eu sempre falava do movimento, eu sempre falava de como era a aldeia, de que a realidade não era aquela que estava no livro didático, que muitas vezes foi o que eu também estudei em João Pessoa, era um choque de realidade do que tinha no livro e do que tinha na minha realidade que eu vivenciava. E eu acho que tudo isso faz com que a gente consiga pensar que a gente tem uma missão, e a nossa missão, enquanto juventude indígena, enquanto mulheres indígenas, enquanto o movimento indígena é realmente fortalecer a identidade do nosso povo, e como é que a gente faz isso? (CIRÍACO, 2023)

A Irembé faz isso por meio de um projeto de revitalização da língua materna dos indígenas potiguara – o tupi antigo – que seus ancestrais foram proibidos de falar. De volta ao Território depois de se formar e tendo a tecnologia das comunicações audiovisuais como aliada, ela busca mostrar aos jovens a necessidade da autoafirmação de suas identidades em todos os espaços, para dar mais força à luta indígena.

Eu acredito que seja algo muito importante, porque nem todos os jovens do nosso povo e dos demais povos, eles têm essa vivência, né, assim, fora da comunidade, às vezes eles acham que não tem necessidade de se expor e impor a sua identidade, dizer que é indígena, que é Potiguara, de estar rebatendo falas de outras pessoas que às vezes têm certo preconceito, que querem diminuir as nossas lutas. Mas a gente vê que eles percebem isso quando eles começam a ter um contato maior com a sociedade envolvente, quando começam a sair da aldeia, quando precisam ir pra uma

faculdade. Quando eles precisam ocupar esses espaços, eles veem realmente que é difícil. E eu acredito que esse campo da internet, da tecnologia, ele possibilita a gente se impor, se posicionar, a gente ser protagonista, e esse protagonismo, ele tem que ser feito pelos indígenas. Então esse trabalho é fundamental, e ser feito na base, nas escolas, eu acredito que seja uma forma de colaborar também para que ele se perpetue, a gente não esperar pra fazer algo só quando chegar na faculdade, mas a gente estar trabalhando todas essas pautas e dando todas as ferramentas também na base, nas aldeias da nossa cidade, aqui na nossa região. (CIRÍACO, 2023)

### **Comunicação: armados para a luta<sup>8</sup>**

Um dos grandes desafios dos povos indígenas no nosso país sempre foi conquistar e manter espaço para expor as pautas de interesse deles, trazer luz a temas importantes, possibilitando seu debate. Como o que chamamos de “mídia tradicional” não viabiliza esse espaço, já que opera em uma lógica que prioriza os lucros e uma agenda massificada, a solução encontrada por essas populações foi a criação de seus próprios meios de comunicação, se apropriando das tecnologias e criando suas narrativas. Isso é o que chamamos de etnomídia indígena (TUPINAMBÁ, 2024b), cuja prática vem crescendo nos últimos anos. E quem criou esse termo, “etnomídia indígena”, foi o Anápuàka Tupinambá, comunicador autodidata e fundador da Rádio Yandê<sup>9</sup>, a primeira web rádio indígena do Brasil.

Somos 305 povos indígenas, 274 línguas. Como construir mídia indígena para um quantitativo tão grande, tão poderoso, que fizesse sentido para todos? Mas, ao mesmo tempo, não poderia mais seguir a ideia do conceito de mídia de massa, isso não faz sentido quando se tem uma diversidade tão grande e você não é simplesmente uma raça, você é uma nação. Então, somos 305 nações com formas sociais, políticas, culturais, jurídicas, econômicas, narrativas – é uma sociedade complexa. Povos indígenas são isso: são nações dentro desse negócio chamado Brasil. Se é uma nação, ele tem seus processos próprios, culturais. Então, passei a ter uma reflexão sobre a comunicação junto com a cultura. (TUPINAMBÁ, 2024a)<sup>10</sup>

<sup>8</sup> #02. Comunicação: Armados Para A Luta - RAÍZES | Podcast on Spotify. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/6IJSNTubsnSYLniKlViuyI>>. Acesso em: 27 abr. 2025.

<sup>9</sup> Home - Rádio Yandê. Disponível em: <<https://radioyande.com/>>. Acesso em: 20 fev. 2025.

<sup>10</sup> Entrevista realizada online, em 2024.

A Yandê completou 11 anos de existência em 2024, sem patrocínio. É um dos expoentes da etnomídia indígena no Brasil. Para o Anápuàka Tupinambá, é sobre protagonizar a comunicação.

Em 13 de novembro de 2013, a gente bota a rádio online, pega os nossos conteúdos, começa a pensar como é que seria a estrutura da própria rádio. Eu trago experiência de outras mídias para modelar, já que a gente não teria publicidade nem apoio – a gente já não tinha mesmo e acabou não tendo nesses dez anos –, então a gente podia ter o tempo que a gente quisesse. A gente podia falar do Ailton Krenak durante três horas, ele falava à vontade, e sem entrar uma vinheta de patrocínio. A gente nunca precisou disso, porque a gente detinha a própria mídia, nós somos donos dela, então a gente coloca quanto tempo a gente quiser. A gente tem autonomia e protagonismo, a gente fala do que quiser, para quem quiser, quando quiser, e isso é uma coisa muito relevante pensando em mídia no país. Em mídia indígena, muito mais. (TUPINAMBÁ, 2024a)

Helder Rabelo, do povo Kambeba<sup>11</sup>, na região do Alto Solimões, Amazonas, notou logo cedo a necessidade de os povos indígenas da região dele falarem por si próprios.

Quando eu decidi fazer jornalismo, foi pelo fato de as pessoas não terem informação sobre o Amazonas e a Amazônia. As pessoas têm uma visão do que é o Amazonas, do que é a Amazônia, do que acontece ali. Mas as pessoas de fato não têm a informação necessária. Muitas vezes elas acabam se confundindo sobre o que tem ali, sobre o que é a região, como que as pessoas vivem, e eu acredito que a rádio comunitária pode levar isso fazendo parceria com rádios grandes, levando informação para pessoas que não estão ali na região ou que não conhecem mesmo a realidade. Hoje em dia, a gente consegue de fato levar informação sobre o que é ser indígena, porque sempre era algo distorcido e eu acredito que ainda está sendo distorcido. Muita coisa tem de ser transformada através da nossa comunicação, tem de ser informada. (RABELO, 2023)<sup>12</sup>

No documentário Guerras do Brasil (BOLOGNESI, 2019), Ailton Krenak – filósofo e professor, o primeiro indígena a se tornar um imortal na Academia

<sup>11</sup> Kambeba - Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kambeba>>. Acesso em: 22 dez. 2024.

<sup>12</sup> Entrevista realizada durante o Décimo ENEI - Encontro Nacional de Estudantes Indígenas (2023), realizado no município de Rio Tinto (Paraíba).

Brasileira de Letras – olha para o entrevistador e fala: “eu não sei por que você tá me olhando com essa cara tão simpática. Nós estamos em guerra. O meu mundo e o seu mundo estão em guerra.” Para lasypitã Potiguara:

Eu digo que ainda estamos em combate diário por existir. Não só por ser mulher, não só por ser indígena, mas pra continuar vivo no território ainda bem racista, um país ainda bem racista e que a tecnologia pra nós fez com que montássemos uma rede de proteção e de apoio, do indígena que tá aqui na ponta do Nordeste de se articular com o indígena que tá no Norte, conseguir montar um Acampamento Terra Livre, conseguir montar um evento como esse que está acontecendo hoje. Conseguir denunciar, que é a melhor parte. A melhor parte é a gente poder estar com o celular na mão e, no momento de uma abordagem policial bruta, a gente registrar. Então, quando sabemos usar a tecnologia pra essas articulações, eu digo que - não é que deixamos de ser indígena nem largamos o arco e a flecha - só aprendemos a usar duas armas. (POTIGUARA, 2023)

Assim como Potiguara, Brenno Xavier não poderia concordar mais.

As redes sociais são armas, né? Que são usadas contra a gente muitas vezes. Mas a gente tem utilizado as redes sociais pra estudar, pra se formar, pra denunciar invasões, ocupações irregulares e pra gente poder fazer o nosso intercâmbio de saberes junto a outros povos. A nossa grande teia dos indígenas do Brasil é fortalecida por conta das redes sociais. Então, ela tem tudo como tudo na vida. Um lado bom, um lado ruim. O bom é tudo isso que eu falei. O ruim é que, muitas vezes, como a gente não é bem apresentado nas escolas – sempre mostram aquele livro contando indígenas do século quinze, século dezesseis – então quando as pessoas veem os indígenas ocupando lugares onde antes eram negados a eles, as pessoas usam as redes para deslegitimar o nosso direito ou pra invisibilizar as nossas lutas. Então, tudo tem um lado bom e um lado ruim. Mas a gente, do lado bom da coisa, a gente sabe usar bem. (XAVIER, 2023)

E já que o Brenno falou em teia dos indígenas, a Rede Wayuri de Comunicadores Indígenas do Rio Negro<sup>13</sup>, formada com o apoio da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN) e do Instituto Socioambiental (ISA), é um bom exemplo de como funciona esse conceito.

## Figura 2 - Imagem de capa e de divulgação do segundo episódio do

<sup>13</sup> Rede Wayuri - FOIRN. Disponível em: <<https://foirn.org.br/rede-de-comunicadores-indigenas-do-rio-negro/>>. Acesso em: 21 fev. 2025.

## RAÍZES



Fonte: Isabelle Dantas (2025).

A Wayuri foi criada em novembro de 2017 e é composta por comunicadores indígenas de oito etnias: Baré, Baniwa, Desana, Tariana, Tukano, Tuyuka, Wanano e Yanomami. A dinâmica da Rede vem sendo pesquisada por estudiosos da área de comunicação é apontada como uma das principais representações da etnomídia indígena no país na atualidade, como revela Claudia Ferraz, que é umas das fundadoras e coordena a Rede Wayuri. Para ela, o que mais dá sentido ao projeto é o senso de representatividade que falar pelos parentes traz. “Parente” é como os indígenas se referem a outros indígenas, como uma forma de simbolizar a história e ancestralidade compartilhada. É uma ligação não sanguínea, que os une em torno de causas comuns.

Porque, geralmente, vêm muitas pessoas de fora que fazem entrevistas e veem coisas mais superficiais e quando elas vão colocar ou postar em

algum lugar, elas colocam, às vezes, coisas muito distorcidas. (...) Então, os parentes mais velhos, eles olham a gente e falam assim: “Vocês são nossos jornalistas”. É como se eles se sentissem à vontade, tipo assim, vocês nos representam, vocês que falam por nós, vocês levam as nossas vozes, tá entendendo? Então, acho que a Rede traz também esse peso, essa responsabilidade muito grande, porque é uma representação que leva os 23 povos, que agora falam que é 24. (FERRAZ, 2024)<sup>14</sup>

A Rede Wayuri de Comunicadores Indígenas do Rio Negro desempenhou um papel essencial durante a Pandemia de Covid 19. A iniciativa foi até premiada (HAMDAM, 2022) e segue expandindo seus horizontes: o que antes eram boletins sonoros e podcast, agora também é rádio web, com uma identidade própria. “A gente vai se adaptando nesse mundo de tecnologia, do podcast, pra poder também trazer os elementos de acordo com a nossa realidade aqui da região, então nós também temos um perfil, uma cara para a região do Rio Negro, né?”, aponta Cláudia Ferraz (2024), que destaca ainda que a Rede segue inovando, para nunca ficar pra trás: “Não é algo assim definido. A gente vai recriando, vai criando, a gente vê ‘ah, isso aqui não está dando certo’. Acho que os nossos parentes, se não curtiu ou se não comentou, ‘bora mudar a estratégia’, ‘acho que isso aí não rendeu, bora fazer outra coisa, bora inventar’, tá entendendo?”

### **Espiritualidade: nós somos a natureza<sup>15</sup>**

Chama a Cabocla de Pena  
Eu chamei ela para vir te ajudar  
Pra ver a força da Jurema  
Pra ver a força que a Jurema dá  
Oh Cabocla de Pena, Cabocla Jurema  
Tem pena dela, tem dó.  
Oh Cabocla de Pena, Cabocla Jurema  
Tem pena dela, tem dó.  
(RIBEIRO, 2023)

O texto acima é do canto de Sanderline Ribeiro, indígena da etnia potiguara,

<sup>14</sup> Entrevista realizada em São Gabriel da Cachoeira, Amazonas (2024).

<sup>15</sup> #03. Espiritualidade: Nós Somos a Natureza - RAÍZES | Podcast on Spotify. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/3kOZlisy4dV1QL0bAWGf5C>>. Acesso em: 27 abr. 2025.

do Estado da Paraíba. “Este é o nome que consta lá no cartório. O nome indígena recebido é Amanacy, que é uma palavra em tupi antigo, que quer dizer *Mãe da Chuva*”, revela.

Ela é formada em Pedagogia e Letras - Língua Portuguesa; é especialista em Educação do Campo e Mestra em Ciência das Religiões. Realiza atividades voltadas para os cuidados das pessoas que chegam ao espaço dela, o Canto da Jurema, localizado no município de Rio Tinto. Esses cuidados podem ser físicos ou do espírito – ou ambos – já que, para curar, Sanderline alia seus conhecimentos sobre ervas e medicina tradicional indígena às suas raízes espirituais.

Vão desde os problemas físicos, psicológicos e espirituais. Então, pessoas que são kardecistas, espíritas, evangélicos, católicos, umbandistas, candomblecistas, dentre outras religiões, independentemente da cor, da fé, vez por outra estão passando por aqui. Além de a gente ter contato com pessoas que vêm de outros estados, de outros países, para vivenciar essas experiências com a Cabocla Jurema. (RIBEIRO, 2023)

Assim, Sanderline também atende por Pajé Amanacy – ou Majé, se você preferir. No trecho acima, ela canta para a Cabocla Jurema, entidade espiritual que a acompanha. Em comunidades indígenas ameríndias da família linguística tupi-guarani, o Pajé desempenha um papel importante como curandeiro, feiticeiro, sábio e orientador espiritual (VEIGA, 2024).

### **Figura 3 - Imagem de capa e de divulgação do terceiro episódio do RAÍZES**



Fonte: Isabelle Dantas (2025).

Mas essa prática não é fácil em territórios que já há tempos têm contato com a chamada sociedade envolvente – os não indígenas. Isso porque, após séculos de violência, muitas dessas comunidades não carregam mais suas crenças ancestrais. Aqueles que procuram reavivar e fortalecer a espiritualidade indígena, muitas vezes, sofrem preconceito e perseguição.

O que eu noto, o que tem causado isso, é a interferência de várias religiões dentro das aldeias, que fazem com que as pessoas passem a enxergar as práticas ancestrais como que atividades proibidas pela lei divina, como se estivesse desagradando a Deus. E quando essas pessoas veem, começam a enxergar alguém fazendo o processo contrário, ou seja, não deixando de reverenciar os seus ancestrais por causa da igreja e buscando fortalecer os conhecimentos, as práticas de cura, então essas pessoas se põem a criticar, perseguir, e desmerecer o trabalho realizado por uma mulher, por uma mulher que tá fora do território indígena e que, mesmo assim, insiste em se manter firme na propagação dos conhecimentos, das práticas, das ritualísticas. E isso causa um desconforto, sim, mas sendo conduzida pela espiritualidade eu tenho conseguido fortalecer a identidade indígena. E mesmo diante dessas forças contrárias, não tenho desistido da missão.

(RIBEIRO, 2023)

Brenno Xavier, que também atua como benzedeiro e curandeiro, sentiu esse chamado de conexão com a natureza. Ele explica que foi um processo difícil porque, para acessar completamente a sua cosmovisão indígena, foi necessário que ele rompesse com as crenças com as quais passou a vida tendo contato; um sistema que tem essa visão utilitarista da natureza.

A minha busca sempre foi estar integrado a todo o meio natural e só que a sociedade não nos dá essa oportunidade de a gente entendê-la como sujeito. (...) A gente aprende, desde criança, que é da natureza que a gente extrai as coisas. Então, sempre no consumo, sempre tratando ela como um objeto. E não era assim que eu via a vida, mas era assim que a vida se apresentava para mim. E aí chega um determinado momento, que eu tive uma crise existencial, não me identificava como sujeito, nem como indivíduo no sistema em que eu vivia. Aí larguei tudo e me mudei pra viver aqui no território, com aquilo que eu acreditava, que eu acredito como verdade, que é: a natureza pra mim é Deus. Então é à natureza que faço meus manifestos, é pra natureza que eu respondo as minhas questões, é a natureza que mostra todos os dias minha missão. (XAVIER, 2023)

Sanderline Ribeiro completa revelando que a religião do indígena é a natureza.

O indígena, ele não tem religião definida. Ele se conecta com o sagrado através da natureza, é o seu *religare*, né? Então a natureza é o caminho pra que o indígena se conecte com a sua força ancestral, com a força sobrenatural, com a espiritualidade que permeia todos os locais que ele possa estar, seja no ambiente da mata, do mangue, das águas doces ou salgadas, nos espaços que costuma trabalhar. Então, ali está a religiosidade, espiritualidade indígena, que é ela quem se comunica, dá os recados, orienta, conduz as práticas e é ela que fortalece e traz a proteção e os ensinamentos que forem necessários, né? Então, a religião indígena, ela está presente nos espaços da natureza, da Natureza Sagrada, da Mãe Natureza e assim a gente reverencia as forças que fortalecem a nossa identidade, a nossa cultura, sem precisar estar em um templo de quatro paredes, ou em um lugar que tem uma placa que possa dizer “aqui é a igreja, aqui é o templo do povo indígena”. O templo é qualquer lugar, desde a oca até ao redor de uma fogueira, até no ritualizar de entrar no rio, no mar, nas matas, nos manguezais. Ali é a igreja; ali é o templo religioso. Que não foi construído por mãos humanas, mas por uma força maior e que está à disposição de quem souber apreciar. A força que cada lugar, cada espaço tem. (RIBEIRO, 2023)

A retomada de práticas espirituais ancestrais é crescente e necessária. A Pajé Amanacy manda um recado aos que ainda têm alguma dúvida quanto a isso:

Então, honre a sua ancestralidade, a sua espiritualidade, honrando tudo que a natureza tem pra nos oferecer, e assim a gente vai estar se conectando com a nossa essência, com a nossa originalidade, com aquilo que contribuiu pra que a gente pudesse ser hoje o que a gente é, sabendo que a gente pode ser o que a gente quiser, sem deixar de ser o que a gente é. (RIBEIRO, 2023)

### **Memória: o futuro é ancestral<sup>16</sup>**

Memória: dentre as várias definições deste substantivo feminino listadas no Dicionário Oxford e Google<sup>17</sup>, a primeira é: “faculdade de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto se ache associado aos mesmos”.

### **Figura 4 - Imagem de capa e de divulgação do quarto episódio do RAÍZES**

<sup>16</sup> #04. Memória: O Futuro É Ancestral - RAÍZES | Podcast on Spotify. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/7jhwfo4NyUniP3o13JnyRY>>. Acesso em: 27 abr. 2025.

<sup>17</sup> Oxford Languages and Google - Portuguese | Oxford Languages. Disponível em: <<https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>>. Acesso em: 27 abr. 2025.



Fonte: Isabelle Dantas (2025).

Mas memória também pode ser o relato que alguém faz a partir de acontecimentos históricos dos quais participou ou foi testemunha, ou que estão fundamentados em sua vida particular. Essa definição aparece por último na lista de significados, mas é a que mais importa aos povos indígenas. Memória é uma das características da comunicação indígena.

O conhecimento produzido pelas populações indígenas está diretamente ligado à sua cosmovisão, ou seja, sua visão de mundo. E nessa cosmovisão existe uma estrutura milenar, que constrói um processo de compreensão da vida em múltiplas dimensões (MILHOMENS, 2022).

A Tamara Rodrigues e a Jaqueline Ciríaco (Irembé Potiguara) desenvolvem um projeto em sua comunidade, e a ideia é justamente o registro da memória de seu povo. A iniciativa surgiu da necessidade de contar os acontecimentos do ponto de vista não de quem invadiu, mas de quem foi invadido, e registrar as histórias de luta dos anciãos e anciãs do Território, como analisa Tamara

Rodrigues:

E pelo fato de eu perceber que não tinha tanto essas pessoas pra poder contar essa história, às vezes acabava dificultando (...) E aí surgiu o Memórias Potiguara, que é um trabalho de audiovisual que a gente faz, não tem vínculo com nada, é um trabalho mesmo nosso, sou eu e tem acho que umas cinco ou sete pessoas, são todas mulheres, e a gente trabalha o audiovisual das nossas histórias, do passado, contadas pelas pessoas que vivenciaram determinados momentos de luta, de defesa, essas coisas do nosso povo, e aí tem sido muito gratificante. A gente percebe, a gente tem um perfil no Instagram, quando a gente coloca essas informações lá, a gente faz um cardzinho, com algumas informações pequenas, e a gente tem o canal do YouTube que a gente coloca todo esse documentário lá, por enquanto são vídeos pequenos, curtos, né? Feitos com o celular, a gente não tem equipamento adequado pra poder fazer um trabalho melhor. Mas a gente tem trabalhado desse jeito e eu vejo que é muito importante a gente, enquanto indígena, se organizar, poder falar sobre o nosso povo, poder contar a história do nosso povo e até mesmo como uma forma de defesa, né? Da gente poder mostrar que aquilo que está sendo contado muitas vezes pelas mídias tradicionais não é da maneira como eles contam. Não existe uma segunda versão e eu acho que a internet, as redes sociais nos permitem que a gente consiga contar o que realmente está acontecendo agora. Sem ter esse ensaio todo, porque quando a gente tem uma mídia que é branca e que às vezes é racista, tem um racismo dentro impregnado, então ela vai contar o que é importante pra eles, no contexto deles. E aí a nossa história em algum momento acaba sendo apagada. Então a gente tem esse dever de contar a nossa história como ela realmente é. (RODRIGUES, 2023)

Guardar a história para que as próximas gerações também tenham acesso a ela, como explica Irembé:

É um trabalho que faz com que a gente registre as memórias do nosso povo, as falas dos nossos mais velhos, que a gente deixe isso eternizado de alguma forma para que as futuras gerações tenham acesso. Então, é um mecanismo de luta, é um mecanismo de registro, de guardar memórias, de eternizar momentos. Tem um trabalho na fotografia também, de estar registrando a vivência, o cotidiano das aldeias, estar registrando através de fotos os rituais, tudo isso. Quando as pessoas se veem na foto é muito gratificante, porque é como se elas se sentissem importantes. E aí a gente dando essa possibilidade de estar eternizando, aquele momento pra ela é de grande valia, eles se sentem representados e a gente consegue representar a história do nosso povo a partir dessas atividades. Recontando a história, sendo protagonista, sendo o autor da nossa própria história, né? A gente não quer dar mais apenas a oportunidade a quem queira vir falar sobre nós, mas que a gente possa também ter essa oportunidade, né? Ter essa vez e ter a visibilidade que é necessário para

que isso aconteça. (CIRÍACO, 2023)

A Irembé Potiguara ainda atua em outra frente de preservação da memória de seu povo, que é a revitalização do tupi antigo, língua materna do povo Potiguara.

Eu faço esse trabalho da revitalização da língua e, juntamente com isso, eu tento buscar um pouco de usar as tecnologias a favor do fortalecimento da identidade do nosso povo, para aproximar os jovens também, fazer com que eles se sintam inspirados a querer participar do movimento, mostrando que eles também têm a possibilidade de fazer isso através dos recursos audiovisuais que muitas vezes eles usam apenas com certa limitação, não voltado pra essa questão do nosso povo, dos povos como um todo. É dando esse passo a passo, dando essa contribuição da maneira que a gente puder, da maneira que for necessária, de estar utilizando a comunicação a nosso favor, não deixar que as pessoas falem sobre nós de maneira indevida perpetuando uma história que é totalmente distorcida e que acaba sendo a verdade pra muitos. A gente quer mostrar a nossa verdade, né? E essa luta é constante. (CIRÍACO, 2023)

No trabalho de comunicação desenvolvido pela Rede Wayuri de Comunicadores Indígenas do Rio Negro, no Amazonas, eles também perceberam que a língua materna faz muita diferença quando se trata da preservação da memória dos povos originários, como revela Cláudia Ferraz, do povo Wanano, que coordena a rede:

Quando algum ancião vem contar história na língua, eles se identificam, gostam de ouvir a narração. Eu acho que traz isso, essa questão dos nossos antepassados que passaram por aquela situação de não poder falar a língua, de não poder isso, de não poder aquilo, e de a gente tentar trazer para o agora a nossa língua, os nossos costumes, as nossas culturas, tentando sobreviver nesse meio de mudanças, de tecnologia, de várias coisas. A gente vai se adaptando, mas sem deixar de falar a nossa língua e sem deixar a nossa cultura, a nossa diversidade morrer. Tentando sobreviver nesse mundo. (FERRAZ, 2024)

Mais do que sobreviver, os movimentos de retomada de conhecimentos ancestrais falam muito sobre reavivar. Para Brenno Xavier, a memória da indianidade está gravada no DNA do brasileiro, e muitos têm despertado para o contato com suas raízes.

É certo que todo brasileiro carrega um pouco do sangue ancestral na veia. E muitas pessoas vivem com saudade do que não sabe nem de quê; e essa saudade, ela ressoa todas as vezes que as pessoas chegam aqui. Quando as pessoas chegam aqui, muitas delas se emocionam sem saber, ela sempre fala de como é linda a natureza e de como gostaria de viver mais próximo dela. E todas as vezes que a gente vai iniciar algumas práticas ou mostrar alguns artefatos, as pessoas têm muitas familiaridades sem mesmo nunca ter tido contato antes. Então, essa referência, ela é ancestral. Ela está registrada no nosso genoma, né? Então, muitas pessoas, elas chegam aqui, elas se reconhecem com isso e a cada nova visita mais forte fica, e todo mundo que sai daqui sempre leva as histórias que viveu aqui, mandando mais pessoas pra cá. Então sim, é uma grande crescente. O futuro, ele é ancestral. (XAVIER, 2023)

### Considerações Finais

No período de sua veiculação, durante o mês de abril de 2024, com episódios lançados às quintas-feiras (nos dias 3, 10, 17 e 24 de abril) nas plataformas de áudio Spotify, Deezer, Amazon Music e Apple Podcasts, o podcast RAÍZES foi tocado 153 vezes, (segundo o Spotify Creators, onde está cadastrado o Feed RSS do podcast). No Youtube (<https://www.youtube.com/@raizes.podcast>), a página do programa somou 121 visualizações e, no Instagram (<https://www.instagram.com/raizes.pod/>), tivemos um total de 5.821 visualizações, com um alcance de 2.332 usuários totais. Finalizamos o mês de abril com um total de 35 seguidores no Spotify, 95 seguidores no Instagram e 8 inscritos no canal do YouTube.

**Tabela 1 - Números do podcast RAÍZES no mês de abril de 2025**

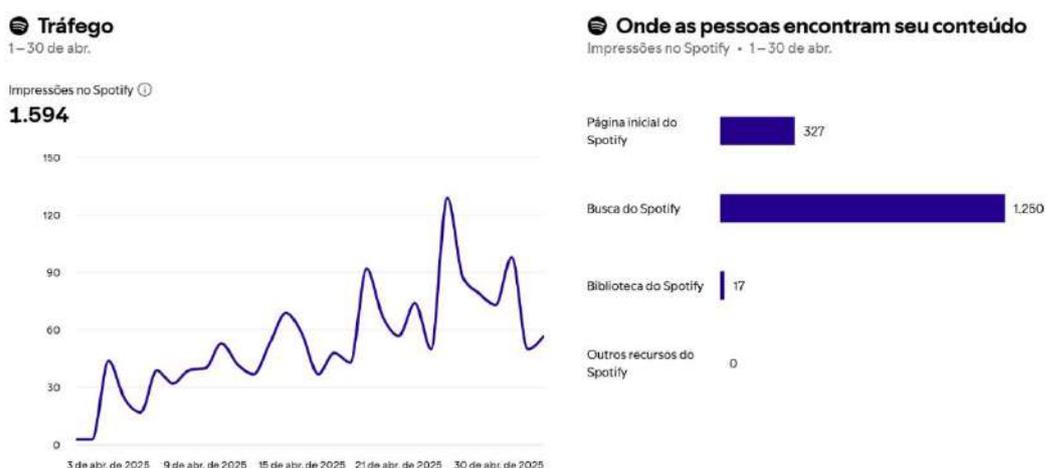
Resultados até 02/05/2025			
Episódio	Spotify	YouTube	Instagram (reproduções de reels de dupla de episódios)
#01. Identidade: ser indígena no Brasil, hoje	60 reproduções	47 reproduções	1.549 reproduções
#02. Comunicação: Armados Para A Luta	37 reproduções	15 reproduções	656 reproduções
#03. Espiritualidade: Nós	35	30	968 reproduções

Somos a Natureza	reproduções	reproduções	
#04. Memória: O Futuro É Ancestral	19 reproduções	16 reproduções	824 reproduções

Fonte: Autoria própria (2025).

Tivemos um alcance de pessoas dez vezes maior que os usuários ouvintes no Spotify, com um total de 1.594 impressões do podcast, por meio da sugestão de conteúdo na página inicial da plataforma, da ferramenta de busca do Spotify e através da biblioteca pessoal do usuário da mídia:

**Figura 5 - Captura de tela de Estatísticas do mês de abril de 2025 do podcast RAÍZES no Creators Spotify**



Acesso em: 02 maio 2025.

Consideramos que o papel de divulgação científica sobre visões e conhecimentos das pessoas entrevistadas foi atingido com sucesso, por despertar a curiosidade e a empatia dos que ouviram e interagiram com nosso conteúdo. Ainda que se trate de uma amostra ínfima diante da grandeza do universo dos povos originários brasileiros, em número, diversidade e questões que os afetam, acreditamos na contribuição do projeto e torcemos para que muitos outros surjam, a fim de proporcionar o espaço para a voz e o protagonismo indígena na pauta e no debate dos assuntos referentes a suas populações.

## Agradecimentos

Aos entrevistados que contribuíram com a pesquisa; à equipe de produção do Podcast RAÍZES; e à Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento (PRIP-USP), pelo financiamento do projeto.

## Referências

BOLOGNESI, L. **Guerras do Brasil**. Produção: Buriti Filmes. Exibição: Netflix, 2019. 5 episódios (26-28 min). Documentário.

CIRÍACO, J. **Entrevista**. Rio Tinto, Paraíba. 15 min, out. 2023.

CRUZ, M. C. DA; BARTNISKI, J. E. V.; CHAGAS, L. J. V. **O Áudio e a Etnomídia no Combate ao Coronavírus em Comunidades Indígenas**. Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. **Anais...**2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3owA18T>>. Acesso em: 29 maio. 2023

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. Em: DUARTE, J.; BARROS, A. (Eds.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p. 62–83.

FERRAZ, C. **Entrevista**. São Gabriel da Cachoeira, Amazonas. 60 min, mar. 2024.

FREIRE, E. P. A. Conceito educativo de podcast: um olhar para além do foco técnico. **Educação, Formação & Tecnologias**, v. 6, n. 1, p. 35–51, 2013.

HAMDAM, A. A. **Rede Wayuri é premiada em Haia por inovação e combate à desinformação**. Disponível em: <<https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/rede-wayuri-e-premiada-em-haia-por-inovacao-e-combate-desinformacao>>. Acesso em: 21 fev. 2025.

IBGE. **Censo Demográfico 2022 Indígenas: Primeiros resultados do universo**. Rio de Janeiro: [s.n.]. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102018.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2024.

MILHOMENS, L. Organizações indígenas e redes comunicacionais no Brasil: luta e

resistência. Em: MILHOMENS, L. (Ed.). **Comunicação, questão indígena e movimentos sociais**. Manaus: EDUA, 2022.

NASCIMENTO, L. G. **Etnocomunicação Indígena como Prática de Liberdade Decolonialista e Ancestral**. Curitiba: Editora Appris, 2021.

POTIGUARA, I. **Entrevista**. Rio Tinto, Paraíba. 38 min, out. 2023.

RABELO, H. **Entrevista**. Rio Tinto, Paraíba. 19 min, out. 2023.

**RAÍZES** | **Podcast on Spotify**. Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/1ArSAls1vB4ETxVykR2Ym9>>. Acesso em: 27 abr. 2025.

RIBEIRO, S. **Entrevista**. Rio Tinto, Paraíba. 41 min, out. 2023.

RODRIGUES, T. **Entrevista**. Rio Tinto, Paraíba. 19 min, out. 2023.

TUPINAMBÁ, A. **Entrevista**. Online. 54 min, abr. 2024a.

TUPINAMBÁ, A. **Jornalismo e Povos Originários: O Papel Transformador da Etnomídia Indígena**. Disponível em: <<https://radioyande.com/jornalismo-e-povos-originarios-o-papel-transformador-da-etnomidia-indigena/>>. Acesso em: 4 jul. 2024b.

VEIGA, E. **Ligação mística com a natureza: a religiosidade dos indígenas brasileiros**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/ckv75xjd340o>>. Acesso em: 20 dez. 2024.

XAVIER, B. **Entrevista**. Baía da Traição, Paraíba. 14 min, out. 2023.

## Entre frequências e silêncios: A sub-representação das mulheres no rádio esportivo do Maranhão

*Between Frequencies and Silences: The Rarity of the Female Voice in Maranhão's Sports Radio*

*Entre frecuencias y silencios: la rareza de la voz femenina en la radio deportiva de Maranhão*

Ananda Kallyne Muniz Portilho; Nayane Brito

### Resumo

Este artigo mapeia a presença de profissionais mulheres no rádio esportivo do Maranhão, nas cidades de Açailândia, Balsas, Caxias, Imperatriz e São Luís, no primeiro semestre de 2025. O levantamento resultou na identificação de apenas uma voz feminina entre 22 rádios comerciais, das quais sete possuem programas e/ou departamentos esportivos. À luz dos pensamentos feministas de bell hooks (2013), Audre Lorde (2020) e Margareth Rago (2013, 1991) as autoras discutem a sub-representação das mulheres no campo esportivo radiofônico e a dimensão política da presença singular da setorista Natalhi Ribeiro (2025), entendida como uma fissura nas estruturas de poder sustentadas pelo androcentrismo.

**Palavras-chave:** Rádio esportivo; Gênero; Feminismo; Sub-representação feminina; Maranhão

### >> Como citar este texto:

PORTILHO, Ananda Kallyne Muniz; BRITO, Nayane. Entre frequências e silêncios: A sub-representação das mulheres no rádio esportivo do Maranhão. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 16, n. 01, p. 60-76, jan./abr. 2025.

### Sobre a autoria

Ananda Kallyne Muniz Portilho  
[portilhoananda@gmail.com](mailto:portilhoananda@gmail.com)  
<https://orcid.org/0009-0000-5010-1369>

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz. Integra o Grupo de Pesquisa Rádio, Podcast e Mídia Sonora no Maranhão (RPM). É jornalista e atua com comunicação institucional.

Nayane Brito  
[nayanebritojornalista@gmail.com](mailto:nayanebritojornalista@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-9989-8804>

Doutora em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É professora substituta do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Integra os grupos de pesquisa Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa), Grupo de Pesquisa Jornalismo, Mídia e Memória (JOIMP) e Grupo de Pesquisa Rádio, Podcast e Mídia Sonora no Maranhão (RPM).

### **Abstract**

This article maps the presence of women professionals in sports radio across the cities of Açailândia, Balsas, Caxias, Imperatriz, and São Luís, in the state of Maranhão, during the first half of 2025. The survey led to the identification of a single female voice among 22 commercial radio stations, seven of which feature sports programs and/or dedicated sports departments. Drawing on the feminist perspectives of bell hooks (2013), Audre Lorde (2020), and Margareth Rago (2013, 1991), the authors discuss the underrepresentation of women in the field of sports radio and interpret the solitary presence of reporter Natalhi Ribeiro (2025) as a political act of resistance—an opening in power structures grounded in androcentrism.

**Keywords:** Sports radio; Gender; Feminism; Female underrepresentation; Maranhão.

### **Resumen**

Este artículo mapea la presencia de mujeres profesionales en la radio deportiva en las ciudades de Açailândia, Balsas, Caxias, Imperatriz y São Luís, en el estado de Maranhão, durante el primer semestre de 2025. El levantamiento culminó con la identificación de una única voz femenina entre 22 emisoras comerciales, de las cuales siete poseen programas y/o departamentos deportivos. A la luz de los pensamientos feministas de bell hooks (2013), Audre Lorde (2020) y Margareth Rago (2013, 1991), las autoras discuten la subrepresentación de las mujeres en el ámbito deportivo radiofónico e interpretan la presencia solitaria de la reportera Natalhi Ribeiro (2025) como un acto político de resistencia: una fisura en las estructuras de poder sustentadas en el androcentrismo.

**Palabras clave:** Radio deportiva; Género; Feminismo; Subrepresentación femenina; Maranhão.

## **Introdução**

Nos últimos anos, a crescente produção de pesquisas que abordam o rádio brasileiro e a participação histórica das mulheres nesse meio de comunicação aponta para uma realidade ainda pouco estudada: a marcada influência do patriarcado e de seus derivados - o machismo e a misoginia - que criou um

contexto confortável e favorável ao sexo masculino, o qual, desde sempre, detém o protagonismo até mesmo daquilo que não lhe pertence.

A atuação de mulheres na história do rádio e da comunicação, assim como o silenciamento a elas imposto, reforçam a perpetuação de histórias únicas, vindas de fontes únicas, raramente uma fonte feminina. É sobre o perigo da história única que a escritora nigeriana, Chimamanda Ngozi Adchie (2009), alerta há mais de 15 anos. Histórias que não são contadas desaparecem. Histórias enviesadas tornam-se verdades absolutas. É necessário recorrer a múltiplas fontes para alcançar uma compreensão completa sobre o objeto de estudo, pois a variedade dos relatos e das fontes de informação agrega complexidade à construção do conhecimento.

Como sociedade brasileira, por muito tempo fomos vítimas da história única da radiodifusão. O discurso de Eitácio Pessoa, por exemplo, foi considerado até 2019 o marco inicial do rádio no Brasil. Foi a investigação por diferentes pesquisadores e a coleta de dados e relatos em fontes diversas, promovida pelo trabalho de fôlego dos estudiosos brasileiros Luiz Maranhão Filho e Pedro Serico Vaz, que se chegou a uma nova data: 6 de abril de 1919, reconhecida oficialmente na Carta de Natal (2019).

Seis anos depois, evocamos a pesquisadora Constância Lima Duarte (2022), que trata do memoricídio das mulheres na literatura brasileira, para trazer à tona um conceito que passa pela história das mulheres no rádio, recentemente abordado pelas pesquisadoras Ferro, Gomes e Zuculoto (2023), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC): o apagamento sistemático da contribuição feminina na história do rádio no Brasil. E não seria o memoricídio mais uma vertente para a perpetuação de histórias unicamente masculinas?

Não há outro caminho para se discutir essa realidade senão a partir dos fundamentos do movimento feminista, que denuncia o cerceamento do espaço público às mulheres (RAGO, 2001). O machismo que ainda impera na comunicação mundial decorre dessa desvalorização de tudo aquilo que é feminino, estabelecendo “caixas” e “rótulos” que estigmatizam as mulheres e

dificultam sua entrada e permanência em ambientes historicamente masculinos, como o jornalismo esportivo, neste caso específico, o rádio esportivo.

Num Brasil de dimensões continental, as realidades vividas por mulheres no radiojornalismo esportivo são diversas, o que reforça a necessidade de estudos que abordem recortes mais específicos. Discussões dessa complexidade exigem respaldo em dados científicos. Assim, este artigo mapeou, no primeiro semestre de 2025, a atuação profissional de mulheres em programas e departamentos esportivos de rádios comerciais em cinco cidades de diferentes regiões do Maranhão: Açailândia, Balsas, Caxias, Imperatriz e São Luís, capital deste estado do nordeste brasileiro. O recorte adotado é coerente com a delimitação proposta em uma pesquisa de dissertação desenvolvida por uma das autoras. O resultado encontrado é expressivo: há apenas uma única mulher no rádio esportivo comercial do Maranhão, a setorista Natalhi Ribeiro, de 29 anos, que trabalha na Rádio Timbira FM (95,5), que funciona em São Luís.

Além da inegável importância da reconstituição histórica a partir da inclusão das mulheres na trajetória do rádio esportivo brasileiro e, neste caso especificamente, maranhense, também é primordial que a história presente seja registrada para que futuramente não existam tantas lacunas sobre a participação feminina no relato histórico do rádio esportivo do país. Este trabalho começa pelo mapeamento atual das mulheres no rádio, pesquisa que vem sendo construída a muitas mãos femininas. A seguir, discutir-se-á o cenário do radiojornalismo esportivo maranhense, a partir da análise dos dados coletados durante pesquisa exploratória.

### **O rádio que engole as mulheres**

Assim como no Brasil, o radiojornalismo esportivo nasceu atrelado ao futebol no Maranhão. Botelho (2004) aponta que o surgimento da modalidade de comunicação especializada ocorreu na década de 1940 no estado, junto com o movimento de profissionalização do futebol maranhense. As transmissões de partidas e as jornadas esportivas fizeram coro à inevitável popularização do

esporte que, em poucos anos, se tornaria em poucos anos o queridinho do país. E não poderia ser diferente, já que o jornalismo esportivo no rádio carrega características únicas que destoam do jornalismo “limpo” e imparcial exigido nas demais editorias. É um espaço onde se permite criar, inovar. Barbeiro e Rangel (2006) o caracterizam como um meio de comunicação que informa, mas que também emociona, diverte e mobiliza o ouvinte por meio de uma experiência sensorial, que só é possível pela espontaneidade que a radiofonia permite.

Embora seja um território de inovação na performance do jornalismo, rompendo com os modelos tradicionais da objetividade jornalística, o radiojornalismo esportivo revela-se extremamente contraditório ao se consolidar como a editoria mais hostil para as mulheres, sobretudo àquelas que desejam atuar profissionalmente na área. Tal realidade converge com o ponto inicial: rádio esportivo e futebol são indissociáveis. Isso significa que o radiojornalismo esportivo se consolidou como um espaço de oralidade masculina, onde homens - apenas por serem homens - detêm autoridade técnica. Enquanto isso, mulheres, ao adentrarem esses espaços, são silenciadas e deslegitimadas, mesmo que tais comportamentos sejam travestidos de elogios que, na verdade, reduzem as mulheres a figuras decorativas e/ou alegóricas.

Em outras palavras, o rádio esportivo é um espaço cruel para mulheres que ousam romper os limites estabelecidos patriarcalmente para elas. Diante desse cenário, toda e qualquer atuação feminina no radiojornalismo esportivo, dentro de programas ou departamentos esportivos, deve ser considerada um ato de resistência. Isso porque, enquanto os homens falam livremente a partir de seus “achismos”, as profissionais mulheres carregam o peso de medir cada vírgula do que dizem, pois não nasceram com o “direito à voz”.

Por isso, não é possível discutir tal assunto senão pela perspectiva feminista que, neste trabalho, se ancora nos pensamentos de bell hooks (2013), Audre Lorde (2020) e Margareth Rago (2013, 1991). Como defende Lorde (2020), o silêncio que nos é imposto deve ser transformado em linguagem e ação para ser, então, um “ato de autodefinição”. Essa discussão abrange o ato

revolucionário que as mulheres que persistem no rádio esportivo realizam ao romperem o silêncio histórico, reivindicando seu lugar de fala e colocando suas presenças como um ato político.

No Maranhão - de acordo com os vestígios encontrados até o momento - a primeira revolucionária foi uma mulher preta: Helena Leite. O pioneirismo da radialista e entusiasta da cultura maranhense foi destaque na pesquisa da jornalista Maria de Jesus Nascimento (2024), que revelou: “Foi na rádio Educadora AM, na década de 70, que ela [Helena Leite] se tornou a primeira mulher a fazer coberturas de jornadas esportivas como repórter de campo no Estádio Municipal Nhozinho Santos” (NASCIMENTO, 2024, p. 37), em São Luís. Helena Leite desencarnou em março de 2019, por causas naturais.

O protagonismo de uma mulher preta no rádio esportivo maranhense - historicamente masculino e, por vezes, branco - é um marco emblemático que perpassa o feminismo com recorte racial. Isso evoca as reflexões de bell hooks sobre a compreensão do gênero a partir da intersecção de raça, uma vez que a trajetória de mulheres negras em espaços públicos é acompanhada por estratégias constantes de sobrevivência e resistência.

A atuação de Helena Leite no rádio maranhense também provoca, para as autoras deste trabalho, uma discussão paralela, porém válida: a popularidade da radialista pode estar atrelada à sua atuação como defensora e divulgadora cultural? Apesar de também ser permeada por machismo, a cultura pode ser considerada um campo mais aceitável para a presença das mulheres nos meios de comunicação, oferecendo menos resistência à presença feminina. De todo modo, é inegável que a trajetória de Helena Leite no esporte e na cultura foi revolucionária, sobretudo por se tratar de uma mulher preta e retinta, que invadiu o campo esportivo e promoveu fissuras nas estruturas de poder.

Dizer que o rádio engole as mulheres é tocar no conceito de paisagem sonora generificada da pesquisadora Raphaela Ferro (2024). O termo se refere à construção do rádio esportivo brasileiro como um ambiente sonoro hegemonicamente masculino, o que dificulta e marginaliza a presença feminina,

sobretudo no microfone. Apesar de recente, a abordagem da doutoranda vem “dar nome” e “tornar palpável” o sistêmico silenciamento das mulheres no campo esportivo.

O Maranhão não destoa disso. O rádio esportivo maranhense tem voz masculina, sobretudo quando se observa o rádio comercial, objeto deste trabalho, pois 99% dos integrantes de departamentos esportivos e programas esportivos em Açailândia, Balsas, Caxias, Imperatriz e São Luís são homens. As poucas mulheres que ousaram destoar no espaço majoritariamente masculino não permaneceram. Paralelo a esse levantamento, a dissertação de uma das autoras também investigou a presença de mulheres no rádio esportivo dessas cinco cidades e encontrou um total de dez mulheres, incluindo Helena Leite, com participação em programas ou departamentos esportivos ao longo de toda a trajetória de quatro rádios comerciais, as únicas com vestígios da atuação feminina no esporte.

Esse levantamento corrobora a ideia de paisagem sonora generificada, defendida por Ferro (2024), e reforça a discussão acerca da voz feminina como um som descredibilizante, o que não só reforça estereótipos de gênero, mas também torna o ambiente do rádio esportivo maranhense hostil para mulheres que desejam ultrapassar os limites de atuação profissional impostos socialmente. A paisagem sonora generificada, em sua construção, passa por uma lógica que correlaciona qualidades vocais - timbre e entonação - à autoridade e, ao contrário da voz feminina, credibilidade.

### **Trajetória da pesquisa**

Este levantamento partiu da pesquisa exploratória (MARCONI; LAKATOS, 2003), baseada na busca ativa de pesquisadores e pessoas envolvidas no cenário do rádio esportivo maranhense, seja por meio da investigação da modalidade ou sendo parte delas nessas cinco cidades elencadas no escopo do trabalho em questão. A investigação adotou uma abordagem qualitativa, com caráter exploratório, com o objetivo de mapear e compreender a presença

feminina na editoria esportiva do rádio maranhense. Para isso, optou-se pelo contato direto com fontes locais e especialistas na área, priorizando a construção de uma rede de informações que possibilitasse a identificação de rádios comerciais com programação esportiva e, sobretudo, a existência ou não de mulheres atuando nesse segmento.

O ponto de partida metodológico foi o acionamento de uma rede de pesquisadoras que estudam o rádio no Maranhão, com destaque para as doutoras do Grupo de Pesquisa Rádio, Podcast e Mídia Sonora, listado no CNPq, Izani Mustafá e Nayane Brito. Seus trabalhos voltados à presença feminina nas ondas do rádio forneceram contatos estratégicos nos cinco municípios definidos como foco deste estudo: Açailândia, Balsas, Caxias, Imperatriz e São Luís. A partir dessas indicações iniciais, estabeleceu-se diálogo com profissionais de rádio e pesquisadores da área, como a jornalista e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMA, campus Imperatriz, Rafaette de Araújo (Açailândia), a locutora da Rádio Boa Notícia FM (91,1) Eanes Silva (Balsas), o diretor de jornalismo da Rádio Nordeste de Caxias FM (98,7), Jardel Almeida (Imperatriz), e o pesquisador Saylon Sousa (UFMA/São Luís).

Os dados foram levantados no período de 22 a 27 de janeiro de 2025, com uso predominante do aplicativo WhatsApp como meio de contato, além de ligações telefônicas em situações específicas. O levantamento envolveu: (1) a identificação do número de rádios comerciais em cada cidade; (2) a verificação da existência de departamentos ou programas esportivos; e (3) a busca por registros da atuação de mulheres nesse contexto. Como fonte auxiliar, foram utilizados os dados do Mosaico Anatel<sup>1</sup>, plataforma pública de consulta aos canais de radiodifusão do país, que, embora tenha contribuído com informações gerais, mostrou-se desatualizada e insuficiente para um mapeamento completo. Assim, o conhecimento empírico das fontes locais foi decisivo para suprir lacunas e validar informações.

Em Açailândia, município com 106.550 habitantes (IBGE, 2022), foram

---

<sup>1</sup> Mosaico Anatel. Disponível em: <https://sistemas.anatel.gov.br/mosaico/>

mapeadas as Rádios Marconi FM (101,9), Clube FM (98,1) e Açaí FM (104,7). Apenas esta última possui programação esportiva ativa, porém sem participação feminina na equipe. Não foram localizados registros anteriores à pesquisa que indicassem a presença de mulheres nas coberturas esportivas da cidade.

Na cidade de Balsas, com 101.767 habitantes, foi identificada apenas uma rádio comercial em funcionamento, a Rádio Boa Notícia FM (91,1). Embora conte com um departamento esportivo, atualmente não há mulheres na equipe. A busca ativa, entretanto, revelou a atuação da locutora Máxima Oliveira, que integrou a equipe esportiva da emissora por dois anos, em um período anterior à pesquisa.

Imperatriz, segunda maior cidade do estado, com 273.110 habitantes, apresentou seis rádios comerciais: Rádio Imperial FM (95,9), Rádio Nativa FM (99,5), Rádio Difusora FM (105,1), Rádio Terra FM (100,3), Rádio Mirante (95,1), Rádio Clube FM (102,9) e Cidade Esperança FM (106,9) – antiga Rádio Imperatriz e a primeira a fazer transmissões no município. Dentre elas, apenas a Mirante e a Imperial mantêm, ainda que de maneira sazonal, conteúdo esportivo. Nenhuma conta atualmente com mulheres nas equipes esportivas. No entanto, na Rádio Mirante FM (95,1) foi possível resgatar vestígios da participação de pelo menos três mulheres, em diferentes momentos, ao longo das três décadas do programa “Show de Bola Mirante”.

No município de Caxias, com 156.973 habitantes, foram mapeadas três rádios: Difusora FM (103,3), Nordeste FM (98,7) e Veneza FM (102,3). Nenhuma possui atualmente programação esportiva, tampouco foram encontrados registros de atuação feminina nesse segmento, mesmo considerando que duas delas já tenham exibido conteúdo esportivo no passado.

Por fim, em São Luís, capital do estado, com uma população de 1.037.775 habitantes, o mapeamento identificou oito rádios comerciais: Mirante News FM (104,1), Jovem Pan FM (102,5), Esperança FM (100,9), Timbira FM (95,5), Mirante FM (96,1), Difusora News FM (93,1), 92 FM e Educadora FM Católica FM (88,3). Apenas três delas mantêm programação esportiva – Mirante News FM, Mirante

FM e Timbira FM – e, dentre essas, duas (Mirante FM e Timbira FM) contam com mulheres em atuação nas equipes esportivas.

Ao todo, foram localizadas 22 rádios comerciais nos municípios estudados, distribuídas da seguinte forma: Açailândia (3), Balsas (1), Caxias (3), Imperatriz (7) e São Luís (8). Dentre essas, apenas sete mantêm departamentos ou programas esportivos. Ainda mais restrita é a presença feminina nesse espaço: apenas uma emissora, em São Luís, conta atualmente com uma mulher atuando na editoria esportiva: a jornalista Natalhi Ribeiro, de 29 anos, que há cinco meses atua como setorista na Rádio Timbira FM.

A **Tabela 1** apresenta a delimitação das rádios comerciais nos cinco municípios maranhenses investigados, destacando a existência ou não de programação esportiva em suas grades e a atuação feminina nesse segmento. O objetivo é oferecer uma visão comparativa e quantitativa que evidencie a desigualdade de gênero ainda presente no radiojornalismo esportivo regional.

**Tabela 1 - Delimitação de rádios comerciais e diferenciação da presença de programação esportiva e atuação de mulheres**

Cidade	Rádio	Esporte	Mulheres no ar	Vestígios
<b>Açailândia</b>	Marconi FM	Não	Não	Não
	Clube FM	Não	Não	Não
	Açaí FM	Sim	Não	Não
<b>Balsas</b>	Boa Notícia	Sim	Não	Sim
<b>Caxias</b>	Difusora FM	Não	Não	Não
	Nordeste FM	Não	Não	Não
	Veneza FM	Não	Não	Não
<b>Imperatriz</b>	Imperial FM	Sim	Não	Não
	Nativa FM	Não	Não	Não
	Terra FM	Não	Não	Não
	Difusora Sul FM	Não	Não	Não
	Cidade Esperança FM	Não	Não	Não
	Mirante FM	Sim	Não	Sim
	Clube FM	Não	Não	Não

**São Luís**

Mirante News	Sim	Não	Não
Jovem Pan	Não	Não	Não
Esperança FM	Não	Não	Não
Timbira FM	Sim	Sim	Sim
Mirante FM	Sim	Não	Não
Difusora News	Não	Não	Não
92 FM	Não	Não	Sim
Educadora FM	Não	Não	Sim

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025)

Cabe destacar que, embora a Rádio Timbira FM seja um veículo estatal, ela opera em frequência comercial e, por isso, foi incluída no levantamento. Além da atual presença feminina, a emissora também guarda registros de participações anteriores de mulheres no setor esportivo.

As informações relacionadas à jornalista Natalhi Ribeiro foram obtidas por meio de contato direto com a profissional, pelo canal WhatsApp, em uma conversa inicial e breve realizada em 25 de janeiro de 2025, com o intuito de confirmar e coletar dados básicos. Posteriormente, a jornalista será entrevistada para a construção da dissertação de uma das autoras.

### **Sozinha no dial: resultados e discussões**

A jornalista Natalhi Alves Ribeiro, conhecida no rádio como Natalhi Ribeiro, tem 29 anos, é bacharela em Jornalismo e especialista em jornalismo esportivo. Atualmente, é a única mulher no ar no rádio esportivo comercial maranhense, entre as cinco cidades investigadas. Em janeiro, quando as informações foram coletadas, Natalhi estava há quatro meses na função de repórter de campo (setorista). A solidão da jornalista nas ondas do rádio esportivo maranhense revela, de forma contundente, a sub-representação que as mulheres têm no radiojornalismo esportivo do Maranhão.

Embora a pesquisa não tenha mapeado os 217 municípios que integram o território maranhense, a análise feita nas cinco maiores cidades do estado - Açailândia, Balsas, Caxias, Imperatriz e São Luís -, que concentram maior desenvolvimento econômico e funcionam como polos educacionais, fornece um

forte indicativo da invisibilidade feminina no jornalismo esportivo de rádio. Essa invisibilidade refere-se ao apagamento das vozes femininas. bell hooks (2013) já problematizava esse silenciamento como parte de um projeto que busca perpetuar a autoridade masculina e colocar o feminino como exceção, trazendo uma reflexão necessária acerca da não neutralidade dessas realidades, mas a sistematização dessa segregação e desse apagamento, uma vez que além de não terem “direito” a ocupar tais lugares, quando o fazem, têm suas colaborações excluídas da memória coletiva. Nem sempre isso ocorre de forma consciente, mas somente o fato de menosprezar a participação de mulheres, não reconhecendo o ato revolucionário que é estar dentro de uma equipe ou departamento esportivo, é suficiente para contar essas histórias da perspectiva masculina.

A dimensão revolucionária considerada nesta pesquisa também se evidencia na não permanência de mulheres no rádio esportivo maranhense. A investigação, conforme demonstrado na Tabela 1, indicou que, embora atualmente apenas uma mulher esteja em atividade, outras já fizeram parte da trajetória do radiojornalismo esportivo no estado. A pesquisa exploratória indicou dez nomes, incluindo Natalhi Ribeiro e Helena Leite, em quatro rádios nas cidades de Açailândia, Balsas, Imperatriz e São Luís.

A **Tabela 2** reúne as profissionais identificadas ao longo da pesquisa como parte da trajetória do radiojornalismo esportivo maranhense, evidenciando participações femininas historicamente invisibilizadas nesse campo.

**Tabela 2 - Profissionais mulheres identificadas como parte da história do radiojornalismo esportivo maranhense**

Cidades	Profissionais	Rádio
<b>Balsas</b>	Máxima Oliveira	Boa Notícia FM
<b>Imperatriz</b>	Dina Prado	Mirante FM
	Pollyana Barros	Mirante FM
	Ananda Portilho	Mirante FM
<b>São Luís</b>	Helena Leite	Timbira FM
	Quécia Carvalho	Timbira FM

Natalhi Ribeiro	Timbira FM
Maysa Pestana	Timbira FM
Dani Kline	Timbira FM
Beatriz Marks	92 FM

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025)

Esse levantamento incluiu a participação fixa ou pontual dessas mulheres em programas esportivos no rádio maranhense em suas diversas formas: narração, comentário, reportagem e apresentação em todo o período de existência do rádio maranhense. Compreende-se que os resultados encontrados não são verdades absolutas, visto que esta pesquisa ainda está em desenvolvimento e se debruça na busca por vestígios da participação de outras mulheres na trajetória radiofônica esportiva do Maranhão.

Antes de Natalhi Ribeiro (2025) se tornar a única voz feminina no rádio esportivo maranhense, ela compartilhou as ondas radiofônicas com outras mulheres, também revolucionárias, que, em um ato político, ocuparam um espaço que lhes é negado de forma rotineira. É importante considerar os resultados adjacentes dessa pesquisa, mesmo que não sejam o foco desse artigo, porque eles podem colaborar para o entendimento mais completo do cenário atual do rádio esportivo maranhense desenvolvido nas rádios comerciais, recorte deste trabalho. Ainda que não seja possível estabelecer com precisão os motivos que levaram à não permanência dessas mulheres no rádio esportivo, é essencial refletir sobre as barreiras estruturais que dificultam essa continuidade e que resultam em um cenário de isolamento da voz feminina no meio.

Discutir a constituição da subjetividade feminina nos espaços público é um caminho necessário para pensar a entrada e a permanência de mulheres em meios tradicionalmente masculinos. De acordo com os pensamentos da historiadora Margareth Rago (2013), a invasão desses espaços proporciona a construção de uma imagem feminina que desafia a lógica do silêncio. Dessa forma, a presença resistente da setorista Natalhi Ribeiro (2025) pode soar como um desafio à invisibilidade em um ambiente que tenta de forma recorrente negar sua legitimidade como profissional do campo esportivo. É a reconstrução de si

mesma em um ambiente quase inóspito. Não obstante a isso, pode-se enxergar o rádio - como meio de comunicação de massa - como um espaço de luta que ocorre em pequenos atos de resistência para alcançar a permanência, o reconhecimento e a memória.

Nesse contexto, mapear e registrar essas trajetórias não é apenas um exercício historiográfico, mas uma ação política de reparação simbólica, que busca devolver às mulheres a voz que o rádio, por tanto tempo, lhes tentou calar.

### **Considerações finais**

É notório que tais resultados confirmam uma percepção empírica sobre o rádio esportivo maranhense: há uma invisibilidade quase total das mulheres nesse espaço nas cidades de Açailândia, Balsas, Caxias, Imperatriz e São Luís, no primeiro semestre de 2025. A presença quase solitária da setorista Natalhi Ribeiro evidencia um problema que vai além da simples disparidade numérica entre homens e mulheres em um meio de comunicação de massa: escancara o apagamento e o silenciamento das profissionais femininas no radiojornalismo esportivo do Maranhão.

As reflexões advindas da análise dos dados tornam-se ainda mais contundentes quando iluminadas pelos pensamentos feministas bell hooks (2013), Audre Lorde (2020) e Margareth Rago (2013, 1991), autoras que articulam questões de gênero, raça e poder sob uma perspectiva, muitas vezes, decolonial. Elas ajudam a compreender a ausência e invisibilidade da mulher no jornalismo esportivo no rádio, não como um processo natural, mas como um apagamento sistêmico do sexo feminino em uma história que é contada a partir do privilégio do que é ser homem em uma sociedade patriarcal.

Embora numericamente diminuta, a atuação da setorista Natalhi Ribeiro está longe de ser insignificante. Pelo contrário, as discussões aqui propostas deixam às claras o ato de resistência revolucionário que a presença dessa única mulher representa para a desconstrução das estruturas de poder como conhecemos, pois, mesmo sozinha, ela rompe a exclusividade masculina nesse

território tão hostil, sendo um indicativo primordial para a exposição das contradições desse campo jornalístico.

É urgente ampliar os estudos sobre a presença das mulheres no rádio esportivo e, mais ainda, promover ações que incentivem sua entrada e permanência nesse meio. Reescrever essa história exige um esforço coletivo, interseccional e consciente, que reconheça o valor dessas profissionais e combata o apagamento de suas trajetórias. O rádio, ainda que tradicional, continua sendo um campo de disputa simbólica, e torná-lo mais plural é também um gesto político de memória, justiça e transformação social.

Nesse sentido, refletir sobre a presença feminina no rádio esportivo maranhense não deve se limitar a constatar a ausência, mas a questionar as estruturas que a produzem e sustentam. Tão importante quanto ocupar o microfone é garantir que essas vozes sejam ouvidas, registradas e valorizadas. Afinal, ao resistirem e persistirem, essas profissionais não apenas rompem barreiras, mas pavimentam o caminho para que outras possam vir.

### **Agradecimentos**

Agradecemos a gentileza e a colaboração de todos que tornaram possível a realização desse estudo. Deste modo, nossa gratidão à coordenadora do Grupo de Pesquisa Rádio, Podcast e Mídia Sonora, listado no CNPq, Izani Mustafá; e aos profissionais e pesquisadores: a jornalista e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMA, campus Imperatriz, Rafaette de Araújo (Açailândia), a locutora da Rádio Boa Notícia FM (91,1) Eanes Silva (Balsas), o diretor de jornalismo da Rádio Nordeste de Caxias FM (98,7), Jardel Almeida (Imperatriz), e o pesquisador Saylor Sousa (UFMA/São Luís). Por fim, nosso agradecimento à jornalista especialista em jornalismo esportivo e setorista da Rádio Timbira FM (99,5), Natalhi Ribeiro, revolucionária que nos permitiu encontrar uma voz feminina meio ao rádio masculinizado.

## Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. TEDGlobal, 2009. Disponível em: [https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_ngozi\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story](https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story). Acesso em: 23 abr. 2025.
- AGÊNCIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES (ANATEL). *Sistema Mosaico*. Disponível em: <https://sistemas.anatel.gov.br/mosaico/>. Acesso em: 14 fev. 2025.
- BARBEIRO, Fernando; RANGEL, Nelson Hoineff. *Rádio e Jornalismo Esportivo: práticas e discursos da emoção*. Rio de Janeiro: E-papers, 2006.
- BOTELHO, Gladson. 80 anos de rádio no Maranhão: breve histórico da Rádio Sociedade do Maranhão (UFMA), 2004.
- DUARTE, Constância Lima (org.). *Memorial do memoricídio: escritoras brasileiras esquecidas pela história*. 1. ed. Belo Horizonte: Luas Editora, 2022.
- FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira; GOMES, Juliana; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. A voz como marcador de exclusão de gênero no radiojornalismo brasileiro. In: COMPÓS – ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 32., 2023, São Paulo. Anais [...]. Campinas: Galoá, 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/a-voz-como-marcador-de-exclusao-de-genero-no-radiojornalismo-brasileiro?lang=pt-br>. Acesso em: 15 ago. 2024.
- FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. Narração de futebol por mulheres no rádio brasileiro: registros históricos de transmissões entre a década de 1970 e o início dos anos 2020. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana, v. 14, n. 1, p. 105–133, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/6832>. Acesso em: 23 abr. 2025.
- FERRO, Raphaela. A narração de futebol em uma paisagem sonora generificada. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.35, 2024.
- hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Sandra Regina Haydu. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- IBGE. *Cidades e Estados do Brasil: Açailândia (MA)*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/acailandia/panorama>. Acesso em: 15 fev. 2025.
- IBGE. *Cidades e Estados do Brasil: Balsas (MA)*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/balsas/panorama>. Acesso em: 15 fev. 2025.
- IBGE. *Cidades e Estados do Brasil: Caxias (MA)*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/caxias/panorama>. Acesso em: 15 fev. 2025.
- IBGE. *Cidades e Estados do Brasil: Imperatriz (MA)*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/imperatriz/panorama>.

Acesso em: 15 fev. 2025.

IBGE. *Cidades e Estados do Brasil: São Luís (MA)*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/sao-luis/panorama>. Acesso em: 15 fev. 2025.

LORDE, Audre. *Irmã outsider: ensaios e discursos*. Tradução de Heci Regina Candiani e Fernanda Oliveira. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

NASCIMENTO, Maria de Jesus. *Mulheres no jornalismo esportivo, um espaço antes dominado por homens: gênero, mulheres, machismo*. 2024. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Jornalismo Esportivo) – Fundação Sôsândrade de Apoio ao Desenvolvimento da UFMA, Faculdade Laboro, São Luís, MA, 2024.

RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RIBEIRO, Natalhi. Entrevista concedida à autora em 25 de janeiro de 2025.

## Discurso jornalístico em tempos de crise climática: a performance da Rádio Moçambique entre a objetividade e a subjetividade

*Journalistic discourse in times of climate crisis: Radio Mozambique's performance between objectivity and subjectivity*

*Discurso periodístico en tiempos de crisis climática: el desempeño de Radio Mozambique entre la objetividad y la subjetividad*

*Kelly Kyabondo Mwenda; Nair Prata*

### Resumo

Moçambique é um país altamente vulnerável a eventos climáticos extremos, como ciclones e depressões tropicais, que têm impactado significativamente o modo de vida da população. A comunicação social, especialmente a Rádio Moçambique, desempenha um papel crucial na construção de narrativas sobre esses eventos. Este artigo analisa como o discurso jornalístico é construído na cobertura destes eventos extremos, considerando a vida das populações em zonas de risco. O estudo debate os princípios de objetividade e subjetividade jornalísticos e explora as estratégias de comunicação utilizadas para informar e sensibilizar o público. A metodologia adotada é qualitativa, com base

### >> Como citar este texto:

MWENDA, Kelly Kyabondo; PRATA, Nair. Discurso jornalístico em tempos de crise climática: a performance da Rádio Moçambique entre a objetividade e a subjetividade. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 16, n. 01, p. 77-99, jan./abr. 2025.

### Sobre a autoria

Kelly Kyabondo Mwenda  
[kellymwendaa@gmail.com](mailto:kellymwendaa@gmail.com)  
<https://orcid.org/0009-0005-5588-8347>

Kelly Kyabondo Mwenda é mestrando em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto. Bolsista Capes, integra o Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor).

Nair Prata  
[nairprata@uol.com.br](mailto:nairprata@uol.com.br)  
<https://orcid.org/0000-0002-9127-7720>

Jornalista (UFMG), mestre em Comunicação (Universidade São Marcos) e doutora em Linguística Aplicada (UFMG), estágio de pós-doutoramento em Comunicação na Universidad de Navarra (Espanha). Trabalhou durante 18 anos em emissoras de rádio, principalmente a Rádio Itatiaia. É professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da Informação e Comunicação e Gestão do Conhecimento da Universidade FUMEC.

na Análise do Discurso e na perspectiva funcionalista de Ruth Amossy (2008), além da perspectiva emotiva de Didi-Huberman (2016). O trabalho busca entender a intersecção entre afetos e comunicação, refletindo sobre o papel do jornalismo praticado pela Rádio Moçambique em contextos de vulnerabilidade e crise climática. Pretende-se contribuir para um entendimento mais profundo do impacto da comunicação na construção de narrativas em situações de emergência, especialmente em relação à percepção pública e à resposta política aos desastres climáticos. A análise visa explorar como as emoções são expostas ou evocadas pela cobertura midiática.

**Palavras-chave:** Rádio Moçambique; Discurso jornalístico; Crise climática; Objetividade; Subjetividade

#### **Abstract**

Mozambique is a country highly vulnerable to extreme weather events, such as cyclones and tropical depressions, which have significantly impacted the population's way of life. The media, especially Radio Mozambique, plays a crucial role in constructing narratives about these events. This article analyses how journalistic discourse is constructed in the coverage of these extreme events, considering the lives of populations in risk areas. The study discusses the principles of journalistic objectivity and subjectivity and explores the communication strategies used to inform and raise public awareness. The methodology adopted is qualitative, based on Discourse Analysis and Ruth Amossy's functionalist perspective (2008), in addition to Didi-Huberman's emotional perspective (2016). The work seeks to understand the intersection between affections and communication, reflecting on the role of journalism practised by Radio Mozambique in contexts of vulnerability and climate crisis. The aim is to contribute to a deeper understanding of the impact of communication on the construction of narratives in emergency situations, especially in relation to public perception and political response to climate disasters. The analysis aims to explore how emotions are exposed or evoked by media coverage.

**Keywords:** Radio Mozambique; Journalistic discourse; Climate crisis; Objectivity; Subjectivity

#### **Resumen**

Mozambique es un país muy vulnerable a fenómenos climáticos extremos, como ciclones y depresiones tropicales, que han tenido un impacto significativo en el modo de vida de la población. Los medios de comunicación, especialmente Radio Mozambique,

desempeñan un papel crucial en la construcción de narrativas sobre estos fenómenos. Este artículo analiza cómo se construye el discurso periodístico en la cobertura de estos fenómenos extremos, teniendo en cuenta la vida de las poblaciones en zonas de riesgo. El estudio debate los principios de objetividad y subjetividad periodísticos y explora las estrategias de comunicación utilizadas para informar y sensibilizar al público. La metodología adoptada es cualitativa, basada en el análisis del discurso y en la perspectiva funcionalista de Ruth Amossy (2008), además de la perspectiva emotiva de Didi-Huberman (2016). El trabajo busca comprender la intersección entre los afectos y la comunicación, reflexionando sobre el papel del periodismo practicado por Radio Mozambique en contextos de vulnerabilidad y crisis climática. Se pretende contribuir a una comprensión más profunda del impacto de la comunicación en la construcción de narrativas en situaciones de emergencia, especialmente en relación con la percepción pública y la respuesta política a los desastres climáticos. El análisis tiene como objetivo explorar cómo las emociones son expuestas o evocadas por la cobertura mediática.

**Palabras clave:** Radio Mozambique; Discurso periodístico; Crisis climática; Objetividad; Subjetividad

## Introdução

Moçambique ocupa uma posição mundial considerada propensa a ser devastada por eventos climáticos, como depressões e ciclones tropicais. Nos últimos tempos, especialmente desde a eclosão do ciclone tropical IDAI, em 2019, o modo de vida do povo moçambicano tem se modificado, sobretudo na forma de encarar esses eventos, que frequentemente provocam enchentes em lugares afetados. Um dos principais desafios é a mobilização das populações que vivem em zonas de risco, muitas das quais construíram suas vidas com *machambas*<sup>1</sup>, casas e outros bens de subsistência.

A comunicação social desempenha um papel fundamental na construção de narrativas que moldam a percepção pública sobre eventos climáticos, especialmente em contextos de crise. Em 2019, Moçambique foi atingido por dois dos ciclones tropicais mais destrutivos da história recente, IDAI e Kenneth.

---

<sup>1</sup> Palavra de origem Bantu que significa terreno agrícola, plantação ou campo cultivado.

Esses eventos expuseram não apenas as vulnerabilidades climáticas do país, mas também a importância do discurso jornalístico como uma ferramenta essencial na mobilização social e na gestão de desastres, com viés de persuasão e convencimento.

Nesse contexto, a Rádio Moçambique, a principal emissora pública de radiodifusão com cobertura em todo o território, desempenha um papel crucial na difusão de informações dos grandes centros urbanos às zonas rurais por via das ondas hertzianas. Esta difusão se amplia ainda mais com a migração ao espaço digital entre 2014-2015, com uma webrádio, um aplicativo e em mídias sociais, o que demonstra o interesse em estar mais perto do seu potencial público-alvo, sendo uma das principais fontes de informação de e sobre Moçambique. Por esta via, desde o devastador ciclone IDAI, a Rádio Moçambique tem sido preponderante na cobertura de diversos eventos climáticos.

O presente artigo propõe-se a analisar como o discurso jornalístico é construído pela Rádio Moçambique na cobertura de tempestades tropicais, considerando o modo de vida das populações que residem em zonas de risco. Invoca-se um debate em volta dos princípios de objetividade e subjetividade jornalísticos, para perceber qual dos dois se configura mais relevante na cobertura de eventos climáticos severos. Por via deste debate, explora-se as estratégias de comunicação noticiosa utilizada para informar e sensibilizar os ouvintes ou internautas, bem como o impacto dessas narrativas na gestão de crises.

Metodologicamente, o estudo é guiado por uma revisão bibliográfica e adota uma abordagem qualitativa, utilizando a Análise do Discurso como principal método, com base na perspectiva funcionalista de Ruth Amossy (2008), focando nos conceitos de convencimento e persuasão. Além disso, são explorados os afetos na perspectiva emotiva de Didi-Huberman (2016).

Por meio deste trabalho, busca-se explorar a intersecção entre afetos e comunicação, investigando como as emoções dos afetados são expostas ou evocadas pela cobertura midiática influenciam a percepção pública e a resposta

política dos atores governamentais aos desastres climáticos. Ademais, o estudo reflete sobre o papel do jornalismo em contextos de vulnerabilidade e crise climática, contribuindo para um entendimento mais profundo do impacto da comunicação na construção de narrativas em situações de emergência.

### **Contextualização**

Moçambique está localizado na costa sudeste do continente africano, fazendo fronteira com o Oceano Índico a leste, Tanzânia ao norte, Malawi e Zâmbia a noroeste, Zimbabwe a oeste, e Eswatini (antiga Suazilândia) e África do Sul ao sul. O país possui uma área de aproximadamente 801.590 quilômetros quadrados. Tem uma linha de costa com cerca de 2700 km de extensão. A costa é caracterizada por uma diversidade de habitats.

De acordo com o Instituto Nacional de Gestão e Redução do Risco de Desastre (INGD) (2017), Moçambique é um país propenso a calamidades naturais, pois o país sofre em média 1.17 desastres de grande magnitude por ano e é visto como estando numa das três regiões mais expostas aos desastres resultante da sua localização na foz de nove rios internacionais, a longa extensão do território localizado na zona de convergência intertropical sujeita a perdas e ganhos excessivos de umidade, a extensa zona costeira que sofre de ciclones tropicais, e a existência de zonas de atividade sísmica ativa.

Conforme dados do Instituto Nacional de Gestão e Redução do Risco de Desastre (2016), os eventos climáticos significativos ocorridos em Moçambique após a independência, em 1975, foram as secas de 1981-1984; 1991-1992; 1994-1995, 2002, 2009-2010, 2011-2012, 2014-2015 e as inundações de 1977-1978; 1985, 1988, 2000, 2001, 2003, 2004, 2005-2006, 2007, 2008, 2013 e 2015.

Entre 2015 e 2023, destacam-se os ciclones Dineo, IDAI, Kenneth e outras depressões tropicais que devastaram o país. Em fevereiro de 2017, o ciclone Dineo atingiu a província de Inhambane - sul de Moçambique -, afetando cerca de 550.000 pessoas e resultando em pelo menos sete mortes.

Em 2019, ocorreu o IDAI, um dos ciclones mais intensos já registrados no

Hemisfério Sul. Atingiu principalmente a cidade da Beira (província central de Sofala) e parte da província central de Manica, causando inundações que afetaram mais de três milhões de pessoas e resultaram em aproximadamente 1.300 mortes. Menos de um mês após o IDAI, o ciclone Kenneth chegou à província de Cabo Delgado, sendo o mais forte a passar pelo norte de Moçambique. Com ventos de até 220 km/h, Kenneth causou a morte de 45 pessoas e afetou mais de 400.000, destruindo casas, escolas e hospitais. Os danos econômicos foram estimados em cerca de 100 milhões de dólares, agravando a situação de insegurança alimentar na região.

Entre 2020 e 2023, Moçambique continuou a enfrentar depressões tropicais, como a tempestade tropical Chalane (2020) e Eloise (2021), que trouxeram chuvas fortes e inundações, exacerbando a vulnerabilidade das comunidades afetadas. O Instituto Nacional de Gestão de Risco de Desastres, juntamente com órgãos de informação como a Rádio Moçambique, têm trabalhado na divulgação, educação e mobilização das populações sobre os riscos e implementar medidas de prevenção. Contudo, estes eventos sublinham a necessidade de uma gestão eficaz do risco de desastres de uma comunicação estratégica que possa salvar vidas e reduzir os danos socioeconômicos causados por estas tempestades.

### **A Rádio Moçambique**

A Rádio Moçambique é a primeira emissora estatal de radiofonia, fundada a 2 de outubro de 1975 (ano da independência do país) e herdou o patrimônio da Rádio Clube de Moçambique, que era a principal emissora da colônia portuguesa, criada em 1932 em Lourenço Marques, atual Maputo, com o objetivo de publicar e publicizar as conquistas alcançadas pelos portugueses durante a guerra. Assim, a Rádio Moçambique resulta da nacionalização e fusão das rádios Clube de Moçambique, Aeroclube da Beira, PAX e outras emissoras regionais.

A estação radiofônica possui uma cobertura em todo território moçambicano, transmitindo em Frequência Modulada, Amplitude Modulada e,

atualmente, também presente na infraestrutura digital por meio de uma webrádio, aplicativo para *smartphones* e em mídias sociais, como Facebook, X, YouTube e Instagram. A emissora é crucial na educação, informação e entretenimento, especialmente em um território com diversidade cultural, pois fornece os seus serviços em mais de 20 línguas nacionais além do português, que é o idioma oficial e inglês.

O meio rádio desempenha papel preponderante em todas as sociedades do mundo, principalmente na África, que tem traços fortes da tradição oral. O rádio facilita ao público menos escolarizado, pelas características do meio que se baseia na oralidade. De acordo com o último censo populacional realizado em 2017, Moçambique possui aproximadamente 30 milhões de habitantes, um aumento de 38% em relação ao censo de 2007. Desses, mais de 22 milhões vivem em condições precárias, com 63% abaixo da linha de pobreza, segundo relatório da ONU (2021), através do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Existem desigualdades relacionadas à falta de acesso aos serviços de saúde, educação formal e água potável, entre outros.

Atualmente, mais de 40% da população não tem acesso à educação formal. Segundo o último relatório digital da Datareportal (2024), dos 30 milhões de habitantes, apenas 7,96 milhões têm acesso à internet, correspondendo a 23,2% da população, sendo que a maioria acessa através de dispositivos móveis. No entanto, dado que a maioria da população ouve rádio por meio de receptores em FM ou AM, é evidente a importância do rádio como meio de comunicação e, especificamente, da Rádio Moçambique, que se destaca como a principal emissora com maior cobertura no país.

### **Discurso jornalístico em contexto de crise**

A palavra discurso apresenta um aspecto polissêmico, ou seja tem muitas significações de acordo com o ramo de estudo. Num sentido lato, o discurso é entendido como um conjunto de ideias organizadas através da fala, de modo a propiciar um determinado raciocínio ou linha de pensamento. Na concepção de

Benveniste (1974), o discurso é a expressão da língua como instrumento de comunicação. Desta feita, o discurso não atravessa todos os elementos da experiência, como também está em todo conjunto de formas que comunica um conteúdo, a qualquer que seja a linguagem a qual pertencem (Foucault, 1970).

O discurso jornalístico é a forma específica de comunicação utilizada pelos meios de comunicação para relatar, interpretar e contextualizar eventos e informações de interesse público. É caracterizado classicamente pelos princípios da objetividade, clareza e precisão, envolvendo diversos dispositivos, como o impresso, digital, rádio e a televisão. No caso da presente pesquisa, o discurso que nos referimos é o radiojornalístico, tendo em conta a cobertura da Rádio Moçambique em situações de calamidades naturais.

Conforme Amossy (2008), a argumentação é a parte do funcionamento discursivo, neste caso, nem toda tomada de fala é destinada a conquistar a adesão do auditório a uma tese, pois mesmo sem a intenção de persuadir ou convencer, muitas vezes, busca exercer alguma influência no receptor, orientando modos de ver e de pensar sobre o mundo que os rodeiam, pelo poder da comunicação ou discursos no seu todo.

A comunicação é uma ferramenta crucial para a vida cotidiana do ser humano, principalmente em contexto de crise e, na visão de Amossy (2008), toda troca verbal repousa sobre um jogo de influências mútuas e sobre a tentativa, mais ou menos consciente e reconhecida, de usar a fala para agir sobre o outro. Ela põe em evidência a força da fala.

A Rádio Moçambique, sendo uma emissora com caráter dominante em Moçambique, influencia os seus ouvintes na maneira de pensar e agir, através do seu discurso. Como defende Charaudeau (2005) *apud* Amossy (2008), todo ato de linguagem emana de um sujeito que gere sua relação com o outro - princípio de alteridade -, de modo a influenciá-lo - princípio de influência -, tendo de gerir uma relação na qual o parceiro tem seu próprio projeto de influência, desaguando no princípio de regulação.

Ademais, num ato comunicativo a que fazer menção da presença da

retórica, considerada, numa primeira instância, o caminho para convencer (fazer crer) e, em segunda, persuadir (fazer fazer), mas esta retórica geralmente carrega uma carga de emoção numa perspectiva de mobilização ou ação. Nesta perspectiva, Didi-Huberman (2016) considera a emoção em um ato comunicativo como um gesto primitivo, com poder de transformação da memória em desejo do passado em futuro, tristeza em alegria, tendo em conta que as manifestações das emoções, como o choro ou sorriso, são uma linguagem universal inata e não adquiridas.

A emoção é um elemento fundamental no discurso jornalístico, desempenhando um papel central na forma como as narrativas são construídas e recebidas pelo público. Didi-Huberman (2016) explora a ideia de que as emoções são mais do que simples reações individuais; elas são fenômenos que envolvem tanto o corpo quanto a sociedade, criando conexões profundas entre o emissor e o receptor da mensagem. No contexto do jornalismo, essa perspectiva sugere que o apelo emocional por intermédio das notícias pode ser tão importante quanto os fatos em si, já que as emoções têm o poder de engajar a audiência de maneira intensa e imediata, principalmente em situações sensíveis atravessadas pelos eventos climáticos severos.

Didi-Huberman (2016) argumenta que a emoção pode ser entendida como, em francês *motion*, em português traduzida para *moção*, que seria um movimento que nos leva para fora de nós mesmos, abrindo-nos para o mundo ao nosso redor. Este fato no campo do jornalismo pode se traduzir na capacidade das narrativas emocionais de fazer o público não apenas compreender, mas também sentir os eventos relatados e se movimentar. Essa mobilização afetiva é particularmente relevante em reportagens sobre crises ou catástrofes, onde a emoção pode gerar um senso de urgência e solidariedade, mobilizando a sociedade para a ação coletiva. Nesse sentido, a emoção não é apenas um complemento ao discurso factual, mas uma força motriz e urgente que pode alterar percepções e incentivar a participação ativa.

Além disso, Didi-Huberman (2016) propõe que a emoção, longe de ser uma

fraqueza, deve ser vista como um "privilégio" da condição humana. Na cobertura jornalística, implica reconhecer a legitimidade das emoções como componentes essenciais da comunicação. A abordagem tradicional do jornalismo, que enfatiza a objetividade e a racionalidade, muitas vezes negligencia o potencial da emoção para transmitir verdades profundas e impactantes. As narrativas que incorporam elementos emocionais têm a capacidade de ressoar mais fortemente com o público, tornando a informação não apenas compreensível, mas também significativa e memorável.

A emoção, sob a lente do autor, também atua como uma força que transcende o indivíduo, conectando-o a algo maior, seja uma comunidade, uma causa, ou uma ideia. Esta força permite que as narrativas emocionais criem um senso de pertencimento e de compromisso entre os membros da audiência. As histórias que evocam emoção têm o poder de unir pessoas em torno de questões sociais ou humanitárias, amplificando o impacto da mensagem e promovendo mudanças significativas na sociedade.

Contudo, as emoções não apenas complementam o discurso factual, mas o enriquecem, proporcionando uma dimensão adicional que alcança tanto a mente e, no nosso entender, também o coração dos receptores. No campo do jornalismo, essa perspectiva sugere que a integração consciente da emoção nas narrativas pode melhorar a eficácia da comunicação, especialmente em situações onde a mobilização do público é essencial. As emoções, assim, tornam-se uma ferramenta indispensável para o jornalista, capaz de transformar a informação em uma experiência compartilhada que engaja e inspira ação.

Na África, o jornalismo é consequência da dominação colonial, atividade configurada como um produto de urbanização, consequência da assimilação dos modelos culturais ocidentais; neste sentido, a atividade jornalística nas ex-colônias portuguesas, como Moçambique por exemplo, está intimamente relacionada com a prática de educação formal, baseada na tradição eurocêntrica. Apesar disso, esta atividade encontra-se em trânsito, pois foi apropriada e transformada em uma ferramenta essencial das e para as comunidades

africanas, ao criar estratégias comunicativas responsáveis que orientam, estruturam e reorientam por meio do jornalismo, consolidando-o como uma ferramenta democrática viável.

Tendo em conta a tradição eurocêntrica, o jornalismo se baseia na objetividade, um princípio que, na perspectiva de Moraes e Silva (2019), se foca nas premissas da neutralidade, clareza e não contaminação. Este princípio se trata de uma estrutura epistêmica que delinea não somente o jornalismo, mas a sociedade como um todo, pois a objetividade tem como inspiração a racionalidade moderna, preconizada no iluminismo e pelo positivismo.

Na base do jornalismo, conforme Grosfoguel (2016) *apud* Moraes e Silva (2019), a racionalidade delinea as noções de verdade e credibilidade que se assentam em uma estrutura mental positivista, binária e simplificadora para a apreensão dos acontecimentos, partindo do negacionismo e interdição da subjetividade nos processos cognitivos e baseando seus métodos e técnicas em estratégias típicas do cientificismo moderno. Assim, as bases desta racionalidade repousam no “racismo/machismo epistêmico” forjado na colonização.

Com base neste jornalismo do ponto de vista da objetividade, que surgiu para iluminar áreas escuras da sociedade, surge a imprensa em diferentes nações africanas após alcançar suas independências. Em Moçambique, o jornalismo surgiu nos grandes centros urbanos, praticado por cidadãos que conseguiram assimilar o saber ler e escrever a língua portuguesa, com pouca exigência na teoria e técnicas do jornalismo.

Nesta perspectiva, é necessário optar pela apologia da implementação ao jornalismo que se baseia na subjetividade, uma atividade que, segundo Moraes e Silva (2019), olha, opta e sobretudo pauta pela realidade social, tendo em conta a cultura e localização:

Um jornalismo que se situa em questões extremamente pertinentes e presentes no mundo sensível, na necessidade de observarmos posições de classe, gênero, geográficas, raciais e grupais dos jornalistas e daqueles que por eles são enquadrados [...] propomos um jornalismo que inscreve o

sujeito como central nos processos cognitivos de leitura da realidade, rompendo com a noção de neutralidade e universalidade na qual se assenta epistemologicamente.

As autoras não propõem uma subjetividade como antônima da objetividade, mas como complementaridade. Um jornalismo de subjetividade que se aproxima da noção de objetividade situada de Dona Horaway, que seria a localização limitada e do conhecimento localizado, não da transcendência e da divisão entre o sujeito e objeto.

O jornalismo subjetivo no contexto moçambicano desempenha um papel preponderante em diferentes maneiras. Servindo de base para ampliação de vozes em situações de crise, permitindo que suas histórias sejam contadas de maneira mais intimista e emocional. A subjetividade permite que os jornalistas não só relatem os fatos, mas também expressem suas reações e percepções sobre mudanças climáticas, mobilizando as populações que vivem em zonas propensas a inundações. Em suma, o jornalismo subjetivo oferece alicerces como resistência à desumanização tendo em conta as diversas realidades locais africanas.

### **Análise do Discurso jornalístico na cobertura de tempestades tropicais**

No presente artigo escolhemos, de forma aleatória, três textos da Rádio Moçambique em cobertura de tempestades tropicais, que nos possibilitam fazer uma análise possível para alcançar os nossos objetivos, caminhos e direcionamentos do discurso jornalístico da maior estação radiofônica moçambicana, tendo em conta as ferramentas retóricas de convencer e persuadir.

Texto 1:

Data da publicação: 31 de janeiro de 2022

Autor: Domingos Pedro Cadeado

O delegado do Instituto Nacional de meteorologia de Manica Alexandre Tique diz que os efeitos do Ciclone tropical Batsirai, que se formou da costa do oceano indico, poderão se fazer sentir em algumas regiões desta província.

Segundo Alexandre Tique o ciclone tropical Batsirai se intensificou nas últimas vinte e quatro horas e nas águas oceânicas e até agora ainda não atingiu as Ilhas Maurícias.

Alexandre Tique fez saber que o Batsirai está muito distante não só das Ilhas Maurícias, bem como também do Madagascar e segundo previsões meteorológicas, até ao dia quatro Fevereiro poderá estar próxima das Ilhas Reunião, muito distante da costa.

O Delegado do INAM em Manica o ciclone Batsirai, não deve constituir motivo de alarme para a população da Província de Manica.

Gravação INAM1

Alexandre Tique apela a população desta região do País a manter a calma face a possível eclosão do ciclone tropical Batsirai que está em formação nas águas oceânicas do Indico.

Gravação INAM2

Alexandre Tique, Delegado do Instituto Nacional de meteorologia de Manica e a possível passagem do Ciclone Batsirai desta parcela do país, dentro dos Próximos dias. (X)

Este texto é de autoria do jornalista Domingos Cadeado. O sujeito principal do discurso é Alexandre Tique, delegado do Instituto Nacional de Meteorologia (INAM) na província de Manica. Ele é a fonte de autoridade no texto, proporcionando informações técnicas sobre o ciclone tropical Batsirai e tranquilizando a população sobre os possíveis impactos na região.

Por meio desta notícia, nota-se que o objetivo do discurso de Alexandre Tique é claro, fornecer informações sobre o ciclone Batsirai e, ao mesmo tempo, acalmar a população da província de Manica. A intenção é prevenir o pânico e garantir que as pessoas permaneçam calmas, apesar da ameaça potencial representada pelo ciclone. Isso é evidente nas falas que enfatizam a distância do ciclone e a minimização dos riscos para a região.

Temos o uso de uma autoridade científica, como estratégia de persuasão, pois a fonte usa dados meteorológicos e previsões científicas, o que confere credibilidade à sua mensagem. Ele menciona a intensidade do ciclone e sua localização geográfica específica, usando termos técnicos que reforçam sua expertise. outra estratégia é a minimização de risco, apesar de reconhecer a formação do ciclone e seu potencial impacto, Tique frisa que o Batsirai está "muito distante" e que "não deve constituir motivo de alarme." Essa técnica retórica é usada para reduzir a ansiedade e o medo entre os ouvintes.

O discurso se apresenta como predominantemente racional, focado em fornecer informações factuais e científicas sobre a situação do ciclone. A ênfase está na lógica e na razão, explicando de forma calma e detalhada por que o ciclone não deve ser motivo de preocupação imediata. Embora o apelo seja principalmente racional, há também um componente emocional na forma como o discurso é construído. O apelo à calma (“manter a calma face a possível eclosão”) é uma tentativa de controlar a resposta emocional do público, garantindo que a população não entre em pânico.

O texto segue uma estrutura linear e informativa. Começa com uma introdução do fenômeno (o ciclone Batsirai), segue para uma atualização sobre a sua intensidade e localização, e termina com um apelo para que a população mantenha a calma. A organização do texto é lógica, movendo-se de fatos científicos para orientações práticas. O discurso desempenha uma função social importante ao tentar manter a ordem e prevenir o pânico em uma situação potencialmente crítica. Além de informar, o delegado do INAM usa sua posição para influenciar a forma como a comunidade interpreta e reage às informações sobre o ciclone.

#### Texto 2:

Data da publicação: 6 fevereiro de 2022

Autor: Domingos Pedro Cadeado

Administrador do distrito de Chimoio em Manica Daniel Andicene apela a população a construir casas resilientes a intempéries, face a mudanças climáticas que nos últimos anos assolam o mundo e numa forma particular a província de Manica.

Daniel Andicene recorda que os efeitos das mudanças climáticas causaram a destruição de diversas infra estruturas, nos últimos três anos, aquando da passagem dos ciclones IDAI, ELOISE, CHALENE e muito recentemente da depressão tropical moderada ANA.

Esta situação, segundo o dirigente ilustra o elevado grau de vulnerabilidade de muitas famílias que construíram casas com base em material precário estão expostos.

O Chefe do Conselho executivo de Chimoio disse que o Governo do distrito de Chimoio está a apoiar as pessoas necessitadas, que perderam suas casas há duas semanas, aquando da passagem da depressão tropical moderada ANA.

Daniel Andicene pede aos cidadãos deste ponto do País a observarem as medidas de segurança para que os próximos efeitos calamitosos não criem dor e nem luto dentro das famílias do distrito de Chimoio.

Gravação Daniel Andicene

Entretanto as famílias afectadas pela depressão tropical “ANA” agradecem o gesto do governo e pedem para que iniciativa abranja mais famílias na mesma situação.

Gravação Beneficiário

Beneficiários do gesto de solidariedade efectuado pelo Governo do Distrito de Chimoio em Manica, aos afectados pela depressão tropical “ANA”.

A presença do autor do texto - Domingos Cadeado - não se nota, pois o principal sujeito do discurso é Daniel Andicene, administrador do distrito de Chimoio na província de Manica. Ele fala em nome do governo local, abordando tanto as consequências das mudanças climáticas quanto as medidas necessárias para mitigar esses impactos. Andicene também representa a voz do poder público, fornecendo orientações e suporte às populações afetadas.

O objetivo do discurso de Daniel Andicene é duplo, primeiramente, conscientizar a população sobre a importância de construir casas resilientes, e ao mesmo tempo, reconhecer e responder às necessidades daqueles que já foram afetados por desastres naturais. A intenção subjacente é fortalecer a resiliência comunitária e reduzir a vulnerabilidade diante das frequentes mudanças climáticas que assolam a região.

Andicene utiliza uma estratégia de persuasão que incentiva a ação preventiva. Ao recomendar que a população construa casas resilientes, ele não só informa, mas também orienta a adoção de medidas práticas que podem mitigar os impactos futuros das mudanças climáticas. O administrador faz referência direta aos efeitos devastadores dos ciclones IDAI, ELOISE, CHALANE e da depressão tropical ANA, que ocorreram nos últimos três anos. Essa estratégia de rememoração serve para legitimar o seu apelo, reforçando a urgência e a relevância de suas recomendações. O discurso também incorpora elementos de empatia e solidariedade, reconhecendo o sofrimento das famílias afetadas e destacando os esforços do governo em apoiá-las. Essa estratégia busca criar uma conexão emocional com o público, ao mesmo tempo que fortalece a confiança nas ações governamentais.

O discurso apela à racionalidade ao destacar a importância de construir casas resilientes como uma resposta lógica e necessária às mudanças climáticas. O argumento é construído com base em evidências dos danos causados por eventos anteriores, reforçando a ideia de que a prevenção é uma medida prudente. Há um apelo emocional claro na forma como Andicene reconhece a dor e o sofrimento das famílias afetadas. Ele menciona a “dor e luto” que as catástrofes podem trazer, e esse uso da linguagem emocional é uma tentativa de sensibilizar a população para a gravidade da situação e para a necessidade de tomar medidas preventivas.

O texto é organizado de maneira que inicialmente estabelece o contexto (mudanças climáticas e vulnerabilidade), depois apresenta a solução proposta (construção de casas resilientes), e por fim, aborda a resposta governamental às necessidades imediatas das pessoas afetadas. Essa estrutura é lógica e progressiva, guiando o leitor do problema para a solução e, finalmente, para a ação governamental. O discurso cumpre uma função social importante ao educar e orientar a população sobre práticas de construção resiliente, ao mesmo tempo que fortalece a confiança nas instituições governamentais por meio do reconhecimento e apoio aos afetados. Ele também atua para mitigar futuras crises, promovendo a preparação e a resiliência comunitária como respostas às mudanças climáticas.

### Texto 3:

Data da publicação: 26 de fevereiro de 2023

Autor: Daniel Oliveira

A brigada central de monitoria e assistência a província de Manica reforça o apelo a população para se retirar das zonas ribeirinhas e abrigar-se em locais seguros face a previsão da ocorrência de eventos naturais extremos. O repto foi lançado este sábado no fim da visita de trabalho de quatro dias a província de Manica pelo ministro de ciência tecnologia, ensino superior e técnico profissional Daniel Nivagara.

Durante este período de estadia na província de Manica, a brigada central manteve encontros com o comité operativo de emergência a todos os níveis e com a população dos distritos de Sussundenga, Guro, Mossurize, Macate e Gondola.

Daniel Nivagara defende a necessidade da contínua monitoria e manter criadas as condições necessárias nos centros de acolhimento

recentemente activados para melhor gerir os fenómenos naturais.

Som

Daniel Nivagara diz que termina visita de trabalho a província de Manica bem impressionado com os níveis de preparação desde a criação de centros de acolhimento, condições sanitárias e de assistência humanitária em caso de emergência e destaca a união.

Som

Ministro de ciência Tecnologia, ensino superior e técnico profissional, Daniel Nivagara, e o balanço de visita de trabalho de quatro dias em Manica no âmbito de assistência e monitoria das acções desenvolvidas pelo comité operativo de emergência nesta parcela do país face a ameaça da Tempestade tropical severa.

O autor deste texto é Daniel Oliveira, no entanto, o sujeito principal do discurso é Daniel Nivagara, ministro de Ciência, Tecnologia, Ensino Superior e Técnico Profissional de Moçambique. Ele fala em nome da brigada central de monitoria e assistência, que estava em visita de trabalho à província de Manica. A Rádio Moçambique, como meio de comunicação, atua como mediadora, transmitindo a mensagem ao público.

O discurso de Daniel Nivagara tem como objetivo principal reforçar a necessidade de preparação e prevenção diante da ameaça de eventos naturais extremos, especificamente na província de Manica. A intenção é dupla: primeiro, instigar a população a se retirar das zonas ribeirinhas e buscar abrigo seguro; segundo, destacar os esforços do governo em monitorar, preparar e criar condições adequadas nos centros de acolhimento para mitigar os impactos desses desastres.

Nivagara faz um apelo direto à população para que tome medidas preventivas, como a retirada das zonas ribeirinhas. Esse apelo é reforçado pela autoridade que ele detém como ministro, além do respaldo da brigada central que acompanhou a situação in loco. A urgência da mensagem é uma estratégia chave para persuadir a população a agir antes que os desastres ocorram. O ministro enfatiza o preparo e a organização dos centros de acolhimento, mencionando as boas condições sanitárias e a assistência humanitária disponíveis. Isso busca transmitir segurança e confiança à população, indicando que o governo está devidamente preparado para lidar com a emergência, o que

fortalece a credibilidade das recomendações.

A comunicação se posiciona com aspecto racional, com foco na necessidade de monitoramento contínuo e na preparação logística dos centros de acolhimento. O ministro cita a criação de condições adequadas como uma forma de gerir eficientemente os fenômenos naturais, o que é uma tentativa de apelar ao bom senso da população, ressaltando que a prevenção é a melhor estratégia para mitigar riscos. Embora o apelo emocional seja evidente, ele está presente na menção à "união" durante a visita de trabalho. Esse aspecto do discurso visa criar um sentimento de coesão social, onde a comunidade, governo e outras entidades estão trabalhando juntas para superar os desafios impostos pelas condições climáticas adversas.

O discurso é organizado de maneira clara e sequencial, iniciando com o apelo à população para que tome precauções específicas, seguido pela descrição das ações governamentais em curso para garantir a segurança. O balanço final da visita reflete uma estrutura lógica que leva o público da situação atual (ameaça iminente) para as ações tomadas (preparação e monitoramento) e, finalmente, para a avaliação positiva dos esforços empreendidos.

A função social deste discurso é mobilizar a população em torno de medidas preventivas, ao mesmo tempo que reafirma o compromisso do governo com a segurança e o bem-estar dos cidadãos. Ao destacar a preparação e os recursos disponíveis, o discurso visa não só evitar o pânico, mas também promover uma resposta coordenada e eficaz a potenciais desastres naturais. A mensagem transmite um senso de responsabilidade compartilhada, onde tanto o governo quanto a população têm papéis importantes na minimização dos riscos.

### **A presença do jornalista na notícia: entre a objetividade e subjetividade**

Tomando como base os três textos analisados, escritos por Domingos Pedro Cadeado (Textos 1 e 2) e Daniel Oliveira (Texto 3), percebe-se que o

jornalismo da Rádio Moçambique adota uma abordagem alinhada ao modelo informativo tradicional, centrada na objetividade e na apresentação factual das informações. Essa postura, embora reafirme um dos pilares ou gênese da prática jornalística - a imparcialidade -, levanta questões relevantes sobre o lugar do jornalista na narrativa enquanto ser humano e, os efeitos dessa escolha discursiva nos públicos receptores, sobretudo em contextos de crise climática.

Nos três textos, os jornalistas mantêm-se à margem da cena noticiada, ocupando um lugar neutro, invisível, que privilegia as vozes institucionais - como as de Alexandre Tique, Daniel Andicene e Daniel Nivagara - e evita qualquer forma de interferência emocional ou interpretativa. Esta opção reitera a lógica da credibilidade apoiada na suposta neutralidade jornalística. No entanto, conforme argumenta Amossy (2011), mesmo os discursos que se pretendem objetivos são construções enunciativas marcadas por estratégias argumentativas. A escolha de não se envolver também é um posicionamento discursivo, e, portanto, nunca é inteiramente neutra.

Essa neutralidade, quando excessiva, pode restringir a potência comunicacional da notícia. Didi-Huberman (2016) aponta que a emoção não é um adorno no discurso, mas um operador político e epistêmico capaz de mobilizar sentidos, afetos e ações. Ao ignorar as dimensões emocionais dos eventos – especialmente em contextos de emergência climática – os textos analisados caminham para a perda de chance de gerar empatia, alerta coletivo e resposta social mais efetiva. A simples exposição dos dados e declarações oficiais não é suficiente para traduzir o drama vivido por comunidades ameaçadas por ciclones e depressões tropicais.

Ademais, Moraes e Silva (2019) defendem a subjetividade como uma estratégia jornalística legítima e necessária, sobretudo em sociedades marcadas por desigualdades estruturais e vulnerabilidades históricas. Nos textos dos jornalistas Domingos Cadeado e Daniel Oliveira, observa-se a ausência dessa subjetividade, pois os jornalistas optam por um distanciamento, não apenas dos eventos, mas também das experiências humanas associadas a eles,

experiências que se revelam no tocar, olhar, sentir, paladar e por fim, a experiência estética defendida por Moriceau (2021). Essa escolha pode esvaziar o texto de camadas críticas e afetivas que poderiam reforçar o caráter público e democrático do jornalismo.

O relato de Domingos Cadeado sobre o ciclone Batsirai, por exemplo, poderia ter sido enriquecido com depoimentos de moradores locais, registros sensoriais ou descrições que evocassem o medo, a resistência ou a perda. Esses elementos subjetivos ampliariam o campo da narrativa e funcionariam como pontes emocionais com o leitor, sem comprometer a veracidade dos fatos. Da mesma forma, o segundo texto do autor, ao descrever os danos causados pelas tempestades, poderia ter assumido uma posição mais crítica, questionando a infraestrutura precária ou a lentidão na resposta estatal, ao invés de apenas listar consequências.

Por sua vez, Daniel Oliveira, ao reportar a visita do ministro Nivagara, restringe-se a repetir o discurso institucional, sem tensionar as contradições entre a retórica oficial e as reais condições vividas pelas comunidades. Uma abordagem mais subjetiva poderia ter iluminado as desigualdades territoriais e as fragilidades das políticas públicas diante das mudanças climáticas, colocando o jornalismo a serviço da escuta e da visibilidade dos sujeitos historicamente silenciados.

Assim, ao analisarmos os textos à luz de Amossy, Didi-Huberman e Moraes, percebemos que a objetividade jornalística, quando aplicada rigidamente, pode se transformar em apagamento. Em tempos de catástrofes, urgência humanitária e disputas por sentido, defendemos que o lugar do jornalista não pode ser apenas o de relatar, mas o de construir pontes entre os fatos e os afetos – articulando emoção, argumentação e subjetividade para oferecer à sociedade uma narrativa mais íntegra, sensível e transformadora.

### **Considerações finais**

A análise dos discursos jornalísticos veiculados pela Rádio Moçambique

durante a cobertura de tempestades tropicais evidencia uma orientação comunicacional centrada na objetividade, na clareza e na fidelidade aos dados factuais. Embora tais características sejam tradicionalmente associadas à credibilidade e à legitimidade do fazer jornalístico, observou-se que essa mesma objetividade, quando empregada de forma rígida, pode limitar o potencial de envolvimento emocional do público, comprometendo, assim, a sua capacidade de mobilização social em contextos de emergência.

À luz da teoria argumentativa de Ruth Amossy (2011), compreende-se que todo discurso, inclusive o jornalístico, é construído a partir de escolhas enunciativas que visam convencer ou influenciar o interlocutor. Dessa forma, mesmo a objetividade proclamada carrega marcas argumentativas que poderiam ser potencializadas por elementos subjetivos e afetivos, sobretudo diante de eventos climáticos extremos, em que a resposta coletiva depende não apenas da informação transmitida, mas também da maneira como ela é narrada e recebida.

Nesse contexto, Didi-Huberman (2016) propõe uma reflexão fundamental sobre o papel das emoções nos processos de construção de sentido. As emoções, longe de desqualificarem a informação jornalística, podem ampliar sua potência expressiva e política, tornando o discurso mais sensível às experiências humanas e mais eficaz na convocação à ação. A ausência desse componente emocional, como verificado nos textos analisados, pode comprometer a ressonância social das mensagens e sua capacidade de gerar empatia, engajamento e transformação.

Complementarmente, as contribuições de Moraes e Silva (2019) sobre a subjetividade no jornalismo apontam para a urgência de se reconsiderar o lugar do jornalista na narrativa, especialmente em coberturas marcadas pela desigualdade social, vulnerabilidade e crise. A subjetividade como complemento à objetividade, entendemos que não compromete a ética jornalística; ao contrário, ela pode fortalecer seu compromisso com a escuta, a representatividade e a justiça informativa.

Em suma, reconhecemos que o princípio da objetividade continua a ser um

fundamento essencial do jornalismo. No entanto, torna-se imperativo incorporá-lo de maneira crítica e dialógica com a subjetividade como um recurso complementar, sobretudo quando se trata da cobertura de eventos de natureza humanitária e ambiental. Um jornalismo comprometido com os princípios democráticos e sensível às transformações sociais deve buscar equilibrar esses dois eixos, favorecendo uma prática comunicacional que informe, desperte ação, emocione e mobilize.

Assim, conclui-se que a integração entre emoção, argumentação e subjetividade pode contribuir para a consolidação de um jornalismo que podemos considerar ético, profissional, inclusivo e responsivo às urgências da atual temporalidade. Esta que se comporta com recorrentes cenários de desastres climáticos e desigualdades estruturais, tal perspectiva não apenas amplia o alcance comunicacional das narrativas jornalísticas radiofônicas, como também reafirma o papel do jornalismo como instrumento de cidadania e participação pública.

## Referências

- AMOSSY, Ruth. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução de Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. *EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 1, p. 129-144, nov. 2011.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes Editores, 1974.
- DATAREPORTAL. *Global Digital Overview 2024*. Datareportal, 2024. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2024-mozambique>. Acesso em: 5 ago. 2024.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Que emoção! Que emoção?* São Paulo: Editora 34, 2016.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada no dia 2 de Dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga Sampaio.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Censo populacional de Moçambique 2017*. Disponível em: [https://ine.gov.mz/censo-2017/-/document\\_library/pfpz/view/44367](https://ine.gov.mz/censo-2017/-/document_library/pfpz/view/44367). Acesso em: 12 de agosto de 2024.
- MOÇAMBIQUE. Conselho de Ministros. *Plano Diretor para a Redução do Risco de Desastres 2017-2030*. Aprovado pela 36ª Sessão Ordinária do Conselho de Ministros, 17 de outubro de 2017.
- MORAES, Fabiana; DA SILVA, Marcia Veiga. A objetividade jornalística tem raça e tem

gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. *Compós*, Porto Alegre, 2019.

MORICEAU, Jean-Luc. Escritura e afetos. In: PESSOA, Sônia Caldas; MARQUES, Ângela Salgueiro; MENDONÇA, Carlos Magno Camargos (Orgs.). *Afetos: teses e argumentos*. Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFMG, 2021. p. 17–32.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Relatório sobre o Desenvolvimento Humano 2021*. Nova York: ONU, 2021. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2021/10/1765812>. Acesso em: 5 ago. 2024.

## Uma proposta de organização dos elementos simbólicos no podcasting como linguagem

*A proposal for organizing symbolic elements in podcasting as a language*

*Una propuesta de organización de los elementos simbólicos en el podcasting como lenguaje*

Vitor Hugo de Oliveira-Lopes; Marcelo Freire

### Resumo

Este artigo utiliza uma revisão narrativa de literatura para testar se o podcasting como linguagem possui uma estrutura própria, composta por elementos simbólicos sonoros, hipermediáticos e parassonoros. O objetivo é propor uma sistematização dos elementos simbólicos no podcasting, contribuindo para a compreensão de como ocorre seu processo de significação. Os resultados confirmam que o podcasting integra características da linguagem radiofônica e da hipermídia, proporcionando uma experiência imersiva e interativa. A principal contribuição do estudo é a proposta de uma estrutura que organiza esses elementos, destacando a sua complexidade.

**Palavras-chave:** Podcasting. Linguagem. Elementos simbólicos. Processo de significação.

### >> Como citar este texto:

OLIVEIRA-LOPES, Vitor Hugo de; FREIRE, Marcelo. Uma proposta de organização dos elementos simbólicos no podcasting como linguagem. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 16, n. 01, p. 100-121, jan./abr. 2025.

### Sobre a autoria

Vitor Hugo de Oliveira-Lopes

[vitor.hol@aluno.ufop.edu.br](mailto:vitor.hol@aluno.ufop.edu.br)  
<https://orcid.org/0000-0001-9800-0364>

Vitor Hugo de Oliveira-Lopes é mestre em Comunicação na Universidade Federal de Ouro Preto (PPGCOM/UFOP), Bolsista de Desenvolvimento em Ciência, Tecnologia e Inovação (Fapemig) e pesquisador do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor).

Marcelo Freire

[marcelofreire@ufop.edu.br](mailto:marcelofreire@ufop.edu.br)  
<https://orcid.org/0000-0003-1936-7243>

Marcelo Freire é Doutor em Comunicação e Cultura Contemporânea (UFBA), com estágio pós-doutoral na Universidad de Extremadura (Espanha). É professor do PPGCOM e da graduação em Jornalismo (UFOP). Coordena o Laboratório de Humanidades Digitais da UFOP (LabHD UFOP).

### **Abstract**

This article uses a narrative literature review to test whether podcasting as a language has its own structure made up of symbolic sound, hypermedia and parasound elements. The aim is to propose a systematisation of the symbolic elements in podcasting and to contribute to an understanding of how the process of signification occurs in podcasting. The results confirm that podcasting integrates features of radio language and hypermedia, providing an immersive and interactive experience. The main contribution of the study is the proposal of a structure that organises these elements and highlights their complexity.

**Keywords:** Podcasting. Language. Symbolic elements. Process of signification.

### **Resumen**

Este artículo utiliza una revisión narrativa de la literatura para comprobar si el podcasting como lenguaje posee una estructura propia, compuesta por elementos simbólicos sonoros, hipermedia y parasonoros. El objetivo es proponer una sistematización de los elementos simbólicos del podcasting que contribuya a comprender cómo se produce su proceso de significación. Los resultados confirman que el podcasting integra características del lenguaje radiofónico y del hipermedia, proporcionando una experiencia inmersiva e interactiva. La principal aportación del estudio es la propuesta de una estructura que organiza estos elementos, poniendo de relieve su complejidad.

**Palabras clave:** Podcasting. Lenguaje. Elementos simbólicos. Proceso de significación.

## **Introdução**

O *podcasting* surgiu em 2004 a partir do desenvolvimento da tecnologia *Really Simple Syndication (RSS)*, um sistema que otimiza os processos de busca, recebimento e armazenamento de conteúdos na *internet* (Tigres, 2021). O fenômeno se encontra em consolidação como área e objeto de estudos, no campo da comunicação (Lopez et al., 2023). Parte-se da hipótese de que o *podcasting* é uma linguagem derivada do rádio, que, ao ser inserida no ambiente digital, manteve o som como protagonista (Lopez, 2009; Viana e Chagas, 2021;

Lopez, 2024), mas adquiriu novas camadas de sentido, desenvolvendo uma estrutura própria de ser e de contar histórias (Lopez et al., 2023; Silva, 2023; Lopez, 2024).

Conforme Ferdinand Saussure (1975), a linguagem é uma instituição social que se desenvolve, tanto coletiva quanto individualmente (no âmbito das práticas sociais), ao longo do tempo. Isso ocorre a partir da união entre uma unidade acústica-vocal (som) e uma unidade fisiológica-ideológica (mental) (Battisti, Othero e Nascimento, 2021). Tal processo revela que a linguagem é um veículo das ideologias, desempenhando um papel fundamental na interação entre humanos e entre humanos e a natureza. Assim, uma linguagem atua como um ato social carregado de implicações, relações de poder e constituição de identidades (Guerra, 2010).

Nesse contexto, o *podcasting* permite a expressão de ideias por meio do som em ambiente digital, possibilitando interações sociais entre *podcasters*<sup>1</sup> e *podouvintes*<sup>2</sup>, através de uma mediação *online* (Assis, 2011; Thompson, 2018; Primo, 2024). O *podcasting* como linguagem está inserido no fenômeno do rádio (Lopez, 2024), sendo parte do processo de radiomorfose impulsionado pela *internet* (Prata, 2008). Esse processo unificou a linguagem radiofônica (Balsebre, 1994) com a programação digital (*XML*, um dos componentes da tecnologia *RSS*), favorecendo a inclusão de outros elementos, além dos sonoros, em sua estrutura (Sullivan, 2024). Nesse sentido, surge o questionamento: “Como os elementos simbólicos se organizam no *podcasting* como linguagem?”

Defende-se que, para analisar os *podcasts*<sup>3</sup>, é necessário considerar todos os elementos simbólicos, pois eles trabalham em conjunto na produção de significados. A estrutura do *podcasting*, pressupõem-se, visa a construção de bancos multimidiáticos ricos em elementos sonoros, hipermidiáticos e parassonoros, o que contribui para o avanço dos estudos de linguagem

---

<sup>1</sup> O criador de conteúdo/mídia sonora, o produtor de *podcast* (Assis, 2011).

<sup>2</sup> Consumidor final do produto, em outras palavras o ouvinte da mídia sonora, o ouvinte de *podcast* (Assis, 2011).

<sup>3</sup> Um produto midiático sonoro nativo do ambiente digital (Prata, Avelar e Martins, 2021; Primo, 2024).

hipermídia (Bairon, 2012). O objetivo deste artigo<sup>4</sup> é propor uma organização estrutural dos elementos simbólicos do *podcasting* como linguagem em seu processo de significação.

Metodologicamente, adotou-se uma abordagem qualitativa a partir de uma revisão narrativa de literatura. Segundo as pesquisadoras Edna Rother (2007), Lívia Cavalcante e Adélia Oliveira (2020), este tipo de revisão permite uma descrição e discussão ampliada, que visam aproximar o pesquisador de seu objeto de estudo. Através da revisão narrativa é possível explorar as referências acionadas de maneira mais aprofundada, sem a preocupação em desenhar o cenário quantitativo das publicações de determinada área. Na presente pesquisa, retomamos autoras e autores centrais no desenvolvimento dos estudos radiofônicos brasileiros, especialmente na interface com a comunicação digital e na configuração do podcast como um fenômeno. Por isso, nossa orientação na busca por referências transitou pelos dois eixos: estudos de rádio e mídia sonora e comunicação digital. A revisão narrativa permitiu estabelecer diálogo entre esses elementos, o que resultou na elaboração de uma estrutura para o *podcasting* como linguagem, levando em consideração a multidimensionalidade do objeto radiofônico (Lopez e Chagas, 2021), adotando “o som como guia da experiência [...]; a integração narrativa entre elementos sonoros e parassonoros; [...] as tecnologias e suas apropriações [...] em um contexto de plataformização” (p.6).

O artigo está organizado em quatro momentos: I) uma discussão sobre os elementos sonoros, com foco na compreensão da linguagem radiofônica e dos aspectos constitutivos do som; II) uma discussão dos elementos hipermediáticos, visando a aproximação desse campo ao *podcasting*; III) uma análise dos elementos parassonoros, centrada nos recursos que não são formados pelo som e IV) a construção da proposta de organização dos

---

<sup>4</sup> O artigo vincula-se à dissertação de mestrado desenvolvida pelo primeiro autor no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto e financiada pela CAPES e ao projeto de pesquisa Metodologias de pesquisa para os estudos radiofônicos: desafios para entender o campo, financiado pelo CNPq e integrado pelos dois autores.

elementos simbólicos no *podcasting*.

### **Características da linguagem sonora**

Como mencionado anteriormente, o *podcasting* mantém o som como protagonista. Isso ocorre durante a produção de conteúdos sonoros, onde baseados em características do meio radiofônico o *podcast* se apropria da linguagem sonora. A linguagem sonora apresenta características próprias, com uma estética que envolve uma sintaxe e uma semântica sonora, diferenciando-se de outras formas de expressão, como a linguagem corporal, a visual e a literária (Santos, 2018).

A linguagem sonora é um sistema comunicativo complexo, formado pela combinação de signos sonoros, como silêncio, música, voz e efeitos sonoros, que carregam significados variados para os ouvintes. Essa combinação permite a representação de símbolos que se manifestam em diferentes tipos de conteúdos, desde mensagem de voz em celular até conteúdos jornalísticos e de entretenimento, como os presentes no rádio, cinema, TV e até mesmo nas mídias sociais vinculadas à *internet* (Santos, 2018).

No caso do rádio, a linguagem radiofônica é vista como sinônimo de linguagem sonora. Segundo Armand Balsebre (1994), a linguagem radiofônica refere-se à produção de sentido por meio da representação simbólica de signos sonoros. Esses signos são a voz/palavra, a música, os efeitos sonoros e o silêncio (Balsebre, 1994; Ferraretto, 2014). Luiz Artur Ferraretto (2014) afirma que cada um desses elementos contribui com suas próprias características para a produção da mensagem, estabelecendo formas e conteúdos de acordo com suas possibilidades e limitações.

A voz/palavra é um elemento fundamental da linguagem sonora, uma vez que ela é o elemento principal para despertar a imaginação do ouvinte (Santos, 2022). Armand Balsebre (1994) apresenta a voz como um texto “escrito/sonoro”, que é imaginado e permite a improvisação verbal. Através da voz, é possível perceber o uso de recursos expressivos e da realidade acústica, que se

manifestam em aspectos como intensidade, volume, intervalo e ritmo, além da conotação estética da palavra (tratamento extra-linguístico da voz) (Balsebre, 1994). Esses aspectos são, por vezes, vistos com fascínio e sedução (Spritzer, 2005).

A palavra contém sons musicais que dão forma e cor à voz, sendo as consoantes responsáveis por essa construção. O agudo, por exemplo, remete à luminosidade e à proximidade, sendo mais utilizado em programas noturnos; enquanto o grave evoca o obscuro e o distanciamento, comum em programas diurnos (Balsebre, 1994). Nesse sentido, Carlos Jáuregui e Debora Cristina Lopez (2021) afirmam que, em uma peça radiofônica, o timbre é responsável pelo andamento da cena, passando uma sensação de urgência ou de emergência. Além disso, o timbre da voz carrega uma identidade, idade e gênero do falante (Spritzer, 2005, p.127), e o tom serve como contraste entre polaridades (lento/rápido; forte/fraco; etc.) (Jáuregui e Lopez, 2021). A musicalidade presente na voz também se relaciona com a melodia e a entonação (Balsebre, 1994). Para Armand Balsebre, a voz é polissêmica, criando movimento afetivo e noção de continuidade, apresentando harmonia e ritmo - esse último derivado das pausas, da melodia e da harmonia (Balsebre, 1994).

Patrícia Consciente Pereira dos Santos (2022), embasada por Mirna Spritzer (2005) e Virginia Guarinos (1999), afirma que a voz constrói ambientes, situando o ouvinte em relação ao tempo, espaço e movimentações dos personagens. Através de diálogos descritivos e da expressividade da voz, constrói-se a caracterização e o perfil dos personagens de uma peça radiofônica. Mirna Spritzer (2005), ao investigar a peça radiofônica como exercício na formação de atores e atrizes, reafirma que a voz é a protagonista da ação sonora<sup>5</sup>. Segundo a autora, “a voz encarna na experiência radiofônica, constituindo uma corporeidade inteira, total responsável pela tarefa do corpo”

---

<sup>5</sup> Para Mirna Spritzer (2005), a ação sonora ou ação radiofônica resulta em um acontecimento sonoro realizado pelo emissor (pela fala, pela sonoplastia), que acontece e repercute no tempo, dando ritmo e intensidade. No entanto, é importante ressaltar que “a ação executada exatamente como é realmente, não aparece sonoramente como tal” (Spritzer, 2005, p.94).

(2005, p.71).

Assim, as palavras são corporificadas pela voz, materializando-se como um corpo (corporeidade da voz) que, por meio da oralidade, transmite uma experiência corporal e sensorial. A autora destaca que todo “dizer inclui os gestos, a melodia das palavras, o olhar envolvente” (p.30), conferindo às palavras um estatuto de corpóreo que ocupa espaço e se apropria do tempo. A experiência radiofônica se faz presente na voz-corpo de quem realiza o dizer<sup>6</sup>, determinando o andamento da narrativa. O ato de “dizer” no rádio se configura a partir dos cinco sentidos de quem o realiza, buscando nas memórias referências para a construção da voz-corpo, que se materializa em um tempo-espaço. Nesse processo, o corpo se disponibiliza para a ação vocal, envolvendo gesto, som, emoção, tonicidade e movimento (Spritzer, 2005).

A composição sonora de um personagem radiofônico exige uma clareza nas intenções, sendo necessário encontrar recursos pessoais para transformar a voz em um corpo por inteiro. Gestos, ações e intenções são colocadas tanto no dizer quanto no silêncio. Compor um personagem radiofônico, portanto, “é transportar para a voz e para a escuta o mundo visível do personagem” (Spritzer, 2005, p.108). Por fim, Mirna Spritzer (2005), destaca que a escuta desempenha um papel fundamental, uma vez que o corpo do ouvinte, em conjunto com a voz-corpo, concretiza os efeitos de sentido da palavra a partir da imaginação, subjetividade e sensibilidade. Em outras palavras, a escuta também possui uma corporeidade, pois o ouvinte sente em si o que escuta a partir de sua identificação com a voz de quem fala.

A música é outro elemento fundamental na composição da linguagem sonora. Junto com a palavra, ela contribui para a sensação de harmonia, sendo geralmente utilizada em plano de fundo para dar uma impressão de profundidade espacial à cena sonora (Balsebre, 1994). A música exerce funções estéticas importantes: a função expressiva, promovendo emoções como alegria ou

---

<sup>6</sup> Assume-se como dizer radiofônico aquele que fala, seja o locutor, o(s) personagem(s), ou seja, a palavra a voz-corpo.

tristeza no ouvinte; e a função descritiva, ajudando a situar o ouvinte no tempo e no espaço. Além de expressar e descrever as características dos personagens que estão presentes em cena (Balsebre, 1994; Kaplún, 2017).

Mario Kaplún (2017) acrescenta que a música é o principal elemento na construção de um tema em uma cena sonora, desempenhando também funções gramaticais, reflexivas, e ambientais. Na função gramatical, a música age como um signo de pontuação, marcando a transição entre textos ou cenas; na função reflexiva, ela permite ao ouvinte um tempo para assimilar informações densas ou cruciais para a continuidade do conteúdo sonoro; finalmente, na função ambiental, a música representa o som que os personagens estão escutando em um determinado ambiente, como em uma festa (Kaplún, 2017). O ritmo e melodia da música conferem movimento e cor à peça radiofônica (Balsebre, 1994).

Os efeitos sonoros representam a realidade referencial objetiva e ajudam a ambientar a cena, reproduzindo sons como ruídos de trem ou fábrica, além de serem o próprio objeto do qual a linguagem emana (Balsebre, 1994; Kaplún, 2017). Eles criam uma atmosfera e transmitem sensações psicológicas, como mistério, alegria ou tristeza, podendo dar sentido à cena por meio da justaposição ou sobreposição com música ou palavras (Balsebre, 1994).

Para Armand Balsebre e Mario Kaplún, os efeitos sonoros desempenham cinco funções principais: a função ambiental e descritiva, que acompanha a fala e serve como plano de fundo para a cena; a função expressiva, que cria uma atmosfera carregada de significado por si só; a função narrativa, que conecta diferentes cenas e sugere uma progressão cronológica, como o passar do dia; a função ornamental, que contribui para envolver o ouvinte na cena, ainda que não seja essencial; e a função ilustrativa, que permite visualizar dados abstratos, como gráficos de fatos relevantes, por meio da sonificação<sup>7</sup> (Balsebre, 1994;

---

<sup>7</sup> Para Carlos Jáuregui e Debora Cristina Lopez (2021) trata-se de uma delimitação inserida nos estudos de *auditory display* (a expressão em português remete a um dispositivo auditivo). O dispositivo auditivo é definido como o uso do som na interação entre humanos e dispositivos técnicos e a sonificação consiste em um “conjunto de práticas que contribuem para a interpretação do mundo por meio do som, especialmente no que diz respeito à informação de caráter estatístico” (p.3).

Kaplún, 2017; Jáuregui e Lopez, 2021). Mario Kaplún (2017) defende que a linguagem sonora não apenas retrata a realidade, mas também transmite um estado de espírito.

O silêncio, conforme Armand Balsebre (1994), constrói significados ao ser intercalado com o som, criando sequências que delimitam núcleos narrativos e conferem movimento afetivo à linguagem verbal. É válido reconhecer outros elementos que são constitutivos do som, como os aspectos auditáveis e a sonificação. Ao refletirem acerca das especificidades e das complexidades do som no meio radiofônico, Eduardo Meditsch e Juliana Gobbi Betti (2019) revelam os aspectos auditáveis da informação sonora. Para os autores esses aspectos aparecem na forma de respiração, sotaque, vícios de linguagem, gírias de grupos sociais (contexto sociolinguístico), sons ambientais, timbre, entonação, o som do toque dos lábios... que tendem a ser neutralizados na produção radiofônica, uma tentativa de padronizar a fala, passando autoridade, elegância e superioridade de classe. Dessa forma, durante a escuta, os ouvintes acabam por considerar estes elementos como insignificantes ou indesejados (Meditsch e Gobbi, 2019).

Carlos Jáuregui e Debora Cristina Lopez (2021), ao analisarem a sonificação fornecem outros exemplos de elementos auditáveis que podem compor uma produção de informação sonora, como o apito de uma máquina industrial que sinaliza algum defeito, o *bip* de um automóvel emitido ao engatar a marcha ré ou uma sequência de *bips* que indicam dados de um acontecimento como a contabilização de casos de infecção por *Covid-19*. Os autores destacam que a velocidade, emergência ou urgência da informação podem ser inferidas a partir do aumento ou da diminuição dos *bips*, além disso ressaltam a necessidade do desenvolvimento de uma escuta apurada para que se possa perceber e interpretar os sons mencionados.

Embora o *podcasting* tenha suas raízes no meio radiofônico, do qual ele herda suas principais características como uma linguagem (Silva, 2023; Moraes, 2023; Lopez et al, 2023a), é essencial considerar o ambiente digital em que o

fenômeno se desenvolveu. A integração de elementos sonoros com a programação digital reflete uma transição natural da linguagem radiofônica para uma forma mais complexa no ambiente hipermidiático, própria do contexto digital. Dessa forma, reconhece-se que o *podcasting* como linguagem, também se apropria de características da linguagem hipermídia (Bairon, 2012).

### **Características da linguagem hipermídia**

Sérgio Bairon (2012) define a hipermídia como a expressividade de outras linguagens (verbal, sonora e/ou visual) em um contexto digital/web, transcendendo suas formas únicas para uma forma hibridizada de ser. Trata-se de uma expressão que não apresenta linearidade para “leitura” do conteúdo, atuando de forma multimidiática. Para o autor, multimídia se refere à sustentação do conteúdo exposto em um ambiente hipermídia por meio da interação entre imagens, textos e sons. O autor também acrescenta que a hipermídia não se reduz a uma estrutura “tecnicizante”, mas é uma “mutação” que a linguagem adquire no ambiente digital, especialmente devido à sua não linearidade. Ela oferece múltiplas potencialidades, sem um “destino” final exato (Bairon, 2012).

Sérgio Bairon (2012) argumenta que uma hipermídia possui múltiplos actantes que afetam a produção textual e de significados, propondo o conceito de polifonia multimidiática, baseado no conceito de polifonia de Mikhail Bakhtin. Neste sentido, a polifonia multimidiática consiste nas diferentes percepções que os usuários assumem no contexto hipermídia. A linguagem hipermídia, segundo o autor, é composta por “argumento, entorno, relação entre as soluções de programação e a expressividade conceitual, formação de bancos iconográficos e/ou áudio reticular” (p.115) e randomismo. O argumento refere-se à definição do fator onde serão aplicadas um conjunto de operações conceituais em rotação e circulação, que norteará a criação de um ambiente sógnico (entorno) e das variáveis que permitirão a interação do ambiente com a programação digital.

Um ambiente hipermídia apresenta uma estrutura digital de criação híbrida, onde imagens, áudios, vídeos e programações interagem, possibilitando

a imersão do usuário em uma nova realidade. Sérgio Bairon entende a imersão como a experiência de construção de sentidos fundamentada na relação entre o ambiente e os usuários. Trata-se do acolhimento de subjetividades, embasado no conhecimento de mundo de cada usuário, que se expressa na criação de ambientes digitais por meio de relações dialógicas. Essas relações envolvem interação programada conceitualmente, abstração configurada, o estranhamento, e referência ao cotidiano, denominadas como entorno (Bairon, 2012).

A programação deve ser considerada em relação com o todo significativo, isto é, o diálogo conceitual com as estruturas multimídia. Sérgio Bairon (2012) argumenta que uma expressividade hipermídia nunca está finalizada. Uma vez disponível na internet, a criação assume interpretações e semioses limitadas pela compreensão do usuário, que decide como iniciar e interromper o ciclo de interpretação, recompondo novas experiências imersivas. A formação e demonstração de bancos iconográficos referem-se à utilização de imagens no ambiente hipermídia, que podem se apresentar de forma fixa ou em movimento. Essas imagens podem ser apenas citadas quando constam no ambiente, manipuladas quando se encontram justapostas (montagem) ou funcionar como links, expressando caminhos a serem seguidos (Bairon, 2012).

Em relação ao áudio reticular, Sérgio Bairon (2012) propõe possibilidades para pensar o áudio no ambiente hipermídia, já que este ainda é pouco explorado nesse contexto. O áudio ou textura musical permite ao usuário recompor a navegação por meio de edições, sendo composto por locuções, ilocucionário, efeito de transição (passagens), rotatividade sígnica e cacos sonoros. As locuções<sup>8</sup> consistem em fragmentos de frases ricos em significação, que se completam com as imagens reticulares, com o entorno e com as suas condições existenciais de corte, irrupção e ruptura. O ilocucionário revela a intenção e a materialidade sonora desses fragmentos por meio das interações (Bairon, 2012).

---

<sup>8</sup> Trata-se de locuções para o estudo da linguagem hipermídia. Para Sérgio Bairon (2012) as locuções estão relacionadas à toda e qualquer sonoridade do áudio no ambiente hipermidiático.

Ambos os conceitos enfatizam a natureza fragmentada e não linear da hipermídia.

A imersão sonora ocorre a partir da concepção de mundo construída pelos usuários. Nesse contexto, o efeito de transição ou as passagens auxiliam na imersão sonora, conectando eventos sem abandonar o entorno no qual foram criados. A rotatividade sígnica em texturas musicais configura uma locução conduzida pela navegabilidade do usuário, que cria conjuntos de áudios que se sobrepõem em uma mesma estrutura dada. Os cacos sonoros são pedaços de fonemas, palavras ou ruídos, que juntos, formam irrupções, contribuindo para a construção de sentidos a partir da fala em uma textura musical (Bairon, 2012). É relevante acrescentar que os cacos sonoros se relacionam tanto com elementos da própria produção sonora, como aspectos auditáveis e sonificação, quanto com elementos gerados no momento da escuta, como sons de cliques (quando o consumo ocorre em computador de mesa ou notebook) e voz de GPS (quando o consumo ocorre no carro).

Por fim, Sérgio Bairon (2012) define o conceito de randomismo como o processo em que eventos no ambiente hipermídia se apresentam aleatoriamente, equilibrando probabilidade com improbabilidade em todos os pontos de interatividade. O ambiente hipermídia é, assim, um jogo aleatório dos componentes de programação, com eventos apresentados conforme a qualidade e indexação do conteúdo no ambiente multimídia (Bairon, 2012).

No cenário da plataformização, o randomismo está em constante tensionamento, afetado pela mediação algorítmica que adiciona camadas de sentido às dinâmicas de circulação de conteúdo (Cortez, 2016). A natureza digital trouxe uma complexidade adicional ao podcasting, permitindo a incorporação de elementos que vão além do som, como os parassonoros - textos e imagens, por exemplo - especialmente no contexto de streaming (Sullivan, 2024). Ademais, Marcelo Kischinhevsky e Cláudia Figueiredo Modesto (2014) destacam que os estudos radiofônicos, no contexto digital, devem contemplar tanto os elementos sonoros quanto os parassonoros.

## Características da linguagem parassonora

O uso de elementos parassonoros vai além de uma simples estratégia para chamar a atenção dos ouvintes para o consumo de *podcast*, sendo uma linguagem fundamental para a circulação da mídia sonora (Oliveira e Kneipp, 2023). Neste sentido, Debora Cristina Lopez e Aline Monteiro Homssi (2021) elucidam que o conteúdo parassonoro refere-se aos elementos que não são estritamente sonoros, destacando a presença de marcas visuais e multimídia que acompanham o conteúdo sonoro, sendo complementares ou alternativos em um ambiente plataformizado.

Lorena Aracelly Cabral de Oliveira e Valquíria Aparecida Passos Kneipp (2023) analisaram os elementos parassonoros presentes no *podcast Pistoleiros*, um programa do original *Globoplay*<sup>9</sup> em parceria com o jornal *O Globo* que conta a história da pistolagem no Rio de Janeiro. Elas discutem a presença do hipertexto, que acompanha o áudio com matérias novas e antigas relacionadas ao escopo de cada episódio, o uso de reportagens que aprofundam os detalhes apresentados no conteúdo em áudio, fotografias e arquivos para consumo simultâneo disponibilizado no site, que ilustram o enredo do áudio. As autoras enfatizam a presença de transcrições dos áudios que facilitam o acesso ao conteúdo e, no corpo do texto escrito (“roteiro”), contém *hiperlinks* para os conteúdos de aprofundamento sugeridos no áudio. Além disso, destacam os *QR Codes* inseridos em notícias impressas sobre a pistolagem, direcionando o leitor para o conteúdo em áudio.

Debora Cristina Lopez e Aline Monteiro Homssi (2021) ampliam essa análise, incluindo os elementos em formato de vídeo, especialmente no contexto de *videocast*, além das comunidades e publicações criadas em redes sociais digitais em torno do conteúdo de áudio ou de *podcasts* disponíveis na internet. Marcelo Kischinhevsky e Cláudia Figueiredo Modesto (2014) complementam

---

<sup>9</sup> A *Globoplay* é uma plataforma de *streaming* que oferece conteúdos de vídeo e áudio originais e exclusivos da *TV Globo* e do *Canal Futura* (Globoplay, 2020).

com a inclusão de infográficos, interfaces de sites das emissoras, mapas, ícones, e aplicativos de *streaming* e espaços projetados para interação, como botões de compartilhar, etiquetar, curtir e área para comentários.

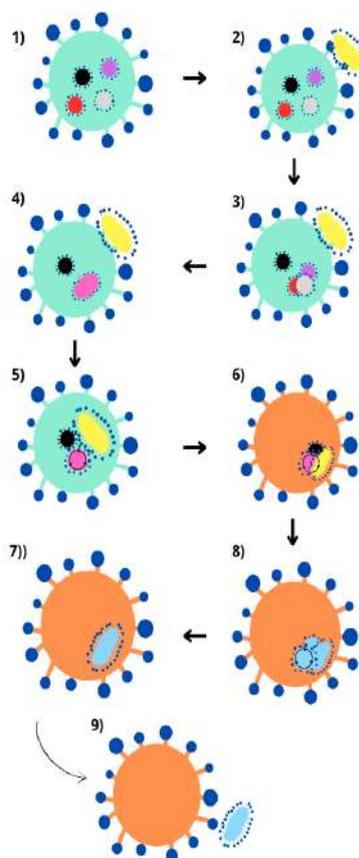
Os elementos parassonoros permitem ampliar a narrativa, gerando uma experiência de escuta complexificada, com a inserção de elementos da arquitetura de interação e estratégias que vão além do som. Na podosfera, por exemplo, não é possível excluí-los do processo de fruição, já que elementos como as capas e o texto de apresentação do podcast e dos episódios possuem uma carga significativa de expressividade (Gariglio *et al*, 2023) e atuam na construção da identidade editorial da produção (Suárez-Carballo; Pérez-Maillo, 2022). No entanto, como lembram Lopez e Monteiro Homssi (2021), não devem ser considerados indispensáveis para a compreensão do conteúdo transmitido. Para as autoras, os elementos sonoros podem, além de ampliar a narrativa, atuar na construção de uma relação produtor x produto x público, reforçando laços e chegando à consolidação de bases de fãs.

Ainda que os estudos de fandom não sejam nosso objeto neste artigo, é importante demarcar que as interações se apoiam no acionamento de imagens, de vídeos, de textos, ampliando a experiência de escuta e os vínculos da podosfera. Se no rádio transmitido no dial os laços se formavam através dos sujeitos, da voz, das personas criadas por comunicadores, na podosfera esses elementos se mantêm em diálogo com a complementação, com a adição de novas camadas informativas (gráficos, tabelas, documentos, registros do acontecimento) e emocionais (com retomadas imagéticas da experiência, com o desvelamento de quem são os sujeitos do acontecimento, com a oferta de novas rotas de leitura para o fato). A caracterização do podcasting como um fenômeno comunicacional ancora-se, portanto, na diversidade de linguagens e de caminhos narrativos possíveis, na apropriação das características de uma narrativa hipermidiática, que coordena expressividades possíveis originadas no áudio e no digital, metamorfoseando o fazer e retomando o processo definido por Nair Prata (2008) como Radiomorfose.

### Organização dos elementos simbólicos no *podcasting*

O estudo do *podcasting* deve levar em conta sua natureza digital oriunda do RSS<sup>10</sup>, que promoveu “mutações” na linguagem radiofônica (radiomorfose, segundo classificou Nair Prata em 2008), resultando na expansão da linguagem radiofônica para o ambiente hipermidiático (Kischinhevsky, 2016; Lopez, 2009). Além disso, a *internet* complexificou o fenômeno, permitindo a integração dos elementos sonoros com parassonoros. A seguir, apresenta-se um esquema do processo de significação do *podcasting* como linguagem (FIG. 1).

**FIGURA 1 – Processo de significação do podcasting como linguagem**



FONTE - Adaptado De Bairon, 2012.

<sup>10</sup> O RSS é uma tecnologia que permitiu o desenvolvimento e popularização do podcasting, já que é através dela que se alteraram as dinâmicas de atualização e distribuição de áudio. Para Gariglio *et al* (2024, p. 7), “a incorporação do RSS como uma tecnologia que forma parte das plataformas de áudio é afetada pelos algoritmos e pelas dinâmicas de escuta plataformizada”.

A figura evidencia a natureza circular e interativa do *podcasting*. O processo de navegabilidade inicia-se com o Argumento (em azul claro), onde os elementos simbólicos (som, texto e imagens) são disponibilizados para interação. O argumento inclui operadores expressivos e de programação. Neste processo, o *podcaster* define um tema central, recolhe informações de qualidade e as agrupa em um banco multimidiático (argumento). Esse argumento norteia a construção do Entorno, que se forma a partir das conexões entre Soluções de programação, Imersão e Rotatividade sígnica.

A Imersão (em amarelo) ocorre quando o *podovinte* se identifica com o conteúdo trazendo sua subjetividade para a interação. O Randomismo, representado pelos “pinos” em azul escuro, refere-se aos pontos de interação entre os elementos do *podcasting* como linguagem. Dessa forma, o argumento, a imersão e o randomismo, juntos, conduzem o processo de navegabilidade do *podovinte*, determinando aleatoriamente os “caminhos possíveis” de interpretação do conteúdo, o que destaca o fluxo imprevisível da navegação na hipermídia.

Esse processo leva os operados expressivos a um estado de Rotatividade sígnica<sup>11</sup> (em rosa), onde os elementos podem ser interpretados em justaposição ou não. Pelo menos o áudio, a capa do episódio, o título do episódio e a descrição do episódio serão acionados no início do consumo de um *podcast*, principalmente no contexto de *streaming*, embora o áudio possa prevalecer posteriormente. Quando a rotatividade sígnica, as soluções de programação e a imersão se conectam pelo randomismo, forma-se o Entorno (em laranja). A não linearidade da hipermídia pressupõem que o entorno nunca é fixo, pois a navegabilidade pode ser interrompida e retomada conforme a escolha do *podovinte*, gerando diversas possibilidades de construção do entorno.

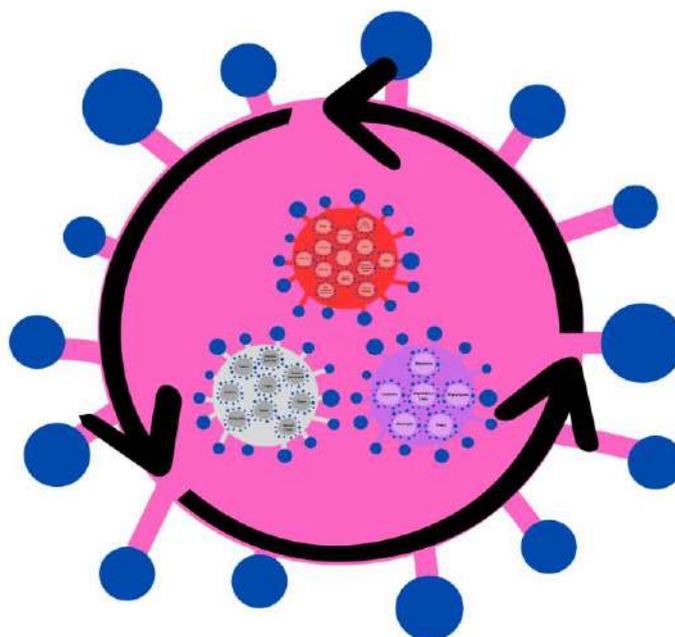
Do entorno, surge a formação da Expressividade (em azul ciano), que é o resultado do processo de navegabilidade do *podovinte* e do significado

---

<sup>11</sup> É relevante reconhecer que a sobreposição de elementos da hipermídia não é restrita apenas ao áudio, uma vez que o ambiente hipermidiático possibilita infinitas possibilidades de acesso a conteúdos em conjunto.

produzido durante a imersão. O randomismo sistematiza a expressividade ao determinar os “caminhos possíveis” de interações a partir de uma estrutura de programação. No *podcasting*, o randomismo é “invisível”, mas pode ser sugerido pela voz, como quando o *podcaster* diz: “para mais informações, acesse o *link* disponível na descrição”.

### FIGURA 2 – Visualização dos elementos simbólicos na rotatividade sígnica



Fonte - Adaptado De Bairon, 2012.

A figura acima ilustra a interação dos elementos simbólicos do *podcasting* na Rotatividade sígnica, que se distribuem entre Elementos Sonoros (em vermelho), como a voz/palavra, timbre, entonação, corporeidade da voz, sonificação, vícios de linguagem, sobreposições de fala, interrupções de fala, aspectos auditáveis, música, efeitos sonoros, sons ocasionados pela produção, sons ocasionados durante a escuta, além do silêncio; Elementos Textuais (em magenta), como o título dos episódios, descrição, hipertextos, *links* e *hiperlinks*, comentários e reportagens; e Elementos Imagéticos (em cinza-claro), como as

capas dos episódios, imagens citadas, imagens manipuladas, imagens reticulares, fotografias, vídeos, ícones, gráficos e mapas.

Esses elementos podem se sobrepor ou não, e mesmo quando sobrepostos, o ouvinte pode desconsiderá-los no processo de construção de sentidos (expressividade). Contudo, eles obrigatoriamente apresentam pontos de interações entre si, que se conectam na construção do entorno e, posteriormente, na expressividade sígnica via randomismo. No *podcasting*, as interações entre o *podcaster* e o *podouvinte* ocorre por meio da integração de diversos elementos (sonoros, textuais, imagéticos e programação), conectados através do randomismo.

### **Considerações finais**

Este estudo propôs uma organização estrutural dos elementos simbólicos do *podcasting* como linguagem em seu processo de significação. Para isso, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica qualitativa, baseada na revisão narrativa de literatura, recorrendo aos estudos radiofônicos e de hipermídia já realizados. As considerações apresentadas permitem compreender que, no *podcasting* como linguagem, o argumento inclui todos os elementos pensados durante a produção do *podcast* e que foram disponibilizados para interpretação na fase de consumo, ou seja, um ambiente multimidiático ou ecologia.

Compreendemos que o *podcasting* compõe-se a partir de uma orientação multilateral, com influências diretas do rádio (seu meio de origem) e do espaço digital (por onde circula e onde nasce). Estas influências se representam em remediações dos sujeitos do processo e da materialidade do objeto. No primeiro caso, as formas de consumo, a incorporação de players em dispositivos multitarefa e as mudanças tecnológicas que propiciam uma potencialização das características de mobilidade e autonomia do rádio (Ortriwano, 1985; Gomes, 2016) permitem compreender como o rádio e a linguagem sonora, ambos em constante mutação, agem sobre a compreensão do *podcasting* como fenômeno comunicacional.

Já a materialidade do objeto, ao pensarmos no podcasting, diversifica-se: pode ser percebida no dispositivo de escuta sonora, mas também nas distintas materialidades das produções parassonoras, na integração entre dispositivos em práticas de escuta (Lopez, Gambaro e Freire, 2023) e na própria compreensão do som e de seus elementos auditáveis como uma expressão material associada às dinâmicas de articulação narrativa das plataformas digitais.

Entendemos então que a linguagem é um eixo central para a compreensão conceitual do podcasting. A interação dos elementos simbólicos do podcasting, como dissemos, articula-se (por sobreposição ou não) entre sonoros, textuais e imagéticos, sempre agindo em um ambiente digital que diversifica os caminhos narrativos oferecidos à audiência, impedindo um descolamento destas rotas comunicacionais na compreensão das relações entre o objeto e as audiências.

Neste contexto, entre as múltiplas possibilidades oferecidas pelo randomismo, o *podouvinte*, de acordo com sua subjetividade, busca se aproximar de sua realidade, construindo um entorno e selecionando os elementos que ajudarão a compreender o conteúdo. No entorno, por meio do randomismo, as soluções de programação, a rotatividade sígnica e a imersão se combinam, resultando na expressividade. A interação destes elementos evidencia que a comunicação no *podcasting* não é linear nem tem destino final, sendo complementada pela presença e participação ativa do *podouvinte*. Essa dinâmica influencia como cada ouvinte compreende o conteúdo, destacando as múltiplas possibilidades de interpretação que o meio apresenta. A compreensão no *podcasting* se encerra com a interrupção do consumo, mas permanece suspensa, podendo ser retomada a qualquer momento e a partir de qualquer ponto, inclusive seguindo caminhos interativos diferentes.

## Bibliografia

- ASSIS, Pablo de. O Imaginário do Rádio e o Podcast. **Comunicologia - Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília**, v. 4, n. 2, p. 84-106, 15 dez. 2011.
- BAIRON, Sérgio. **O que é hipermídia**. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Coleção Primeiros

Passos, 342). 1ª reimpr. da 1ª ed. de 2011.

BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. Tradução resumida do livro *El lenguaje radiofónico*. Madri: Editora Cátedra, 1994. In.: **MEDITSCH, Eduardo (Org.). Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, 2005. 368p. ISBN 85-7474-269-4.

BATTISTI, Elisa; OTHERO, Gabriel e FLORES, Valdir do Nascimento. **Conceitos básicos de linguística: sistemas conceituais**. São Paulo: Contexto, 2021. 288p.

CAVALCANTE, Livia Teixeira Canuto e OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto de. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. **Psicol. rev. (Belo Horizonte) vol.26 no.1 Belo Horizonte jan./abr., 2020**.

CORTEZ, Natália Moura Pacheco. Dinâmicas de circulação de músicas na ecologia de streaming: semiose em redes híbridas. 2016. 185 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2016.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014. 272 p.:il.

GARIGLIO, Livia; FREIRE, Marcelo; LOPEZ, Debora Cristina; MARCENES, João. Uma periodização do RSS como tecnologia de circulação de áudio: 25 anos depois. In: **Anais do XVII Congresso Latino-Americano de Pesquisa em Comunicação, 2024**, Bauru. Anais... Bauru, Alaic, 2024.

GARIGLIO, Livia; ALMEIDA, Amanda Paula; OLIVEIRA-LOPES, Vitor Hugo; LOPEZ, Debora Cristina. Estudos sobre design e podcasting: uma revisão de literatura. In: **Anais do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2023**, Belo Horizonte. Anais... São Paulo, Intercom, 2023.

GLOBOPLAY. O que é Globoplay? Ajuda Globoplay, 2020. Disponível em: <https://ajuda.globo/globoplay/app/sobre-o-globoplay/faq/o-que-e-o-globoplay.ghtml>. Acesso em: 02 jan. 2025.

GOMES, Rafael de Jesus. Rádio e Tecnologia – Uma rediscussão das características do rádio frente às tecnologias contemporâneas. **Rádio-Leituras**, v. 7, n. 1, 2016.

GUERRA, Vânia Maria Lescano. A análise do discurso de linha francesa e a pesquisa nas ciências humanas. **Anais do Sciencult**, v. 1, n. 1, 2010.

JÁUREGUI, Carlos; LOPEZ, Debora Cristina. Sonificação de dados: uma aproximação metodológica. In.: **44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Virtual, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2021**.

KAPLÚN, Mario. **Produção de Programas de Rádio, do roteiro à direção**. Mario Kaplún. Eduardo Meditsch e Juliana Gobbi Betti (Organizadores). São Paulo: Intercom, Florianópolis : Insular, 2017.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; MODESTO, Cláudia Figueiredo. Interações e mediações – Instâncias de apreensão da comunicação radiofônica. **Questões Transversais**, São Leopoldo, Brasil, v. 2, n. 3, 2014. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/8557>. Acesso em: 12 dez. 2024.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais** – mediações e interações

radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Ed. Mauad x, 2016.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. 2009. 301 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação. Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2009.

LOPEZ, Debora Cristina; GAMBARO, Daniel; FREIRE, Marcelo. Binge Listening: Dimensões do consumo de áudio em podcasting. **Radiofonias** – Revista de Estudos em Mídia Sonora, v. 14, n. 3, p. 199-226, 18 jan. 2024.

LOPEZ, Debora Cristina; CHAGAS, Luán José Vaz. A multidimensionalidade do objeto radiofônico: caminhos para compreender o debate. **Esferas**, v. 1, n. 23, p. I-XIII, 1 jul. 2022.

LOPEZ, Debora Cristina e HOMSSI, Aline Monteiro. Cuando se encuentran cultura fan y podcasting: las nuevas relaciones con la audiencia en O Caso Evandro. **Hipertext.net**, (23), 2021. 93-103. <https://doi.org/10.31009/hipertext.net.2021.i23.09>

LOPEZ, Debora Cristina; JÁUREGUI, Carlos; FREIRE, Marcelo; QUADROS, Mirian; MEIRELES, Norma; KOCHHANN, Roscéli; SENA, Marcelo; SILVA, Thiago; LOPES, Vitor Hugo de Oliveira e GARIGLIO, Livia. Estudos de podcasting: panorama da pesquisa em teses e dissertações brasileiras (2004-2021). In.: **46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – PUC MINAS, 2023. Anais**. Belo Horizonte: Intercom, 2023.

LOPEZ, Debora Cristina. A complexidade do podcasting como fenômeno. In.: **KISCHINHEVSKY, Marcelo. Cultura do podcast: reconfigurações do rádio expandido**. - 1 ed. - Rio de Janeiro: Mauad, 2024.

MEDITSCH, Eduardo; BETTI, Juliana Gobbi. Os elementos sonoros na análise da informação radiofônica: em busca de métodos. In.: **17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Goiânia. Anais do 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Goiânia: SBPjor, 2019**.

OLIVEIRA, Lorenna Aracelly Cabral de e KNEIPP, Valquiria Aparecida Passos. a identificação dos elementos parassonoros no podcast: um estudo da série Pistoleiros. **Revista Alterjor**, São Paulo, Brasil, v. 28, n. 2, p. 373–389, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/212553>. Acesso em: 15 ago. 2024.

ORTRIWANO, Gisela Svetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.

PRATA, Nair. **Webradio: novos gêneros, novas formas de interação**. 2008. 395 f. 2008. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

PRATA, Nair, AVELAR, Kamila, e MARTINS, Henrique Cordeiro. Podcast: a research trajectory and emerging themes: Podcast: trajetória de pesquisa e temas emergentes. **Comunicação Pública**, 16(31), 2021. <https://doi.org/10.34629/cpublica.67>

PRIMO, Alê. Para além da emissão sonora: as interações no podcasting. **Radiofonias - Revista de estudos em mídia sonora**, Mariana/MG, v.15, n.01, p. 59-90, jan/abril. 2024.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de**

**Enfermagem**, v. 20, n. 2, p. v–vi, abr. 2007.

SANTOS, Patrícia Consciente Pereira dos. **A criação de ambientes através do som: caminhos imersivos no podcast de storytelling ficcional "Contador de Histórias"**. 2022. 195 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2022.

SANTOS, Roberval de Jesus Leone dos. A importância da audiobiografia na revelação de tesouros. In.: **PINHEIRO, Elton Bruno. (Org.). Pesquisa e Produção em Linguagem Sonora: Experiências Compartilhadas**. Edição de Arte – LabAudio/FAC. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, 2018. 225 p.

SILVA, Jaqueline Florentino da. **Podcast e produção de notícia**. 143p. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Diretoria de pós-graduação e pesquisa, Programa de pós-graduação em comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2023. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal de Ouro Preto, 2022. San195 f.

SPRITZER, Mirna. **O corpo tornando voz: a experiência pedagógica da peça radiofônica**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação. Porto Alegre, 2005. 191f.

SUÁREZ CARBALLO, Fernando; PÉREZ-MAÍLLO, Aurora. El diseño gráfico de pódcast: análisis de estrategias visuales. **Grafica**, v. 10, n. 19, p. 55-62, 2022.

SULLIVAN, John L. **Podcasting in a Platform Age: From an Amateur to a Professional Medium**. London : Bloomsbury Publishing, 2024 - 296 p. Bloomsbury Podcast Studies - ISBN: 9781501380679

THOMPSON, Jhon. B. A interação mediada na era digital. **Matrizes**, vol. 12, núm. 3, 2018, Setembro-, pp. 17-44.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.

TIGRES, Rodrigo. **Podcast S/A: Uma revolução em alto e bom som**. São Paulo, SP: Editora Nacional, 2021.

VIANA, Luana; CHAGAS, Luan José Vaz. Categorização de podcasts no Brasil: uma proposta baseada em eixos estruturais. **Observatorio (OBS\*)**, [S. l.], v. 18, n. 1, 2024. DOI: 10.15847/obsOBS18120242369. Disponível em: <https://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/2369>. Acesso em: 22 apr. 2024.

## Rádio Local e Regional nas pesquisas em Mídia Sonora da Intercom: tendências e possíveis lacunas

*Local and Regional Radio in Intercom Sound Media Research: trends and possible gaps*  
Título do artigo nos idiomas secundários

*Radio Local y Regional en las investigaciones sobre Medios Sonoros de Intercom: tendencias y posibles lagunas*

Karina Woehl de Farias; Marcelo Sena

### Resumo

Este trabalho sistematiza as abordagens sobre rádio local e regional nas pesquisas do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom (1994-2021), buscando compreender como o localismo é tratado nos estudos sobre o meio, analisando palavras-chave e resumos. Temos um estudo exploratório com a utilização de ferramentas como a bibliometria e a revisão sistemática, onde foram examinados 801 textos apresentados no período analisado, dos quais 12 tratam diretamente do tema. Optou-se por um olhar qualitativo nesses trabalhos e assim observamos certa limitação na diversidade metodológica aplicada. Os resultados sugerem a necessidade de um avanço teórico metodológico, além de um maior diálogo interdisciplinar, para fortalecer o campo de estudos sobre rádios locais e regionais

**Palavras-chave:** Rádio Local. Rádio Regional. GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom. Estudos Radiofônicos.

### >> Como citar este texto:

FARIAS, Karina Woehl de; SENA, Marcelo. Rádio Local e Regional nas pesquisas em Mídia Sonora da Intercom: tendências e possíveis lacunas. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 16, n. 01, p. 122-147, jan./abr. 2025.

### Sobre a autoria

Karina Woehl de Farias  
[fariaskaki@gmail.com](mailto:fariaskaki@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0003-4400-8840>

Docente do Departamento de Jornalismo da Unesp. Professora do Programa de Pós-graduação em Mídia e Tecnologia da FAAC/Unesp, campus Bauru. Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Jornalismo da UFSC. Coordena o GT História da Mídia Sonora da Alcar.

Marcelo Sena  
[senatipiti@gmail.com](mailto:senatipiti@gmail.com)  
<https://orcid.org/0009-0002-5811-0280>

Marcelo Sena é jornalista e mestre em Comunicação e temporalidades, ambos pela UFOP. Organizador do livro "A hibridiz como estratégia: metodologias (re)desenhadas para dissertações de comunicação". Pesquisa políticas de memória em processos sociotécnicos do rádio e outras mídias em ambientes digitais.

**Abstract**

This paper systematizes the approaches to local and regional radio in research by the Intercom Radio and Sound Media Research Group (1994-2021), seeking to understand how localism is treated in studies on the medium, analyzing keywords and summaries. We have an exploratory study using tools such as bibliometrics and systematic review, where 801 texts presented in the analyzed period were examined, of which 12 deal directly with the topic. We opted for a qualitative look at these works and thus observed a certain limitation in the methodological diversity applied. The results suggest the need for theoretical methodological advancement, in addition to greater interdisciplinary dialogue, to strengthen the field of studies on local and regional radio.

**Keywords:** Local Radio. Radio and Sound Media Research Group. Methodologies.

**Resumen:** Este trabajo sistematiza los enfoques sobre la radio local y regional en las investigaciones del Grupo de Investigación Radio y Medios Sonoros de Intercom (1994-2021), buscando comprender cómo se aborda el localismo en los estudios sobre el medio, a partir del análisis de palabras clave y resúmenes. Se trata de un estudio exploratorio con el uso de herramientas como la bibliometría y la revisión sistemática, en el cual se examinaron 801 textos presentados en el período analizado, de los cuales 12 tratan directamente el tema. Se optó por una mirada cualitativa sobre estos trabajos, observándose cierta limitación en la diversidad metodológica aplicada. Los resultados sugieren la necesidad de un avance teórico-metodológico, además de un mayor diálogo interdisciplinario, para fortalecer el campo de estudios sobre radios locales y regionales.

**Palabras clave:** Radio Local. Radio Regional. Grupo de Investigación Radio y Medios Sonoros de Intercom. Estudios Radiofónicos.

## Introdução

As emissoras de rádio local e regional desempenham papel fundamental no cenário midiático brasileiro, especialmente em cidades de pequeno e médio

porte, onde muitas vezes se configuram como importante fonte de informação e entretenimento para a população. Com programação pautada pela proximidade e pela identificação com o ouvinte, estabelece laços afetivos que a transformam em um meio de comunicação de relevância social para o entorno. No entanto, os desafios inerentes à sustentabilidade financeira e tecnológica dessas rádios têm sido uma tarefa árdua na busca de estratégias que garantam a manutenção de sua influência e a recuperação de espaços perdidos nos últimos anos.

Tais entraves também ficam evidenciados nas pesquisas acadêmicas sobre o tema. Mesmo com a consolidação dos estudos sobre rádio como um campo dinâmico e multidisciplinar, capaz de dialogar com diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, os avanços em determinadas áreas temáticas caminham lentamente. É o caso das rádios locais e regionais. A lacuna desses estudos dificulta a compreensão da complexidade da mídia local, bem como a formulação de políticas públicas que visem o fortalecimento desses veículos de comunicação.

Diante do exposto, este artigo tem como objetivo identificar quais as abordagens sobre rádio local e regional são encontradas nas pesquisas sobre mídia sonora na Intercom. Para isso, verificamos os trabalhos apresentados no Grupo de Pesquisa entre 1994 e 2021<sup>1</sup>, na busca de compreender o perfil do rádio estudado quando abordadas as questões do localismo das emissoras. A ideia foi verificar as abordagens trabalhadas, a localização das pesquisas, e assim, oportunizar a reflexão sobre lacunas e caminhos futuros sobre o meio no que tange as esferas local e regional.

Assim, analisamos as produções do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom, por meio de levantamento bibliométrico realizado em um estudo<sup>2</sup> maior executado em parceria com universidades e pesquisadores

---

<sup>1</sup> Frisamos que o recorte em 1994-2021 se dá, mesmo com o GP de Rádio e Mídia Sonora ter iniciado na Intercom um pouco antes (1991), pelo fato deste artigo integrar levantamento realizado em um estudo maior que se baseia nos arquivos possíveis de resgatar em bancos de dados da Intercom e em arquivos pessoais de pesquisadores do próprio grupo. Tais materiais começaram a ser arquivados no ano de 1994 e fechamos em 2021 por conta do ano de início do mapeamento dos artigos.

<sup>2</sup> O estudo citado integra pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais

brasileiros, cujo objetivo é avançar nos debates metodológicos da área. Ressaltamos que a bibliometria, como técnica de estudo principalmente ligado à Ciência da Informação, está cada vez mais relevante em análises de produções acadêmicas, pois “permite mapear tendências, identificar lacunas e avaliar o impacto da pesquisa” (ARAÚJO e ALVARENGA, 2011, pág 52).

Partimos do levantamento dos artigos apresentados no GP, num total de 801 papers submetidos desde a década de 1990 ao grupo. Após os números consolidados, utilizamos as palavras-chave Rádio Local e Rádio Regional para chegarmos ao nosso corpus, totalizando 12 artigos. Aqui reforçamos que a intenção é refletir qualitativamente tais títulos a fim de entendermos como a pesquisa sobre o meio tem discutido o rádio quando a programação é próxima da comunidade.

### **O rádio e o cenário midiático local/regional**

A mídia regional brasileira passou a figurar no radar das pesquisas acadêmicas somente a partir dos anos 1990, com interesse de estudiosos na crescente interiorização da comunicação de massa no Brasil, motivada pela expansão das redes de rádio e de televisão (Deolindo, 2019). Desde lá, a temática vem sendo estudada, mas ainda com muitas ressalvas. Os motivos são variados, mas no geral, o regionalismo midiático é analisado numa perspectiva de inferioridade, muitas vezes técnica ou pela incapacidade de sustentação financeira de muitas empresas do setor.

Não raramente, o olhar para a imprensa local não considera sua complexidade e relevância para a construção da identidade regional e para a democratização da comunicação. A deficiência de estudos sobre a mídia local e regional resulta, em parte, da centralização dos grandes veículos em capitais ou grandes cidades e da prevalência de uma visão que associa qualidade a altos

---

(Código APQ-00299-24), pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Processos 311158/2022-6 e 420752/2023-4) e pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Código 001).

investimentos tecnológicos e audiências massivas nestes centros.

Esse olhar tende a desvalorizar a imprensa descentralizada das grandes cidades, suas especificidades, a proximidade com o público e a capacidade de promover debates alinhados às realidades do seu entorno. Ao pensarmos no jornalismo, por exemplo, Pinto (2015, p.43) afirma que as subdivisões como “local”, “comunitário”, “do interior” “são utilizadas para agrupar um tipo de jornalismo produzido à parte do sistema midiático com suportes de abrangência nacional, funcionando como termos autoexplicativos para tudo que está além de um circuito central”.

Sendo assim, entendemos neste artigo a mídia local e regional como empresas localizadas fora de regiões metropolitanas, instaladas em cidades de médio e pequeno porte e que atendam às demandas informacionais do lugar em que estão sediadas. A partir desta delimitação, este artigo parte para a compreensão do rádio local, entendendo-o como um meio capaz de promover e divulgar peculiaridades regionais, desempenhando um papel crucial na construção de uma sociedade mais representada. Além disso, a interação rápida com o público o posiciona num papel importante na quebra da verticalidade das mensagens, alcançando inclusive segmentos mais plurais da sociedade. Tais características representam uma distinção significativa em relação a outros meios. Cebrián-Herreros (2001), enfatiza tal afirmação lembrando que uma emissora local se estrutura em torno do cotidiano da audiência, acompanhando eventos da região.

Uma rádio que atende aos interesses, responde aos gostos e necessidades de serviços de comunicação. Está centrada na vida social, econômica, política e cultural de sua área de abrangência e também em tudo o que ocorre em seu exterior e que tenha repercussões na vida da comunidade (Cebrián-Herreros, 2001, p.146).

Dessa forma, a rádio se configura como um elo entre essa comunidade e o mundo, traduzindo acontecimentos globais em uma linguagem acessível e próxima da realidade de seus ouvintes. Também destacamos o localismo no rádio, a partir de Peruzzo (2006), quando ressalta o meio local/regional como propagador de

informação com aderência às pautas ligadas ao bairro e à comunidade. Diante do exposto, podemos afirmar que o rádio dá sentido aos acontecimentos, reforçando culturas e costumes. Bonixe (2019) reforça que essa identidade foi sendo construída pelas emissoras que demarcavam nas próprias designações a localidade para a qual emitiam. “Essa mídia do entorno, muito mais identificada com o radiofônico, conhece as diversidades e peculiaridades de cada região, utilizando uma linguagem que melhor se ajusta ao seu público” (FARIAS, 2024, p.108).

Dito isso, a contemporaneidade nos coloca em um mundo conectado e globalizado, mas em que a informação local ainda tem um espaço necessário no ir e vir da população em geral.

As pessoas não vivem apenas do global, um conceito que contém mais abstrações do que referências concretas. Elas demonstram interesse pelos assuntos das comunidades em que vivem, e graças às facilidades comunicativas trazidas pelos dispositivos da internet, os públicos que vivem fora de seus países ou regiões buscam regularmente por notícias de suas comunidades de origem. Assim, mesmo vivendo em ambientes globalizados, os indivíduos ou grupos familiares reforçam as suas identidades e ajudam a preservar os patrimônios históricos e as culturas locais (MAGNONI; MIRANDA; CAMARGO, 2019, p. 144).

Essa relevância exercida pelo espaço local reforça, portanto, a necessidade de meios que contemplem esse entorno. E a mídia local tem, nesse sentido, papel insubstituível e deve perceber tal importância também como oportunidade.

### **Procedimentos metodológicos**

Para a elaboração deste texto, utilizamos o banco de dados do projeto “Metodologias de pesquisa para os estudos radiofônicos: desafios para entender o campo” (CNPq), no qual pesquisadoras e pesquisadores de universidades brasileiras e estrangeira realizam levantamento de pesquisas da área apresentadas nos principais eventos nacionais. Em nosso recorte utilizamos informações da revisão sistemática sobre estudos radiofônicos nos trabalhos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, a Intercom.

Foram levantados 801 trabalhos apresentados no GP desde 1994 até 2021. O recorte até 2021 dá-se por conta do início da coleta de dados pelos integrantes do projeto, e os anos anteriores a 1994 não foram localizados nas memórias dos eventos. A partir destes dados, filtramos as pesquisas para que fossem detectados os *papers* que falassem sobre temáticas locais e regionais. No primeiro momento achamos mais de 70 trabalhos, porém, nem todos convergiam necessariamente com a área estabelecida com o objetivo proposto. Isso porque apareceram questões distorcidas que não interessavam a este estudo, sendo necessário aglutinar a palavra rádio ao filtro, e aí chegamos a 12 trabalhos com abordagem sobre *Rádio Local* e *Rádio Regional*. Ressaltamos que a amostragem se baseou nos campos: palavra-chave (campos 1; 2 e 3) e nos resumos.

Com os 12 textos elencados buscamos refletir as informações que pudessem servir para análise dos resultados. Assim, após a limpeza das inconsistências, realizamos o cruzamento de informações por meio do software Tableau<sup>3</sup>, que permitiu a construção de inferências correlacionadas ao contexto da proposta e à discussão sobre o rádio local e regional nos estudos sobre mídia sonora. Com o tratamento do arquivo, o programa gerou visualizações a partir da contagem de valores gerando gráficos sobre número de produções por ano; métodos e metodologias mais utilizadas; o tipo de abordagem; a origem, identificação e vínculo institucional da autoria.

## Discussão sobre os achados

Como mencionamos, o levantamento apurou parte das pesquisas do GP da Intercom sobre rádio local e regional. O número baixo de trabalhos encontrados com os assuntos filtrados pode ser atribuído a questões de indexação. Muitos estudos abordam temas relacionados ao jornalismo, incluindo aspectos que envolvem o rádio, sem necessariamente mencioná-los de forma explícita em títulos,

---

<sup>3</sup> O tratamento dos dados no software Tableau foi realizado pelo professor/pesquisador e integrante do projeto, Marcelo Freire (2025).

resumos ou palavras-chave. Assim, a ausência de indexação direta compromete a identificação por meio das buscas realizadas com os filtros estabelecidos. Abaixo é possível acompanhar os 12 títulos encontrados em nosso rastreo.

**Tabela 1. Trabalhos sobre Rádio Local e Rádio Regional**

TÍTULO	AUTORIA	ANO
<b>O rádio local na era das redes</b>	Leandro Comassetto	2005
<b>A internet como recurso para reforçar a proposta do rádio local</b>	Leandro Comassetto	2010
<b>Alô, alô, marciano, aqui quem fala é da Terra”: reflexões sobre o rádio local nos tempos da globalização</b>	Eliana Cristina Paula Tenório de Albuquerque e Rodrigo Bomfim Oliveira	2015
<b>O Que é Preciso Ler Para Entender o Rádio e Compreender o Radialismo</b>	Goretti Maria Sampaio de Freitas; Antonio Roberto Faustino da Costa; Luiz Custódio da Silva e Moacir Barbosa de Sousa	2015
<b>Arriba Zita! A “chimbica” que virou “cobra” e suas análises de conjuntura</b>	Valci Zuculoto	2015
<b>O Desafio do Ensino de Rádio no Interior do Rio Grande do Sul</b>	Vera Lucia Spacil Raddatz	2017
<b>O Rádio e os Radialistas: um perfil de quem faz o rádio no interior do Brasil</b>	Eliana Cristina Paula Tenório de Albuquerque	2018
<b>Ouvir rádio na cidade patrimônio: experiências de escuta, localismo e migração em discursos de ouvintes ouro-pretanos</b>	Rafael Medeiros	2019
<b>70 Anos depois: o Rádio no Sul da Bahia e seus desafios atuais</b>	Eliana Cristina Paula Tenório de Albuquerque	2019
<b>Rádio Regional e Cultura Local: Formas de Relação na Migração AM/FM</b>	Elane Gomes Santos Coutinho e Clarice Greco	2020
<b>Seu microfone está desligado: o silêncio dos ouvintes na cobertura da pandemia de Covid-19 no rádio local</b>	Graziela Valadares Gomes de Mello Vianna e Rafael Medeiros	2020
<b>O Rádio Regional como Patrimônio Cultural Imaterial</b>	Elane Gomes Santos Coutinho	2021

Fonte: Elaboração dos autores a partir de dados do projeto (2025)

Ainda que a extração dos dados tenha resultado em apenas 12 artigos, a experiência de utilização do software *Tableau* se apresenta promissora, especialmente quando a pesquisa envolve a análise de amostras maiores. Assim, o cruzamento das informações obtidas aqui fornece insumos para reflexões sobre o campo de estudo ao qual se inserem as pesquisas sobre o rádio local e regional.

Olhando para os 12 artigos, identificados ao longo dos estudos do grupo abordagens que apontam para um rádio de interior, comunitário e de participação do ouvinte. A grosso modo, esperávamos encontrar um volume até maior de pesquisas, dado o papel historicamente relevante do meio na comunicação de proximidade e na formação de identidade cultural. No entanto, o dado sugere que, embora a rádio local permaneça relevante, a investigação acadêmica não tem recebido a mesma atenção dedicada a outras mídias digitais emergentes, o que revela uma lacuna importante a ser explorada.

Ressaltamos ainda, que a perspectiva de patrimônio cultural se destaca nos trabalhos encontrados, como evidenciado pelo mapa de palavras-chave gerado, estabelecendo que as pesquisas tendem a focar na preservação da memória coletiva e na construção de identidades (PERUZZO, 2009) por meio das emissoras regionais.

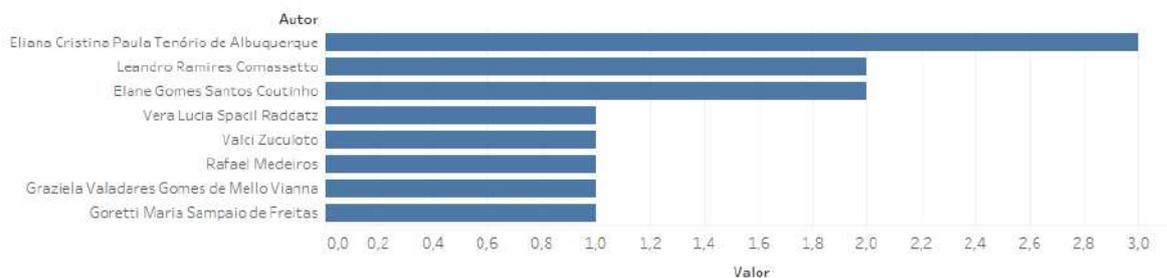
**Figura 1** – Nuvem de palavras gerada por software a partir de palavras-chave e resumo



Fonte: Dados da Pesquisa

**Quem publica.** Eliana Albuquerque, pesquisadora vinculada à Universidade Estadual Santa Cruz/Bahia, assina três dos 12 trabalhos encontrados. Outros dois trabalhos são assinados por Leandro Comasseto, da Universidade do Contestado/Santa Catarina. Elane Coutinho (Unesp) e Rafael Medeiros (UFMG/UFSC) aparecem como autores ou coautores em outras duas publicações, cada. O gráfico a seguir foi construído a partir do que os filtros identificaram como autoria principal dos artigos. Aqui, vale frisar que nomes como Eliana e Leandro eram esperados que aparecessem no topo da lista já que suas pesquisas permeiam constantemente tais temáticas, inclusive, servindo de referência para outros pesquisadores da área. O mesmo com Rafael Medeiros que desde a elaboração de sua dissertação tem se dedicado às pesquisas ligadas ao rádio local.

**Figura 2** Autores e autoras que trabalham a temática Local e Regional

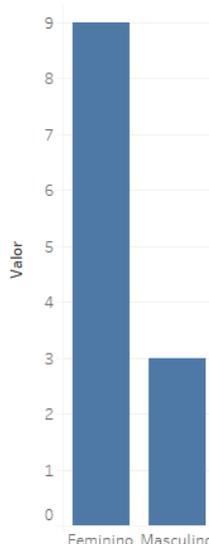


Fonte: Dados da Pesquisa

Os filtros utilizados nesta pesquisa também permitem fazer um recorte de gênero quanto à autoria dos artigos e, com isso, perceber a preponderância do gênero feminino nas publicações: 9 dos 12 trabalhos têm mulheres como autoras principais. O número não surpreende já que em estudos anteriores foi constatado que mais de 50% dos trabalhos do Grupo são assinados por mulheres (Lopez *et al*, 2024, p.4). Em contrapartida, mesmo não sendo foco do nosso artigo, lembramos que a disparidade entre homens e mulheres quando o assunto é produção de conhecimento científico segue como realidade. Os autores sinalizam que mesmo com 50% de autoria feminina, 67,15% das citações são de homens, um verdadeiro paradoxo. O nosso trabalho não aprofunda tal temática, mas achamos pertinente o

registro mesmo que na contramão dos números. Porém, levantar essas questões avalizam a importância de promover um debate mais profundo sobre a equidade de gênero na produção acadêmica.

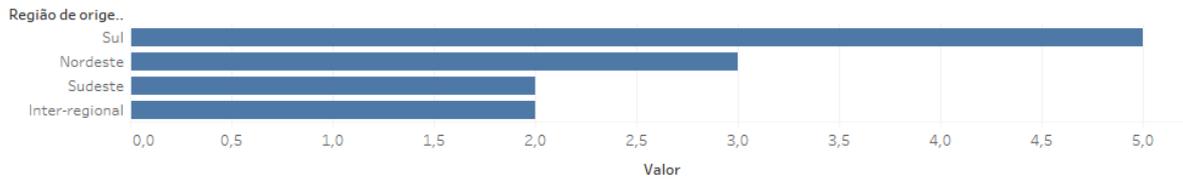
**Figura 3** Gênero da autoria



Fonte: Dados da Pesquisa

**De onde publica.** O vínculo institucional das pesquisadoras e pesquisadores também nos fornece informações sobre a origem das pesquisas, ainda que apresente desafios à metodologia adotada. Trabalhos assinados em conjunto por cientistas de diferentes universidades, por exemplo, exigem adaptações nos filtros para contemplar suas nuances. Todavia, fica evidente que Sul e Nordeste lideram os estudos. O que entendemos ser um aspecto interessante, principalmente pela força dos trabalhos da região nordeste sobre rádio local. O dado chama a atenção porque vai de encontro ao que encontramos recorrentemente, onde os estudos e autores concentram-se no sudeste, refletindo “as assimetrias características da academia brasileira” (Lopes *et al*, 2024).

**Figura 4** Região de origem dos autores e autora

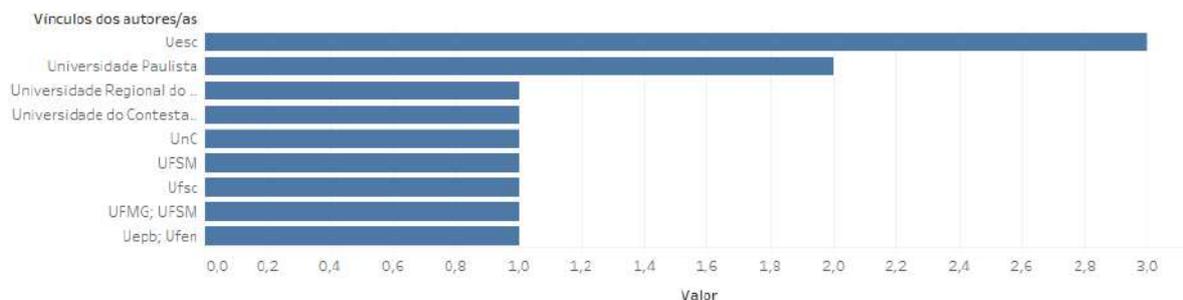


Fonte: Dados da Pesquisa

Ainda nessa linha, o gráfico gerado a partir da vinculação da autoria com a respectiva instituição de ensino apresenta problemas que precisam ser considerados. É o caso dos dois artigos assinados por Leandro Comasseto, sobre os quais o programa de computador não conseguiu identificar que o nome por extenso “Universidade do Contestado” e a sigla “UnC” fazem referência à mesma instituição de ensino.

Quando analisamos um universo de 12 trabalhos, esse tipo de deficiência metodológica é passível de correção sem muitas dificuldades. Porém, em grandes volumes de dados, inconsistências como a encontrada podem inviabilizar revisões manuais e, portanto, gerar danos irreversíveis à análise. Por isso, ao olharmos para esta pesquisa como um experimento que envolve mecanismos de automação para a sistematização dos dados, optamos por apresentar o gráfico como foi gerado, com o objetivo de ilustrar possíveis intercorrências e alertar para pontos de atenção que podem surgir durante a aplicação dos métodos e técnicas adotadas em cada pesquisa.

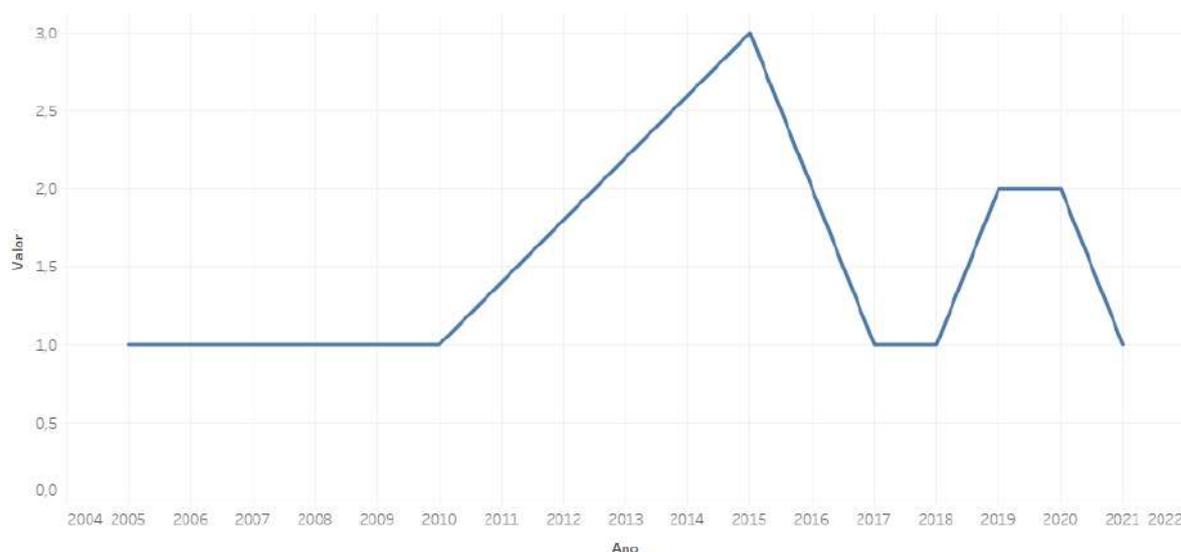
**Figura 5** Vínculo institucional de autores e autoras



Fonte: Dados da Pesquisa

**Quando.** A filtragem dos artigos por edição da Intercom pode permitir uma visualização sobre em quais momentos determinado tema ganhou (ou perdeu) relevância entre as pesquisas apresentadas no evento. Em relação ao rádio local e regional, o gráfico revela o ano de 2015 como a edição na qual foi apresentado o maior número de trabalhos sobre o tema.

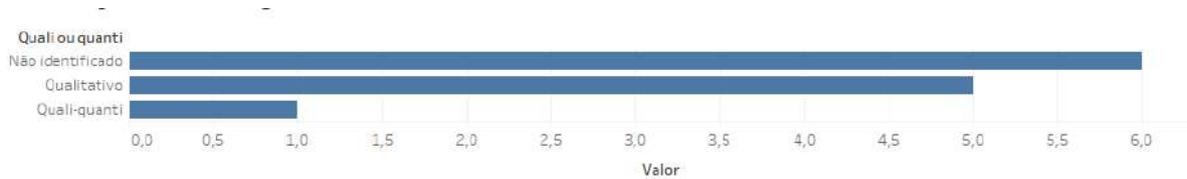
**Figura 6** Ano de submissões dos trabalhos no GP



Fonte: Dados da Pesquisa

**Metodologias utilizadas.** A dificuldade de indexação encontrada não interfere, apenas, na (não) identificação dos trabalhos publicados sobre o tema. No caso da metodologia utilizada para a construção dos artigos, por exemplo, o objetivo era descobrir quais os métodos e técnicas mais utilizadas nas pesquisas sobre o rádio local e regional, se priorizam análises qualitativas ou quantitativas e se há alguma preponderância em determinadas regiões, instituições de ensino ou mesmo relacionada ao gênero da autoria.

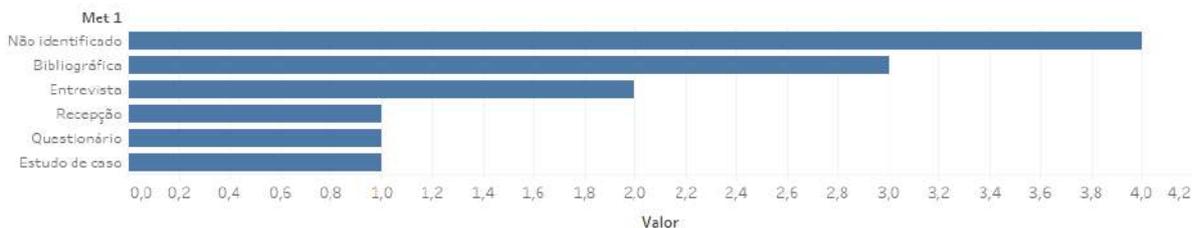
**Figura 7** Abordagem metodológica



Fonte: Dados da Pesquisa

Apesar disso, os gráficos revelam que em metade dos artigos encontrados, o tipo de análise não é explicitado no título, nas palavras-chave ou no resumo (se qualitativa, quantitativa ou quali-quanti).

**Figura 8** Metodologias apontadas



Fonte: Dados da Pesquisa

No caso das metodologias principais, foi possível perceber que quatro trabalhos (25%) não explicitam, nos campos analisados, qual é a metodologia preponderante.

## Reflexões sobre os trabalhos apresentados

Ainda sobre reflexões quanto ao campo, a amostra restrita possibilita análises mais aprofundadas dos trabalhos encontrados. Mais que isso, durante a pesquisa foi possível perceber que, mesmo os artigos que têm objetos bem delimitados geograficamente, não se furtam de discussões teóricas às quais seus esforços analíticos estão inseridos.

A (re) existência do rádio local e regional em um cenário de inovações tecnológicas e globalização, por exemplo, motiva reflexões das autoras e autores desde os primeiros trabalhos encontrados nesta pesquisa. Ainda em 2005, Leandro Comassetto assina o artigo “O rádio local na era das redes” (Comassetto, 2005), no qual são explorados os impactos do avanço dos grandes conglomerados de mídia sobre o rádio local, avanço facilitado pelas transformações tecnológicas percebidas à época e que prioriza a veiculação de assuntos de “interesse amplo” às informações locais.

O autor reconhece a “reorganização espacial decorrente da revolução tecnológica no âmbito das comunicações” (Comassetto, 2005, p. 4), mas questiona a ideia de que essa reorganização tenha provocado uma perda completa de sentido da relação de proximidade no cotidiano das pessoas. Comassetto defende a existência de uma certa estabilidade nas relações de proximidade, por necessidades diversas e pela construção de vínculos ao se organizarem para a solução dos mais diversos problemas. Além disso, ressalta outros aspectos subjetivos, ao argumentar que as pessoas “dificilmente dispensam da memória a sensação de enraizamento num lugar”. Sob essa perspectiva, o autor aponta a relevância da mídia local e vislumbra o potencial do segmento, sobretudo do rádio, diante das lacunas deixadas pela lógica de mercado dos conglomerados de mídia.

Se, em 2005, Comassetto concentra sua abordagem na relação entre o rádio local e a era das redes, cinco anos depois o autor enfatiza as transformações ao segmento provocadas com o avanço e a popularização da internet. Em 2010, o pesquisador submete outro artigo<sup>4</sup> ao Congresso da Intercom no qual advoga que “longe de representar uma ameaça à radiodifusão, a internet pode funcionar como aliada para reforçar a proposta jornalística do rádio local” (Comassetto, 2011, p. 157). Essa proposta é ancorada, sobretudo, nas relações de proximidade, na veiculação de assuntos locais, de interesse da comunidade que, com a internet, ultrapassa os limites do *dial*. Dessa forma, “a maior virtude das transmissões via web está no fato de poder satisfazer o interesse das pessoas pelos assuntos locais,

---

<sup>4</sup> Artigo completo encontrado na edição 35 da Revista Logos (UERJ)

de suas comunidades, em escala global, fora do alcance das redes locais de informação” (COMASSETTO, 2011, p. 147).

Concomitante às questões de transmissão com a digitalização da radiodifusão, o artigo também aborda as mudanças relacionadas ao conteúdo veiculado, com a possibilidade (e a necessidade) de utilização de recursos e atrativos adicionais complementares ao áudio, provenientes daquele cenário de transformação digital, circunscrito em um contexto hipermidiático e multimidiático.

Ainda que reconheça o ambiente de inovações tecnológicas ao qual o rádio estava (e está) inserido e defina como “inevitável” a convergência de mídias, o autor desacredita teses que profetizam o desaparecimento do meio provocado por esse cenário multimidiático. Segundo Comassetto, o rádio re-existe devido àquilo que ele tem de mais singular, ou seja, “a capacidade de transmitir conteúdo de importância e entretenimento apenas com o som” (COMASSETTO, 2011, p. 148).

Mais que sobreviver às inovações, o autor aponta que essa peculiaridade se encaixa perfeitamente no modo de vida cotidiana e seus ritmos. A partir dessas reflexões sobre o campo, o autor analisa, por meio de estudos de caso, a utilização de recursos da internet por duas rádios AM do interior de Santa Catarina: Rádio Aliança e Rádio Rural. Comassetto observa os sites das emissoras e percebe que a internet é utilizada como complemento à informação veiculada no rádio, com o objetivo de saciar a curiosidade dos ouvintes, interessados em ver imagens dos acontecimentos. Porém, reforça que o negócio e, portanto, a prioridade das empresas é o rádio, mantendo suas características principais, ou seja, “sempre zelando pela mobilidade e imediatismo” (COMASSETTO, 2011, p. 155).

Do oeste de Santa Catarina para o sul da Bahia, outra referência desse campo de estudo também traz reflexões sobre a relação entre o rádio local e o ecossistema da globalização. Em 2015, Eliana Albuquerque assina, ao lado de Rodrigo Oliveira, o artigo “Alô, alô, marciano, aqui quem fala é da Terra”: reflexões sobre o rádio local nos tempos da globalização” (Albuquerque e Oliveira, 2015). Os autores analisam as relações entre o global e o local, a partir do conceito de glocalização, no qual há “convivência” entre as duas dimensões e, não, uma mistura entre elas. Assim, citam

uma perspectiva colaborativa de interdependência, ao passo em que “considera o global como dependente do local tanto quanto o local não pode se expandir ou sobreviver desligado do global” (ALBUQUERQUE e OLIVEIRA, 2015, p.5).

O artigo também aponta importantes atualizações no próprio conceito de rádio, que corroboram com as considerações de Comassetto, ao priorizar o meio em relação às plataformas. Assim, se no início deste século, o rádio era delimitado como um meio de transmissão de informação exclusivamente sonora por meio de ondas eletromagnéticas (MEDITSCH, 2001 e FERRARETTO, 2001 citados por ALBUQUERQUE e OLIVEIRA, 2015, p.9), alguns anos depois, essas mesmas referências atualizaram seus entendimentos para admitir o caráter multimidiático do meio e também situá-lo mais próximo das “manifestações sonoras associadas à internet” (MEDITSCH, 2008 e FERRARETTO, 2007 citados por ALBUQUERQUE e OLIVEIRA, 2015, p.9). Diante desse cenário de intensas inovações e mudanças tecnológicas, os autores são cuidadosos ao não delimitarem o rádio em um conceito fechado, ainda que optem por uma definição que “priorize o conteúdo e não as formas de transmissão” (ALBUQUERQUE e OLIVEIRA, 2015, p.9). As inferências propostas pelos autores surgem a partir da observação de nove rádios situadas no sul da Bahia: Gabriela FM, Conquista FM, Santa Cruz AM, Cultura AM e Baiana AM (de Ilhéus) e Bahia FM, Morena FM; Difusora AM, Rádio Jornal AM (da cidade de Itabuna).

A partir da observação de que as emissoras têm o assistencialismo e a prestação de serviços como carro-chefe de suas programações, o artigo sugere três aspectos que contribuem para definir a audiência percebida. O primeiro deles diz respeito ao conteúdo veiculado por cada rádio, no qual os autores perceberam tendências distintas entre as rádios AM e FM. Enquanto as emissoras AM dão prioridade ao conteúdo noticioso – policiais, cidades, política local e polêmicas relevantes para a região – sem deixar de dar espaço para programas musicais, rurais, esportivos e de piadas; as emissoras FM priorizam programas musicais e aqueles que envolvem uma interação maior do ouvinte.

O segundo aspecto observado pelos autores refere-se a questões técnicas que envolvem o alcance e a qualidade do sinal. Assim, ao passo em que as emissoras AM possuem maior alcance, mas perdem em qualidade de sinal, o inverso ocorre com as FM, que apresentam menos ruídos, mas não chegam tão longe. Esse aspecto faz com que os autores reflitam sobre as limitações do público na escolha do que ouvir. Perceberam, portanto, que “lugares onde há um bom sinal, as FM terminam sendo favorecidas pela qualidade do som e as AM pela programação mais variada” (ALBUQUERQUE e OLIVEIRA, 2015, p.10).

O último aspecto apresentado no artigo, apontado como o mais importante pelos autores, diz respeito à atuação dos radialistas. Em pesquisa realizada com uma amostra de 1% dos ouvintes do sul da Bahia, os autores descobriram que mais de 40% dos entrevistados escolhem uma rádio por causa do locutor, enquanto 38% fazem essa escolha pela programação. Esses dados variam, também, entre os segmentos AM e FM.

Por fim, os dados extraídos permitiram aos pesquisadores identificar a preferência dos ouvintes por conteúdos noticiosos, especialmente aqueles voltados para notícias locais e regionais. Assim, defendem o jornalismo como “uma das poucas coisas que distinguem as emissoras locais de todas as outras” (Albuquerque e Oliveira, 2015, p. 11). Ressalvam, no entanto, que, especialmente no mundo globalizado, o rádio local não deve se restringir a assuntos locais, apenas por serem locais, ainda que não tenham relevância. É justamente pela relevância àquela comunidade que os assuntos devem ser pautados, ao prevalecer, com isso, o “bom senso” (ALBUQUERQUE E OLIVEIRA, 2015, p. 11).

Interessante observar que, ainda no Intercom de 2015, diversos trabalhos apresentados discorrem sobre a atuação de Zita de Andrade Lima, pesquisadora identificada como a pioneira das pesquisas sobre o rádio do Brasil, por conta da efeméride do cinquentenário dos seus primeiros estudos acadêmicos. Dois desses artigos aparecem no banco de dados elaborado para esta pesquisa, por abordarem questões relacionadas ao rádio local e regional. O primeiro deles, assinado por Valci Zuculoto (ZUCULOTO, 2015), aponta, logo no resumo, Zita como uma defensora do

rádio regional e da expansão da quantidade de emissoras, em meio ao contexto do projeto desenvolvimentista da Ditadura Militar.

A autora explica que o artigo analisa duas publicações de Zita nas décadas de 1960 e 1970, nas quais é “possível perceber o quanto Zita investigou e buscou entender o panorama e o potencial deste meio radiofônico naqueles tempos, acima de tudo para e na sua relação com as comunidades interioranas” (ZUCULOTO, 2015, p. 5). Zuculoto evidencia a preocupação que Zita, pernambucana, demonstrava em relação à região nordeste do Brasil e ao subdesenvolvimento percebido à época.

Se a relação do rádio local com as inovações tecnológicas é tema presente nos primeiros artigos analisados aqui (especialmente com o advento da internet), as supostas ameaças ao meio com a chegada da televisão foram debatidas por Zita que, de forma lúcida e vanguardista, apresentava contrapontos a essas linhas de pensamento.

Com o fim da era de ouro do rádio, Zita apostava suas fichas no jornalismo para defender a sobrevivência do meio, especialmente pelo investimento na “reportagem, na especialização e na segmentação” (ZUCULOTO, 2015, p. 10). O artigo reconhece a ampliação no número de emissoras durante o período ditatorial, mas alerta quanto à desigualdade pela qual se deu essa expansão, incapaz de alcançar os interiores do Brasil. Nessa linha, Zuculoto também relembra as preocupações de Zita quanto ao desequilíbrio no volume das informações veiculadas, com ampla preponderância de notícias do sul e do sudeste, mesmo nos jornais nordestinos.

Outra interlocução percebida entre os trabalhos analisados até aqui diz respeito à formação de redes de comunicação. Segundo Zuculoto, já nos anos 1960 e 1970, Zita de Andrade Lima defendia e apontava benefícios dessa formação de redes, desde que respeitadas as propriedades que fazem do rádio um meio de comunicação focado nas questões locais e regionais. O artigo aponta, por fim, a defesa que Zita faz, no início dos anos 1970, de transformações no fazer radiofônico, desde a formação dos novos radiojornalistas, com mudanças profundas na linguagem, no estilo e no conteúdo das mensagens. O foco dessas

transformações estava no radiojornalismo, com recomendações que se referiam “à atuação do rádio no geral, mas mais uma vez enfatizando a sua grande preocupação com o atendimento às necessidades de levar informação, conhecimento às populações do interior” (ZUCULOTO, 2015, p. 12).

O segundo artigo sobre Zita de Andrade Lima e o rádio local a ser explorado aqui intitula-se “O Que é Preciso Ler Para Entender o Rádio e Compreender o Radialismo”, assinado por quatro professores de instituições de ensino públicas nordestinas. Ainda que o trabalho discorra sobre o contexto de surgimento do rádio no Brasil e, com mais ênfase, no nordeste, além de apontar contribuições de Zita para a formação dos profissionais do radiojornalismo, para este artigo, manteremos o foco nas considerações que os autores fazem sobre a relação entre o rádio e o desenvolvimento regional.

Os autores apontam publicações de Zita de Andrade na década de 1960 nas quais é possível perceber o rádio como “espaço primordial para a divulgação da informação local e valorização das manifestações e vocações econômicas e culturais necessárias para o processo de regionalização e desenvolvimento brasileiro”. Para isso, apontam características como “uma maior aproximação com o público receptor no tocante ao cotidiano dos habitantes das pequenas localidades, com a valorização dos fatos, acontecimentos e do comumente denominamos com muita ênfase hoje de informação local” (FREITAS *et al*, 2015, p. 8). O artigo sugere, por fim, que a defesa pela regionalização proposta pela professora Zita de Andrade confunde-se, não por acaso, com a história e a relevância das rádios comunitárias no Brasil.

De volta ao sul do país, o próximo artigo a ser analisado aqui reflete sobre o “Desafio do Ensino de Rádio no Interior do Rio Grande do Sul”, apresentado no Intercom de 2017 pela pesquisadora Vera Raddatz (RADDATZ, 2017). A partir das experiências como professora de radiojornalismo no noroeste gaúcho, a pesquisadora se propõe a “refletir sobre o papel do ensino de rádio na universidade” (RADDATZ, 2017, p. 2), a partir de questões como o conteúdo, as metodologias utilizadas em sala de aula e o contexto no qual o rádio estava inserido à época. A

relação de proximidade com o ouvinte, já vista aqui em artigos que têm objetos observados em diversas partes do país, também é apontada pela autora em seu recorte geográfico. Raddatz fala em um grau de afinidade entre a comunicação radiofônica do interior e seu público imediato, “na perspectiva de construir pontes e identidades” (RADDATZ, 2017, p. 5).

Nessa linha, o artigo cita ainda dados obtidos por meio do projeto de pesquisa *Fronteiras: a identidade fronteira nas ondas do rádio*, desenvolvido pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Segundo a autora, os relatórios do projeto evidenciam a relevância do rádio local “na elaboração do imaginário e na representação das relações” que ocorrem nos territórios dos 31 municípios que integram a área de abrangência da pesquisa. Ao articular temas de interesse, reproduzir falas de pessoas e instituições e difundir a cultura local, seja por meio da música, dos costumes ou da língua, a pesquisadora defende que o “rádio do interior gaúcho dá voz aos sujeitos locais e contribui para a formação de suas identidades” (RADDATZ, 2017, p. 6).

Em 2018, outro artigo de Eliana Albuquerque aparece no banco de dados gerado para esta pesquisa, o segundo de três publicações que têm a pesquisadora como autora principal. Desta vez, Albuquerque assina o artigo “O Rádio e os Radialistas: um perfil de quem faz o rádio no interior do Brasil” (Albuquerque, 2018). Novamente, o rádio local do sul da Bahia é o recorte geográfico utilizado pela pesquisadora em suas reflexões. Ela aponta a proximidade e a intimidade com o ouvinte como características únicas do meio, além da rapidez nas informações e da acessibilidade, como fatores que favorecem a discussão do rádio a partir da comunidade alvo da programação e do local onde estão inseridas as emissoras (ALBUQUERQUE, 2018, p.1).

Diante disso, a pesquisadora destaca o papel dos radialistas como “atores sociais relevantes na medida em que passaram a representar a possibilidade de expressão – a voz – para milhares de pessoas”. (Albuquerque, 2018, p.2). Assim, para traçar o perfil dos radialistas do sul da Bahia, a pesquisadora realizou entrevistas entre 2014 e 2018, com radialistas em exercício profissional nas cidades

de Ilhéus e Itabuna, a partir de listagens fornecidas pelos sindicatos profissionais das duas cidades e também pela Delegacia Regional do Trabalho na Bahia. Dos 120 nomes encontrados, o estudo conseguiu realizar entrevistas com 72 pessoas. Entre as principais descobertas, destaca-se, aqui, o fato de que 90% dos radialistas são homens e que mais de 70% dos entrevistados têm entre 41 e 60 anos, enquanto menos de 15% têm entre 21 e 40 anos. Isso simboliza, segundo a pesquisadora, “pouca renovação de quadros”. No ano seguinte, Eliane Albuquerque publica seu terceiro artigo sobre o rádio local e regional encontrado neste trabalho: “70 Anos depois: o Rádio no Sul da Bahia e seus desafios atuais”.

Também a partir de 2019, uma especificidade do rádio hertziano contemporâneo surge entre os artigos encontrados nesta análise: a migração do AM para o FM. Rafael Medeiros e Elane Coutinho trazem os aspectos de rádio local no contexto da troca de dial no Brasil. Medeiros (2019) faz um estudo de recepção sobre a percepção dos ouvintes de Ouro Preto (MG) sobre o lugar social e tecnológico das experiências de escuta radiofônica. O estudo apresentado tem sustentação em metodologias múltiplas e explora dados por meio da Análise Textual Discursiva. Além disso, um questionário online foi divulgado na programação da emissora e nas redes sociais durante quatro meses para a coleta com ouvintes. Dos 47 respondentes do questionário, dezoito se interessaram em serem entrevistados inicialmente, porém, após os contatos, foram realizadas efetivamente sete entrevistas com o objetivo de aprofundar os dados obtidos. Os resultados trouxeram um rádio que é parte do dia a dia da cidade patrimônio e exerce papel fundamental na manutenção das identidades cotidianas mineiras.

No caso de Elane Coutinho e Clarice Greco (2020), a migração do AM-FM é tratada como um marco importante para a manutenção do relevante papel do rádio na representatividade das culturas locais. O *paper* submetido ao congresso trata das relações entre os conteúdos da programação de rádios regionais migradas e a cultura do local onde a emissora está inserida. Além disso, a problemática central da pesquisa levanta o seguinte questionamento: quais elementos relacionam os conteúdos dos programas das rádios regionais migradas com a cultura do local

onde a emissora abrange? Ao longo do trabalho tais questões foram apresentadas a partir de um estudo com a Rádio Clube FM 92.7 de Santo Antônio de Jesus-BA. Já no segundo texto de Elane Coutinho - *O Rádio Regional como Patrimônio Cultural Imaterial* (2021) – a troca de banda do AM para o FM é somente pano de fundo para uma fundamentação mais voltada ao conceito de Patrimônio Cultural.

Por fim, o impacto da pandemia de COVID-19 também marcou presença nos trabalhos que discutem o localismo radiofônico. Graziela Valadares Gomes de Mello Vianna e Rafael Medeiros (2020) avaliaram o a cobertura e a prestação de serviços realizadas por uma emissora de rádio local – a Rádio Itatiaia Ouro Preto – no cenário pandêmico. No texto, a dupla discute a atuação da rádio na região e o estabelecimento de vínculos e silenciamentos dos seus ouvintes na cobertura do impacto da pandemia nas localidades alcançadas pela emissora. O estudo partiu da observação da transmissão hertziana da rádio retransmitida por *streaming* e o acompanhamento das redes sociais da emissora durante parte do período de isolamento social.

### **Considerações Finais**

Ao apontarmos as observações para o cenário do rádio local nos artigos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora na Intercom evidenciamos que, embora o GP apresente um número significativo de trabalhos desde 1994, as produções com especificidades e o olhar para o local e regional não são muitas. Frisamos que ao aplicarmos os filtros nos 801 *papers* encontrados fixamos nossa análise nos 12 títulos que descreveram suas pesquisas como tratando-as sobre Rádio Local e Rádio Regional.

Foi possível perceber que as discussões apresentadas nos artigos desenvolvidos tendem a enfatizar aspectos como a proximidade com a comunidade, a relevância do conteúdo local e questões ligadas ao patrimônio cultural, contudo, há uma ausência de análises mais robustas sobre os impactos sociais e culturais dessas emissoras em seus contextos específicos. De modo algum isso é uma crítica aos estudos propostos ao GP, mas simplesmente uma forma de pensarmos na

inclusão dessas temáticas com mais frequência em nossas pesquisas. Além disso, também, aí sim com um olhar de mais criticidade, sinalizar os assuntos de forma mais explícita em palavras-chave ou mesmo nos resumos dos *papers*, ação que temos visto pouco nas centenas de pesquisas do grupo.

Outro ponto a se pensar é a possibilidade de incorporar abordagens interdisciplinares que dialoguem com as transformações tecnológicas e com as mudanças nos hábitos de consumo da mídia sonora. Nos títulos encontrados, destacamos os escritos de Leandro Comassetto que convergem com tais temáticas e são referenciados aos montes nos estudos sobre o meio país afora.

Sendo assim, este estudo contribui para o avanço dos debates metodológicos no campo da Mídia Sonora, reforçando a relevância da bibliometria como ferramenta para mapear tendências e identificar lacunas nas pesquisas acadêmicas também sobre o áudio. Espera-se que os resultados aqui expostos de maneira mais qualitativa fomentem novas investigações que aprofundem a compreensão do papel da rádio local e regional na contemporaneidade, promovendo um diálogo cada vez mais potente entre pesquisadores e fortalecendo o campo de estudo na Intercom e demais eventos da área.

Um outro aspecto evidente nas pesquisas sobre rádio local e regional diz respeito à ausência de estudos que explorem as dinâmicas econômicas das emissoras, considerando seus desafios de sustentabilidade financeira frente ao avanço das plataformas digitais, um gargalo para empresas midiáticas país afora. Há a necessidade de investigações que analisem esse contexto, as estratégias de adaptação tecnológica, entre outros aspectos sobre a crescente convergência midiática.

Também observamos uma carência de abordagens que levem em conta as perspectivas dos próprios profissionais que atuam nessas rádios, suas rotinas produtivas e as percepções sobre os desafios enfrentados no dia a dia da radiodifusão local. O impacto das políticas públicas e das regulamentações para a manutenção dessas emissoras também se configura como um eixo pouco explorado nas produções analisadas. A ampliação desses enfoques permitiria um

entendimento mais aprofundado do papel do rádio local na contemporaneidade, alinhando as pesquisas acadêmicas às transformações estruturais que impactam o setor e fornecendo subsídios para sua valorização e fortalecimento do meio.

## **Bibliografia**

ALBUQUERQUE, E. **70 Anos depois: o Rádio no Sul da Bahia e seus desafios atuais**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42., 2019, Belém. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2019.

ALBUQUERQUE, E. **O Rádio e os Radialistas: um perfil de quem faz o rádio no interior do Brasil**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41., 2018, Joinville. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2018.

ALBUQUERQUE, E. OLIVEIRA, R. **Alô, alô, marciano, aqui quem fala é da Terra”: reflexões sobre o rádio local nos tempos da globalização**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2015.

ARAÚJO, Ronaldo Ferreira; ALVARENGA, Lídia. **A Bibliometria na Pesquisa Científica da Pós-graduação Brasileira de 1987 a 2007**. *Bibliotcon*, v.16, n.31, p.51-10, 2011.

BONIXE, Luis. **As primeiras experiências de radiodifusão local em Portugal (1977-1984)**. *Media & Jornalismo*, [S. l.], v. 19, n. 35, p. 183-195, 2019.

COMASSETTO, L. R. **O rádio local na era das redes**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2005.

COMASSETTO, L. R. **A internet como recurso para reforçar a proposta do rádio local**. In: *Logos*, UERJ, v. 18, n. 2, p. 145-158, 2011.

COUTINHO, E. GRECO, C. **Rádio Regional e Cultura Local: Formas de Relação na Migração AM/FM**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 43., 2020, VIRTUAL. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2020.

COUTINHO, E. **O Rádio Regional como Patrimônio Cultural Imaterial**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44., 2021, VIRTUAL. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2021.

DEOLINDO, Jaqueline. **O negócio da mídia no interior**. Curitiba: Appris, 2019.

FARIAS, Karina. Woehl de. **Relevância do rádio local e o crescimento das redes musicais: inquietações sobre a Migração do AM-FM**. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, [S. l.], v. 22, n. 44, 2024.

FREITAS, Goretti M. de et al. **O Que é Preciso Ler Para Entender o Rádio e Compreender o Radialismo**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2015.

LOPES, Paulo Fernando de Carvalho; OLIVEIRA, Sheila Borges de; MEIRELES, Norma; MONTEIRO, Patrícia. **RÁDIO E EPISTEMOLOGIA: distanciamento e aproximações nos GT's da Compós de 2000 a 2022**. In: ANAIS DO 32º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2023, São Paulo. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2023.

LOPEZ, Debora Cristina; BETTI, Juliana Cristina Gobbi; FREIRE, Marcelo. **Epistemologias dos estudos radiofônicos: construir a pesquisa com lentes plurais**. In: Encontro Anual da Compós, 33., 2024, Niterói. Anais... São Paulo: Compós, 2024

MAGNONI, Antonio Francisco; MIRANDA, Giovani Vieira; CAMARGO, Aline Cristina. **Jornalismo radiofônico: perspectivas e potencialidades da mídia local**. Logos, v. 25, n. 2, p. 135-149, 2019.

MEDEIROS, R. **Ouvir rádio na cidade patrimônio: experiências de escuta, localismo e migração em discursos de ouvintes ouro-pretanos**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42., 2019, Belém. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2019.

MELLO VIANNA, G. MEDEIROS, R. **Seu microfone está desligado: o silêncio dos ouvintes na cobertura da pandemia de Covid-19 no rádio local**. In: XLIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 43., 2020, VIRTUAL. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2020.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor**. Revista ECO-Pós, v.12, n.2, maio-agosto 2009, p.46-61.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Rádio comunitária na Internet: empoderamento social das tecnologias**. Revista FAMEcoS, v. 13, n. 30, p. 115-125, 2006.

PINTO, Pâmela Araújo. **Mídia Regional Brasileira: características dos subsistemas midiáticos das regiões Norte e Sul**. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, UFF, Niterói, 2015.

RADDATZ, V. **O Desafio do Ensino de Rádio no Interior do Rio Grande do Sul**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017, Curitiba. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2017.

ZUCULOTO, V. **Arriba Zita! A “chimbica” que virou “cobra” e suas análises de conjuntura**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2015.

## **A Trilha Sonora Da Apuração: Metajornalismo Como Estratégia Imersiva No Podcast “A Mulher Da Casa Abandonada”**

*La banda sonora de la investigación: el metaperiodismo como estrategia inmersiva en el podcast “A Mulher da Casa Abandonada”*

*The Soundtrack of the Investigation: Meta-journalism as an Immersive Strategy in the Podcast “A Mulher da Casa Abandonada”*

Taiane Silva; Kênia Maia

### **Resumo**

Este artigo investiga as marcas expressivas do metajornalismo como estratégia imersiva no podcast “A Mulher da Casa Abandonada”, produzido por Chico Felitti em parceria com a Folha. Contextualizamos o podcasting como linguagem radiofônica (Kischinhevsky, 2024) bem como o metajornalismo (Oliveira, 2010). Exercitamos uma abordagem metodológica híbrida, considerando a natureza sonora do objeto. Articulamos o conceito de ponto de escuta (Chion, 2011), incorporado na Análise do Potencial Imersivo (Santos, 2022), com a Análise Crítica do Jornalismo Narrativo em Podcasting (Viana, 2023), focando na transparência das práticas profissionais expostas. Analisamos a série completa, observando memória, bastidores e repercussão jornalística evidenciadas pelo discurso em primeira pessoa do narrador. Como resultado, identificamos como a imersão do ouvinte é guiada pela apuração, atravessada pela

### **>> Como citar este texto:**

SILVA, Taiane; MAIA, Kênia. A Trilha Sonora Da Apuração: Metajornalismo Como Estratégia Imersiva No Podcast “A Mulher Da Casa Abandonada”. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 16, n. 01, p. 148-176, jan./abr. 2025.

### **Sobre a autoria**

Taiane Silva

[taiane.medeiros@ufrn.br](mailto:taiane.medeiros@ufrn.br)

<https://orcid.org/0009-0004-8990-1100>

Mestre em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Graduada Comunicação Social com habilitação em Radialismo e Jornalismo pela UFRN e especialista em Gestão da Comunicação Digital e Mídias Sociais pela Universidade Potiguar.

Kênia Maia

[kenia.maia@ufrn.br](mailto:kenia.maia@ufrn.br)

<https://orcid.org/0000-0002-0753-7340>

Doutora em Ciências da Informação e Comunicação pela Universidade Paul Verlaine-Metz (França). Professora vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (UFRN). Integrante do Grupo Marginália de Estudos Transdisciplinares em Comunicação e Cultura da UFRN.

subjetividade, autorreferencialidade e transparência jornalística.

**Palavras-chave:** Podcasts Narrativos; Metajornalismo; True Crime.

**Abstract**

This article investigates the expressive marks of metajournalism as an immersive strategy in the podcast “A Mulher da Casa Abandonada”, produced by Chico Felitti in partnership with Folha. We contextualize podcasting as a radio language (Kischinhevsky, 2024) as well as metajournalism (Oliveira, 2010). We exercise a hybrid methodological approach, considering the sound nature of the object. We articulate the concept of listening point (Chion, 2011), incorporated in the Analysis of Immersive Potential (Santos, 2022), with the Critical Analysis of Narrative Journalism in Podcasting (Viana, 2023), focusing on the transparency of the professional practices exposed. We analyze the complete series, observing memory, behind the scenes and journalistic repercussion evidenced by the narrator's first-person discourse. As a result, we identified how the listener's immersion is guided by the investigation, crossed by subjectivity, self-referentiality and journalistic transparency.

**Keywords:** Narrative Podcasts; Metajournalism; True Crime.

**Resumen**

Este artículo investiga las marcas expresivas del metaperiodismo como estrategia inmersiva en el podcast “A Mulher da Casa Abandonada”, producido por Chico Felitti en colaboración con Folha. Contextualizamos el podcasting como lenguaje radiofónico (Kischinhevsky, 2024) así como el metaperiodismo (Oliveira, 2010). Ejercitamos un enfoque metodológico híbrido, considerando la naturaleza sonora del objeto. Articulamos el concepto de punto de escucha (Chion, 2011), incorporado en el Análisis del Potencial Inmersivo (Santos, 2022), con el Análisis Crítico del Periodismo Narrativo en Podcasting (Viana, 2023), centrándonos en la transparencia de las prácticas profesionales expuestas. Analizamos la serie completa, observando memoria, bastidores y repercusión periodística evidenciadas por el discurso en primera persona del narrador. Como resultado, identificamos cómo la inmersión del oyente es guiada por la investigación, atravesada por la subjetividad, la autorreferencialidad y la transparencia periodística.

**Palabras clave:** Podcasts narrativos; Metaperiodismo; Crimen real.

## Introdução

O áudio digital fomentou a expansão radiofônica além das ondas hertzianas para uma linguagem computacional mais compatível com os aparatos digitais. Sob tais avanços, os estudos em comunicação se voltaram para o futuro cenário do rádio digital ao passo que uma nova maneira de distribuir conteúdo de áudio estava sendo explorada: o podcasting. Assim como o rádio tradicional, e suas adaptações desenvolvidas, o podcasting utiliza o áudio como principal característica e ambos são imersivos em sua essência.

Nessa perspectiva, ao se considerar os elementos que compõem a mensagem sonorizados ao seu potencial de percepção mediante a escuta, temos a expressão de uma linguagem. Balsebre (2023, p. 369) define a linguagem radiofônica como um “conjunto de formas sonoras e não sonoras representadas pelos sistemas expressivos da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio”, cuja significação vem conforme o repertório de recursos técnicos e expressivos que reproduzem o som aliado ao conjunto de variáveis que “caracterizam o processo de percepção sonora e imaginativo-visual dos ouvintes”. Logo, o processo de podcasting também utiliza das peculiaridades da linguagem radiofônica, como voz, silêncio, música e efeitos sonoros (Balsebre, 2023), ao passo que pode beneficiar-se dos recursos de hiperlink, compartilhamento e videográficos proporcionados pelo virtual. Similarmente, o podcasting está amparado na perspectiva de “rádio expandido”, ainda que a sua linguagem tenha peculiaridades próprias de acesso e consumo sendo, atualmente, considerado, também, uma modalidade radiofônica (Kischinhevsky, 2024).

Como objeto de investigação apresentamos o caso de um podcast jornalístico narrativo de grande repercussão chamado “A mulher da casa abandonada”, de Chico Felitti, difundido pela Folha de S.Paulo em 8 junho a 20 de julho de 2022, s quartas-feiras, às 7h. Os sete episódios do podcast alcançaram mais de 7 milhões de downloads. No Brasil, no ano do lançamento, chegou a ocupar a segunda posição dos mais ouvidos no Spotify (Huertas, 2022).

Seu significativo número de acessos gerou uma repercussão que atingiu níveis além da podosfera brasileira. Noticiários, reportagens televisivas, ações judiciais, resgate de animais e até a visita de curiosos em frente à mansão ocorreram após a denúncia midiática.

A escolha de Chico Felitti por uma abordagem aprofundada, explorando sua própria experiência na investigação, busca a construção de um vínculo com o ouvinte. Nesse sentido, compreender como essas estratégias metajornalísticas estão no podcast se torna essencial para analisar de que forma a subjetividade do jornalista e sua participação ativa na narrativa guiam a experiência de imersão do público. O podcast acusticamente elaborado contribui singularmente para o desenvolvimento sobre noções de ambientação e autopercepção do ouvinte. De acordo com Meditsch e Betti (2019), a compreensão de si e do entorno, nesse processo, integram-se em um único cenário auditivo.

Ao escutarmos o podcast “A mulher da casa abandonada” e observarmos os desdobramentos de sua midiatização, temos o potencial de entender como a prática jornalística de Chico Felitti foi exposta e como os recursos sonoros foram utilizados para a intensificação de uma experiência auditiva. Por conseguinte, nos deparamos com a capacidade do podcasting em mediar e modificar pautas sociais, além de refletirmos sobre o exercício do jornalismo subjetivo narrativo. Para isso, nossa abordagem teórico-metodológica fundamenta-se em uma perspectiva híbrida, direcionada às especificidades do jornalismo narrativo em podcasting considerando sua perspectiva narrativa e sonora.

Ao longo da análise crítica, ratifica-se a hipótese que é possível realizar um jornalismo em podcasting imersivo na articulação dos aspectos subjetivos, em tom confessional, e autêntico, na transparência das suas práticas. Logo, testemunhamos em uma escuta imersiva (semântica e reduzida) que, tanto o jornalista foi imersivo ao aprofundar sua investigação, quanto disponibilizou um design sonoro descritivo sobre suas rotinas jornalísticas, o que também pode aumentar a experiência de imersão do ouvinte. Todavia, essa postura merece

estar contemplada dentro uma postura crítico-interpretativa mediante ao seu fazer profissional.

### **A mulher da casa abandonada**

Chico Felitti, em parceria com o Grupo Folha, produziu o podcast “A mulher da casa abandonada”. A reportagem apurou informações sobre uma mulher que mora reclusa em uma mansão deteriorada em um bairro de alto padrão na cidade de São Paulo e, de acordo com vizinhos, esconde um passado criminoso. O jornalista tem sua curiosidade despertada por uma aparente camada de pomada branca que se destacava pelo rosto da moradora do imóvel. A nítida falta de manutenção da mansão torna-a ainda díspar em relação uma rua repleta de prédios de alto padrão. Portanto, a casa é o ponto de partida para o interesse do repórter, que a apresenta como um lugar misterioso e o surpreende pela presença de um morador.

Na produção do podcast “A mulher da casa abandonada”, desde que tomou a decisão de averiguar a moradora do casarão, Felitti porta um gravador e conforme vai apurando os fatos e conversando com pessoas, vai registrando as sonoras, assim como sons ambientais presentes na ação (Felitti, 2022). Em seis meses de apuração e com uma viagem realizada para os Estados Unidos, o jornalista descobriu a história de uma empregada doméstica negra que sofreu por duas décadas vários tipos de violências de seus empregadores, Margarida e Renê Bonetti. A vítima sofreu exploração com trabalhos excessivos, racismo, violência física e psicológica, negligência e tratamento análogo à escravidão praticado por seus então empregadores, enquanto moravam nos Estados Unidos, entre o fim da década 1970 e 1998, quando a vítima conseguiu fugir. Na viagem, Felitti encontra uma testemunha-chave, vizinha do casal, que auxiliou o FBI na investigação e, com isso, conseguiu ainda mais detalhes sobre o crime. Para o podcast, a investigação de Felitti se estende até o fim de maio de 2022, quando o jornalista consegue uma entrevista exclusiva com a “Mari”, fechando a série com o último episódio denominado, enfim, “A mulher da casa abandonada”

(Rocha; Gould, 2023).

Os sete episódios narrativos tiveram duração de 40 a 55 minutos. Mediante a repercussão, foi acrescentado um episódio curto chamado “As novidades sobre o caso, com Chico Felitti” realizado em parceria com o podcast “Café da Manhã”, também produzido pelo jornal Folha de S. Paulo, com apresentação da jornalista Magê Flores e Maurício Meirelles (Felitti, 2022).

Os efeitos da publicação do podcast atingiram as redes sociais, veículos de mídia, como telejornais e sites de notícias, além de uma operação policial com um mandato de invasão à mansão abandonada. O interesse na “A mulher da casa abandonada” denota que produções narrativas em podcasting são capazes de movimentar e impactar tanto a mídia, quanto as instituições e a sociedade como todo. Inclusive, em um anúncio exclusivo no evento CCXP 2024<sup>1</sup>, Chico Felitti anunciou que o podcast “A mulher da casa abandonada” vai virar uma série audiovisual documental a ser estreada na plataforma de streaming Prime Vídeo em 2025.

Este estudo parte da discussão sobre a autorreferencialidade do jornalista e adota uma abordagem teórico-metodológica baseada em escuta semântica e imersiva, a fim de analisar como o fazer jornalístico e a transparência das práticas se tornam estratégias de aproximação e construção de um discurso de verdade em podcasts de crimes reais.

### **Autorreferencialidade e metajornalismo no podcasting *true crime***

Na era digital, com o dilúvio de informações disponibilizadas em rede, com múltiplos focos de notícias, que por vezes também geram desinformação, compete ao jornalismo uma postura ética enquanto organização de produção e difusão de informações. Para isso, o público precisa acreditar que o jornalismo diz a verdade, caso contrário a formação acerca do conhecimento jornalístico

---

<sup>1</sup> A CCXP significa “Comic Con Experience” e é um dos maiores eventos de cultura pop do mundo, realizado anualmente no Brasil desde 2014. Inspirada na San Diego Comic-Con, reúne fãs de quadrinhos, cinema, séries, games, etc. Destaca-se como um ponto central para anúncios do entretenimento e celebração da cultura geek. Mais informações no site <https://www.ccxp.com.br/>.

não existe (Lisboa; Benetti, 2015). Essa credibilidade não pode ser construída de forma auto-atribuída, mas se caracteriza como um reflexo da relação entre enunciador e interlocutor.

No podcasting, Berry (2019) aponta a intimidade e informalidade como características intrínsecas dessa modalidade que aproxima o ouvinte da mensagem, impactando sobre sua capacidade de imersão e percepção. Tais aspectos têm sido importantes para a ascensão de um jornalismo com tons subjetivos, tornando o próprio repórter como personagem em seu relato. Lindgren (2020) reconhece que esse relato pessoal não isenta o jornalista de apurar os fatos e retratá-los da maneira mais fiel possível. Inclusive, é nessa prática que a autorreferencialidade jornalística se manifesta como um resultado do processo de midiaticização e suas transformações sociais, de tal forma que o relato do repórter sobre a própria enunciação também se constitui como um acontecimento, tanto nos processos que descrevem os modos de dizer, quanto os que detalham suas práticas (Fausto Neto, 2008). Nos podcasts narrativos de realidade, essa autorreferência torna tanto o repórter quanto o jornalismo personagens de um enredo que transparece não só o discurso do agente como sua própria atuação (Viana, 2023).

Entretanto, para Klein (2012), esses processos referenciais são resultados sistemáticos da relação entre mídia, recepção e tecnologia. Infere-se, portanto, que uma sociedade midiaticizada anseia por uma transparência das práticas de produção como um incentivo à credibilidade, bem como pelo reconhecimento delas pelos processos autorreferenciais. Os estudos sobre reportagens narrativas em podcasting (Kischinhevsky, 2018; Lindgren, 2020; Viana, 2023) têm observado uma tendência no aparecimento dessa autorreferencialidade na figura do jornalista enquanto enunciador do relato.

Sendo o repórter também uma figura em evidência nos relatos narrativos em podcasting, Viana (2023) sistematizou o uso da primeira pessoa relacionando-os com a própria prática jornalística, categorizando-os ao: a) explicar o envolvimento com o fato; b) compartilhar sentimentos e sensações

com o ouvinte; c) compartilhar opinião; d) demonstrar limitações da apuração jornalística; e) retratação de falhas ou informações incompletas e f) explicação sobre escolhas e decisões tomadas na produção.

No jornalismo narrativo em podcasting sobre *true crime*, o jornalista se configura de uma forma mais humanizada e na busca de uma postura transparente, permite que certezas e inseguranças façam parte da história, além de reforçar o discurso de verdade ao relatar e testemunhar fatos e, confrontando-os com outras fontes e recursos (Viana, 2023). Punnett (2018) aponta que faltam estudos sobre o “*true crime*”, pois ainda que a cobertura jornalística e as obras sobre crimes reais possam estar compatíveis, os estudos acadêmicos carecem de uma teorização. Por outro lado, existem elementos comuns como a busca por justiça, o detalhamento do local do crime, os aspectos forenses e o posicionamento explícito do narrador diante dos fatos, que contribuem para a construção de um pacto teleológico entre quem produz e quem consome (Punnett, 2018). Nesse pacto, ambos compreendem que a condução narrativa está ancorada em eventos factuais, ainda que se utilizem recursos dramatúrgicos.

Sob uma perspectiva de consumo, Traylor (2019) realizou uma pesquisa a fim de explorar os dispositivos técnicos e formatos preferidos pelas mulheres dentro do *true crime*, considerando os livros impressos, sites, documentários e podcasts como opções de resposta para esse estudo. Os resultados apontam a preferência por consumo de documentários e podcasts em detrimento dos livros impressos e sites, visto que os podcasts têm como grande vantagem a mobilidade e a imersão sonora, ao passo que os documentários conquistam pela capacidade de mostrar fotos ou “dar rostos aos nomes” dos personagens envolvidos, tanto criminosos, quanto vítimas, familiares ou testemunhas (Traylor, 2019). Na podcasting, o autor realça a capacidade dessa linguagem em ativar o imaginário do ouvinte com a história narrada:

Podcasts de crimes reais fazem os ouvintes se preocuparem com a possibilidade de os crimes apresentados no programa acontecerem com

qualquer pessoa, inclusive eles próprios, em grande parte porque as histórias são baseadas em fatos. Adicione a isso a tendência psicológica dos humanos para construir visões assustadoras baseadas em seus próprios medos mais profundos. Os ouvintes ficam tão absorvidos na história que acreditam que isso pode acontecer com eles a qualquer momento (Traylor, 2019, p. 13, *tradução nossa*<sup>2</sup>).

Os podcasts investigativos têm a possibilidade de oferecer aos ouvintes a amplificação dada imersão ao veicularem sonoras tanto dos suspeitos (sejam eles reclusos ou não) quanto das vítimas e testemunhas, conseguindo dessa maneira transmitir/estimular uma maior intimidade com o público, colocando-o diretamente em contato com as vozes, do que se simplesmente optasse por realizar citações diretas perpassadas pelo seu próprio discurso autoral (Boling, 2019). Trata-se de uma estratégia de transparência que traz autoridade ao que está sendo narrado, com o objetivo de influenciar a percepção do ouvinte e confirmar um discurso verossímil (Perdomo; Rodrigues-Rouleau, 2022).

Essa elaboração acústica contribui singularmente para o desenvolvimento sobre noções de ambientação e autopercepção do ouvinte. Diferentemente das estratégias puramente visuais, a audição não isola espacialmente o ouvinte. Lopez e Freire (2020, p. 67) ressaltam essa capacidade imersiva ao afirmar que as “produções que investem na contação de histórias, na exploração de personagens e na aproximação com a audiência pretendida - características naturais do rádio e som - têm maior potencial imersivo”.

É nesse processo de adentrar o imaginário do público com o amparo das tecnologias, da narrativa e de um aprofundamento investigativo que estaríamos diante de um “novo jornalismo imersivo” (Neveu, 2014, p. 536). Salientamos aqui a imersão como uma “capacidade de transposição da consciência para outro ambiente, seja imaginado ou sinteticamente criado” (Cordeiro; Costa, 2016, p. 100). Logo, ao pensarmos em imersão, estamos lidando sobre a sensação de presença que um produto midiático pode oferecer (Murray, 2003; Longhi; Cordeiro, 2018; Viana, 2023). No jornalismo narrativo em podcasting específico

---

<sup>2</sup> Os textos em inglês presentes neste estudo foram realizados pelos autorxs.

em *true crime*, o desejo de alcançar a sensação de presença faz com que o ouvinte saiba que, embora esteja escutando uma narrativa com tons dramáticos, não se trata de uma fabulação.

Outro ponto é o próprio trabalho de apuração, pois quanto mais próximo o repórter estiver da experiência do fato autêntico, mais capacidade terá de aproximar o público dessa experiência (Fonseca et. al., 2019). Sobre essa relação entre acontecimento e experiência mediada entre o jornalismo e o público, Longhi e Caetano (2019, p. 84) propõem uma abordagem comparada ao valor-notícia no âmbito do jornalismo, que é o valor-experiência “entendendo-o como resultado de construções tecnoestéticas e interativas que estabelecem ou incrementam o grau de interesse e envolvimento sensível por uma notícia, a para do seu valor informativo”. Essa perspectiva corrobora que a experiência imersiva no jornalismo pode ser proporcionada tanto pelo seu processo de produção, potencializado pelas tecnologias e sonoridade, quanto pelo consumo frente às vivências e subjetividades do seu público.

### **Caminhos teórico-metodológicos para uma escuta imersiva**

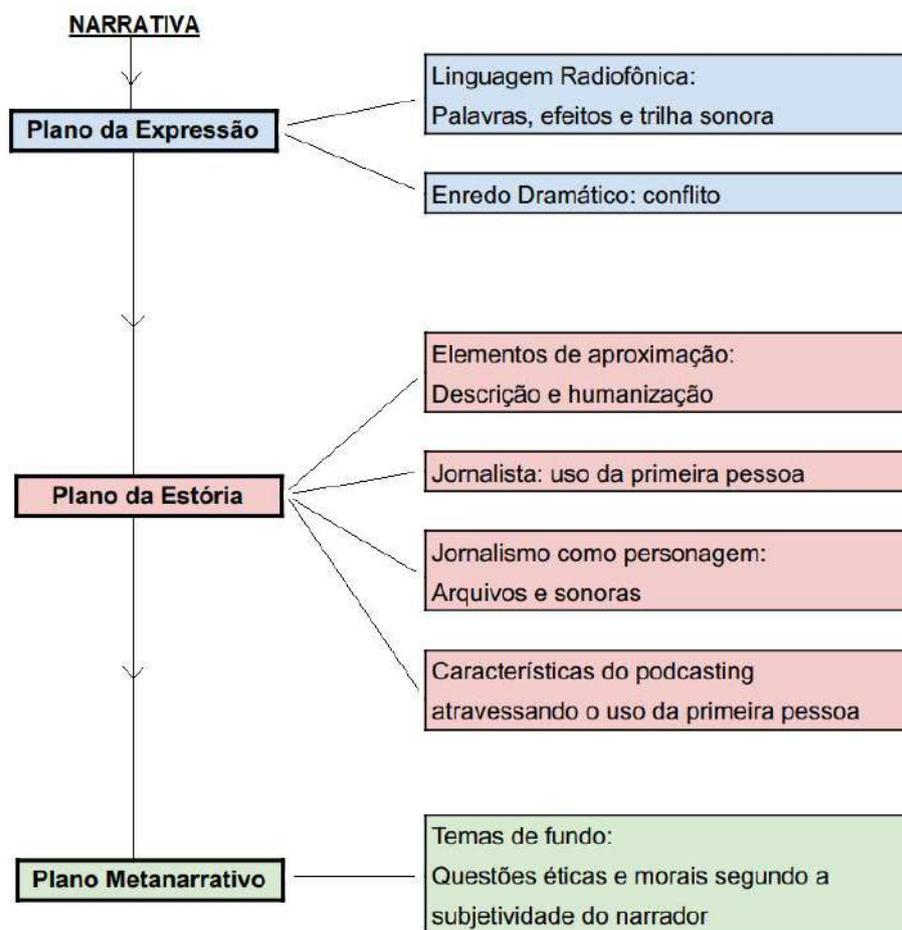
Para entendermos como as ações metajornalísticas se manifestam no podcast “A Mulher da Casa Abandonada”, exploramos a perspectiva do jornalista-narrador Chico Felitti e a forma como ele conduz seu relato sobre o fazer jornalístico. Ao realizarmos um olhar atento à posição do narrador/jornalista na condução de um relato imersivo, Viana (2023, p. 375) estabeleceu três estratégias principais adotadas: aquelas que possuem função estética; as que fomentam a criação de imagens mentais através do som; e aquelas que tem como objetivo estabelecer laços afetivos.

Viana (2023, p. 376) descreve que o primeiro nível está marcado pelo uso de trilhas e efeitos sonoros que são facilmente percebidos, e, portanto, não exigem um nível de imersividade alto em relação às outras camadas mais profundas. O uso está primordialmente atrelado a uma função estética. Já o segundo nível é ainda mais imersivo, pois envolve estratégias que se relacionam

com o imaginário do público, tais como um alto nível descritivo dos personagens, das ações e cenas, seja pela oralidade ou pelos efeitos sonoros (Viana, 2023). O terceiro e último nível tem como função a criação de laços afetivos com o ouvinte, que gerem aproximação e reconhecimento, por exemplo, a fala do repórter em primeira pessoa ou uso de elementos dramáticos no decorrer do podcast (Viana, 2023).

Em síntese, na Análise Crítica do Jornalismo Narrativo em podcasting, Viana (2023) contextualiza primeiramente o Plano da Expressão como a forma como a narrativa se apresenta, referente ao plano da linguagem - contemplando a palavra, efeitos sonoros e trilha, bem como seu enredo dramático; o Plano da Estória embasado em como fatos se organizam e os sentidos se estabelecem incluindo os efeitos sonoros que amparam as técnicas descritivas e de humanização que possibilitam a aproximação com o ouvinte; e o Plano Metanarrativo como as reflexões que vão além do acontecimento principal da trama, que entra a discussão ética e subjetiva do narrador. Essas abordagens podem ser sistematizadas da seguinte forma:

**Figura 1: Sistematização da Análise Crítica do jornalismo narrativo em podcasting**



Fonte: Viana (2023).

A narrativa perpassa os três planos, sequencialmente, cada qual com seus aspectos estruturais que amparam o desenrolar dos acontecimentos e suas respectivas descrições. Diante desse esquema acima estabelecido (FIG 1) por Viana (2023) e da complexidade de uma narrativa em podcasting, buscaremos por elementos de autorreferencialidade jornalística e das marcas expressivas do metajornalismo em podcasts. O metajornalismo, neste caso, estaria presente no âmbito do Plano Metanarrativo, uma vez que transcende enunciados permeando as questões éticas e morais do âmbito profissional, envolvendo inclusive a exposição de seus bastidores e o próprio fazer profissional. Se para Viana (2023), tanto o jornalista como o jornalismo são personagens do enredo presentes no Plano da Estória, o metajornalismo (Oliveira, 2010) caracteriza-se por uma modalidade de metanarrativa, ainda que essa última possa se manifestar sob

diferentes perspectivas na trama. São propostas nesta metodologia três diferentes abordagens que podem abranger as práticas metajornalísticas em podcasting: memória, bastidores e repercussão.

Em busca de explorar um pouco mais da complexidade sonora do podcasting no aspecto sensorial, trazemos como suporte teórico o Ponto de Escuta de Chion (2011), que trata da posição subjetiva e espacial do ouvinte em relação à sonoridade. Para a identificação desse “lugar” é pertinente que haja uma escuta atenta. Chion (2011) especifica que existem três atitudes de escuta: a casual, a semântica e a reduzida. A escuta casual acontece quando ouvimos o áudio com a proposta de nos informarmos sobre a sua causa, por exemplo, quando chacoalhamos um pote para saber se está cheio ou vazio. Já a escuta semântica, está relacionada ao significado do som, ao invés de à sua fonte propriamente dita. A mensagem, neste caso, é mais tensionada na escuta do que as propriedades físicas do som. Por último, para Chion (2011), a escuta reduzida tem sua atenção voltada para as qualidades sonoras, não necessariamente semânticas ou causais, mas em um sentido acústico, onde características como timbre, altura, duração, intensidade, textura e ritmo são observadas, aproximando-se de uma abordagem fenomenológica.

Para fins de estudos teórico-metodológicos em podcasting, além de conhecermos as escutas, também é pertinente observar como a espacialidade e subjetividade sonora se manifestam e podem ser percebidas. Santos (2022) ainda investiga o potencial sonoro em audiodramas, acionando a perspectiva de ponto de escuta de Chion (2011) aplicada ao contexto radiofônico dramático (Rodero, 2009; Carvalho, 2009) para compreender a espacialidade sonora em podcasting. Por outro lado, sua abordagem também prevê a sonoridade dos personagens, subjetivas ou introspectivas (quando adentramos “mente” ou da “sensação” do personagem) ou subjetiva do ouvinte na percepção dos sons que não estão no plano sonoro das ações, mas são utilizados como condução narrativa, como as trilhas sonoras (Santos, 2022; Carvalho, 2009).

Considerando que o jornalismo narrativo em podcasting utiliza elementos

dramáticos para aprofundar seu relato (Viana, 2023), a análise do potencial imersivo proposta por Santos. (2022) torna-se uma ferramenta adequada para entender a sonoridade, quando as questões éticas e profissionais metajornalísticas são acionadas. Para Viana (2023), o jornalista-narrador busca a proximidade oferecendo uma ambientação ou perspectiva auditiva que demonstra credibilidade por meios dos recursos linguísticos, jornalísticos e sonoros, ratificando seu discurso. Portanto, assim como Santos. (2022), também observamos, no nosso objeto de estudo, a presença dos critérios de posição ou movimentação; espacialidade, subjetividade do personagem, dimensão introspectiva dos personagem e dimensão subjetiva do ouvinte.

Foi realizada uma escuta casual para familiarização com nosso objeto de estudo. Posteriormente, escutamos novamente, mas desta vez com o acompanhamento da transcrição literal para conferência de possíveis divergências entre o roteiro publicado pelo jornal Folha de S.Paulo e o que, de fato, foi para a produção sonora do podcast. Para seleção do corpus de análise, adotamos uma abordagem de escuta semântica, isolando os trechos diretamente ligados ao metajornalismo. Na escuta, destacamos o uso do pronome “eu”, que permeia a narração de Felitti ao longo dos sete episódios. A terceira pessoa foi também separada para análise apenas quando se referia a uma prática jornalística de apuração, seja com a equipe de produção ou na conversa direta com o ouvinte.

Após a escuta semântica, seguida pela realização da análise autorreferencial do repórter, obedecemos à complexidade sonora do podcasting e concentramos nossa escuta para uma perspectiva reduzida, onde prestamos atenção às qualidades do som que estavam presentes quando a apuração era transparecida para o ouvinte. Neste ponto, voltamos à atenção para uso de sonoridades ambientes, sons gravados e arquivos disponibilizados. Essa abordagem é mantida em todos os episódios analisados.

Finalmente, realizamos outra escuta semântica para estabelecermos a presença dos pontos de escuta que foram separados conforme sua percepção

auditiva: posicionamento/movimentação, espacialidade, subjetividade do personagem, subjetividade introspectiva e subjetividade do ouvinte. Reconhecendo e identificando esses pontos de escuta, podemos ter um panorama auditivo de como o jornalista realizou o design sonoro, quando ele desejou transparecer suas práticas profissionais em meio à investigação sobre Margarida e a mansão abandonada.

### **O metajornalismo como estratégia imersiva no podcast “A mulher da casa abandonada”**

Esse enriquecimento subjetivo e a exposição aos bastidores de um processo de apuração nos faz refletir sobre a existência de um processo imersivo tanto por parte de quem produz quanto por parte de quem escuta. Envolvimento este que torna possível o estímulo às mudanças na forma de como o jornalismo pode ser praticado, comercializado e guiado. Sendo assim, verificamos que no podcast “A mulher da casa abandonada” encontram-se elementos que tangenciam a experiência imersiva em dois principais aspectos: 1) a imersão do jornalista no processo de apuração dos e na busca pela contextualização dos fenômenos informativos; e, 2) a imersividade inscrita na produção prevista para audiência ao usufruir o conteúdo midiático (Viana, 2023). Com uma apuração exaustiva, narrativa imersiva e narrador presente, o jornalista busca aproximar-se do ouvinte trazendo detalhes que vão do relato dos acontecimentos, desafios de investigação, descrição de objetos, lugares e pessoas, exposição de conversas gravadas enquanto procurava saber mais sobre quem morava na dita “casa abandonada”.

No primeiro episódio “A mulher”, com o uso dos elementos da linguagem radiofônica para a elaboração de uma estética acústica que aproxime o ouvinte do bairro Higienópolis, aliada à descrição rica do ambiente, o ouvinte tem acesso às informações sobre o bairro, a rua e demais entornos onde a mansão está localizada: “Até que eu vou me aproximando da praça Vila Boim, uma ilha de árvores e de bancos cercada por restaurantes, e noto que alguma coisa arranha

a paz da elite” (Felitti, 2022, Ep. 1, trecho 01’50” - 02’00”). Isso também se tornou perceptível no segundo episódio “A casa”, quando o jornalista tenta inteirar o ouvinte da localidade, descrevendo detalhadamente o local e inclusive citando uma rua “há cem passos da casa”, fechada com cancelas e seguranças: a Rua Barão de Bocaina.

Essa forte descrição dos lugares, das cenas e até mesmo das testemunhas que entrevista, permite que Felitti com seu relato, aliado aos recursos sonoros da narrativa, instigue uma representação imaginativa para o ouvinte. Algumas testemunhas gravadas têm seu nome revelado e outras, somente em parte. Porém, assim como a mansão, o relato do jornalista é tão descritivo que permite que o público, caso deseje, possa encontrar facilmente as pessoas que deram seu depoimento ao repórter. Isso pode ser exemplificado quando o narrador justifica sua escolha ao entrevistar o porteiro “Francisco do Ed. Louveira” quando narra “Faz quase quatro décadas que Francisco está ali. No mesmo lugar. Oito horas por dia, durante a semana, olhando para os fundos da casa abandonada” (Felitti, 2022, Ep. 2, trecho 23’ 10” – 23’ 19”). O mesmo ocorre com o taxista Ivo, no segundo episódio, que não deseja ter seu sobrenome revelado, nem oferece muitos detalhes sobre a rotina de Margarida Bonetti, contudo, seu local de trabalho é identificado, assim como suas características pessoais: “Vou até lá. Só tem um carro sedã estacionado, com um homem de barba amarelada por cigarro encostado no capô. É Ivo. Aqui no podcast vai ser só Ivo mesmo (ele que pediu)” (Felitti, 2022, Ep. 2, trecho 34’15” - 34’ 47”). Sabemos que uma rica descrição geográfica possibilita maior recurso para imaginação e fruição do relato. Todavia, também permite o acesso às informações de cunho real que podem ser acionadas principalmente por pessoas próximas ou por quem conhece a área, prejudicando a privacidade das fontes e transformando-as em alvos involuntários de curiosos ou outros jornalistas.

No primeiro episódio, enquanto Felitti ainda procura descobrir a história de quem mora na mansão deteriorada, foram utilizados recursos narrativos atrelados à linguagem ficcional. Escuta-se, em diversos momentos do enredo,

Chico como participante da ação expõe suas impressões, valores, posicionamentos em relação ao que será ou não revelado. O jornalista faz demarcações que ora revelam os bastidores de apuração jornalística, ora apelam para proposição de crenças folclóricas que atrelada a uma linguagem próxima do jornalismo literário despertam um imaginário de mistério:

E tinha também toda a atração simbólica de uma mansão caindo aos pedaços. Uma casa abandonada é o maior clichê que existe. É a alegoria mais óbvia de filme de terror. O assassino de Psicose mora numa casa abandonada. A bruxa de Blair mora numa casa abandonada. Até a família Adams mora numa casa abandonada. No momento que eu me mudei para Higienópolis, inclusive, eu estava lendo sobre...uma casa abandonada (Felitti. 2022, Ep. 1, trecho 21'39" - 22'00").

Chico Felitti também utiliza de arquétipos de ficção quando relata que a história da mulher poderia estar em um “filme de terror”, contemplando sua opinião e afastando-se de um jornalismo puramente “objetivo e factual”. Esses momentos são conduzidos com trilhas musicais lentas com atmosfera de suspense que utilizam o vibrato do violino (oscilação na altura da nota) como elemento para adicionar expressividade quando Felitti fala sobre a casa e, durante a leitura do conto é usado o piano, também lento, em uma repetição melódica contínua criando um senso de expectativa. A música articulada com o timbre de voz grave do jornalista próxima ao microfone, portanto, intensa e com alto volume, conduz a narrativa para um movimento afetivo emocional que provoca uma sensação de presença (Balsebre, 2023).

No quinto episódio “Outras tantas mulheres”, são acionadas fontes especializadas em direito humanos e causas penais que trazem esse detalhamento acerca dos crimes cometidos análogos à escravidão no país, perfil das vítimas e, finalmente o porquê de Margarida Bonetti não ser julgada, assim como o marido René Bonetti. Escutamos também a frustração do jornalista pelo desfecho dos acontecimentos e inferimos que, em sua opinião, a justiça não foi totalmente feita, até mesmo em relação ao cumprimento de pena de René Bonetti. Chico provoca o ouvinte sobre questões éticas e morais presentes na metanarrativa deste podcast: “Será que o desfecho teria sido igual para uma

pessoa que não tivesse um PHD? Um criminoso que não fosse branco, como é Renê? Um ex-presidiário que não fizesse parte da elite cultural e financeira de um país? São perguntas para as quais eu não tenho resposta.” (Felitti, 2022, Ep. 4, trecho 33’43” - 34’05”). Nesse momento, ouvimos a voz de Chico Felitti pausada, pois, no final de cada pergunta o jornalista instiga a reflexão do ouvinte sobre questões éticas, raciais e morais e, quando admite não saber a resposta, escutamos sobre som com uma música de piano em ritmo lento com notas prolongadas no grave que criam um ambiente sonoro denso e enigmático. Apesar de não escutarmos um silêncio total prolongado (o que poderia atuar negativamente no processo comunicativo), o jornalista pausa sua voz e permite que o ouvinte busque uma resposta sobre essas questões no próprio íntimo, e de certa maneira, continue a narrativa em si mesmo por uns segundos marcando um movimento afetivo (Balsebre, 2023; Baumworcel, 2005).

Em outros momentos do podcast, escutamos a pausa da voz do jornalista com um sobre som da trilha musical, delimitando os núcleos narrativos (Balsebre, 2023). Isto pode ser averiguado quando Vic Schneider passa o telefone com a vítima na linha para Chico Felitti. Nesse ínterim, inicia-se e sobre o som de uma trilha musical de piano lenta com umas notas com ritmo destoante, criando uma atmosfera de ansiedade frente ao inesperado.

Nota-se que a produção é cautelosa na organização dos elementos sonoros, o relevo acústico (Balsebre, 2023), tanto de forma denotativa, na maneira como a produção da série organiza os relatos sem prejuízo de entendimento da informação, como de maneira conotativa, quando oferece trilhas musicais, efeitos sonoros e captação direta de sons ambientes coerente com o contexto do relato. Felitti é prudente na construção desse relevo acústico, evitando o uso excessivo de músicas e buscando uma ambientação espacial mais sutil e real. Em contrapartida, quando a intenção é destacar a expressividade, a produção opta por músicas marcantes, que reforçam a intensidade emocional do podcast de maneira estratégica. Isso enfatiza o equilíbrio entre as escolhas sonoras realizadas e suas finalidades expressivas

que auxiliam a credibilizar o relato (Balsebre, 2023; Viana, 2023).

Felitti demonstra que a valorização de uma abordagem subjetiva com tons ficcionais não rompe o caráter informativo de divulgar fatos apurados e devidamente checados (Sodré, 2009; Rocha, 2022) e, isso, articulado com os bastidores da prática jornalística, concedem ao ouvinte um panorama maior sobre o caso, sobre suas escolhas e uma contextualização sobre suas lacunas de investigação: “Acontece que eu escondi uma coisa de vocês até agora. De propósito. E eu peço desculpa sem realmente sentir culpa, porque era importante para a história que eu deixasse para contar só agora” (Felitti, 2022, Ep. 6, trecho 03’52” - 04’03”). Nesse ponto, ao admitir que omitiu uma parte da informação para contar posteriormente, Chico busca um vínculo de confiança, enaltece sua honestidade e comprometimento com o ouvinte ao passo que também se torna um personagem do próprio enredo (Kovach; Rosenstiel, 2003; Viana, 2023).

Assim sendo, verificamos que o podcast “A mulher da casa abandonada” está inserido em um jornalismo de imersão com tom confessional (Neveu, 2014; Coward, 2013) onde é realizada uma longa e aprofundada reportagem sobre Margarida Bonetti, nela não só se apresentam os fatos sobre a mulher e a casa, mas também busca-se compartilhar impressões, valores pessoais e insights do próprio jornalista, assim como os métodos de seu fazer profissional. No intuito de alcançar empatia, nesse podcast temos um jornalismo sensível onde as subjetividades, a articulação sonora e o estímulo à pluralidade de conhecimento, fazem com que a comunicação admita uma complexidade mais relacional do que simplesmente informacional (Rocha, 2022).

Durante toda a construção da série, o jornalista propõe que as próprias testemunhas façam parte do narrar através das respostas concedidas nas entrevistas e nas gravações ocultas, possibilitando que o próprio ouvinte, em uma escuta atenta, tenha impressões sobre todas as falas presentes na trama e possa julgar se expressam segurança, medo, convicção, dúvida, hesitação e demais reações através da modulação e outras qualidades sonoras da voz (Jauregui; Viana, 2023). No sétimo episódio, “A mulher da casa abandonada”,

percebe-se no início da entrevista, uma fala hesitante e confusa de Margarida Bonetti que erra a pronúncia das palavras, fica ainda mais aguda em momentos de tensão e não termina de pronunciar algumas frases.

Sua investigação aprofundada sobre o crime do casal Bonetti não impede que Chico demonstre as limitações dessa apuração para o ouvinte. O jornalista em diversos momentos tem dificuldade em encontrar mais informações nas mídias online sobre o caso, não encontrou o contato das irmãs de Margarida, foi expulso da igreja Mother of God que preferiu não se posicionar, não conseguiu contato com René Bonetti para contemplar sua versão dos fatos, sem contar as inúmeras vezes que foi ignorado pela mulher da casa abandonada. Essa exposição contribui para uma postura íntegra do campo jornalístico além de ganhar um caráter mais verossímil perante a audiência (Viana, 2023).

Além disso, impacta a forma como o ouvinte compreende as rotinas jornalísticas e como elas são performadas, especialmente em um mundo midiático que também anseia para entender os processos pelos quais a mídia é produzida (Ryfe, 2017; Klein, 2012). Com essa relação de transparência e confiança, potencializada com a imersão e os elementos da linguagem radiofônica, o ouvinte pode refletir e compreender melhor as nuances e os desafios do jornalismo atual. Por outro lado, esse jornalismo marca ainda mais sua presença como estrutura social e se autolegitima explicitando seu próprio lugar ao expor o que, como e porque o faz. Portanto, o metajornalismo também é estratégico (Oliveira, 2010; Karlson, 2011).

Em um trabalho descritivo de design sonoro, o podcast “A mulher da casa abandonada” temos um “valor-experiência” mediante as construções estética-acústicas que incrementam o envolvimento sensível e potencializam a formação de imagens mentais que contribuem para a imersão (Longhi; Caetano, 2019; Viana, 2023). Essas construções dialogam diretamente com os pontos de escuta (Chion, 2011) em que podemos ter dimensões de espacialidade (posicionamento e ambientação) e subjetividade (do personagem, introspectiva e do ouvinte).

Portanto, através da articulação da linguagem radiofônica (Balsebre, 2023)

conduzida pelos pontos de escuta (Chion, 2011), representamos como a postura autorreferencial metajornalística de Chico Felitti, como repórter, pode se caracterizar como uma estratégia imersiva. Para isso, incorporarmos os níveis de imersividade para o jornalismo narrativo em podcasting propostos por Viana (2023) para entendermos como o metajornalismo no podcast “A mulher da casa abandonada” proporciona esse “valor-experiência” de maneira estratégica para uma maior aproximação e aumento de confiança com ouvinte além de legitimar-se como uma autoridade institucional (Longhi; Caetano, 2019; Karlson, 2011).

Segundo Viana (2023) no primeiro nível, encontram-se as estratégias que tem como objetivo promover a estética, logo são mais facilmente percebidos e menos imersivos. No recorte metajornalístico desta pesquisa, as trilhas musicais em volume baixo com sons de violino e/ou piano, durante a narração direta de Felitti ao longo do podcast, com atmosfera de suspense, atuam mais como elemento estético e condução narrativa. Um exemplo é quando Felitti no primeiro episódio, pesquisa sobre a casa abandonada na Internet. Entre a decisão de buscar mais informações e os comentários sobre a mansão no site de arquitetura, existe um sobe som de poucos segundos com uma trilha musical de piano que prossegue enquanto o jornalista relata os achados no site. A função dessa música é uma estética, ainda que evoque um clima emocional. Ela está relacionada ao ponto de escuta subjetivo do ouvinte (Chion, 2011; Carvalho, 2009; Santos, 2022), desse modo a música não está presente no plano sonoro onde acontecem as ações do repórter.

No segundo nível, os elementos da linguagem radiofônica são articulados para propiciar a criação de imagens mentais nos ouvintes (Viana, 2023). Trata-se de uma segunda camada, de imersão intermediária, pois exige uma escuta mais atenta. No podcast, os sons dos passos do jornalista, os sons dos pássaros de Gaithersburg, a captação do som direto do metrô de Washington com a voz das estações e das pessoas conversando no vagão, os latidos dos cachorros de Margarida Bonetti enquanto ela não aparece, o toque do telefone de Chico quando Margarida liga, toda a riqueza de detalhes das paisagens que Felitti

passou, entra nesse campo de imersão. Esse segundo nível está correlato às dimensões de ponto de escuta referentes à espacialidade e a subjetividade do personagem, pois atuam como uma função descritiva e incentivam a imaginação do ouvinte sobre o ambiente e as ações em que o jornalista realiza a investigação (Rodero, 2009; Santos, 2022; Viana, 2023).

Já o terceiro nível de imersividade no jornalismo narrativo sonoro está voltado para a busca de aproximação com o ouvinte através da criação de laços afetivos entre quem narra e quem escuta (Viana, 2023). São vários os momentos em que esse terceiro nível se manifesta na esfera metajornalística: quando Chico Felitti pressupõe dúvidas do ouvinte sobre a gravação que realiza durante a derrubada da árvore; quando expõe sua frustração e prevê esse mesmo sentimento no ouvinte com o desfecho judicial do caso, no momento em que questiona-se se o mesmo aconteceria se os acusados não fossem de uma classe com poder aquisitivo; quando revela o texto que terminaria o podcast, caso não tivesse conseguido a entrevista com Margarida; entre outros momentos da apuração em que o jornalista “conversa” com o ouvinte em busca de empatia. A sonoridade, que também perpassa os outros dois níveis imersivos, conduz o ouvinte para a criação desse laço afetivo e maior envolvimento na trama.

Em suma, investigar o papel do metajornalismo como um recurso estratégico de imersão e seus níveis no podcasting, permite-nos refletir sobre a influência do jornalismo como personagem na narrativa do podcast “A mulher da casa abandonada” e sobre seu papel atuante frente à realidade social e até no curso dos acontecimentos, como observamos na midiatização de Margarida Bonetti e da mansão (Viana, 2023). Essa discussão vai além quando tangem questões éticas e sociais que atingem diretamente a vida pública.

Chico tem uma postura assertiva ao não revelar o nome da ex-empregada doméstica, nem dos familiares herdeiros da família Bonetti, assim como as demais testemunhas que do caso que não quiseram ser expostas ou apenas identificadas em parte. Contudo, em alguns momentos da história, ele transpõe detalhes que podem levar tanto reconhecer, como encontrar as

vítimas. Todavia, a riqueza de detalhes sobre a mansão e a mulher moradora, atrelada a um arquétipo folclórico de “bruxa” pela investigação do próprio jornalista, gerou uma grande repercussão do podcast após a sua estreia. Relembramos que os primeiros episódios contavam com milhões de acessos, e antes da transmissão ao vivo da entrada da polícia civil, as pessoas já estavam visitando a mansão, seja para tirar fotos ou promover vídeos.

Junto ao aumento da repercussão, é somente a partir do quinto episódio que temos o aviso sobre o podcast ser uma reportagem e não uma investigação judicial, condenando represálias aos envolvidos. À propósito, o quinto episódio “Outras Tantas Mulheres” possui um perfil mais jornalístico no sentido de trazer informações ao público através de especialistas que contextualizam as raízes estruturais do trabalho doméstico e trazem uma abordagem jurídica sobre casos análogos à escravidão no país. A partir desse episódio, Felitti acrescenta ao final dos episódios seguintes o contato da Secretaria Especial de Previdência e Trabalho e explica para o ouvinte como denunciar possíveis casos semelhantes.

Ao analisarmos a investigação apresentada na série, observamos que o foco narrativo concentra-se, em grande parte, na apuração em primeira pessoa conduzida por Chico Felitti sobre a figura de Margarida Bonetti. O tema do trabalho análogo à escravidão, embora constitua o verdadeiro interesse público da narrativa, é relegado a um papel secundário. A contextualização do problema e a exposição do panorama nacional são abordadas de forma restrita, limitando-se, de maneira mais expressiva, apenas ao quinto episódio. Outro ponto de reflexão, está na captação de áudio direto no último episódio durante a entrevista com Margarida, pois ainda que Felitti justifique a escolha em não procurar um estúdio profissional, admite-se que sua voz está em melhor qualidade do que a da entrevistada que está por telefone, e portanto, diante considerando o relevo acústico, infere-se uma vantagem comunicativa em relação ao ouvinte que consegue percebê-lo melhor e o dimensiona em uma postura de autoridade pelo seu trabalho profissional de confronto e busca de verdade.

Isso posto, provocamos uma reflexão sobre o papel do jornalista sob seu

viés investigativo, assim como o uso de suas técnicas de apuração e fornecimento de informações ocultas mediante sua subjetividade. A investigação de Felitti, por mais que esteja embasada em um interesse público, não deve estar imune a uma reflexão crítica sobre as fronteiras do jornalismo investigativo, a fim de que não se confundam com as fronteiras de uma investigação policial (Fortes, 2005; Sequeira, 2005). Kischinhevsky et. al. (2023, p. 136) nos alerta que “o crescente uso da primeira pessoa traz diversas questões éticas para o jornalismo sonoro e para o papel de mediação social que os podcasters reivindicam para si”. Portanto, o trabalho de transparência metajornalística como uma estratégia imersiva dentro do contexto em que o jornalista desempenha um papel de personagem-mediador, merece uma reflexão do próprio campo jornalístico e de toda sociedade, através de uma postura ética e crítico-interpretativa frente às tensões da apuração transparente de Chico Felitti e as repercussões sobre a vida dos envolvidos, assim como da própria Margarida.

Ainda que a criatividade seja importante e tenha seu papel em uma produção com viés de proximidade e imersão, esta pesquisa considera que as concepções subjetivas também devem estar sob discussão metajornalística uma vez que as reportagens impactam significativamente sobre a realidade social e suas esferas. Quando refletimos sobre a capacidade de imersão do jornalismo no podcasting narrativo, a repercussão do podcast “A mulher da casa abandonada” demonstrou potencial de mobilização social e desdobramentos em diversos outros meios midiáticos. O uso de arquétipos para representar a mansão e sua moradora, aliado a uma narrativa imersiva e transparente, pode ter contribuído para a espetacularização do caso. Essa abordagem acabou por complexificar e, até mesmo, ofuscar discussões mais profundas e relevantes sobre os crimes relacionados ao trabalho análogo à escravidão, além de questões de gênero e raça no contexto do país (Kischinhevsky, 2024).

## **Considerações Finais**

Observamos que o podcasting *true crime* é terreno fértil para uma linguagem imersiva que abrange diferentes estratégias, sejam literárias ou acústicas, e permitem um envolvimento com o ouvinte. A herança da linguagem radiofônica possibilita que o ouvinte consiga escutar as vozes das testemunhas, dos suspeitos, arquivos de áudios originais e, diante dessa gama de recursos, estabelecer seus próprios juízos de valor sobre o caso. Apresentamos que as produções *true crime* têm como ponto forte o uso de uma descrição aprofundada sobre a investigação e junto com a subjetividade do próprio repórter, firma-se um pacto de veracidade, mesmo que se utilize recursos ficcionais para dar ênfase à complexidade das narrativas desse gênero. Todavia, é importante destacar que essa prática demanda um equilíbrio ético, pois essa subjetividade pode tensionar princípios referentes ao interesse público, especialmente quando aplicada a conteúdos narrativos.

Na análise crítica em relação à narrativa, observando os pontos de escuta que tornam ainda mais envolvente a experiência do podcasting, temos o contato tanto com o compartilhamento de experiência do jornalista quanto com o próprio ambiente onde ele esteve apurando os fatos. Nesse sentido, em “A mulher da casa abandonada”, Chico Felitti foi o personagem da trama e seu modo de condução investigativa, assim como os materiais jornalísticos utilizados para atestar a veracidade do seu discurso, também se caracterizaram como personagens que narram e mudam o curso da própria produção da série.

Esta pesquisa verificou que é possível adotar uma postura de jornalismo com tons subjetivos, contudo, essa abordagem não deve estar isenta de preceitos éticos e morais, pois o excesso de transparência em busca de proximidade com o ouvinte pode gerar resultados inesperados. Em resposta à motivação deste estudo, que busca entender as abordagens metajornalísticas e como os aspectos autorreferenciais de Chico Felitti foram estrategicamente articulados para guiar a experiência do ouvinte, validamos os seguintes elementos: 1) Chico utiliza de uma linguagem informal que dialoga diretamente com o ouvinte, demonstrando suas sensações e incertezas; 2) Humaniza-se

quando admite que não deveria realizar algumas práticas de apuração, ainda que segundo ele seja por notório interesse público, ou quando evidencia seus sucessos, medos, fracassos e desejos (como a vontade de denunciar Margarida); 3) Conduz toda a série ao optar por um design musical privilegiando sons de violino e piano que criam um clima de mistério e curiosidade, inspirado pelo seu próprio imaginário em relação à mansão; 4) Destaca as repercussões midiáticas do caso e expõe seus pensamentos sobre elas; 5) Transparece em detalhes suas motivações pessoais e os cenários em que esteve presente durante a apuração jornalística.

Diante dessa postura adotada pelo repórter e roteirista no podcast, reconhecemos a importância de refletir sobre quais valores e impressões pessoais podem influenciar a percepção do ouvinte em um processo imersivo e até que ponto isso pode comprometer juízos de valor em relação ao factual. O uso do emocional na escrita sobre acontecimentos, atrelado a uma condução sonora condizente com arquétipos e imaginários, culmina em riscos e nos provoca uma antiga discussão sobre o fazer jornalístico e o verdadeiro interesse público. Estudos sobre recepção e imersividade no podcasting, considerando o ponto de escuta do ouvinte, podem contribuir para a ampliação sobre o entendimento de como essa modalidade sonora impacta a audiência e até que ponto os valores experiência proporcionados pela escuta podem ser alcançados.

Assim como em outras mídias, no podcasting, os desafios do campo jornalístico formam um terreno de oportunidades para que os profissionais renovem sua legitimidade, redefinam suas fronteiras e estabeleçam diretrizes sobre a verificação dos fatos. Compreendemos a importância de propor uma reflexão crítica e ética em relação ao próprio fazer jornalístico como uma resposta ao cenário midiático atual, caracterizado por uma era de pós-verdade. O metajornalismo deve ir além de uma estratégia de aproximação e também manifestar-se em uma postura crítica-interpretativa constante para questionar as práticas jornalísticas estabelecidas, refletir sobre os processos de produção da informação e estimular a audiência a adotar uma postura mais consciente e

analítica diante das narrativas midiáticas.

## Referências

BALSEBRE, A. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, E. (Org.). **Teorias do Rádio: textos e contextos**. 1. ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2023. p. 367.

BAUMWORCEL, A. Armand Balsebre e a teoria expressiva do rádio. **Teorias do rádio: textos e contextos**, v. 1, 2005.

BERRY, R. Mapping podcasts. **Radio & Podcast Academic**, Sunderland (UK), 28 dez. 2019. Disponível em: <https://richardberry.eu/mapping-podcasts/>. Acesso em: 15 ago. 2023.

BOLING, K. S. True crime podcasting: Journalism, justice or entertainment?. **Radio Journal: International Studies in Broadcast & Audio Media**, v. 17, n. 2, p. 161-178, 2019.

CARVALHO, A. A percepção sonora no cinema: ver com os ouvidos, ouvir com outros sentidos. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Niterói, 2009.

CHION, M. **A audiovisual: som e imagem no cinema**. Trad. Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2011.

CORDEIRO, W. R.; COSTA, L. Jornalismo imersivo: perspectivas para os novos formatos. **Leituras do jornalismo**, v. 1, n. 6, 2016.

COWARD, R. **Speaking Personally: The Rise of Subjective and Confessional Journalism**. Basingstoke, UK: Palgrave Macmillan, 2013.

CHRISTOFOLETTI, R.; BECKER, D. O que dizem normas internas e editorial guidelines da Globo e da EBC sobre transparência jornalística?. **Mediapolis – Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público**, n. 13, p. 141-154, 2021.

FAUSTO NETO, A. Fragmentos de uma analítica da midiaticização. **Matrizes**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 89-105, abr. 2008.

FELITTI, C. A mulher da casa abandonada. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 8 jun. 2022. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0xyzsMcSzudBlen2Ki2dqV?si=13ee9d2c359e4033>. Acesso em: 2 fev. 2023.

FONSECA, A. dos A.; LIMA, L. S.; BARBOSA, S. O. Uma proposta de framework teórico para análise da experiência no jornalismo imersivo. In: **E-compós**, v. 23, 2020.

FORTES, L. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

HUERTAS, C. Os podcasts mais ouvidos de 2022, segundo o Spotify. **Meio & Mensagem**, 30 nov. 2022. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/midia/podcasts-mais-ouvidos-de-2022>. Acesso em: 18 ago. 2023.

JÁUREGUI, C.; VIANA, L. Relatos sonoros de um crime: o Caso Evandro pela ótica do True Crime. **Revista FAMECOS - Mídia, Cultura e Tecnologia**, v. 29, n. 1, 2022.

KARLSSON, M. The immediacy of online news, the visibility of journalistic processes and a restructuring of journalistic authority. **Journalism**, v. 12, n. 3, p. 279-295, 2011.

KISCHINHEVSKY, M. **Cultura do Podcast: reconfigurações do rádio expandido**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2024.

KISCHINHEVSKY, M. Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo. **Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación**, Santiago de Compostela, v. 5, n. 10, p. 74-81, 2018.

KISCHINHEVSKY, M. Rádio social: mapeando novas práticas interacionais sonoras. **Revista Famecos**, v. 19, n. 2, p. 410-437, 2012.

KISCHINHEVSKY, M.; FRAGA, K.; COUTO, L. Considerações sobre a narrativa em primeira pessoa no podcast Praia dos Ossos. **Radiofonias - Revista de Estudos em Mídia Sonora**, v. 14, n. 3, p. 113-139, 2023.

KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T. **Os elementos do jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

LINDGREN, M. Jornalismo narrativo pessoal e podcasting. Tradução: Gustavo Ferreira. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 11, n. 1, p. 112-136, jan./abr. 2020.

LISBOA, S. S. de M. Jornalismo e a credibilidade percebida pelo leitor: independência, imparcialidade, honestidade, objetividade e coerência. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 112 p.

LONGHI, R. R.; CAETANO, K. Valor-experiência no contexto do jornalismo experiencial. **Galáxia** (São Paulo), n. 42, p. 82-95, 2019.

LONGHI, R. R.; CORDEIRO, W. R. No jornalismo imersivo, o infográfico é hiper. **Líbero**, n. 42, p. 159-174, 2018.

LOPEZ, D. C.; FREIRE, M. Métodos digitais aplicados às pesquisas de rádio expandido: desafios metodológicos. In: **Anais 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Joinville, 2018.

MURRAY, J. Hamlet no holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço. São Paulo :Itaú Cultural - Unesp, 2003.

NEVEU, E. Revisiting narrative journalism as one of the futures of journalism. In: **The Future of Journalism: In an Age of Digital Media and Economic Uncertainty**. Routledge, 2017.

OLIVEIRA, M. Metajornalismo: do discurso normativo à autorreferencialidade como condição ética. **Sur le journalisme. About journalism. Sobre jornalismo**, v. 5, n. 2, p. 32-43, 2016.

OLIVEIRA, M. **Metajornalismo: quando o jornalismo é sujeito do próprio discurso**. Coimbra: Grácio Editor, 2010.

PAPELPOP. Um Milkshake Chamado Wanda e Além do Meme entram para top episódios de 2020 do Spotify. **PapelPop**, 2020. Disponível em:

<https://www.papelpop.com/2020/12/um-milkshake-chamado-wanda-e-alem-do-meme-entram-para-top-episodios-de-2020-do-spotify/>. Acesso em: 6 fev. 2025.

PERDOMO, G.; RODRIGUES-ROULEAU, P. Transparency as metajournalistic performance: The New York Times' Caliphate podcast and new ways to claim journalistic authority. **Journalism**, v. 23, n. 11, p. 2311-2327, 2022.

PUNETT, I. C. **Toward a Theory of True Crime Narratives: A Textual Analysis**. Abingdon, Inglaterra: Routledge, 2018.

ROCHA, V.; GOULD, L. Afetos perdidos num lar em ruínas: Uma análise do podcast "A Mulher da Casa Abandonada" sob a perspectiva do Jornalismo Sensível. **Educação, Cultura e Comunicação**, v. 14, n. 27, 2023.

ROCHA, V. **O Jornalismo Sensível: leituras plurais da realidade apresentada pelos afetos**. Curitiba: Editora Appris, 2022.

RODERO, E. Point of listening in a radio fiction: the eternal problem. **Observatorio (OBS) Journal**, v. 3, n. 3, p. 242-252, 2009. Disponível em: <http://documents.emmarodero.com/019-pointoflistening.pdf>. Acesso em: 10 set. 2024.

RYFE, D. News routines, role performance and change in journalism. In: MELLADO, C.; HELLMUELLER, L.; DONSBACH, W. (Eds.). **Journalistic role performance: Concepts, contexts and methods**. Nova York: Routledge, 2017.

SANTOS, P. C. P. dos. A criação de ambientes através do som: caminhos imersivos no podcast de storytelling ficcional "Contador de Histórias". 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Ouro Preto, 2022.

TRAYLOR, C. M. Serialized killing: usability and user experience in the true crime genre. Thesis (Master of Arts). Ball State University. Indiana, United States, 2019.

SODRÉ, M. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.

VIANA, L. **Jornalismo narrativo em podcast: Imersividade, dramaturgia e narrativa autoral**. Digitaliza Conteúdo, 2023.

## História para ouvir: uma análise dos podcasts Paroles d'histoire e História Pirata

*History to Listen To: An Analysis of the Podcasts Paroles d'histoire and História Pirata*

*Historia para escuchar: un análisis de los podcasts Paroles d'histoire e História Pirata*

Wellington Amarante

### Resumo

Este artigo tem por objetivo central analisar de forma comparativa duas iniciativas em história pública desenvolvidas na França e no Brasil. O podcast Paroles d'histoire foi criado em 2018, por André Loez e já produziu mais de 300 episódios dedicados a compartilhar notícias, lançamentos e atualidades do campo historiográfico na França. Já o História Pirata foi criado em 2020, por Rafael Verdasca, com o intuito de ajudar estudantes do ensino médio e de cursinhos preparatórios para o ENEM e vestibulares que estavam sem aulas presenciais em virtude das restrições impostas pelo início da pandemia de COVID-19 e já soma mais de 150 episódios produzidos. Partimos da hipótese de que os dois programas se constituem não somente como um locus privilegiado de divulgação de História para um amplo público, mas sobretudo como um novo espaço de consagração, reconhecimento e legitimação de determinados agentes dos campos historiográficos francês e brasileiro. A partir da coleta de dados em plataformas de streaming e nas redes sociais dos dois

### >> Como citar este texto:

AMARANTE, Wellington. História para ouvir: uma análise dos podcasts Paroles d'histoire e História Pirata. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 16, n. 01, p. 177-197, jan./abr. 2025.

### Sobre a autoria

Wellington Amarante  
[wellington.amarante@ufu.br](mailto:wellington.amarante@ufu.br)  
<https://orcid.org/0000-0003-3338-3717>

Professor adjunto do Instituto de Ciências Humanas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (ProfHistória/UFU). Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis. Graduado (2009) e Mestre (2011) em História pela mesma instituição.

podcasts conseguimos apresentar um retrato comparativo entre as duas iniciativas. A pesquisa revelou programas com duração expressiva, uma forte adesão da comunidade historiadora, longevidade e ampla cobertura temática, confirmando a hipótese de que ambos os podcasts desempenham uma importante função de consagração, reconhecimento e legitimação de agentes do campo historiográfico na França e no Brasil.

**Palavras-chave:** Podcasting; História Pública; Divulgação de História; Historiografia; Mídia.

### **Abstract**

This article aims to conduct a comparative analysis of two public history initiatives developed in France and Brazil. The podcast *Paroles d'histoire*, created in 2018 by André Loez, has produced over 300 episodes dedicated to sharing news, releases, and current affairs in the historiographical field in France. Meanwhile, *História Pirata* was launched in 2020 by Rafael Verdasca with the purpose of assisting high school students and those preparing for the ENEM and university entrance exams who were deprived of in-person classes due to restrictions imposed at the onset of the COVID-19 pandemic; it has since amassed over 150 episodes. We proceed from the hypothesis that both programs not only serve as privileged platforms for disseminating history to a broad audience but also function as new spaces for the consecration, recognition, and legitimization of certain agents within the French and Brazilian historiographical fields. By collecting data from streaming platforms and the podcasts' social media channels, we were able to present a comparative portrait of the two initiatives. The research revealed programs with significant longevity, strong engagement from the historian community, and broad thematic coverage, confirming the hypothesis that both podcasts play an important role in the consecration, recognition, and legitimization of agents in the historiographical fields of France and Brazil.

**Keywords:** Podcasting; Public History; History Communication; Historiography; Media.

### **Resumen**

El objetivo principal de este artículo es analizar comparativamente dos iniciativas de historia pública desarrolladas en Francia y Brasil. El podcast *Paroles d'histoire* fue creado en 2018 por André Loez y ya ha producido más de 300 episodios dedicados a compartir noticias, lanzamientos y actualidad en el campo historiográfico en Francia. *História Pirata* fue creado en 2020 por Rafael Verdasca,

con el objetivo de ayudar a estudiantes de secundaria y de cursos preparatorios para los exámenes de ingreso a la universidad que se quedaron sin clases presenciales debido a las restricciones impuestas por el inicio de la pandemia de COVID-19 y ya ha producido más de 150 episodios. Partimos de la hipótesis de que ambos programas constituyen no sólo un locus privilegiado para la difusión de la Historia a un amplio público, sino sobre todo como un nuevo espacio de consagración, reconocimiento y legitimación de ciertos agentes en los campos historiográficos francés y brasileño. Mediante la recopilación de datos sobre las plataformas de streaming y las redes sociales de ambos podcasts, pudimos presentar un retrato comparativo entre ambas iniciativas. La investigación reveló programas con duración significativa, fuerte apoyo de la comunidad de historiadores, longevidad y amplia cobertura temática, confirmando la hipótesis de que ambos podcasts juegan un papel importante en la consagración, reconocimiento y legitimación de agentes del campo historiográfico en Francia y Brasil.

**Palabras clave:** Podcasting; Historia Pública; Difusión de la Historia; Historiografía; Medios de comunicación.

## Introdução

O termo podcast foi criado em fevereiro de 2004 pelo jornalista britânico Ben Hammersley num artigo escrito para o *The Guardian*. A nova palavra surgiu da junção do termo “pod”, em referência ao iPod, dispositivo de reprodução de áudio da Apple e “broadcast” (Bonini, 2020, p.14). No ano seguinte, a palavra podcast foi incluída no *Oxford English American Dictionary* e eleita como a palavra do ano (Bonini, 2020, p.19). Porém, a sua origem remete a um período anterior.

Para Cohen, partindo de uma perspectiva da arqueologia das mídias, podemos situar os primeiros podcasts como uma continuidade do espírito das rádios livres dos anos 1970 e 1980. A autora indica que os podcasts surgiram de forma descentralizada e independente das redes tradicionais, ou seja, como uma mídia alternativa, pela qual todo mundo poderia “fazer rádio” e não apenas se contentar em escutar (Cohen, 2019, p.161).

Já para Freire a origem do podcast associa-se aos blogs, isso porque segundo o autor:

A partir da criação do sistema de RSS, em 1999, pela junção dos trabalhos

de Dan Libby e Ramanathan V. Guha, da empresa Netscape, com o do programador Dave Winer, os blogs ganharam em praticidade pela possibilidade de assinatura por parte de seus usuários, evitando-se o desperdício de tempo no acesso a páginas não atualizadas” (Freire, 2017, p.59).

O autor destaca ainda que por volta dos anos 2000 houve o surgimento dos audioblogs, essa “tecnologia tratava originalmente da disponibilização em formato MP3 de gravações em áudio relativas aos conteúdos das postagens nos blogs” (Freire, 2017, p.60).

Em 2003, Adam Curry, ex-VJ da MTV nos anos 1980, “debateu com Dave Winer a possibilidade de criação de um *enclosure* para a inclusão de arquivos MP3 no RSS”. E assim, “(...) Adam Curry passou a produzir, em 2004, o primeiro podcast, o *Daily Source Code*, de forma diária” (Freire, 2017, p.60-61).

Em termos tecnológicos o podcast pode ser definido como: “um arquivo digital de áudio, disponível *on-line*, que, em vez de uma música, contém programas que podem se utilizar de falas, de músicas ou de ambos” (Freire, 2017, p.56). Silva & Chagas destacam que: “Desde o surgimento da tecnologia “RSS” com a inserção do áudio nos códigos de incorporação e a criação do primeiro agregador de podcasts, o iPodder em 2004, são 16 anos de utilização e aprimoramento desse novo formato de rádio expandido no mundo (Silva & Chagas, 2021, p.1).

Em âmbito geral divide-se a história do podcasting em duas fases. No caso do Reino Unido Bonini destaca que:

(...) o podcasting foi imediatamente adotado pela mídia pública tradicional, pela mídia corporativa (rádio, TV, jornais) e por produtores profissionais com fins comerciais (...) o download de podcasts de programas radiofônicos das principais emissoras públicas europeias vem crescendo constantemente desde 2007, com uma expansão expressiva desde 2010, provavelmente devido ao avanço no uso de smartphones (Bonini, 2020, p.19-21).

No caso brasileiro, Silva & Chagas afirmam que: “Até o ano de 2014, a grande mídia brasileira praticamente não fazia parte da podosfera do país” (Silva & Chagas, 2021, p.12). Cabendo a produtores independentes a criação dos primeiros programas. É o caso de Danilo Medeiros, que, em outubro de 2004,

criou o já descontinuado *Digital Minds*. Em 2005, realizou-se a primeira Conferência Brasileira de Podcast na qual foi fundada a Associação Brasileira de Podcast (Freire, 2017, p.63-64).

É nesse contexto que surgem alguns programas que marcaram a primeira fase do podcasting no Brasil, tais como: o *Nerdcast*, do blog Jovem Nerd, criado em 2 de abril de 2006; o *Rapaduracast*, especializado em cinema, lançado em 20 de junho de 2006; e o *Monacast*, do site Monalisa de Pijama, criado em 2008 (Silva & Chagas, 2021, p.11).

Em âmbito mundial a imprensa também fez parte da primeira era do podcasting. Grandes veículos de comunicação como *Daily Telegraph*, *The Guardian*, *The New York Times*, por exemplo, criaram inúmeros programas, que até possuíam audiência, mas não atingiram o retorno financeiro esperado (Silva & Chagas, 2021, p.6).

De acordo com Bonini, a segunda era do podcasting iniciou-se em 2012, nos EUA:

Quando alguns dos famosos podcasts do rádio público americano se tornaram independentes das emissoras de origem, passando a financiar-se inteiramente por meio de seus ouvintes, através de novas plataformas de financiamento coletivo como Kickstarter” (Bonini, 2020, p.23).

O rádio público norte-americano já possuía longa experiência na produção de programas narrativos e “graças ao podcasting e ao uso crescente de smartphones e redes sociais, estes se moveram além das fronteiras geográficas das rádios que o veiculavam, passando a ser desfrutados por milhões de pessoas de todo o mundo” (Bonini, 2020, p.25).

Foi nesse cenário que um novo mercado e “novos modelos de negócios emergiram, baseados numa mistura de doações, financiamento coletivo, patrocínios e publicidade (Bonini, 2020, p.26). Para Bonini, a segunda era do podcasting inaugura a “transformação de um meio de nicho, amador, “faça-você-mesmo”, para um meio comercial massivo: do *narrowcasting* ao *broadcasting*. (Bonini, 2020, p.28-29).

No Brasil, o podcaster Ivan Mazanzuk criou, em 2015, o *Projeto Humanos*.

Inspirado em experiências norte-americanas, “inovou a estética do podcast no Brasil ao adotar, em nível de formato, o estilo radiofônico roteirizado e narrativo, e em nível de conteúdo, a produção resultante do trabalho de pesquisa jornalística sobre “histórias reais de pessoas reais” (Silva & Chagas, 2021, p.12).

A entrada da grande mídia brasileira na segunda era do podcasting pode ser atestada pela quantidade de projetos vinculados a plataforma de streaming *Globoplay*. Além do já citado *Projeto Humanos* de Ivan Mizankuk, a plataforma comercializa com exclusividade programas como *Mamilos* e *Braincast* e outros 80 podcasts produzidos pelo Gshow, GE e G1 (Silva & Chagas, 2021, p.14).

Cohen identifica ao menos três fases do podcasting. A primeira estaria situada entre os anos de 2002 e 2006, momento da instalação das primeiras experiências em podcast na paisagem midiática francesa. Apresentadores, jornalistas, profissionais do rádio estão entre os pioneiros. Em 2002, surgiu a *ARTE Radio*, uma iniciativa do canal cultural de televisão franco-alemão *ARTE*. Desde então *ARTE Radio* permanece como um importante produtor de podcast. A partir de 2005, por exemplo, a *Radio France* permite aos ouvintes escutar e (re)escutar seus programas no formato podcast (Cohen, 2019, p.161-163).

Uma segunda fase estaria situada entre os anos de 2007 e 2015, momento de estruturação e desenvolvimento de algumas experiências. Um exemplo mencionado é o de *Serial*, nos EUA, produzido por Sarah Koenig, a partir de 2014 (Cohen, 2019, p.163).

Uma terceira fase é identificada a partir de 2016, caracterizada pela produção de podcasts independentes, mas também pela presença institucional de grandes emissoras de rádio como *Radio France*, *RTL*, *Europe 1*. É uma fase de aprimoramento em dimensões sonoras, mas também de modelos econômicos. Em 18 de abril de 2017 surgiu o *BoxSons*, criado pelas jornalistas Pascale Clark e Candice Marchal que ousaram deixar o guarda-chuva da *France Inter* para arriscar como projeto independente (Cohen, 2019, p.164-165).

Atualmente, “(...) os podcasts podem ser ouvidos em muitos aplicativos de celular e plataformas diversas. Algumas das mais populares no Brasil são

Spotify, Apple Podcasts, Google Podcasts, Castbox e Deezer (Rodrigues, 2021, p.178).

### **A divulgação de História no podcasting**

Nos últimos 15 anos no Brasil, os debates sobre a História Pública têm mobilizado a comunidade historiadora em torno de questões relativas as possibilidades de maior inserção do conhecimento histórico no espaço público.

De acordo Santhiago parte dessa reflexão tem girado em torno de quatro níveis de engajamento: uma história feita para o público, uma história feita com o público, uma história feita pelo público, e por fim, uma reflexão da relação entre história público (Santhiago, 2016, p.28). Nessa mesma esteira autores como Carvalho & Tavares têm apontado para as diversas modalidades possíveis de divulgação de história (Carvalho & Tavares, 2019). As experiências de podcasts de história, seja no Brasil, seja na França, são tributárias dessas preocupações e ambições. Podemos afirmar que a divulgação de história encontrou no podcasting um ambiente fértil e produtivo para a sua produção.

Refletindo sobre as principais característica do podcast o historiador Icles Rodrigues, criador do *História FM*<sup>1</sup> destaca que:

Por serem produções em formato de áudio, podcasts podem ser consumidos fazendo menos uso de dados de internet móvel e, por isso, acabam sendo mais acessíveis, especialmente nos casos de uma conexão de baixa velocidade ou com limite de tráfego diário” (Rodrigues, 2021, p.178).

Destaca ainda que “o ouvinte pode usufruí-lo ao mesmo tempo que

---

<sup>1</sup> O podcast *História FM* foi criado em 2019 por Icles Rodrigues a partir da experiência progressa de extremo sucesso com o canal do YouTube *Leitura Obrigatória HISTÓRIA*. No Spotify o programa afirma que “busca apresentar temas históricos de maneira acessível, mas sempre com o máximo possível de rigor histórico”. Icles Rodrigues criou ainda o selo *Leitura Obrigatória HISTÓRIA* que reúne os podcasts *Estação Brasil*, *Colunas de Hércules* e *Historiconomia*. Tornando-se o principal nome da comunidade historiadora no uso do podcasting para a divulgação de História. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/4d1lnERMnFpGTdJiu403pg?si=LgsSbkayQfyxqM6OWYM8eA>

executa tarefas domésticas ou se desloca no trânsito” (Rodrigues, 2021, p.179). Essas características podem explicar os dados da Associação Brasileira de Podcasters (ABPod) que revelou que em 2020 “durante a quarentena, de cada cem brasileiros que acessaram a Internet, 43 ouviram podcast pela primeira vez” (Silva & Chagas, 2021, p.2). Em sua mais recente pesquisa a associação estima que o Brasil possua aproximadamente 31 milhões de ouvintes de podcast (Associação Brasileira de Podcasters, 2025, p.1).

O uso educacional do podcasting é um fenômeno internacional e não se restringe aos conteúdos históricos. De acordo com Bonini:

Além dos produtores independentes e amadores, esta categoria inclui educadores, professores e ativistas, bem como membros de círculos, associações culturais e grupos religiosos, que adotam o podcasting como uma forma de distribuição e intercâmbio de conhecimento e saberes” (Bonini, 2020, p.20).

Isso faz com que “escolas secundárias, professores individuais e universidades” estejam “entre os mais ativos produtores de podcasts na última década” (Bonini, 2020, p.20). Freire defende que após anos de inúmeras experiências a podosfera:

(...) se mostra como um cenário educativamente rico, constituído como mote para reunião de sujeitos que, compartilhando um gosto em comum por determinado tema abordado em podcast, acabam exercitando um diálogo educacional nas seções de comentários dos blogs das produções e nos fóruns de redes sociais aglutinadores da audiência de um programa, além do contato direto com os produtores das realizações (Freire, 2017, p.65).

Um dado importante revelado por pesquisa realizado pela ABPod em 2021 é o de que “os conteúdos históricos estão entre os que têm maior poder de atrair o público”. De acordo com a pesquisa “Em 2020, história ficou em 4º na preferência dos ouvintes e produtores (...) figurando atrás, mas não muito distante, das seguintes temáticas: Cultura Pop, Humor/Comédia e Ciências” (Silva & Silva, 2021, p.105).

Bonete & Bechler comentam sobre a expansão dos conteúdos de História na Web durante a pandemia de COVID-19:

Nesse período de pandemia também assistimos ao boom das lives e podcast através de plataformas digitais, sendo a principal delas o YouTube.

No âmbito acadêmico, muitos eventos, conferências, cursos, dentre outros, começaram a circular amplamente no formato de lives e, conseqüentemente, obtiveram muita adesão não só do público local, mas também de uma rede espalhada pelo território nacional e internacional” (Bonete & Bechler, 2023, p.156-157).

Outros historiadores envolvidos diretamente na produção de podcasts comentam sobre os motivos que fizeram aderir a produção desse tipo de conteúdo. Silva & Silva, criadores do *Fronteiras no Tempo*<sup>2</sup>, destacam que:

(...) a experiência enquanto historiadores envolvidos na produção de um podcast pode contribuir para o desenvolvimento do ensino de história nos espaços formais e não formais, ocupando lugares que tradicionalmente não ocupávamos, o que, por vezes, nos deixavam à margem de produções que compõem a cultura de história voltadas a públicos amplos (Silva & Silva, 2024, p.120).

Nessa mesma direção Bonete & Bechler, criadores do *Cata-EHventos*<sup>3</sup>, afirmam que o podcast se:

(...) constitui uma forma de divulgação científica de História, uma vez que a preocupação central é contribuir para que o maior número de pessoas possível, sobretudo professores de História, tenham acesso aos conteúdos e reflexões que são elaboradas por outros professores e autores de livros relacionados ao conhecimento histórico, sobretudo o escolar” (Bonete & Bechler, 2023, p.158).

---

<sup>2</sup> O podcast *Fronteiras no Tempo* foi fundado em julho de 2014 por Cesar Agenor Fernandes da Silva e Marcelo de Sousa Silva e desde então já publicou mais de 190 episódios. Foram incorporados à equipe de produção Willian Spengler e Rodolfo Grande Neto. Colaboram ainda na parte técnica Augusto Carvalho, Adriano João e Raphael Bruno. Em seu perfil no Spotify o programa se apresenta com o objetivo de “aproximar o público que gosta de História com a maneira como o conhecimento histórico é pensado e construído”. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/4d1lnERMnFpGTdJiu403pg?si=LgsSbkayQfyxqM6OWYM8eA> Acesso realizado em: 05/05/2025.

<sup>3</sup> O podcast *Cata-EHventos* foi fundado em junho de 2021 por William Bonete e Rosiane Bechler. Atualmente, trata-se de uma produção em rede dos laboratórios LABORALES da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri e do Laboratório de Ensino de História da Universidade Federal de Pelotas. Em sua página no Spotify o podcast define-se como: “um catalisador e um vetor de divulgação científica de temas relacionados ao campo do ensino de História”. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/1CYVPdrFKMeRrFhWkkCgOg?si=yX7NIZBFSE2Or0YLPY4-Sg> Acesso realizado: 05/05/2025.

Considerando todos os elementos elencados partimos da hipótese de que ao mesmo tempo que *Paroles d'histoire* e *História Pirata* têm contribuído para a divulgação de História para um público mais amplo, tanto na França quanto no Brasil, tais programas também colaboram para a compreensão de uma importante dimensão do campo historiográfico, revelando seus agentes, temas privilegiados, o que torna *Paroles d'histoire* e *História Pirata* espaços de consagração, reconhecimento e legitimação de determinados agentes dos campos<sup>4</sup> historiográficos francês e brasileiro.

### **Uma breve história de dois *podcasts* de História**

O podcast *Paroles d'histoire* foi criado em 2018 por André Loez. E se define como: “Un podcast consacré à l'actualité des livres, de la recherche et des débats en histoire”. O episódio zero foi lançado no dia 2 de abril e trouxe uma breve apresentação do programa. Já o episódio número 1 data do dia 13 de abril teve como tema Maio de 68 e contou com a participação de Ludivine Bantigny que falou sobre seu livro *1968, De grands soirs en petits matins*.

André Loez, seu criador, é graduando pela *Science PO Paris* (1998), em 2000 conseguiu a *Agrégation* de História. E em 2009, defendeu sua tese de doutorado na Universidade de Montpellier 3 sob a orientação de Frédéric Rousseau.

O podcast *História Pirata*<sup>5</sup> foi criado em 2020 por Rafael Santesso

---

<sup>4</sup> Partimos da definição de campo construída pelo sociólogo Pierre Bourdieu que afirma que “os agentes e grupos de agentes” seriam definidos “pelas suas posições relativas neste espaço”, que pode ser definido com um “campo de forças”, ou seja, “um conjunto de relações de força objetivas impostas a todos os que entrem nesse campo e irreduzíveis às intenções dos agentes individuais ou mesmo às interações diretas entre os agentes”. O campo seria, então, um espaço de posições estruturadas, onde as propriedades dependem da posição de cada um desses agentes (BOURDIEU, 2011, p.136).

<sup>5</sup> Apresentação do História Pirata no Spotify: “Arrrr! Marinheiro, prepare-se para singrar na imensidão desse mar repleto de histórias. A história é, nas palavras de Alfredo Bosi, um navegar no qual as datas seriam como as pontas de icebergs, balizas que nos ajudariam a traçar um caminho. Arthur Rimbaud, em um dos seus mais conhecidos poemas, compara a história a um “Barco Bêbado”, sem direção ou sentido, traça seu caminho naquilo que nos é, via de regra,

Verdasca, seu intuito inicial com a produção era ajudar seus alunos a estudarem durante o período da pandemia no qual as escolas estavam fechadas. O primeiro episódio foi lançado no dia 23 de março de 2020 com o tema Sistema Colonial. Daniel Gomes de Carvalho foi convidado a participar do episódio número 3 e a partir de então se integrou ao projeto.

Rafael Santesso Verdasca possui graduação em História pela Universidade Estadual de Campinas (2014) e atualmente é professor de História no Colégio e Cursinho Poliedro São Paulo. Daniel Gomes de Carvalho possui graduação (2012), mestrado e doutorado em História pela Universidade de São Paulo. Entre 2019 e 2023 foi professor da Universidade de Brasília e desde 2023 é professor de História Moderna na Universidade de São Paulo.

Assim como outros inúmeros projetos de História Pública no Brasil, o *História Pirata* surgiu durante a pandemia de COVID-19. Mas, diferentemente de iniciativas que ficaram limitadas ao período mais severo de isolamento social, o programa ultrapassou a barreira pandêmica, se reinventou e mesmo após o retorno às aulas presenciais nas instituições de ensino brasileiras seguiu com suas atividades e até o presente momento já conta com mais de mais de 140 episódios produzidos.

Os dois programas também estão presentes em outras redes sociais e plataformas. O *Paroles d'histoires* está inscrito no *YouTube* desde 10 de maio de 2018, o canal que possui 13,7 mil inscritos, publica em áudio e na íntegra os episódios do podcast, até maio de 2025 foram disponibilizados 377 vídeos que acumulam mais de 620 mil visualizações<sup>6</sup>.

Já o *História Pirata* chegou ao *YouTube* somente no dia 15 de março de 2023, com a proposta de produção de um conteúdo diverso daquele que vai ao

---

imprevisível. Mas, aqui, caro tripulante, aqui trata-se de um navio pirata. Navegar não será o suficiente. Neste navio mergulharemos nossas cabeças d'baixo d'água pra buscar compreender toda a massa de gelo que há em cada iceberg. Aqui, todo motim será bem-vindo. Coloque seu fone de ouvido e seu tapa-olho e prepare-se porque já vamos zarpar.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/@Parolesdhistoire> Acesso realizado em: 22/04/2025.

ar no podcast. Ao todo são pouco mais de 8300 inscritos e até o momento foram produzidos 20 vídeos que somam mais de 51 mil visualizações<sup>7</sup>.

No *Instagram*, por sua vez o perfil do *História Pirata* conta com 29,5 mil seguidores e um total de 472 posts<sup>8</sup>. Já o perfil do *Paroles d'histoire* acumula 4753 seguidores e 265 posts<sup>9</sup>. Em ambos os casos, a rede social é utilizada para a divulgação de novos episódios e serve também como uma plataforma de interação com o público ouvinte.

O podcast francês possui ainda um *site* no qual os ouvintes podem acessar informações detalhadas sobre todos os episódios produzidos, além de contar com uma sessão especial que agrupa os episódios dedicados a séries e filmes e outra dedicada aos temas ensinados na educação básica, organizados por nível de ensino<sup>10</sup>. O site *parolesdhistoire.fr* possui ainda uma loja com produtos como camisetas, canecas que podem ser adquiridos pelos ouvintes. O *História Pirata* por sua vez não possui nenhum site próprio na internet além das plataformas de podcast nas quais o programa está disponível.

Considerando que entre os anos de 2018 e 2025 os dois podcasts já produziram a soma de mais de 500 episódios e com a impossibilidade de tratamento analítico de todo esse material, elegemos o ano de 2023 para uma análise comparativa em relação à periodicidade, duração, temas e convidados. O ano de 2023, justifica-se pelo fato de ser um ano no qual os dois programas apresentaram uma estabilidade e recorrência na produção dos episódios, o que nos permitiu traçar um retrato mais adequados dos programas.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/@historiapirata/videos> Acesso realizado em: 22/04/2025.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/historiapirata?igsh=cmMya29ieXZkbnM0> Acesso realizado em: 22/04/2025.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/parolesdhistoire?igsh=MTFjZXoyZWlldGU2ZQ==> Acesso realizado em: 22/04/2025.

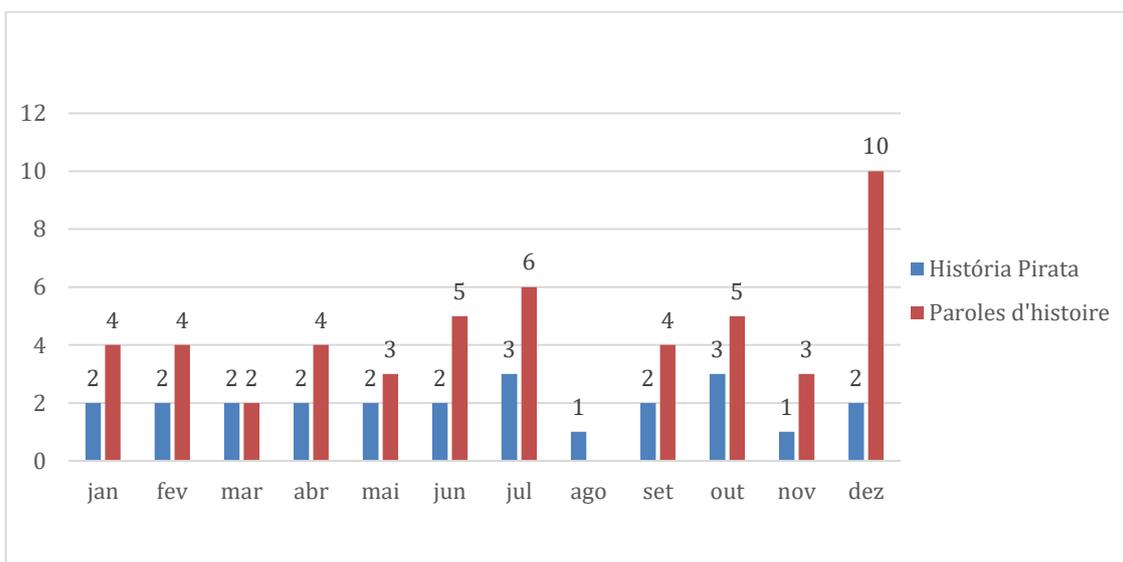
<sup>10</sup> Disponível em: <https://parolesdhistoire.fr/> Acesso realizado em: 29/03/2025.

## Periodicidade, duração temas e convidados

O *Paroles d'histoire* caracteriza-se por ser um podcast semanal. No site, por exemplo, há a informação de que novos episódios são lançados toda segunda-feira. Ainda que em diversos momentos essa periodicidade não seja respeitada rigidamente. Já o *História Pirata* adotou em 2023 uma periodicidade quinzenal, mas também de forma bastante flexível.

No ano de 2023, *Paroles d'histoire* produziu 50 episódios. O mês de dezembro foi o mais produtivo com 10 episódios, seguido pelo mês de julho com seis lançamentos. Já o mês de agosto, período de férias na França, não contou com nenhuma produção. Por sua vez, o *História Pirata* produziu 24 episódios. Sendo os meses de julho e outubro os mais produtivos com 3 episódios cada. Já os meses de agosto e novembro contaram com apenas 1 episódio (gráfico 1).

**Gráfico 1 – Número de episódios por mês (2023)**



**Fonte:** Produzido pelo autor a partir dos dados coletados no Spotify.

Uma diferença importante sobre a periodicidade dos programas é a adoção do período de férias pelo podcast francês. Desde o início de sua veiculação, em todo os anos, o *Paroles d'histoire* faz uma pausa situada entre julho e agosto, o que coincide com as férias acadêmicas e escolares. No caso do *História Pirata* não há uma prática recorrente de adoção de um período de férias,

identificamos episódios nos meses de janeiro, fevereiro e julho. Um ponto fora da curva em relação a periodicidade do *História Pirata* foi uma longa pausa no primeiro semestre de 2022, com as publicações sendo retomadas somente no dia 19 de junho de 2022, com o episódio 81.

Em 2023, os episódios de *Paroles d'histoire* apresentaram uma duração média de 57 minutos e 47 segundos. O episódio de maior duração foi o “293. Table-ronde: pratiques numériques de l'histoire” com 1 hora e 52 minutos<sup>11</sup>. Já o de menor duração foi o “312. Coups de cœur 2023: BD historiques, avec Paul Chopelin” com 24 minutos e 45 segundos<sup>12</sup>. Os 50 episódios de 2023 resultaram em 48 horas, 9 minutos e 7 segundos de conteúdo produzido.

Os episódios de *História Pirata* possuíram uma média de 1 hora, 54 minutos e 18 segundos de duração. Sendo que o maior episódio foi o “História Pirata #112 - Fernand Braudel, com Eduardo Holderle Peruzzo” com duração de 2 horas e 43 minutos<sup>13</sup>. Já o episódio mais curto foi o “História Pirata #96 Simón Bolívar - A Construção do Libertador e Usos do Passado” com 1 hora e 21 minutos de duração<sup>14</sup>. Os 24 episódios de 2023 resultaram em 45 horas e 43 minutos de conteúdo (gráfico 2).

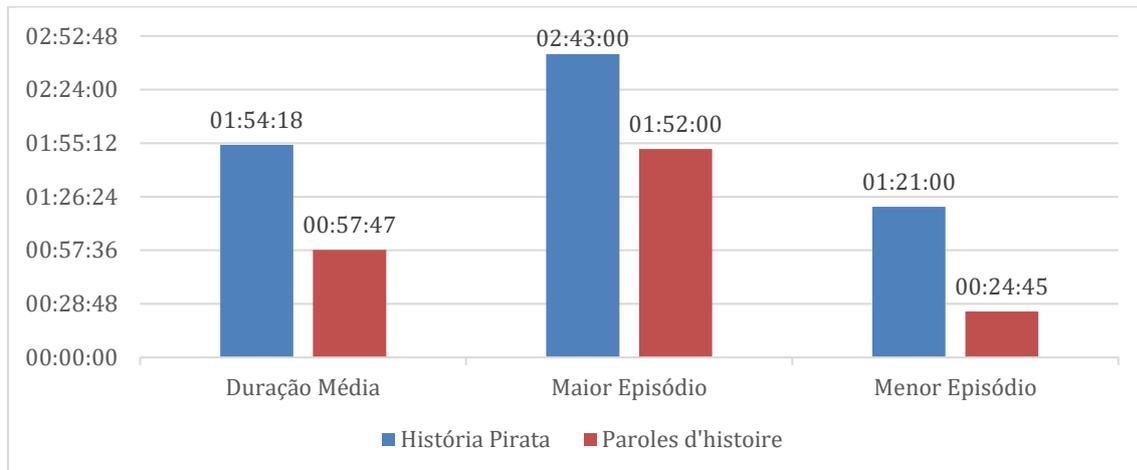
## Gráfico 2 – Duração média, maior e menor de cada episódio (2023)

<sup>11</sup> Disponível em: [https://open.spotify.com/episode/2axj4RpXjqZGFukdJl1zIB?si=EKzVfCc\\_Txav9WfyRuJuKg](https://open.spotify.com/episode/2axj4RpXjqZGFukdJl1zIB?si=EKzVfCc_Txav9WfyRuJuKg) Acesso realizado em: 22/04/2025.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6BZE8X3DywGEznKMnra9gB?si=2ELH9WJhQVuCaFn-svTrg> Acesso realizado em: 22/04/2025.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0OtgekdRk6jpMK1jmR7cRm?si=-SyPsLwoTQqaF1QXVRG6eQ> Acesso realizado em: 22/04/2025.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1QoSR4EKkZRYOfsu4DKDg4?si=OuGPDy2LSD-EwKr6niMqsA> Acesso realizado em: 22/04/2025.



**Fonte:** Produzido pelo autor a partir dos dados coletados no Spotify.

Acreditamos que a duração dos episódios de *Paroles d'histoire* e *História Pirata* são diretamente responsáveis pelo sucesso não somente junto ao público, mas também junto aos convidados. Com um tempo de duração dilatado é possível aos apresentadores e aos convidados dialogarem de forma tranquila, com a possibilidade de uma reflexão mais aprofundada, sem cortes e pressa, como é comum encontrar em outros formatos midiáticos. Na maioria dos casos os episódios possuem duração maior do que uma aula de história na educação básica, característica observada também em outros podcasts de História (Rodrigues, 2021, p.179). O que permite que a historiadora ou historiador convidado sintam-se à vontade para oferecer a explicação sobre o tema em debate da forma mais cuidadosa e criteriosa possível. Da mesma forma, o tempo maior de duração permite aos apresentadores realizarem um amplo número de questões que podem ser respondidas pelos convidados.

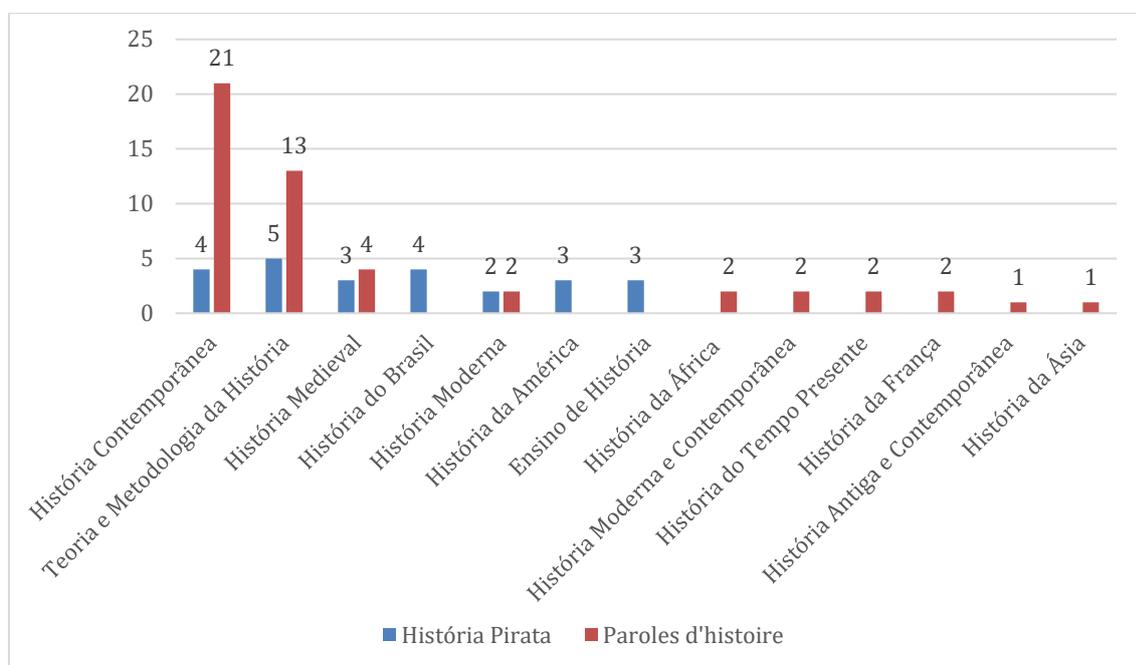
Os dois podcasts caracterizam-se por tratarem de temas relacionadas as mais diversas áreas da História. Na grande maioria dos episódios há um especialista como convidado. No caso do *Paroles d'histoire*, além dos episódios com os entrevistados há também a cobertura de eventos e mesas redondas que ocorrem nas universidades e que são gravadas e transformadas em episódios. Há também o projeto *Les mercredis des révolutions*<sup>15</sup>. E em dezembro a série

<sup>15</sup> *Les Mercredis des révolutions* trata-se de uma atividade organizada pela *Société*

especial *Coups de Coeur*, no qual é convidado uma historiadora ou historiador para comentar o que de melhor foi lançado na área de História.

Já o *História Pirata* produziu dois episódios bônus no mês de janeiro de 2023. Além da continuidade da série sobre a Revolução Francesa, comandada por Daniel Gomes de Carvalho, que ganhou mais três episódios. Agrupamos os episódios da temporada 2023 em 11 coleções temáticas expressas no gráfico (gráfico 3).

**Gráfico 3 – Temas dos episódios de *Paroles d'histoire* e *História Pirata* (2023)**



**Fonte:** Produzido pelo autor a partir dos dados coletados no Spotify.

No caso do *Paroles d'histoire* os temas de história contemporânea destacam-se seguidos por temas de ordem teórico-metodológicos. No *História Pirata* essas duas coleções também são as principais, mas aparecem de forma mais equilibrada conjuntamente com temas da História do Brasil.

---

*d'Histoire de la Révolution de 1848 et des Révolutions du XIXe Siècle* em parceria com : Médiapart, *Paroles d'histoire*, Politis, APHG e a sub-prefeitura do 18<sup>o</sup> arrondissement de Paris. Os encontros são realizados sempre às quartas-feiras entre 18h30 à 20h30. Disponível em : <https://blogs.mediapart.fr/les-mercredis-des-revolutions> Acesso realizado em 27/03/2025.

Ambos os podcasts contaram com ampla participação de convidados em 2023. Ao longo dos 50 episódios lançados em 2023, o *Parole d'histoire* contou com a participação de 79 convidados das mais diversas instituições: universidades, centros e laboratórios de pesquisa, museus, bibliotecas, escolas, majoritariamente francesas, mas também de outros países da Europa<sup>16</sup>. Nota-se também uma diversidade geracional, com pesquisadores em diferentes etapas da carreira. A seguir os nomes de cada um dos convidados em 2023 (imagem 1).

**Imagem 1 - Convidados *Paroles d'histoire* (2023)**

Aïcha Limbada	Alejandro Gómez	Alexandra Oeser	Alexandre Frondizi	Annabelle Allouch	Anne-Sophie Anglaret	Audrey Célestine	Carole Christen	Caroline Callard
Caroline Muller	Catherine Rideau-Kikuchi	Chloé Pathé	Claire-Lise Gaillard	Claude Gauvard	David Bell	Didier Guignard	Edward Blumenthal	Elodie Guillon
Emilien Ruiz	Emmanuel Fureix	Emmanuelle Perez-Tisserand	Fabien Jobard	Fabrice Bensimon	Fadi El Hage	Fanny Verdier	Florian Besson	Geneviève Warland
Gérôme Truc	Gilles Fumey	Hélène Blais	Hervé Le Corre	Isabelle Neuschwander	Jean-François Moufflet	Jérémie Foa	Joël Glasman	Judith Lyon-Caen
Julie Marquet	Juliette Eyméoud	Lucie Genay	M'hamed Oualdi	Manon Pignot	Marc Bouiron	Marie Dejoux	Marie Favereau	Marie-Anne Matard-Bonucci
Mathilde Larrère	Michaël Bourlet	Muriel Gandelin	Nicolas Mariot	Nicolas Marquet	Nicolas Offenstadt	Nicolas Sesma Landrin	Olivier Ihl	Paul Chopelin
Paul Maneuvrier-Hervieu	Philippe Mesnard	Philippe Prudent	Pierre Salmon	Quentin Deluermoz	Quentin Deluermoz	Romain Huret	Romy Sanchez	Sarah Fila-Bakabadio
Sarah Gensburger	Sébastien Poublanc	Serge Gruzinski	Sidonie Verhaeghe	Solène Rivoal	Sophie Bertrand	Sophie Laribi Glaudel	Stéphanie Soubrier	Sylvain Dufraisse
Tal Bruttman	Tancrede Ramonet	Théo Boulakia	Thomas Bouchet	Valentin Barrier	Victor Pereira	Yannick Pincé		

**Fonte:** Produzido pelo autor a partir de dados coletados no Spotify.

Em seus 24 episódios em 2023, o *História Pirata* também apresentou um amplo rol de convidados, em sua maioria professores de universidades, mas também professores da educação básica. Ao todo foram 24 convidados em 2023 (imagem 2).

<sup>16</sup> Os dados de filiação institucional dos convidados estão disponíveis na descrição dos episódios no site do *Paroles d'histoire*.

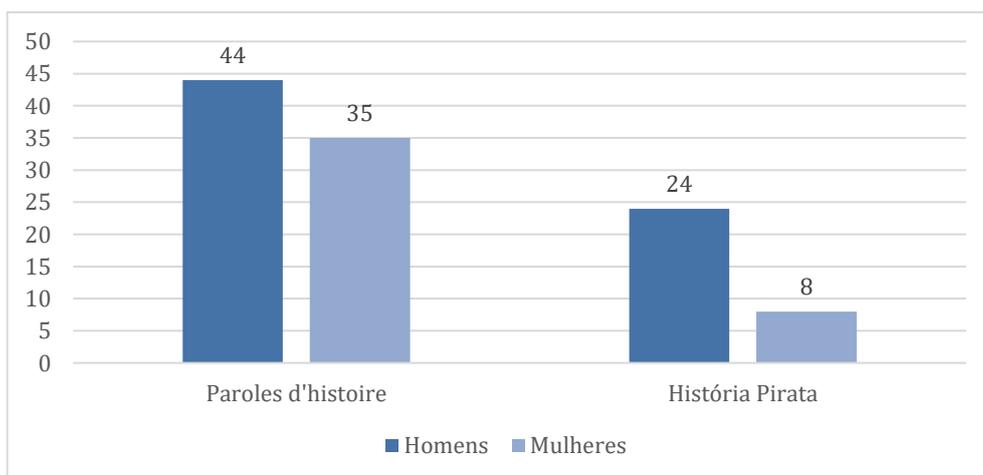
### Imagem 2 – Convidados *História Pirata* (2023)

Bruno Rosa	Alberto Aggio	Aldenir Vasconcelos	Alexandre Reis	Alice Freyesleben	Bruno Leal
Cláudia Bovo	Daniele Gallindo Gonçalves	Eduardo Holderle Peruzzo	Gabriel Cardoso Bom	Jonathan Portela	Luiz Carlos Villalta
Luiz Guilherme Burlamaqui	Marcus Oliveira	Marcus Vinicius de Moraes	Mariléa de Almeida	Marília de Azambuja Ribeiro Machel	Mauro Nápoles
Renata Fernandes	Sofia Lisboa	Keila Vila Flor	Guilherme Zago	Thiago Juarez	Tiago Gil

**Fonte:** Produzido pelo autor a partir de dados coletados no Spotify.

Importante frisar que nos dois podcasts há uma desigualdade de gênero na participação dos convidados (gráfico 4). O *Paroles d’histoire* contou com a participação de 79 convidados, destes 44 homens (55,69%) e 35 mulheres (44,30%). No *História Pirata* essa disparidade é ainda maior, dos 24 convidados da temporada 2023, 16 eram homens (66,66%) e apenas 8 mulheres (33,33%).

### Gráfico 4 – Convidados por gênero (2023)



**Fonte:** Produzido pelo autor a partir de dados coletados no Spotify.

### Considerações finais

*Paroles d'histoire* e *História Pirata* são exemplos de como o *podcast* foi incorporado à dinâmica do campo historiográfico e conseqüentemente às práticas de divulgação de História. O número de episódios produzidos nos últimos anos, a longevidade dos *podcasts* aqui analisados e a adesão de grandes nomes da historiografia são alguns indícios desse processo. Destacamos três razões para esse sucesso.

A primeira delas está diretamente ligada ao tipo de mídia pela qual a mensagem é difundida. O áudio possui um caráter menos intimidador aos historiadores. Diferentemente do vídeo, no qual o historiador se vê diante de uma parafernália tecnológica, como câmeras, luzes, microfone e pedestais. A gravação de um *podcast* exige muito menos recursos e o que se torna público é apenas a voz do participante.

Um outro aspecto importante é a duração dos episódios. Com durações maiores do que as dos vídeos do *YouTube*, por exemplo, o formato permite as historiadoras e historiadores um tempo mais ampliado de fala e reflexão. Como vimos, no caso do *Paroles d'histoire* a duração média dos episódios em 2023 foi de 57 minutos e 47 segundos, e o *História Pirata* possui uma média de duração ainda mais alta com 1 hora, 54 minutos e 18 segundos, esse tempo médio ultrapassa a duração de uma aula em nível escolar, por exemplo.

E por fim, um terceiro aspecto que gostaria de destacar, é o diálogo entre os pares. Diferentemente da participação em telejornais ou em outros programas comandados por jornalistas, em ambos os *podcasts*, o diálogo ocorre entre pares. Ou seja, apresentadores possuem formação na área de História, o que torna a conversa mais cordial, menos embaraçosa e com poucas incompreensões conceituais entre apresentador e convidado.

Em suma, *Paroles d'histoire* e *História Pirata* souberam explorar de forma bastante diversificada e criativa o vasto universo da produção historiográfica francesa e brasileira, contando com a participação tanto de jovens pesquisadores, mas também de autores consagrados, além de profissionais da história atuantes em outras instituições. As centenas de episódios produzidos e

a longevidade das duas experiências revelam que o conhecimento histórico pode ser uma fonte inesgotável de temas a serem debatidos seja entre os pares seja para um amplo público.

## Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PODCASTERS. **PodPesquisa 2024/2025**. Relatório. pp.21. Disponível em: [https://abpod.org/wp-content/uploads/2024/10/PodPesquisa\\_2024\\_2025FINAL-1.pdf](https://abpod.org/wp-content/uploads/2024/10/PodPesquisa_2024_2025FINAL-1.pdf) Acesso realizado em: 08/05/2025.

BONETE, Wilian Junior ; BECHLER, Rosiane. “Podcast Cata-Ehventos: experiências em divulgação científica e ensino de História”. In: SOTANA, Edvaldo Correa; RODRIGUES JUNIOR, Osvaldo. **Ensino de História e mídias eletrônicas**. São Paulo: Paruna Editorial, 2023. p.155-166.

BONINI, Tiziano. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. Tradução: Marcelo Kischinhevsky. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 13-32, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4315> Acesso realizado em 05/05/2025.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Edições 70, 2011.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares (editores). **História pública e divulgação de história**. São Paulo: Letra e Voz, 2019.

COHEN, Évelyne. La baladodiffusion: de la réécoute à la création sonore de podcasts. **Sociétés & Représentations**, nº 48, automne, 2019, p.159-167. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-societes-et-representations-2019-2-page-159?lang=fr> Acesso realizado em: 05/05/2025.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. Podcast: breve história de uma nova tecnologia educacional. **Educação em Revista**, Marília, v.18, n.2, jul.-dez, 2017, pp.55-70.

RODRIGUES, Icles. Usos pedagógicos para YouTube e podcasts. In: PINKSY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. **Novos combates pela História: desafios – ensino**. São Paulo: Contexto: 2021. pp.175-197.

SANTHIAGO, Ricardo. “Duas palavras, muitos significados: alguns comentários sobre história pública no Brasil”. In: MAUAD, Ana Maria. ALMEIDA, Juniele Rabêle de; SANTHIAGO, Ricardo. **História pública no Brasil: sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016. pp.23-36.

SILVA, Antonio Carlos; CHAGAS, Luan José Vaz. A segunda era dos podcasts no Brasil: historiografia recente da consolidação da mídia sonora contexto do rádio expandido. **Revista Comunicação, Cultura & Sociedade**. V.8, Ano 8, 2021/2. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ccs/article/view/5682> Acesso realizado em 05/05/2025.

SILVA, Cesar Agenor Fernandes da; SILVA, Marcelo de Souza. Os desafios da História

em tempos de negacionismo: ensino na produção de podcast. **Revista Horizontes Históricos [online]**, vol.9, n.2, jul./2024-dez./2024. pp. 103-123. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/HORIZONTES/article/view/22106> Acesso realizado em: 05/05/2025.

## Trajetórias da produção de podcasts narrativos de ciência no Brasil

*Trajectories of narrative science podcast production in Brazil*

*Trayectorias de la producción de podcasts narrativos sobre ciencia en Brasil*

*Mayra Deltreggia Trinca; Simone Pallone Figueiredo*

### Resumo

Podcasts narrativos têm ganhado espaço nas produções nacionais, incluindo programas que tratam de ciência. Esses produtos podem ser usados como fonte de informação e entretenimento para ouvintes que buscam conhecimento de forma contextualizada e a partir de novas perspectivas. Para analisar os contextos e caminhos de produção desse formato de podcasts, foram realizadas entrevistas com produtoras de seis podcasts narrativos de ciência nacionais: 37 Graus, A Terra é Redonda (mesmo), Vinte Mil Léguas, Ciência Suja, Tempo Quente e Habitat. Por meio das entrevistas, identificou-se uma preocupação das produtoras em personalizar o conteúdo para atrair ouvintes e que as narrativas foram a estratégia para atingir este objetivo. Além disso, nota-se a forte influência de podcasts estadunidenses, assim como da Rádio Novelo e dos podcasts apoiados pelo Instituto Serrapilheira, nos desenhos de formato e fomento desses podcasts.

**Palavras-chave:** Podcasts; Ciência; Narrativas; Produção

### >> Como citar este texto:

TRINCA, Mayra Deltreggia; FIGUEIREDO, Simone Pallone. Trajetórias da produção de podcasts narrativos de ciência no Brasil. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 16, n. 01, p. 198-219, jan./abr. 2025.

### Sobre o autor

Mayra Deltreggia Trinca  
[mayradeltreggia@gmail.com](mailto:mayradeltreggia@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0001-5553-9327>

Mestra em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade de Campinas.

Simone Pallone Figueiredo  
[spallone@unicamp.br](mailto:spallone@unicamp.br)  
<https://orcid.org/0000-0001-7982-3779>

Pesquisadora do Labjor/Unicamp, Doutora em Política Científica e Tecnológica, no Departamento de Política Científica e Tecnológica, do Instituto de Geociências da Unicamp.

### **Abstract**

Storytelling podcasts have gained projection in national productions, including science communication programs. These products serve as a source of information and entertainment for listeners who seek knowledge in a contextualized manner and from new perspectives. To analyze the contexts and production pathways of this podcast format, interviews were conducted with producers of six national science storytelling podcasts: 37 Graus, A Terra é Redonda (mesmo), Vinte Mil Léguas, Ciência Suja, Tempo Quente, and Habitat. Through the interviews, it became evident that there was a concern to personalize the content as a way to attract listeners, and that narratives were the strategy to achieve this goal. Additionally, there is a strong influence of podcasts from USA, also from Rádio Novelo and other podcasts supported by Instituto Serrapilheira in the format design and promotion of these podcasts.

**Keywords:** Podcasts; Science; Narratives; Production

### **Resumen**

Los podcasts narrativos han ganado terreno en las producciones nacionales, incluyendo programas que tratan sobre ciencia. Estos productos pueden utilizarse como fuente de información y entretenimiento para oyentes que buscan conocimientos contextualizados y desde nuevas perspectivas. Para analizar los contextos y las vías de producción de este formato de podcasts, se realizaron entrevistas a las productoras de seis podcasts narrativos nacionales sobre ciencia: 37 Graus, A Terra é Redonda (mesmo), Vinte Mil Léguas, Ciência Suja, Tempo Quente y Habitat. A través de las entrevistas, se identificó una preocupación de las productoras por personalizar el contenido para atraer a los oyentes y que las narrativas eran la estrategia para lograr este objetivo. Además, se observa la fuerte influencia de los podcasts estadounidenses, así como de Rádio Novelo y los podcasts apoyados por el Instituto Serrapilheira, en el diseño del formato y la promoción de estos podcasts.

**Palabras clave:** Podcasts; Ciencia; Narrativas; Producción

## **Introdução**

Podcasts jornalísticos e narrativos são bons representantes da segunda era dos podcasts no Brasil. São modelos que passaram por um processo de

profissionalização e alta personalização do conteúdo apresentado. Nesse processo, viram o número de downloads chegarem na casa dos milhões, com o aumento no número de ouvintes, especialmente após a viralização de programas como *Serial* nos Estados Unidos (BONINI, 2015) e *O Caso Evandro*, no Brasil (SILVA; CHAGAS, 2021).

Com a profissionalização desse tipo de mídia, aumentou o número de cargos e funções associadas aos podcasts (PIÑERO-OTERO; PEDRERO-ESTEBAN, 2022). No entanto, as oportunidades de financiamento para podcasts independentes ainda são restritas, deixando-os altamente dependentes de sistemas de *crowdfunding*, em que os ouvintes financiam a produção dos programas com doações pontuais e/ou recorrentes (MEDEIROS; PRATA, 2019).

O tema “ciência” também se destaca na podosfera desde o início da mídia nos anos 2000. Em 2022, Dantas e Duccache-Maia encontraram 157 programas que foram classificados como de divulgação científica. Entretanto, a maioria tende a ser produzida como hobby por pesquisadores, cientistas ou entusiastas do tema (MACKENZIE, 2019).

Já podcasts produzidos de forma profissional, com trabalhos de edição e som mais elaborados e formato narrativo – como *This American Life* ou *Radiolab* –, se mostraram mais eficientes em atrair o interesse de jovens adultos inseridos na educação formal, quando comparados a produções menos elaboradas criadas pelos próprios professores das disciplinas (ALLEN, 2019).

Os podcasts também se mostraram efetivos como um meio de aprendizagem informal, em oposição ao ensino formal ou escolar, especialmente para adultos. Participantes da pesquisa de Shamburg et al. (2023) relataram que o hábito de ouvir podcasts ajudou a aprofundar seus conhecimentos sobre temas de interesse e a desenvolver a curiosidade sobre outros assuntos.

As pesquisas sobre consumo de podcasts reforçam essa ideia, mostrando que ouvintes buscam os programas como uma forma de se manterem informados. Outros motivos comuns para a escuta são o entretenimento e a ocupação do tempo durante a realização de tarefas ou atividades manuais.

Entretanto, há uma preferência entre ouvintes por produções que apresentam perspectivas inesperadas, diferentes pontos de vista e análises aprofundadas sobre os assuntos (SAMUEL-AZRAN et al, 2018; HESHMAT et al, 2018)

Uma das formas de atender essa expectativa é aplicando técnicas narrativas (storytelling, contação de histórias) aos episódios, que além de proporcionarem o entretenimento e a imersão (BUSSELLE; BILANDZIC, 2009), são capazes de reduzir o esforço cognitivo na compreensão e assimilação de novos conteúdos (DAHLSTROM, 2014).

### **Apresentação da Pesquisa**

A partir desse recorte, foi realizada uma pesquisa exploratória<sup>1</sup> com produtoras de seis podcasts narrativos de ciência nacionais: 37 Graus, A Terra é Redonda (mesmo), Vinte Mil Léguas, Ciência Suja, Tempo Quente e Habitat. A definição dos podcasts como narrativos foi baseada em elementos de seriação, humanização de apresentadoras e personagens, presença de diálogos, cenas e ganchos (MCHUGH, 2016; KISCHINHEVSKY, 2018; LOPEZ e ALVES, 2019; VIANA, 2021; MCHUGH, 2021; TRINCA; FIGUEIREDO, 2022).

O objetivo principal das conversas foi entender os motivos da estruturação dos podcasts como narrativas e as escolhas que levaram ao formato. Para isso, foram entrevistadas as produtoras<sup>2</sup> e apresentadoras dos programas:

- a) Beatriz Guimarães – 37 Graus;
- b) Bernardo Esteves – A Terra é Redonda (mesmo);
- c) Giovana Girardi – Tempo Quente;
- d) Leda Cartum – Vinte Mil Léguas;
- e) Natália Silva – Habitat;
- f) Pedro Belo – Ciência Suja;

---

<sup>1</sup> Pesquisa parte de dissertação de mestrado

<sup>2</sup> Destaca-se aqui a maioria feminina entre as entrevistadas, o que reflete o crescimento feminino não só entre ouvintes, mas também produtoras de podcasts. Por isso, o texto seguirá utilizando o feminino como plural, como forma de reforçar a relevância desse aumento na participação.

g) Theo Ruprecht – Ciência Suja.

As entrevistas foram realizadas de forma semi-estruturada, partindo de três perguntas iniciais: (1) qual foi a motivação para criação do podcast? (2) Existia um público-alvo previamente definido? (3) Como se deu a escolha por um formato narrativo?

O modelo semi-estruturado foi escolhido para que a entrevista pudesse expandir a percepção sobre produção, abrindo novas vias que poderiam não estar perceptíveis para a pesquisadora de início, garantindo que o tema fosse explorado com maior profundidade (DiCicco-Bloom; Crabtree, 2006). As entrevistas foram realizadas entre março e maio de 2024, em ambiente virtual (Google Meet ou Zoom), conduzidas pela pesquisadora, gravadas e transcritas.

Para a análise do conteúdo das entrevistas foram estabelecidas categorias a partir dos principais elementos que se repetiram ao longo das entrevistas, descritas na tabela abaixo.

**Tabela 1. Categorias de análise das entrevistas**

Categoria	Definição
Motivações iniciais	Falas sobre a motivação para começar os programas; motivos para escolha do podcast como mídia; propósitos das produções.
Delimitações de público	Desenho de público nas etapas de produção; percepções sobre o público ouvinte
Caminhos e uso das narrativas	Escolhas feitas durante a produção; pessoas e outros programas que foram fonte de inspiração; relatos sobre experiências anteriores; motivos para determinação do formato dos podcasts

### **Resultados: Motivações iniciais**

Segundo as respostas das entrevistadas, as motivações para produzir os podcasts podem ser divididas em três categorias principais: (1) vontade de cobrir aspectos de ciência pouco presentes nas mídias tradicionais; (2) levar informação a públicos mais amplos do que mídias tradicionais; (3) aproveitar oportunidades proporcionadas por editais de divulgação científica. Outro

elemento que também apareceu, mas com menor frequência, foi a vontade de produzir podcasts especificamente para cobrir uma lacuna na podosfera brasileira.

Nesse sentido, a maioria das produtoras relatou como motivação inicial a vontade de falar sobre ciência através de uma abordagem diferente das que costumam aparecer nas principais coberturas sobre determinado tema. Podemos perceber aqui que a percepção das produtoras se alinha com pesquisas como a de Samuel-Azran et al (2018), Heshmat et al (2018) e Perks e Turner (2018), que colocam a personalização do conteúdo como um dos elementos mais determinantes de preferência dos ouvintes de podcasts.

Além disso, todas as entrevistadas citaram os podcasts como uma mídia capaz de fazer chegar o conteúdo produzido a um número maior de pessoas, em termos de diversidade de público e quantidade. Os podcasts analisados tiveram início entre 2018 e 2022, logo após o período de aumento de popularidade da mídia no Brasil, identificado por Silva e Chagas (2021). O aumento do consumo de podcasts teve outro gatilho, que foi o isolamento durante a pandemia de COVID-19 (AMORIM; ARAÚJO, 2021).

Para Bernardo Esteves – apresentador do A Terra é Redonda (mesmo) – o desejo de criar um podcast surgiu da percepção do aumento do negacionismo científico no Brasil após a eleição de Jair Bolsonaro e da necessidade de trazer para discussão pautas como terraplanismo e aquecimento global. A motivação individual coincidiu com um movimento da Revista Piauí<sup>3</sup>, da qual Bernardo é colaborador, de investir mais em produções de áudio como uma forma de agregar mais leitores.

A trajetória de Giovana Girardi com o Tempo Quente foi parecida. Segundo a jornalista, o podcast surgiu da pergunta: “será que a gente conseguiria ver se tem no Brasil um negacionismo semelhante ao que tem, por exemplo, nos Estados Unidos? Será que a gente tem aqui uma máquina promovendo negacionismo como existe lá?” (GIRARDI, 2024). Junto com a pergunta inicial, já

---

<sup>3</sup> <https://piaui.folha.uol.com.br/>

havia a certeza de que queria produzir algo que “não fosse só um podcast de ciência”, mas que englobasse o contexto social, político e econômico que se alimenta de aspectos científicos. Para isso, Girardi decidiu procurar pela *expertise* da Rádio Novelo<sup>4</sup>, produtora especializada em podcasts, especialmente com objetivo de alcançar mais pessoas, um público mais jovem e diverso do que leitores de reportagens escritas.

O Habitat também surge para cobrir um tema específico: a extinção de espécies. Natália Silva conta que a ideia veio da co-produtora Jéssica Maes e tem como ponto de partida o livro “A Sexta Extinção: Uma história não natural” de Elizabeth Kolbert. O livro percorre o mundo trazendo exemplos do aumento da taxa de extinção de fundo, termo que descreve o desaparecimento lento e quase silencioso de diversas espécies. A partir daí, a ideia era percorrer os biomas brasileiros e registrar os casos de extinção ou risco de extinção nacionais que ilustram esses eventos. Ambas as produtoras já trabalhavam com podcasts da Folha de S. Paulo<sup>5</sup>, veículo por onde o Habitat foi lançado, mas também tiveram financiamento do Instituto Serrapilheira<sup>6</sup>.

Já Theo Ruprecht relata que o Ciência Suja surgiu da vontade de cobrir ciência de uma forma mais crítica do que via sendo feito por veículos tradicionais, ou mesmo na sua própria cobertura sobre ciência e saúde como jornalista. Pedro Belo, também produtor do podcast, reforça que a ideia estava sendo construída quando se iniciou a pandemia de COVID-19. Naquele momento, a cobertura de ciência como um todo começou a ganhar um tom mais crítico, o que reforçou a relevância do projeto. O projeto também saiu do papel a partir do edital de financiamento do Instituto Serrapilheira.

Esse mesmo edital foi responsável pelo pontapé inicial do projeto que viria a ser o Vinte Mil Léguas. A autora e tradutora Leda Cartum, que produz o podcast ao lado de Sofia Netrovski, conta que o podcast surgiu a convite da editora da

---

<sup>4</sup><https://radionovelo.com.br/>

<sup>5</sup><https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/>

<sup>6</sup><https://serrapilheira.org/>

revista Quatro Cinco Um<sup>7</sup>, que repassou um projeto existente com o Instituto – um programa de divulgação sobre a história de Charles Darwin. As apresentadoras idealizaram o programa a partir daí.

Já o 37 Graus, primeiro desta lista a ser lançado, começou com uma visão clara de contar histórias de ciência. Segundo Beatriz Guimarães, que co-produziu o programa com Sarah Azoubel, a ideia é inspirada nos sucessos estadunidenses. Sarah conheceu programas como o Radiolab durante o doutorado cursado nos Estados Unidos e, ao retornar para o Brasil, sentiu falta de programas parecidos nacionais. Sarah e Beatriz se conheceram no Labjor<sup>8</sup>, onde começaram a participar do Oxigênio Podcast<sup>9</sup> e depois, iniciaram juntas o projeto do 37, que também recebeu apoio do Instituto Serrapilheira.

### **Delimitações de público**

Houve uma percepção em comum de todas as produtoras entrevistadas, que desde o início presumiram que os ouvintes dos podcasts seriam pessoas curiosas – palavra que foi usada em todas as entrevistas para definir o público. É, para Tobin e Guadagno (2022), uma característica comum de ouvintes de podcasts como um todo, independente do tema ou formato do programa. Ainda que a percepção não tenha se baseado em estudos de público, a clareza de que ouvintes seriam pessoas interessadas em adquirir conhecimento através dos programas está alinhada com pesquisas de público sobre podcasts de ciência brasileiros (DANTAS-QUEIROZ et al., 2017; MARTIN et al., 2020, TRINCA, 2024).

Para além da curiosidade, o interesse por "boas histórias" também era uma característica importante dos ouvintes esperados para esses programas. É, mais uma vez, a influência do crescimento dos podcasts narrativos que marca o amadurecimento da mídia (BONINI, 2015). Também mostra a percepção de que os ouvintes buscam temas com uma abordagem específica que chame a atenção

---

<sup>7</sup> <https://quatrocinco.um.com.br/>

<sup>8</sup> Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo/UNICAMP.

<sup>9</sup> <https://www.oxigenio.comciencia.br/>

e se destaque das visões mais comuns sobre o assunto.

Além disso, nos casos do A Terra é Redonda (mesmo) e do Vinte Mil Léguas, também esperava-se que parte do público viesse das revistas associadas, a Piauí e a Quatro Cinco Um, respectivamente. Porém, havia a expectativa de que os podcasts também pudessem contribuir para expandir essa base de leitores. Isso porque os podcasts são capazes de atingir grandes audiências, além de proporcionar o acesso à informação de forma mais prática do que o jornalismo escrito (CONDE, 2010). Esteves comentou, por exemplo, que na revista "escrevia textos até mais difíceis, tinha mais liberdade para usar jargão, mais termos técnicos". Para a audiência do podcast ele foi obrigado a suavizar a linguagem científica.

Já Cartum e Nestrovski queriam que o podcast pudesse expandir o nicho dos leitores, queriam alcançar um público que fosse

realmente muito variado e era isso que a gente queria no começo, que não atingisse simplesmente só cientistas ou só pessoas interessadas por literatura ou só professores ou só crianças, sabe? A ideia era que pudesse atingir pessoas que têm uma curiosidade, que têm desejo de conhecer mais de várias áreas diferentes (CARTUM, 2024).

A linha de pensamento se complementa com o que relatou Girardi. Como o Tempo Quente é um podcast sobre clima, a jornalista conta que já sabia que haveria um público "certo" composto por pessoas previamente interessadas em meio ambiente. O raciocínio se encaixa na percepção dos podcast como uma mídia de nicho, capaz de criar uma rede de ouvintes fiéis (LOPEZ, 2016). Mas durante a produção, tinha "essa preocupação de tentar sair da bolha que, normalmente, consome assuntos relacionados a mudanças climáticas e ao ambiente. A gente sabia que ia atrair essas pessoas, mas a gente queria tentar ir além delas" (GIRARDI, 2024).

A busca pela Rádio Novelo foi parte desse movimento, em uma tentativa de atrair ouvintes já cativos de podcasts de sucesso, como o Praia dos Ossos, especialmente mulheres e pessoas mais jovens (com menos de 30 anos).

O Habitat é outro caso de podcast vinculado a um veículo jornalístico, neste caso, a Folha de S. Paulo. Portanto, havia a expectativa tanto de atrair o

público que já acompanhava o jornal quanto de agregar novos ouvintes. É um exemplo da chegada de grandes empresas ao mundo dos podcast, especialmente os jornalísticos, que ganharam força nos últimos anos no Brasil (SILVA; CHAGAS, 2017).

Um pouco diferente dos casos anteriores, as produtoras do Habitat, assim como as do 37 Graus e do Ciência Suja, participaram do treinamento do Instituto Serrapilheira. Por isso, tiveram um momento da elaboração do podcast dedicado a desenhar o público-alvo que buscavam. Silva descreve o ouvinte modelo do Habitat como "uma pessoa curiosa que gosta de gastar o tempo dela de forma produtiva, aprendendo, se informando, descobrindo algo novo sobre si ou sobre o mundo".

Já Guimarães comenta que, no início, ela e Sarah Azoubel imaginaram que ouvintes do 37 Graus seriam pessoas muito parecidas com elas mesmas, "pessoas que estavam gostando de ouvir podcasts gringos e elas não tinham nada para ouvir aqui no Brasil". Mas que durante o treinamento, esse perfil foi mais detalhado, chegando a duas ouvintes-modelo. Uma

era jornalista e os interesses dela eram de encontrar um produto de mídia que ela pudesse acompanhar como se parasse no tempo, no sentido de que ela estaria sendo transportada por um outro tempo, porque ela trabalhava em TV [...] e era acelerada. [...] Ela pegava o metrô de manhã e ela vinha ouvindo o 37. E aí era uma maneira dela descobrir coisas novas, aprender coisas novas e refletir sobre o mundo, só de um outro jeito, num outro nível de profundidade e num outro ritmo (GUIMARÃES, 2024).

E a outra,

era engenheira ambiental, e quando a gente pediu para ela listar os interesses dela, coisas que ela já lia, coisas que ela já ouvia, tudo batia com afinidade com 37. Ela só não conhecia o programa. Então a gente listou: ela gostava de coisas de tecnologia, de ciência, de meio ambiente e tal (GUIMARÃES, 2024).

De forma parecida, Ruprecht e Belo, produtores do Ciência Suja, contaram que tinham como objetivo ampliar o público como uma forma de popularizar uma ciência que eles consideram ainda muito restrita nos meios de comunicação. Ambos são jornalistas e tinham experiência com veículos escritos antes de criarem o podcast, inclusive cobrindo tópicos de Ciência e Saúde. Além disso, Belo também comentou como o acesso do público sempre foi uma questão de

incômodo.

Eu tinha a impressão de que tudo que eu fazia como jornalista, ficava um pouco escondido ou não chegava no público que eu gostaria que chegasse, sabe? [...] então, é uma satisfação ver que tinha uma relevância naquele projeto e ver que ele tava chegando no pessoal jovem, que tava buscando informação para rebater para o tio negacionista (BELO, 2024).

Ainda assim, os produtores sabiam que o público inicial seria de pessoas minimamente interessadas em ciência e com algum conhecimento sobre o assunto. Como ilustra o Ruprecht

É um cara que gosta de boas histórias, ele é um cara que até sabe que o Osmar Terra<sup>10</sup> tá falando besteira, mas ele não sabe porquê. [...] Então era um pouco isso, a gente queria munir essa pessoa de informações, para que, aos poucos, ela fosse desenvolvendo, primeiro, um gosto por ciência e depois um senso crítico. Claro que isso destrincha, era uma pessoa que estava um pouco mais para o lado jovem, era uma pessoa leiga [...] Uma pessoa que tem interesse no assunto, mas ela também gosta muito de boas histórias e ela tá afim de se divertir ao mesmo tempo que ela tá aprendendo (RUPRECHT, 2024).

Os produtores também esperavam atingir um público mais jovem, mas consideravam uma faixa ampla, dos 20 aos 40 anos. Quanto ao gênero dos ouvintes, todas as entrevistadas disseram que há (ou havia, nos podcasts que já encerraram) um equilíbrio entre ouvintes homens e mulheres, algo como 50/50. Com exceção da sexta temporada do 37 Graus – "Corpo Especulado", que trata sobre relações entre a ciência e o corpo feminino. Esses números condizem com as últimas pesquisas de público (GLOBO, 2021; THE INFINITE DIAL, 2023) e demonstram um avanço da participação feminina entre ouvintes de podcast e em atividades sobre ciências, assim como em outros espaços de divulgação (CGEE, 2024a)

### **Caminhos e o uso de narrativas**

A estrutura da maioria dos podcasts foi elaborada organicamente, unindo experiências prévias na cobertura de ciência, saúde ou meio ambiente e a oportunidade de financiamento. Há também uma forte influência de outros

---

<sup>10</sup> Atualmente deputado federal pelo Rio Grande do Sul, foi ministro nos governos Temer e Bolsonaro. Conhecido por defender ideias negacionistas durante a pandemia de COVID-19.

podcasts, especialmente de estrangeiros como Radiolab, This American Life e Serial. É um fenômeno que se aproxima do que foi descrito por Lindgren e McHugh (2013), que observaram as mesmas influências em podcasts ingleses e australianos: a forte dependência da narração, a inserção dos narradores na história sendo contada e a aproximação com os ouvintes, principalmente por meio de relatos em primeira pessoa.

A Rádio Novelo e o Instituto Serrapilheira também foram influências importantes no cenário brasileiro de podcasts de ciência. A Novelo, além de produzir o Tempo Quente e A Terra é Redonda (mesmo), também conta com Beatriz Guimarães, Sarah Azoubel e Natália Silva na atual equipe, o que mostra que a produtora também incorporou o estilo narrativo que já vinha sendo utilizado anteriormente pelas jornalistas. A Rádio Novelo é uma das mais relevantes no cenário brasileiro atual, com programas que constam entre os maiores em número de ouvintes (KISCHINHEVSKY, 2024).

O Serrapilheira, por outro lado, é o principal financiador de podcasts narrativos de ciência no Brasil, tendo fomentado quatro dos podcasts estudados (37 Graus, Ciência Suja, Vinte Mil Léguas e Habitat). As duas instituições têm grande influência no formato dos podcasts, uma vez que o Serrapilheira oferece um treinamento para os produtores com podcasts selecionados pelos editais e que, segundo Silva, Guimarães e Ruprecht – que hoje fazem parte da equipe que ministra o curso – é voltado para podcasts narrativos. Já Esteves e Girardi destacaram durante a entrevista o papel da produtora Novelo – que se destaca na produção de podcasts narrativos como Praia dos Ossos e Rádio Novelo Apresenta – na estruturação dos programas.

Ainda que Esteves já tivesse experiência com textos narrativos, pela experiência na revista Piauí – reconhecida por textos mais longos e aprofundados, com estilo literário –, durante a entrevista, revelou que teve dificuldades para oralizar os textos. E que a Rádio Novelo foi fundamental na construção da narrativa presente nos episódios.

Especialmente nos primeiros episódios - a gente assina o roteiro nós três, eu, Paula [Scarpin] e Flora [Thomson-DeVeaux]. [...] A gente sempre tinha

umas conversas de briefing, nós três. Eu fazia a primeira versão e elas meio que jogavam um raio "podcastizador", elas oralizavam muita coisa. Depois eu fui pegando essa coisa de já escrever as frases com um ritmo bom de ser lido (ESTEVES, 2024).

Para o jornalista, o uso das narrativas é algo que permite dar maior destaque aos cientistas, fazendo com que eles falem diretamente ao público criando, assim, uma certa aproximação. É uma estratégia de humanização comum ao jornalismo literário – especialmente em cenários de divulgação científica –, como descrita por Passos (2017).

Já para o Tempo Quente, ainda que a apresentadora contasse com experiência prévia em cobertura de ciência e meio ambiente e por isso, certa didática com o tema, foi Branca Viana quem sugeriu a estrutura narrativa do programa.

Inicialmente eu falei: “Ah, queria fazer um podcast sobre clima”. Não foi desde o princípio uma ideia de narrativo, né? Quando eu cheguei lá eu até tava meio aberta às possibilidades. Aí a Branca Viana, principalmente, sugeriu que fosse narrativo, porque era mais legal, tinha um jeito de alcançar pessoas diferentes (GIRARDI, 2024).

Como dito anteriormente, a preocupação em tratar dos temas a partir de abordagens inovadoras é um movimento que atende às expectativas de ouvintes (HESHMAT et al, 2018; PERKS; TURNER, 2018). É um exemplo de convergência entre a criatividade e a originalidade para tratar de um tema por meio de uma mídia que também é, por si mesma, convergente e inovadora (KISCHINHEVSKY et al., 2017).

Para Girardi, é uma oportunidade de tornar o tema mais humano e com isso, se aproximar mais do público. Segundo a jornalista, a equipe da Novelo tinha bastante clara a perspectiva do que atrairia o público: “as pessoas vão ouvir porque elas querem ouvir as histórias, elas querem entender esse babado, elas querem se envolver com o que você tá contando. Você não tá fazendo uma matéria de ciências, você não tá fazendo um 'venha entender o que são as mudanças climáticas'. Você tá contando casos, histórias” (GIRARDI, 2024). Ela conta ainda que o roteiro do podcast foi escrito pensando nessa aproximação com o público, adotando um tom mais descontraído e inserindo elementos cômicos.

Esse comentário ilustra bem o descrito por Yuan et al. (2022), que reconheceram o estímulo ao interesse por um determinado tópico como a principal motivação para produção de podcasts de ciência, mais importante do que a transmissão de conhecimento em si.

Mas, para além disso, o uso das narrativas foi bastante influenciado por outras produções, por experiências prévias ou mesmo pelo treinamento do Instituto Serrapilheira. Silva menciona como o trabalho que vinha fazendo para a Folha acabou por ajudar a pensar também o que elas não queriam reproduzir no Habitat. Segundo a jornalista, os podcasts jornalísticos ainda mantêm uma apresentação muito didática do conteúdo, algo que vem mais do texto escrito do que do áudio. Essa diferença na apresentação dos podcasts está atrelada ao público de cada formato, enquanto podcasts jornalísticos precisam adaptar a apresentação para audiências mais diversas, os podcasts de divulgação científica são mais nichados. A ideia do Habitat era, mais do que explicar os impactos antrópicos na biodiversidade, *mostrar* esses impactos:

A gente queria viajar acompanhado com pesquisador que ia estar explicando aquela perda de biodiversidade específica, as causas e as consequências daquela perda de diversidade pra gente. A gente queria ter aquelas pessoas ali, né, em ação junto com a gente. Isso foi tudo desenhado antes. [...] E aí é nosso caminho, foi: 'vamos levar as pessoas junto e mostrar o que tá acontecendo em campo'. Ao invés de ficar de blá blá blá. É muito melhor você dizer para uma pessoa: 'a gente adiou uma viagem para o Pantanal esperando a água baixar e chegou lá não tinha água alguma, então a gente não teria nem ter que ter esperado.' Acho que isso captura mais a seriedade da coisa do que dizer que entre 2015 e 2020 o Brasil tem vivenciado uma seca (SILVA, 2024).

As narrativas entram como ferramenta capaz de causar essa sensação de ser transportado para dentro da história contada, aumentando o engajamento do público (MOYER-GUSÉ, 2008; BUSSELLE; BILANDZIC, 2008). Esse era um dos objetivos de Silva e Maes, especialmente porque o Habitat foi lançado em 2021, quando as pessoas estavam começando a retomar as rotinas após o isolamento social em decorrência da pandemia de COVID-19. No “momento em que estava todo mundo trancado em casa, a gente queria possibilitar para o ouvinte essa sensação de que eles estavam com a gente, viajando e vendo o Brasil” (Silva, 2024).

Além disso, um elemento importante na estruturação dos episódios como narrativos foi a tentativa de tornar temas “difíceis de digerir” em conteúdos mais “palatáveis” para o público. Essa preocupação apareceu tanto nos relatos de Girardi quanto de Silva. Há diferentes razões pelas quais essa estratégia funciona, como a humanização dos cientistas (PASSOS, 2017) e a imersão provocada pela narrativa (MOYER-GUSÉ, 2008). Mas para Dahlstrom (2014), um fator importante é o encadeamento lógico dos fatos, que facilita a compreensão dos fenômenos e reduz o esforço cognitivo do processamento de novas informações.

Em relação ao Ciência Suja, a estrutura dos episódios foi bastante influenciada pelo curso oferecido pelo Instituto Serapilheira aos podcasts selecionados nos editais de fomento. Belo relata que no início do planejamento do podcast a equipe estava muito inspirada nos podcasts de *true crime*, mas que o treinamento ajudou a equipe a entender que o formato poderia ser diferente:

Acho que o treinamento do Serrapilheira ajudou muito a formatar nesse sentido, o podcast narrativo. A gente não precisa necessariamente de uma apuração nova, que a gente vai desenterrar, se mergulhar lá nos arquivos do caso e tal. Mas a gente precisa trazer histórias para contar para as pessoas. Então ele saiu um pouco dessa caixinha de *true crime* aí e foi para caixinha podcast narrativo, que é uma caixinha maior, né? (BELO, 2024).

Para isso, a principal recomendação da instrutora do curso foi apresentar nos episódios personagens que ilustrassem as histórias sendo contadas. Assim como no caso dos cientistas, a construção de personagens contribui com a identificação dos ouvintes com a história, aumentando o interesse (PASSOS et al, 2010). Outra estratégia bastante adotada nos roteiros do Ciência Suja, é aproveitar o próprio processo de apuração na construção da história.

A gente brinca com o Theo, que ele fala que a história fica mais saborosa, essa história dos bastidores. Porque às vezes você vai para a rua e você não acha nada e é frustrante, e isso não entra na matéria. E aí eu acho que o podcast narrativo tem mais espaço para isso, entendeu? (BELO, 2024).

As cenas e as informações de bastidores contribuem para engajar os ouvintes, “porque tem um recurso narrativo muito potente aí, mas tem também informação adicional. Então acho que nesses casos a gente conseguiu trazer elementos novos para uma história porque a gente foi atrás desse tipo de

recurso” (RUPRECHT, 2024). Dessa forma, os bastidores acabam se tornando parte do aspecto único e inesperado das histórias que os ouvintes tanto apreciam em podcasts.

Para Lindgren (2016) essa é uma marca dos podcasts narrativos: a inserção das narrativas pessoais dos apresentadores como parte da história sendo contada, criando uma sensação de intimidade. A autora resgata a ideia de jornalismo pessoal de Coward (2014) como uma marca do jornalismo digital, intensificada na personificação dos apresentadores de podcasts que conversam diretamente com os ouvintes. É uma estratégia bastante utilizada em podcasts narrativos brasileiros, como identificado por Viana (2020).

Outras influências comuns, especialmente no caso do 37 Graus, foram os podcasts narrativos que já faziam sucesso nos Estados Unidos. Diferentemente dos outros programas, esse foi o único que surgiu com um propósito muito claro, segundo Guimarães, o podcast

surge com uma certeza muito maior no formato do que na pauta em si, é que tanto eu quanto a Sarah, a gente tinha uma certa afinidade por temáticas da ciência, né, estávamos inseridas ali no contexto do Labjor e a Sarah tinha trabalhado como cientista. Mas a nossa vontade sempre foi muito mais de explorar o formato narrativo do que o tema ciência, para ser bem honesta com você. Tanto é que hoje estamos na Rádio Novelo, com o mesmo formato e com outros temas. E aí então ele surge com essa proposta que é narrativa, então, fazer entrevistas e costurar essas entrevistas no roteiro, brincar com camadas de som. Ao longo do tempo ele foi ficando mais orgânico, no sentido em que a gente começou a mesclar mais coisas, então a gente começou a mesclar muito mais camadas de som, né? Conversas gravadas espontaneamente com o roteiro narrado, com entrevistas com o campo, com trilhas, com arquivo. (GUIMARÃES, 2024).

Para Guimarães, o formato narrativo é uma boa estratégia para tratar de qualquer assunto e reforça que o foco do 37 Graus sempre foi mais em trazer boas histórias para contar do que explicar conceitos científicos. O principal motivo para isso é a capacidade das histórias de gerar engajamento do público. Mas a jornalista também ressalta que essa é uma questão de gosto pessoal, e que pode não ter o mesmo efeito para todas as pessoas.

Eu acho que existe uma parcela do público, na qual eu me insiro, que a gente se sente muito mais engajado a prestar atenção, descobrir algo

novo, mudar de ideia e se identificar com coisas quando elas estão sendo contadas dessa maneira meio ensaística, meio documental. Muitas vezes trazendo perspectivas em primeira pessoa, [...] Então eu acho que é uma questão de gosto. Eu sei que tem gente que não gosta, o que eu acho super normal também. Mas eu acho que existe uma parcela de nós que é desse jeito, que a gente é fígado assim. Tipo: “pronto agora você pode me falar do que você quiser, eu quero saber” (GUIMARÃES, 2024)

O gosto e a experiência pessoal, por sua vez, foram os principais determinantes da estruturação do Vinte Mil Léguas. As produtoras tiveram pouca influência dos podcasts narrativos mais populares, mas trouxeram muito da sua experiência com a literatura e a crítica literária. O que elas têm em comum com o relato de Ruprecht é aproveitar as próprias pesquisas e reflexões que fizeram durante a produção do podcast como parte da história. Cartum relata o seguinte:

O fato da gente não ser da ciência, eu acho que no final das contas [...], favoreceu muito o trabalho. Porque a gente foi aprendendo enquanto a gente estava fazendo. Então, não é que a gente fala de um assunto do qual a gente é especialista, a gente não domina os assuntos de que a gente tá falando. E no final das contas, eu acho que isso foi uma sorte porque assim as pessoas que estão ouvindo, que também não conhecem necessariamente esse assunto, não dominam esse assunto, vão se sentir muito próximas da gente. Porque a gente tá aprendendo enquanto a gente tá explicando e as pessoas também estão aprendendo junto com a explicação. Então eu acho que isso aproximou mesmo a gente dos ouvintes (CARTUM, 2024).

Para as escritoras, a ideia de contar histórias era algo que soava mais familiar do que um podcast puramente informativo. A experiência com crítica literária fez com que pensassem a apresentação do conteúdo a partir da investigação do contexto no qual aquele conhecimento foi produzido. Tanto a formação acadêmica quanto a participação na revista Quatro Cinco Um, que é uma revista literária, influenciaram essa escolha. Assim, ao ler a obra de Charles Darwin, o fizeram também a partir de uma perspectiva literária:

A gente precisava ver de onde as coisas tinham surgido, que isso é uma questão muito da crítica literária. Para estudar a literatura você sempre tem que entender as influências, você não lê o livro vazio, você sempre lê um livro partindo de todas as influências que esse livro sofreu para ser o que ele é. É sempre uma grande conversa literária dos autores com outros autores que vieram antes dele (CARTUM, 2024).

Outro elemento que foi essencial para o desenvolvimento do podcast foi a trilha sonora, criada por Fred Ferreira.

A gente deu algumas palavras-chave para o Fred, do tipo a gente quer uma sensação de aventura, de viagem, de viagem no tempo, alguma coisa que tenha um fundo antigo, de alguma coisa que vem de muito longe, mas por outro lado, que não seja datada. A gente deu essas palavras que parecia que a gente não fazia ideia do que ele ia fazer com isso, né? E aí [...] o Fred chegou com aquela trilha de abertura pronta e ele mostrou aquilo pra gente. E foi realmente uma chave que virou no momento em que a gente ouviu essa trilha, alguma coisa mudou mesmo de entendimento do que que ia ser o podcast. [...] A gente percebeu que daria para fazer uma coisa imaginativa com criação de ambiente, que a trilha sonora teria uma participação narrativa mesmo nos episódios e não simplesmente ilustrativa, mais um acompanhamento, é muito mais do que isso a trilha do Fred Ferreira. Eu acho que ela é um elemento tão importante quanto o texto (CARTUM, 2024).

Esse relato revela dois aspectos importantes do podcast: a importância da trilha sonora expressiva (LOPEZ, 2022) e de uma equipe diversa envolvida na produção. Entre os podcasts analisados, o Vinte Mil Léguas é o que possui a trilha sonora mais narrativa, utilizada para compor cenas e ambientes sonoros, além de dar ritmo e emoção às falas. Como o podcast conta histórias de cientistas do passado, há poucas entrevistas e a trilha ajuda a quebrar a narração e torna os episódios mais dinâmicos.

### **Considerações finais**

A construção dos podcasts analisados foi guiada por elementos que aproximam esses programas das preferências do público, utilizando as narrativas como estratégia para abordar os temas a partir de novas perspectivas e de forma aprofundada, sem deixar de lado o entretenimento. Entretanto, é curioso notar que, ainda que existam várias evidências desses efeitos do uso de narrativas, as escolhas se deram por experiência empírica ou inspiração em outros casos de sucesso e não baseadas em literatura especializada sobre o tema.

Quanto ao público, é possível perceber uma projeção da personalidade, gostos e preferências pessoais das produtoras no perfil de ouvintes esperados para os podcasts. São pessoas curiosas, abertas ao novo, que buscam conhecimento para além da informação superficial. São pessoas que buscam

informação, mas não deixam o entretenimento de lado e valorizam esse esforço de produção.

Também é possível perceber que as produções de podcasts narrativos de ciência ainda se concentram num núcleo de produtoras e inspirações em comum. Importante ressaltar a influência de experiências de trabalhos anteriores. Das sete pessoas entrevistadas, quatro são jornalistas e duas escritoras, o que contrasta com o observado para outros podcasts de divulgação científica, produzidos principalmente por cientistas.

O Instituto Serrapilheira e a Rádio Novelo se destacam como fortes influenciadores e fomentadores do formato narrativo de podcasts de ciência no Brasil, participando dos processos de todos os podcasts analisados. Podcasts estadunidenses também são fontes importantes de inspiração e disseminam uma estrutura de contar histórias. A exceção neste ponto é o podcast Vinte Mil Léguas, cuja estrutura narrativa está mais atrelada à experiência literária das produtoras, que são escritoras e críticas literárias, partindo desse referencial para a construção das histórias.

Com isso, essa investigação reforça a capacidade de podcasts de divulgação científica de criar conteúdo de qualidade, capaz de atender expectativas altas dos ouvintes. O campo de atuação desses podcasts ainda tem potencial para crescer e atingir novos públicos. Porém, para que isso se concretize é preciso que haja mais fontes de fomento, que garantam não apenas a criação de produções menos centralizadas, mas também a sua manutenção ao longo do tempo.

### Referências Bibliográficas

ALLEN, J. L. Teaching with Narrative Nonfiction Podcasts. **Journal of Educational Multimedia and Hypermedia**, v. 28, n. 2, p. 139-164, 2019.

AMORIM, A. L. T.; ARAÚJO, M. J. C. G. Como o isolamento social causado pela pandemia de Covid-19 impactou o consumo de podcasts no Brasil: uma análise de matérias jornalísticas nacionais. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 3, p. 25802–25815, 2021. DOI: 10.34117/bjdv7n3-335.

BONINI, T. La “segunda era” del podcasting: el podcasting como nuevo medio de

comunicación de masas digital. **Quaderns del CAC** 41, v. 18, p. 23-33, 2015.

BUSSELE, R.; BILANDZIC, H. Measuring Narrative Engagement. **Media Psychology**, v. 12, n. 4, p. 321-347, 2009. DOI: 10.1080/15213260903287259.

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS- CGEE. **Percepção pública da C&T no Brasil - 2023**. Resumo Executivo. Brasília, DF: CGEE, 2024. 30 p.

CONDE, M. J. G. La ciberradio. Nueva alternativa de futuro para la radio. **Revista de Estudios de Juventud**, v. 88. p. 51-62, 2010.

COWARD, R. Let journalists be themselves. **British Journalism Review**, v. 25, n. 4, p. 35-41. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1177/0956474814562770>

DAHLSTROM, M. F. Using narratives and storytelling to communicate science with nonexpert audiences. **PNAS**, v. 111, n. 4, p. 13614-13620, 2014. DOI: 10.1073/pnas.1320645111

DANTAS, L. F. S.; DECCACHE-MAIA, E. O retorno da era do áudio: analisando os podcasts de divulgação científica. **Rencima**, v. 13, n. 4, p. 1-25. 2022.

DANTAS-QUEIROZ, M. V. *et al.* Science communication podcasting in Brazil: the potential and challenges depicted by two podcasts. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, v. 90, n. 2, p. 1891-1901, 2018.

DICICCO-BLOOM, B.; CRABTREE, B. F. The qualitative research interview. **Medical Education**, v. 40, n. 4, p. 314-321, 2006.

HESHMAT, Y. *et al.* Quality 'Alone' Time through Conversations and Storytelling: Podcast Listening Behaviors and Routines. **GI '18: Proceedings of the 44th Graphics Interface Conference**, p. 76-83, jun 2018.

KISCHINHEVSKY, M. *et al.* A consolidação dos estudos de rádio de mídia sonora no século XXI – Chaves conceituais e objetos de pesquisa. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 40, n. 3, p. 91-108, 2017.

KISCHINHEVSKY, M. Rádio em episódios, via internet; aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo. **Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación**, v. 5, n. 10, p. 74-81, 2018.

KISCHINHEVSKY, M. Riscos à diversidade no ecossistema de podcasting na América Latina. **33º Encontro Anual da Compós**, Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói - RJ. 23 a 26 de julho de 2024.

LINDGREN, M; MCHUGH, S. A. Not dead yet: emerging trends in radio documentary forms in Australia and the US. **Australian Journalism Review**, v. 35, n. 2, p. 101-113. 2013

LINDGREN, M. Personal narrative journalism and podcasting. **The Radio Journal: International Studies in Broadcast and Audio Media**, v. 14, n. 1, p. 23-41. 2016.

LOPEZ, D. C. (Re)Construindo o conceito de audiência no rádio em cenário de convergência. In: ZUCULOTO, V; LOPEZ, D.; KISCHINHEVSKY, M. (Orgs.), **Estudos Radiofônicos no Brasil**. São Paulo: INTERCOM, 2016.

LOPEZ, D. C.; ALVES, J. Apontamentos metodológicos para a análise de podcasts seriados. **42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Belém-PA, set/2019.

MACKENZIE, L. E. Science podcasts: analysis of global production and output from 2004 to 2018. **Royal Society open science**, v. 6, n. 1, online, 2019. Disponível em <https://royalsocietypublishing.org/doi/10.1098/rsos.180932>

MARTIN, G. F. S. *et al.* Podcasts e o interesse pelas ciências. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 25, n. 1, p. 77- 98, 2020.

MCHUGH, S. How podcasting is changing the audio storytelling genre. **The Radio Journal – International Studies in Broadcast & Audio Media**, v. 14, n. 1, p. 65-82, 2016.

MCHUGH, S. The narrative podcast as digital literary journalism: conceptualizing S-Town. **Literary Journalism Studies**, v. 13, n. 1 e 2, p. 101-129. 2021.

MEDEIROS, R. PRATA, N. Mecenato via plataforma digitais: o financiamento recorrente como modelo de negócio para podcasting. **XII Encontro Nacional de História da Mídia**, Natal/RN, junho 2019.

PASSOS, M. Y. *et al.* The Chudnovsky Case: How Literary Journalism Can Open the "Black Box" of Science. **Literary Journalism Studies**, v. 2, n. 2, p. 27-46. 2010.

PASSOS, M. Y. De fontes a personagens: definidores do real no jornalismo literário. **40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Curitiba-PR, set/2017.

PERKS, L. G.; TURNER, J. S. Podcasts and Productivity: A Qualitative Uses and Gratifications Study. **Mass Communication and Society**, v. 22, n. 1, p. 96-116, 2018. DOI: 10.1080/15205436.2018.1490434.

PIÑERO-OTERO, T.; PEDRERO-ESTEBAN, L. M. Audio communication in the face of the renaissance of digital audio. **Profesional de la información**, v. 31, n. 5, e310507. 2022. DOI: <https://doi.org/10.3145/epi.2022.sep.07>

SAMUEL-AZLAN, T. *et al.* Who listens to podcasts, and why?: the Israeli case. **Online Information Review**, v. 43, n. 4, p. 482-495, 2019.

SHAMBURG, C. *et al.* Podcast Listening and Informal Learning. **The Qualitative Report**, v. 28, n. 7, p.2033-2057. 2023. DOI: <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2023.5862>.

SILVA, A. C.; CHAGAS, L. J. V. A segunda era dos podcasts no Brasil: historiografia recente da consolidação da mídia sonora no contexto do rádio expandido. **Comunicação e Mídias Sonoras**, v. 8, ano 8. 2021.

THE INFINITE DIAL. **The Podcast Consumer 2023**. Edison Research, 9 mar 2023. Disponível em: <https://www.edisonresearch.com/the-podcast-consumer-2023-an-infinite-dial-report/>

TOBIN, S. J.; GUADAGNO, R. E. Why people listen: Motivations and outcomes of podcast listening. **PLOS ONE**, v. 17, n. 4, p. 1-16, 2022.

TRINCA, M. D.; FIGUEIREDO, S. P. Formatos de Podcasts: uma nova proposta de classificação baseada em estruturas. **45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, João Pessoa/PB, set/2022.

TRINCA, M.D. **Podcasts narrativos de ciência: análise de público e interesse**. 2024. 156 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em:

<https://hdl.handle.net/20.500.12733/22898>. Acesso em: 30 mar. 2025.

VIANA, L. O uso do storytelling no radiojornalismo narrativo: um debate inicial sobre podcasting. **Rumores**, n. 27, v. 14, p. 286-305. 2020. DOI: 10.11606/issn.1982-677X.rum.2020.167321.

VIANA, L. O jornalismo em primeira pessoa em podcasts narrativos: encontros e tensões deontológicas. **44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, virtual, out/2021.

YUAN, S. *et al.* "Listening" to Science: Science Podcasters' View and Practice in Strategic Science Communication. **Science Communication**, v. 44, n. 2, p. 200-222, 2022.

## **Jornalismo sonoro entre o dial, o digital e o audiovisual: rádios FM em sites/apps de redes sociais virtuais, em BH**

*Audio journalism between dial, digital and audiovisual: FM radio stations on social media websites/apps in Belo Horizonte*

*Periodismo sonoro entre la radio, lo digital y lo audiovisual: emisoras de FM en sitios web/aplicaciones de redes sociales virtuales, en Belo Horizonte*

---

*Ruleandson do Carmo Cruz*

### **Resumo**

Analisa como o jornalismo das três rádios FM de maior audiência, em BH/MG, se estruturam para a produção de conteúdos voltados ao Instagram, YouTube e WhatsApp. Traça como objetivos específicos entender como o jornalismo das emissoras compõem a equipe de redes sociais; como o audiovisual está presente nos conteúdos das emissoras para as redes sociais; e como os conteúdos são selecionados para serem postados em redes sociais das emissoras. Estrutura-se enquanto estudo exploratório qualitativo. Desenha-se metodologicamente apropriando-se dos instrumentos análise documental e questionário. Conclui que as emissoras estudadas, capacitam a equipe de redes sociais/audiovisual, mas não se apropriam de maneira efetiva do app de redes sociais virtuais mais usado no país (WhatsApp) e utilizam pouco o recurso de vídeo, formato mais consumido nas redes brasileiras, nos sites/

---

### **>> Como citar este texto:**

CRUZ, Ruleandson do Carmo. Rádio. Sites/apps de redes sociais virtuais. Jornalismo sonoro. Audiovisual. Belo Horizonte.. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 16, n. 01, p. 220-240, jan./abr. 2025.

### **Sobre a autoria**

Ruleandson do Carmo Cruz  
[ruleandson@gmail.com](mailto:ruleandson@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0001-7190-4056>

Jornalista (Rádio UFMG Educativa/Cedecom) e cientista do campo da comunicação e informação (grupo de pesquisa Estudo em Práticas Informacionais e Cultura - Epic), na UFMG. Ativista em prol dos direitos humanos, em especial, em prol da questão LGBT+, na vida. Bacharel em jornalismo (UnibH), especialista em criação e produção para rádio e TV (UnibH), mestre e doutor em Ciência da Informação (UFMG), com residência pós-doutoral concluída (UFMG). Reconhecido com os prêmios Mol de Jornalismo para a Solidariedade, Nacional de Jornalismo do Poder Judiciário, ABMES de Jornalismo e Expocom Sudeste.

apps de redes sociais virtuais, apontando para uma maior necessidade de apropriação das redes e do audiovisual.

**Palavras-chave:** Rádio; Sites/apps de redes sociais virtuais; Jornalismo sonoro; Audiovisual; Belo Horizonte.

### **Abstract**

This study analyzes how journalism is structured for content production on Instagram, YouTube, and WhatsApp by the three FM radio stations with the highest audience ratings in Belo Horizonte (MG), Brazil. The specific objectives are to understand how these radio stations organize their social media teams; how audiovisual elements are incorporated into their social media content; and how content is selected for publication on the stations' social media platforms. The research is designed as a qualitative exploratory study, employing document analysis and questionnaires as methodological tools. The findings indicate that the radio stations invest in training their social media and audiovisual teams; however, they do not make effective use of WhatsApp—the most widely used social media application in the country—and underutilize video content, the most consumed format on Brazilian social networks. These results highlight a greater need for the effective integration of social media platforms and audiovisual strategies into radio journalism practices.

**Keywords:** Radio; Social media platforms; Audio journalism; Audiovisual; Belo Horizonte.

### **Resumen**

Se analiza cómo el periodismo de las tres emisoras de radio FM con mayor audiencia en Belo Horizonte (MG) se estructura para la producción de contenidos destinados a Instagram, YouTube y WhatsApp. Se establecen como objetivos específicos comprender cómo las emisoras organizan el equipo de redes sociales; cómo está presente lo audiovisual en los contenidos destinados a dichas plataformas; y cómo se seleccionan los contenidos para ser publicados en las redes sociales de las emisoras. El estudio se configura como una investigación exploratoria de carácter cualitativo. Metodológicamente, se vale de los instrumentos de análisis documental y cuestionario. Se concluye que las emisoras analizadas capacitan a sus equipos de redes sociales y audiovisuales, pero no se apropian de manera efectiva de la aplicación de redes sociales virtuales más utilizada en el país (WhatsApp) y hacen poco uso del recurso del video, el formato más consumido en las redes sociales brasileñas, lo que señala una mayor necesidad de apropiación de las redes y de lo audiovisual.

**Palabras clave:** Radio; Sitios/aplicaciones de redes sociales virtuales; Periodismo sonoro; Audiovisual; Belo Horizonte.

## Introdução

Ouvir a uma emissora de Rádio, na contemporaneidade, não prescinde mais do aparelho analógico a ser sintonizado via *dial* na frequência da emissora a qual se deseja ouvir. As pessoas podem ouvir por meio dos próprios *smartphones*, dispositivos que se tornam, cada vez mais, uma extensão dos corpos, ou, até mesmo, por meio das caixas de som inteligentes: basta dizer um sonoro “Alexa, tocar a rádio...” e citar a emissora desejada ou informar a frequência específica. Portanto, as novas formas de consumo – novas ao considerarmos as décadas de existência das anteriores – devem ser problematizadas durante as decisões pertinentes ao processo de produção jornalística sonora, por tanto configuraram uma nova forma de consumo, mas, sobretudo, novas possibilidades de interação e compartilhamento. Em especial quando o vídeo se torna o formato principal das redes e o acesso às redes a principal atividade online das pessoas no Brasil.

Assim, o objetivo principal deste estudo exploratório é buscar compreender, de forma preliminar, como o jornalismo das três principais emissoras de rádio de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais estão construindo os espaços virtuais dentro dos *sites* e aplicativos de redes sociais, como YouTube – rede social de vídeos longos mais popular no Brasil –, WhatsApp e Instagram – respectivamente, as duas redes sociais mais populares do Brasil, entre todas (We Are Social 2025, 2025). Para alcançar tal objetivo traçou-se três objetivos específicos:

- a) como o jornalismo das emissoras estrutura a equipe de redes sociais;
- b) como o audiovisual está presente nos conteúdos das emissoras para as redes sociais;
- c) como os conteúdos são selecionados para serem postados em redes sociais das emissoras.

## Instrumentos metodológicos

Para o efetivo alcance do objetivo geral e dos objetivos específicos deste estudo, anteriormente elencados, selecionam-se alguns instrumentos metodológicos para a elaboração deste estudo qualitativo de caráter exploratório. As definições deram-se em consulta às obras de Gil (2009) e Minayo (2009), sobre desenho de pesquisa, e, também de Vieira (2009), sobre como elaborar questionários – principal instrumento de coleta deste artigo.

Assim, definem-se as seguintes etapas:

**a) pesquisa bibliográfica exploratória**, fase de revisão das principais obras pertinentes ao estudo, em busca de entendimentos basilares dos principais conceitos necessários ao estudo – sujeitos informacionais; *sites/apps* de redes sociais; rádios no contexto dos *sites/apps* de redes sociais virtuais;

**b) levantamento do material, empírico**, período de seleção, coleta de dados, e pré-análise dos perfis das três emissoras de rádio líder em audiência em BH no YouTube, no Instagram e WhatsApp, para avaliar número de seguidores e principais formatos e temáticas de conteúdos postados nos últimos cinco *posts* na data de coleta<sup>1</sup>;

**c) aplicação de questionário virtual**, enquanto principal de instrumento de coleta de dados, tendo como *corpus* de pesquisa as pessoas responsáveis por coordenar as redes sociais das três emissoras líderes de audiência em BH (Kantar Media, 2025).

Acerca da ética da pesquisa, os dados e nomes das pessoas respondentes ao questionário, bem como os perfis estudados, serão mantidos em sigilo, assim como o nome das emissoras, conforme acordado com as emissoras como condicionante à participação em Termo de Consentimento Livre e Esclarecido autorizado por todas as três emissoras, frisando-se que, de acordo com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade que aborda a pessoa autora do artigo, o estudo, devido às características e não revelação de nomes, é dispensado de

---

<sup>1</sup> 10 de maio de 2025.

aprovação.

### ***Sites/apps de sites de redes sociais virtuais***

No Brasil, a principal atividade *online* das pessoas é o uso das redes sociais virtuais (We Are Social 2024, 2024), aqui consideradas enquanto *sites/apps* de redes sociais virtuais:

[...] serviços baseados na *web* que permitem aos indivíduos (1) construir um perfil público ou semipúblico dentro de um sistema delimitado, (2) articular uma lista de outros usuários com quem compartilham uma conexão e (3) visualizar e atravessar sua lista de conexões e as feitas por outros dentro do sistema. A natureza e a nomenclatura dessas conexões podem variar de um *site* para outro [...] A grande diferença entre *sites* de redes sociais e outras formas de comunicação mediada pelo computador é o modo como permitem a visibilidade e a articulação das redes sociais (Boyd; Elisson, 2007, *online*, tradução nossa).

Além disso, destaca-se que o formato de informação mais consumido e compartilhado pelas pessoas sujeitas informacionais dos *sites/apps* de redes sociais virtuais é o vídeo (Buzzmonitor, 2024).

### **Sujeitos informacionais**

A complexa imersão das pessoas em meio ao contexto dos *sites/apps* de redes sociais virtuais auxilia a compreensão de que tais pessoas não são meras usuárias de um *site* ou sistema, elas são sujeitas informacionais. De acordo com Rendón-Rojas e Garcia Cervantes (2012), na sociedade contemporânea, há aumento das tensões e desigualdades sociais, fazendo com que os sujeitos se confrontem e se articulem social, política e culturalmente, com múltiplos discursos de diferentes contingências sociais, tomando escolhas, para, por meio da informação, constituírem-se enquanto sujeitos, participarem socialmente e construir identidades culturais autônomas. Portanto,

É neste contexto que se dá a emergência do sujeito informacional, em um cenário que condiciona, mas ao mesmo tempo permite ao sujeito interpelar para demandar, construir e articular novas estruturas socioinformativas, para atuar nessa conjuntura social. Perante este fenômeno social, se reafirma que as identidades não se impõem,

se constroem; são produto das relações sociais complexas (Rendón-Rojas; García Cervantes, 2012, p. 36-37, tradução nossa).

### **Rádios nos contextos dos sujeitos informacionais dos *sites/apps* de redes sociais virtuais**

Sendo o vídeo, conforme descrito, o principal formato consumido e compartilhado pelos sujeitos informacionais durante a vivência da principal atividade online de acessar os *sites/apps* de redes sociais virtuais, as rádios, cujo principal formato de produção é o sonoro, encontram dificuldade de posicionar-se e atrair o público, mesmo o rádio sendo o companheiro das pessoas durante atividades que demandam total atenção visual, como dirigir, cozinhar, estudar etc. Assim, o consumo de rádio muda substancialmente em meio à ascensão dos referidos *sites/apps*.

De acordo com Kischinhevsky (2016), o rádio não está mais restrito ao aparelho tradicional: se adapta a diferentes formatos e linguagens nas mídias digitais; pode ser ouvido, visto, lido e compartilhado; opera em multiplataformas e multitelas, integrando texto, imagem, vídeo e som; é consumido exponencialmente pelo celular, possibilitando a escuta em tempo real ou sob demanda; amplia a mobilidade e a personalização do consumo de conteúdo. Além disso, o autor frisa o papel central dos *sites/apps* de redes sociais virtuais para o referido novo cenário de consumo radiofônico expandido: as redes sociais transformaram a relação entre emissora e ouvinte, pois o ouvinte deixa de ser passivo e se torna ativo, produtor e difusor de conteúdo, tanto por meio de comentários e curtidas quanto de compartilhamentos, que se tornam formas de interação e engajamento. Nas redes das emissoras, de acordo com o autor, encontram-se: divulgação de programação; interação com o público; geração de pautas e avaliações da programação e dos conteúdos.

Assim, o autor pondera que o rádio vive, na contemporaneidade, um processo de expansão e reinvenção, sem abandonar a essência sonora, mas, integra-se ou busca se integrar ao novo ecossistema digital, ampliando a

presença das emissoras e a relevância social. Apesar de a escuta continuar sendo central para o rádio, agora, trata-se de uma escuta mediada por telas e interações múltiplas. Por isso, Kischinhevsky (2016) destaca: o fazer jornalístico na rádio contemporânea, a rádio no contexto dos *sites/apps* de redes sociais virtuais mudou e desafia o jornalista, principalmente porque o conteúdo apresentado ao público não é mais apenas sonoro ou com a pessoa jornalista sem ser vista, agora os conteúdos e formatos são apresentados ao público ou aos sujeitos informacionais, no contexto deste estudo, por meio de vídeos curtos, vídeos longos e transmissões ao vivo em vídeo (lives), garantindo participação em tempo real não só no dial, mas no digital e nos *sites/apps* de redes sociais virtuais. Por isso, o autor pondera: o rádio jornalístico assume novas formas e o papel do jornalista se reconfigura, pois deve atuar em diferentes mídias e dialogar com o público de forma mais horizontal.

### Apresentação dos resultados

Neste trabalho, foram selecionadas qualitativamente as três emissoras líderes de audiência em rádio em BH, por acreditar-se que, por serem líderes, permitiriam sólida avaliação, ainda que em estudo exploratório. Assim, mantendo o sigilo acordado com as emissoras participantes, elas aqui serão identificadas enquanto: Emissora 1 (**E1**), Emissora 2 (**E2**) e Emissora 3 (**E3**).

Em relação aos dados coletados durante a análise documental, os perfis das emissoras em estudo no YouTube (YT), WhatsApp (WA) e Instagram (IG) possuem as seguintes características, em relação aos tópicos de análise deste estudo (Quadro 1).

**Quadro 1 – Perfis das Emissoras em *sites/apps* de redes sociais virtuais**

Emissora	Site/app	Seguidores	Formato principal (10 posts)	Temática central
E1	YT	2,8 milhões	Reportagens em vídeo	Política (70%)
	WA	74 mil	Links para notícias	Esporte (40%)
	IG	1,4 milhões	Foto (60%)	Polícia (40%)
E2	YT	34,7 mil	Vídeos curtos (shorts)	Humor (60%)
	WA	Não possui	Não se aplica	Não se aplica
	IG	457 mil	Foto (60%)	Humor (40%)

E3	YT	36,5 mil	Música ao vivo (60%)	Musical (60%)
	WA	Não possui	Não se aplica	Não se aplica
	IG	361 mil	Vídeo (60%)	Programação (60%)

Fonte: o autor

Simultaneamente à análise documental, o presente estudo também aplicou um questionário, tendo como respondentes as três pessoas coordenadoras dos *sites/apps* de redes sociais virtuais das três emissoras em estudo. Elas responderam a um conjunto de 17 perguntas, sendo dez abertas (duas de identificação) e sete fechadas (uma de identificação). Além das questões para identificação das pessoas respondentes e das emissoras, aqui mantida em sigilo, o questionário perguntou, enquanto questões fechadas:

- a) a emissora possui um setor/núcleo de audiovisual? (questão fechada);
- b) o setor/núcleo de audiovisual fica dentro do setor/núcleo de Redes Sociais/Mídias Sociais? (questão fechada);
- c) os programas da emissora são transmitidos ao vivo pelo YouTube? (questão fechada);
- d) os estúdios foram construídos/reformados para a transmissão audiovisual e/ou registro de vídeos, recentemente ou em algum momento? (questão fechada);
- e) há oferta de cursos, oficinas e demais formas de capacitação para a atuação em redes sociais e/ou produção audiovisual? (questão fechada);
- f) houve alguma resistência da equipe de jornalismo ao transpor os conteúdos para as redes e para o audiovisual? (questão fechada).

Assim, enquanto respostas às perguntas fechadas, os resultados ao questionário apontam os seguintes resultados:

**a) a emissora possui um setor/núcleo de audiovisual?**

- "Sim" (33,3%) e "Não" (66,7%);

**b) o setor/núcleo de audiovisual fica dentro do setor/núcleo de Redes Sociais/Mídias Sociais?**

- "Sim" (33,3%) e "Não" (66,7%);

**c) os programas da emissora são transmitidos ao vivo pelo YouTube?**

- "Sim" (33,3%) e "Não" (66,7%);

**d) os estúdios foram construídos/reformados para transmissão audiovisual e/ou registro de vídeos?**

- "Sim" (66,7%) e "Não" (33,3%).

**e) há oferta de cursos, oficinas e capacitações para redes sociais e/ou produção audiovisual?**

- "Sim" (66,7%) e "Não" (33,3%).

**f) houve resistência da equipe de jornalismo ao transpor conteúdos para redes e audiovisual?**

- "Sim" (33,3%) e "Não" (66,7%).

- Um dos principais desafios, além de equipe reduzida, é que nossa produção é 90% mobile, o que traz praticidade, mas também limitações. Produzir, gravar, editar e publicar tudo pelo celular torna tudo mais agil, principalmente em coberturas ao vivo ou em conteúdos com os comunicadores. Apesar de algumas limitações, o mobile também é um aliado. Conseguimos capturar os momentos em tempo real e manter a frequência nas redes sociais.

Nenhuma das emissoras quis apresentar comentários adicionais ou relatar algo não perguntado diretamente pelo questionário.

### **Análise dos resultados**

A partir da análise documental e das respostas aos questionários, instrumentos metodológicos adotados neste estudo exploratório qualitativa, esta pesquisa realiza algumas inferências. Em relação à análise documental, que avaliou como as emissoras utilizam os *sites/apps* de redes sociais virtuais YT, IG e WA, a pesquisa analisa que, apesar de o WhatsApp ser o *site/app* de redes sociais virtuais mais acessado do Brasil, a utilização pelas emissoras é limitada, restringindo-se no caso de duas das emissoras (**E2, E3**) a receber mensagens das pessoas ouvintes, enquanto apenas **E1** se apropria do recurso Canal de Transmissão, mas sem se aproveitar do formato de vídeo, formato mais consumido online no país, resumindo a atuação no Canal ao compartilhamento

de links do *site* da emissora, sem explorar os recursos de vídeo.

Além disso, avaliando as emissoras individualmente nos três *sites* em estudo, percebe-se que:

**E1** tem destaque no YT (2,8 milhões de seguidores) com reportagens em vídeo sobre política. No IG, foca em fotos (1,4 milhões de seguidores) com temática policial. No WA, utiliza links para notícias com foco em esportes. Tal uso das redes mostra que **E1** reproduz nos *sites/apps* em estudo a mesma estratégia de conteúdo para a mídia sonora da emissora, focando em notícias policiais, esportivas e políticas, que a levaram à liderança;

**E2** prioriza humor, com vídeos curtos no YT (34,7 mil seguidores) e fotos no IG (457 mil seguidores). Não possui presença no WA. Tal apropriação dos *sites/apps* mostra que a emissora busca viralizar, por meio de um dos tipos de conteúdos preferidos, os vídeos de humor, apesar de na frequência sonora a emissora focar-se em música, em especial, a sertaneja;

**E3** foca em música ao vivo no YT (36,5 mil seguidores) e em vídeos sobre a programação no IG (361 mil seguidores). Também não utiliza WA. A descrita apropriação evidencia a baixa exploração das potencialidades dos *sites/apps* em estudo e a baixa criatividade em conteúdos, dado que a emissora poderia inovar mais no espaço, assim como as demais emissoras também poderiam.

Acerca do setor de redes sociais, da estruturação e da capacitação das equipes, **E3** se distancia das demais nos dois primeiros quesitos, pois não possui um nome ou um setor estruturado, são apenas duas pessoas que atuam nas redes/audiovisual, uma nas redes e outra no audiovisual, chegando a pessoa responsável pelas redes a relatar a dificuldade de produzir para as redes da emissora, o que é evidenciado ao se constatar a não apropriação do Canal de Transmissão do WA e, também, a pouca variedade de conteúdos em IG e YT. Apesar disso, todas as emissoras investem em capacitação para a equipe usar as redes sociais, o que surpreende o estudo, mas evidencia investimento por parte das emissoras, e duas delas, **E1** e **E3** construíram e/ou reformaram o

estúdio para registros de audiovisual simultaneamente à tradicional captação/transmissão sonora. Por fim, em relação à estruturação, apenas em **E1** o setor de audiovisual se submete ao setor de redes sociais, o que este estudo considera o ideal, pois a não integração pode promover ou intensificar problemas, como:

A ausência de integração entre os setores de audiovisual e redes sociais em emissoras como BH FM e Liberdade pode gerar desafios operacionais e estratégicos. Quando o setor de audiovisual não se subordina às redes sociais, surgem questões como:

fragmentação de estratégias, devido à falta de alinhamento entre os dois setores, podendo dificultar a criação de conteúdos que atendam às demandas específicas das redes sociais, como vídeos mais curtos, dinâmicos e adaptados ao público digital;

desafios para a comunicação, dado que separação pode levar a uma desconexão entre os objetivos do audiovisual e as necessidades das redes sociais, prejudicando a eficácia na entrega de conteúdos relevantes e engajantes;

impacto na agilidade, pois em emissoras nas quais os setores estão separados, como na **E2** e **E3**, pode haver maior demora na produção e publicação de vídeos, pois a coordenação entre os setores exige mais etapas.

Assim, **E1**, ao integrar o audiovisual às redes sociais, pode otimizar processos, garantindo que os vídeos sejam produzidos e publicados com maior alinhamento às demandas digitais, o que facilita a adaptação da linguagem e formato dos conteúdos, aumentando o engajamento.

Analisando o uso de cada um dos três *sites/apps* em estudo, destaca-se, em relação à apropriação do YT:

**E1** se destaca por uma presença robusta no *site*, com 2,8 milhões de seguidores e uma abordagem centrada em reportagens em vídeo, com ênfase em temas políticos – que representam 70% de sua produção. Essa emissora transmite seus programas ao vivo no YT e demonstra uma estrutura significativamente mais robusta que as demais, com uma equipe de 10 pessoas

dedicadas exclusivamente à produção audiovisual. A decisão sobre o que será publicado segue critérios jornalísticos (noticiabilidade) alinhados a objetivos de negócio, revelando uma lógica profissionalizada e estratégica. Apesar de tal estrutura avançada, **E1** menciona que enfrentou resistência interna por parte da equipe de jornalismo ao transpor conteúdos originalmente sonoros para o formato audiovisual, o que indica um processo de adaptação nem sempre fluido dentro da redação. Ainda que reconheça desafios na produção de vídeo, a emissora não os detalha, o que pode sugerir uma postura mais institucional ou reservada em relação às limitações enfrentadas.

**E2** adota uma abordagem mais leve e descontraída, com foco principal em vídeos curtos (shorts) e conteúdos de humor, que constituem 60% da linha editorial no YT. Com apenas 34,7 mil seguidores, seu alcance é consideravelmente menor que o de **E1**. A emissora não realiza transmissões ao vivo na plataforma e conta com uma equipe de apenas quatro pessoas para produção audiovisual. Ao ser questionada sobre os critérios para produção de vídeos, **E2** menciona apenas que segue seu planejamento, sem oferecer muitos detalhes, o que pode indicar um processo menos estruturado ou mais informal. Embora não relate resistência da equipe ao uso de redes sociais ou ao formato audiovisual, a análise documental sugere que **E2** não realiza transposição de conteúdos do rádio para o YT. A própria emissora aponta como desafio principal a necessidade de adaptar conteúdos originalmente pensados para o áudio puro para uma linguagem mais visual, objetiva e impactante, especialmente nos curtos tempos de atenção característicos das redes sociais.

**E3**, por sua vez, aposta no uso do YT como extensão da programação musical, com foco em vídeos de apresentações ao vivo, que também representam 60% do conteúdo. O canal conta com 36,5 mil seguidores. Apesar de não transmitir ao vivo pela plataforma, a emissora reconhece o papel estratégico do audiovisual e afirma fazer transposição de conteúdo, mesmo que em sua fala inicial tenha negado essa prática. Sua equipe é extremamente enxuta – apenas uma pessoa responde pela produção audiovisual e redes sociais – o

que limita sua capacidade de operação, mas também a força a adotar soluções criativas e ágeis. Nesse sentido, **E3** faz uso intensivo de produção via celular (mobile), o que facilita coberturas em tempo real e aproxima o público dos comunicadores, mas também impõe limitações técnicas. A emissora detalha que busca adaptar o conteúdo original para cada rede social, ciente de que um mesmo vídeo pode não funcionar da mesma forma em plataformas distintas. Questões como licenciamento de músicas também são citadas como desafios adicionais no momento da publicação de conteúdos musicais.

Sobre o IG, avalia-se que todas as três emissoras mantêm perfis ativos, mas com estratégias e níveis de engajamento diferentes:

**E1**, mais uma vez, se destaca em números absolutos, com 1,4 milhão de seguidores. O conteúdo predominante é em formato de foto (60%) e tem como temática central a cobertura policial (40%). Tal perfil sugere uma estratégia visual direta e impactante, voltada para temas com grande apelo popular e imediato, como casos policiais, o que pode explicar o alto engajamento. É importante destacar que, apesar de ser a líder em presença digital, **E1** foi a única a relatar resistência interna na equipe jornalística quanto à migração de conteúdos para as redes sociais, o que mostra uma tensão entre tradição radiofônica e inovação digital;

**E2**, com 457 mil seguidores no IG, adota uma linha editorial semelhante à do YT, priorizando o humor (40%). A comunicação tende a ser leve e descontraída, o que está de acordo com o perfil de consumo mais informal e rápido do *site*. Tal abordagem, embora menos massiva que a de **E1**, demonstra um entendimento claro da linguagem nativa do IG, com uma preocupação em manter coerência estética e temática entre as plataformas;

**E3** aposta majoritariamente em vídeos (60%) com foco na **programação** (também 60%). Com 361 mil seguidores, a estratégia de E3 parece voltada para consolidar a marca e reforçar a grade de programação, priorizando conteúdos institucionais e de bastidores. A produção via celular e a limitação de equipe (apenas uma pessoa cuida do audiovisual e uma das redes sociais) impõem

restrições técnicas, mas, também, favorecem uma presença mais autêntica e espontânea – uma característica valorizada pelo público do IG. A emissora mostra atenção às especificidades de cada rede, adaptando conteúdos conforme o canal.

Acerca da apropriação do WA, as diferenças são ainda mais evidentes, pois, somente **E1** explora plenamente a funcionalidade dos Canais de Transmissão, o que reforça a postura proativa no uso de ferramentas digitais. Assim, **E1** relata utilizar o canal tanto para informações gerais quanto de forma segmentada, personalizando o conteúdo conforme o interesse dos públicos. Tal segmentação demonstra maturidade no uso do WA como ferramenta estratégica de distribuição de conteúdo. Por sua vez, **E2** e **E3** não utilizam os canais de transmissão do WhatsApp. Ambas utilizam o *app* apenas para atendimento ao público, recebimento de mensagens dos ouvintes, promoções e interações em tempo real durante a programação: o WA em tais emissoras ainda é tratado como um canal de interação tradicional, e não como uma extensão da produção de conteúdo ou como uma mídia de distribuição planejada, o que limita o potencial da ferramenta como instrumento de engajamento e fidelização.

A forma como as emissoras estruturam suas equipes e organizam internamente os setores de redes sociais e audiovisual tem impacto direto tanto no alcance em seguidores quanto na maneira como elas utilizam os diferentes *sites* e aplicativos de redes sociais virtuais – como YT, IG e WA – e na variedade de conteúdos que produzem para tais ambientes:

**E1** é a que apresenta a estrutura mais robusta, o que se reflete diretamente no desempenho e presença digital. Com um setor de redes sociais formalmente nomeado como “Digital” e uma equipe de 10 pessoas exclusivamente dedicadas à produção audiovisual (além de mais seis atuando nas redes sociais), **E1** mostra-se profissionalizada e com capacidade de operação em larga escala. O descrito porte organizacional se traduz em números: é disparadamente a maior em seguidores no YT (2,8 milhões) e no IG (1,4 milhão), além de ser a única que utiliza os Canais de Transmissão do WA, com intencionalidade estratégica,

inclusive, segmentando o envio de conteúdos conforme os interesses do público (geral e esportes). O conteúdo também é o mais variado, abrangendo política, polícia e esporte, e se adapta às características de cada plataforma – vídeos informativos e jornalísticos no YT, fotos de apelo popular no IG e links personalizados no WA. No entanto, a estrutura mais complexa também parece ter enfrentado mais resistência interna: foi a única a relatar dificuldades por parte da equipe de jornalismo em relação à adaptação de conteúdos radiofônicos ao audiovisual, talvez, como reflexo de processos mais enraizados e menos flexíveis. Ainda assim, a capacidade de produção, aliada à definição clara de papéis e estratégias, coloca **E1** em posição de destaque entre as três;

**E2**, por outro lado, embora possua uma estrutura razoável, com seis pessoas nas redes sociais e quatro no audiovisual, mostra uma abordagem menos sofisticada e mais restrita em termos de atuação. O setor é nomeado como “Departamento de Marketing e Comunicação Digital”, o que já indica um viés institucional mais voltado à promoção da marca do que à produção jornalística ou de conteúdo autoral. Tal característica reflete-se no tipo de conteúdo que publica, centrado, majoritariamente, no humor e no formato visual leve, como fotos e vídeos curtos (shorts). A emissora parece buscar engajamento por identificação e entretenimento, e, não necessariamente, pela entrega de informação aprofundada. Ainda que não relate resistência da equipe nem grandes obstáculos internos, **E2** não explora o potencial de plataformas como o WA, rede na qual não utiliza os canais de transmissão. A variedade de conteúdos também é mais limitada, o que pode explicar, em parte, o alcance mais modesto – 34,7 mil seguidores no YT e 457 mil no IG. A quase ausência de transmissões ao vivo e o não aproveitamento de conteúdos radiofônicos nas redes sugerem um uso mais superficial ou pontual das plataformas digitais;

**E3** representa o caso mais enxuto entre as três, com uma única pessoa responsável pelas redes sociais e uma pela produção audiovisual. Não há sequer um nome oficial para o setor de redes sociais, o que indica uma estrutura organizacional ainda informal. Apesar disso, **E3** revela uma boa compreensão

das dinâmicas das redes sociais, especialmente, no IG e no YT, nos quais o conteúdo gira em torno de vídeos musicais ao vivo e da programação da emissora – o que revela uma tentativa de transformar a identidade sonora em uma experiência visual para o público. O uso intensivo de produção mobile permite agilidade e captação de momentos em tempo real, o que confere espontaneidade à presença digital, ainda que a estratégia também traga limitações técnicas. Mesmo com um cenário restrito, **E3** alcança 36,5 mil seguidores no YT e 361 mil no IG, números que podem ser considerados expressivos diante da escassez de recursos humanos e da ausência de transmissões ao vivo. No WA, porém, a emissora limita-se ao uso funcional, sem estratégia de canal. Curiosamente, apesar de inicialmente negar, depois reconhece a prática da transposição de conteúdos e adaptações entre plataformas, tentando otimizar os poucos recursos de que dispõe. Tal postura indica esforço de adaptação, ainda que operando com meios bastante limitados.

Ao serem contrapostos aos apontamentos de Kischinhevsky (2016), os resultados do estudo revelam que as emissoras analisadas reconhecem, em diferentes níveis, a necessidade de adaptar o rádio ao novo ecossistema digital, mas ainda apresentam lacunas em relação à plena incorporação da lógica multiplataforma e interativa. A **E1**, com maior estrutura e diversidade de conteúdos, aproxima-se mais do modelo descrito pelo autor, ao integrar texto, som, imagem e vídeo, além de utilizar transmissões ao vivo no YT e canais segmentados no WhatsApp, embora ainda enfrente resistência interna no jornalismo para tal transição. A **E2**, com foco no humor e uso limitado das plataformas, parece manter uma presença digital mais institucional e menos engajada com a lógica da coprodução e da escuta mediada por telas, apontada como central por Kischinhevsky (2016). Por fim, a **E3**, mesmo com estrutura reduzida, demonstra compreensão da necessidade de reconfiguração do fazer jornalístico e aposta em vídeos espontâneos e interação com o público, ainda que com limitações técnicas. Em síntese, os resultados mostram que, embora as emissoras caminhem em direção à reinvenção do rádio, descrita pelo autor, a

integração plena entre linguagem sonora e visual, participação ativa do ouvinte e atuação horizontal do jornalista ainda é um processo em curso, marcado por desigualdades estruturais e estratégicas.

Em relação às pessoas que acessam aos conteúdos das emissoras em estudos nos *sites/apps* de redes sociais em estudo serem mais do que usuárias, mas sujeitas informacionais, percebe-se que os temas abordados pelas emissoras em tais espaços virtuais aproximam-se do cotidiano das pessoas sujeitas informacionais, permitindo a elas tanto se informarem e formarem e compartilharem opiniões sobre o que acontece no dia a dia quanto se divertirem e se aliviarem do peso do cotidiano, reforçando o papel informacional para a identidade comunitária-informacional, conforme Réndon-Rojas e García-Cervantes (2012) apontam.

Assim, apresentados os principais resultados alcançados, traçam-se considerações finais.

### **Considerações finais**

O presente estudo, a partir dos resultados alcançados por meio dos instrumentos metodológicos empregados – análise documental dos perfis das emissoras em YT, IG e WA e questionário virtual aplicado junto às pessoas coordenadoras das redes sociais das rádios –, alcança de forma parcialmente satisfatória aos três objetivos específicos, mas destaca que poderia ter melhores resultados se o questionário fosse convertido em entrevista presencial aliado a uma visita técnica acompanhando a rotina de todas as emissoras pesquisadas. Apesar disso, no que foi possível, considera-se em relação aos supracitados objetivos:

estrutura das equipes – percebe-se que o jornalismo da **E1**, ainda que apoiado por uma equipe ampla e especializada, lida com desafios culturais e estruturais para se adaptar às redes sociais. Na **E2**, a atuação digital parece mais desvinculada do jornalismo tradicional, priorizando conteúdos institucionais e de entretenimento, o que sugere uma separação funcional entre os dois campos. Já

na **E3**, mesmo com escassez de recursos, a ausência de barreiras internas favorece a adaptação do jornalismo ao digital, com práticas mais flexíveis e integradas. Em síntese, o modo como o jornalismo se estrutura frente às redes sociais depende não apenas do tamanho das equipes, mas do grau de integração entre os setores e da cultura organizacional que molda as práticas profissionais em cada emissora. Além disso, A construção ou reforma dos estúdios para produção audiovisual revela o comprometimento das emissoras com a adaptação ao formato digital. Esse investimento, aliado à oferta de capacitações, amplia a qualidade e a eficiência na criação de conteúdos para redes sociais. Juntas, essas ações fortalecem a presença online e a capacidade competitiva das emissoras;

presença do audiovisual nas redes das emissoras – revela avanços importantes na adaptação do rádio à lógica digital, com destaque para o reconhecimento do potencial comunicativo dos vídeos e à capacidade de ampliar o alcance e a identificação com os públicos. No YT, o ponto positivo está na produção de conteúdos variados, com destaque para **E1**, que alia jornalismo e estratégia, mas ainda poderia melhorar ao reduzir a resistência interna e explorar mais formatos curtos e interativos, como faz **E2**. No IG, todas as emissoras demonstram boa compreensão das dinâmicas da plataforma, com destaque para **E3**, que aposta na aproximação com o público por meio de vídeos espontâneos, embora pudesse ampliar a diversidade temática. Por sua vez, no WA, apenas **E1** aproveita plenamente os Canais de Transmissão, o que indica que **E2** e **E3** ainda têm potencial inexplorado no aplicativo, especialmente, para o uso estratégico e segmentado da comunicação. Assim, embora os resultados apontem avanços significativos, ainda há espaço para maior integração entre equipes, ampliação de formatos e uso mais estratégico das especificidades de cada plataforma.

Seleção dos conteúdos a serem postados em redes sociais das emissoras – as emissoras adotam critérios distintos para decidir o que será postado em suas redes sociais, refletindo suas estruturas e objetivos. A **E1** baseia-se em critérios de noticiabilidade e metas de negócio, revelando uma lógica profissional

e alinhada ao jornalismo. A **E2** menciona apenas seguir o planejamento, sem detalhar o processo, o que sugere uma abordagem menos estruturada. Por sua vez, a **E3** adota uma decisão pautada pela relevância do tema, pelo potencial de engajamento e pelo vínculo com a rotina de programação, além de considerar a aproximação com o público e a cobertura de eventos em tempo real.

As duas principais teorias basilares utilizadas no estudo – a de Kischinhevsky (2016) e a de Rendón-Rojas e García-Cervantes (2012) – contribuem de forma complementar para a análise da atuação das emissoras de rádio no ambiente digital. De um lado, a teoria de Kischinhevsky orienta a observação da adaptação das emissoras à lógica multiplataforma, destacando os desafios e avanços na integração de mídias, na escuta mediada por telas e na coprodução com o público; de outro, os apontamentos de Rendón-Rojas e García-Cervantes permitem compreender as pessoas que acessam os conteúdos das emissoras como sujeitos informacionais, cujas interações nos ambientes digitais transcendem o consumo passivo e se relacionam com processos de identificação, expressão e pertencimento comunitário. Assim, enquanto uma teoria ilumina o processo de transformação estrutural e tecnológica do rádio, a outra destaca o papel ativo dos sujeitos na construção do espaço informacional digital, revelando uma dinâmica complexa entre produção, mediação e recepção no ecossistema comunicacional contemporâneo.

Em suma, enquanto **E1** opera com uma estrutura profissionalizada, alto alcance e uma linha editorial jornalística, **E2** investe em leveza e humor com uma equipe mais modesta e pouca presença ao vivo, e **E3** aposta na musicalidade e na aproximação com o público por meio de estratégias simples, porém eficazes, dentro de um cenário de recursos limitados. As três emissoras, portanto, exemplificam diferentes modelos de apropriação das redes, alinhados às vocações, recursos e objetivos editoriais. Tais diferenças refletem não apenas as escolhas editoriais e orçamentárias de cada emissora, mas, também, o estágio de maturidade digital em que se encontram. Assim, o cruzamento entre tamanho

de equipe, estrutura organizacional (com ou sem nome formal para os setores), presença de setor audiovisual subordinado ou não às redes, e uso efetivo das plataformas digitais revela: quanto mais profissionalizada e integrada a estrutura, maior a capacidade de atuação estratégica, diversificação de conteúdo e alcance em seguidores. Assim, **E1** exemplifica um modelo de estrutura e impacto; **E2**, uma operação intermediária com foco institucional e menor alcance; e **E3**, uma atuação criativa e adaptativa com poucos recursos, mas, ainda assim, capaz de manter presença relevante, especialmente pelo uso eficiente do audiovisual musical e pela adaptação orgânica às limitações técnicas.

Sugere-se que novos estudos ampliem o estudo, verificando pontos não respondidos e confrontando os dados com observação participante das rotinas das emissoras, bem como, se possível, ampliando o número de rádios e/ou de cidades analisadas.

## Referências

BOYD, Danah M.; ELLISON, Nicole B. Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 13, n. 1, out. 2007, p. 210–230. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x>. Acesso em: 4 abr. 2025.

BUZZMONITOR. Vídeos se estabelecem como principal formato nas publicações de marcas em redes sociais. **Buzzmonitor**, 2024. Disponível em: <https://buzzmonitor.com.br/blog/videos-se-estabelecem-como-principal-formato-nas-publicacoes-de-marcas-em-redes-sociais/#:~:text=A%20Buzzmonitor%20analisou%209%2C2%20bilhões%20de%20depoimento s,este%20levantamento%2C%20foram%20analisados%20depoimentos%20em%20português>. Acesso em: 4 abr. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2009.

RENDÓN-ROJAS, Miguel Ángel; GARCÍA CERVANTES, Alejandro Luis. El sujeto informacional en el contexto contemporáneo. Un análisis desde la epistemología de la identidad comunitaria-informacional. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 30-45, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2012v17n33p30>. Acesso em: 4 abr. 2025.

VIEIRA, Suely Ferreira Deslandes. **Como elaborar questionários**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

WE ARE SOCIAL. Digital 2024, **We Are Social**, 2024we are social. Disponível em: [https://wearesocial-com.translate.google.us/blog/2024/01/digital-2024/?x\\_tr\\_sl=en&x\\_tr\\_tl=pt&x\\_tr\\_hl=pt&x\\_tr\\_pto=tc](https://wearesocial-com.translate.google.us/blog/2024/01/digital-2024/?x_tr_sl=en&x_tr_tl=pt&x_tr_hl=pt&x_tr_pto=tc). Acesso em 4 abr. 2025.

WE ARE SOCIAL. Digital 2025, **We Are Social**, 2025. Disponível em: [https://wearesocial-com.translate.google.us/blog/2024/01/digital-2024/?x\\_tr\\_sl=en&x\\_tr\\_tl=pt&x\\_tr\\_hl=pt&x\\_tr\\_pto=tc](https://wearesocial-com.translate.google.us/blog/2024/01/digital-2024/?x_tr_sl=en&x_tr_tl=pt&x_tr_hl=pt&x_tr_pto=tc). Acesso em 4 abr. 2025.